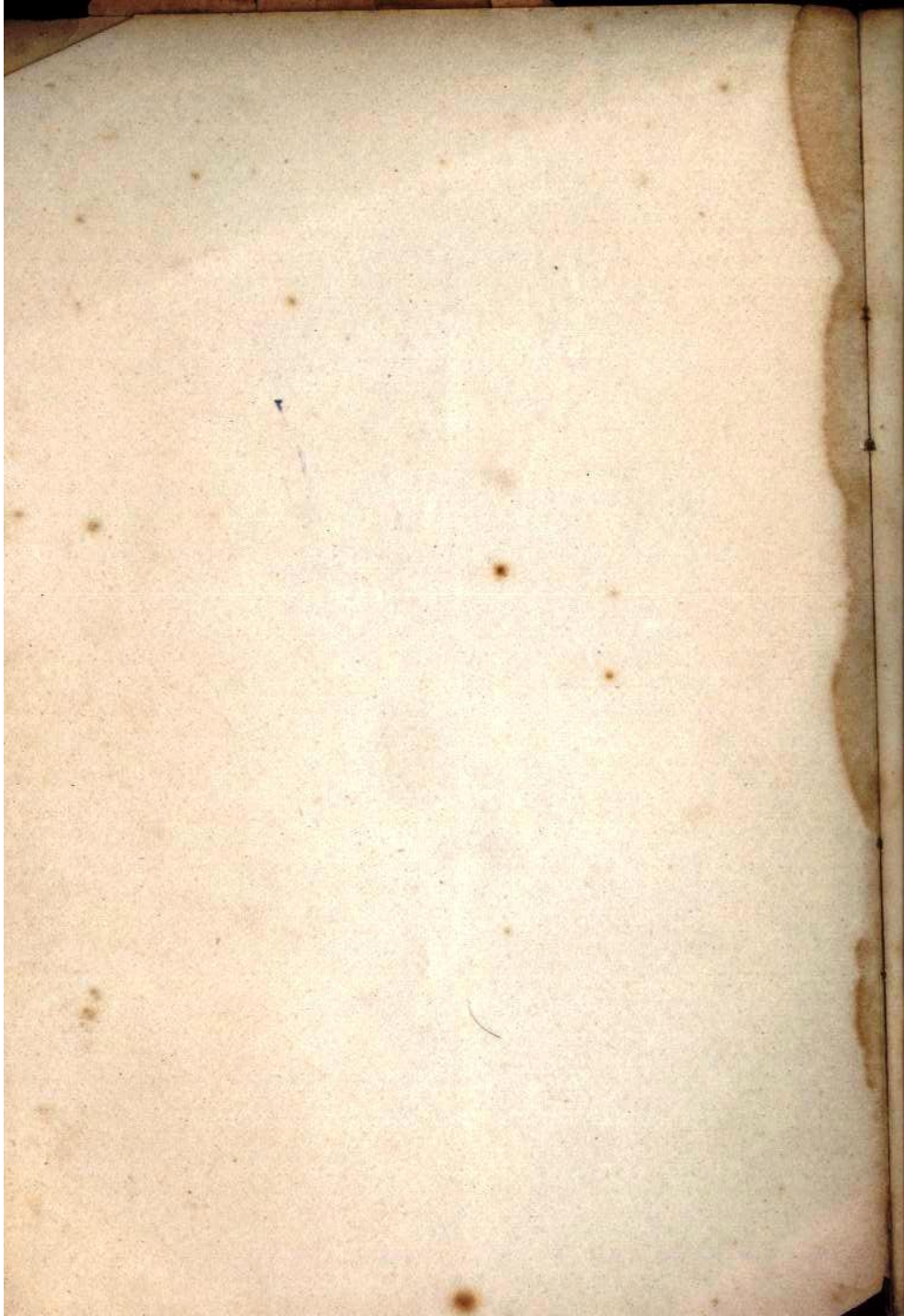
WILLY AURELI

RONCADOR

8.ª edição revista e ilustrada

SÃO PAULO 1962

RONCADOR

DO MESMO AUTOR:

- Sertões Bravios
- Roncador
- Léguas sem fim
- Terra sem sombra
- Rio da Solidão
- Esplendor selvagem
- Bandeirantes d'Oeste

EM PREPARO:

- Biu-Marrandu (Penetração do rio Uabê)

EDIÇÕES "LEIA"

LIVRARIA EDITÔRA IMPORTADORA AMERICANA LTDA.

Rua Xavier de Toledo, 103 — São Paulo — Brasil

Tels.: 34-2277 e 37-3699

Caixa Postal, 7129

WILLY AURELI

RONCADOR

3.ª edição revista e ilustrada

São Paulo 1962

ÍNDICE

PRIMEIRA PARTE

Exórdio 11
CAPÍTULO I
Os Carajás, seus usos e costumes 21
CAPÍTULO II
Rio Araguaia — Dados históricos sôbre essa famosa via fluvial 49
CAPÍTULO III
Bandeira Piratininga — Sua organização — Rumo ao sertão bruto 56
CAPÍTULO IV
Trindade — Goiânia — Goiás 63
CAPÍTULO V
Preparativos para penetrar no sertão 73
CAPÍTULO VI
Uma viagem acidentada a caminho do Rio das Mortes . . 80
CAPÍTULO VII
O Rio das Mortes — Flora e fáuna 88
CAPÍTULO VIII
Piranhas e arraias 99
CAPÍTULO IX
Um pouco de história sôbre os Xavantes 106
CAPÍTULO X
Em zona selvagem 134
CAPÍTULO XI
Começam os "casos" 140
CAPÍTULO XII
Aproximando-se dos Xavantes 146
CAPÍTULO XIII
Noite de vigília 154
CAPÍTULO XIV
Uma escaramuça na terra onde desapareceu Fawcett . . 163
CAPÍTULO XV
Contacto com os bárbaros 173
CAPÍTULO XVI
Seguidos, espiados, ameaçados 182

SEGUNDA PARTE

CAPÍTULO I
Em demanda da Serra do Roncador 191
CAPÍTULO II
Os Xavantes rondam os nossos passos 197
CAPÍTULO III
Fogo, sempre fogo! — A caminho do Roncador . . . 204
CAPÍTULO IV
Tormento 211
CAPÍTULO V
O tormento da sêde — Em marcha, sempre em marcha! . 218
CAPÍTULO VI
Roncador 225
CAPÍTULO VII
O regresso 231
CAPÍTULO VIII
Novos imprevistos, novos sofrimentos 238
CAPÍTULO IX
Água! Água! Água! 246
CAPÍTULO X
Fim do tormento 253
CAPÍTULO XI
Perdidos no deserto 260
CAPÍTULO XII
Nota de um "Diário" 267
CAPÍTULO XIII
Enfim, a ilha suspirada 274

TERCEIRA PARTE

CAPÍTULO I
A maior ilha fluvial do mundo — Onde se fala dos índios "Canoeiros" 289
CAPÍTULO II
Na época do Aruanã — Histórias sombrias 298
CAPÍTULO III
Uma jornada sem rumo certo 306
CAPÍTULO IV
Penetração pelo Brejoá ou Jundiaí 314
CAPÍTULO V
Fim da jornada 323

PRIMEIRA PARTE

EXÓRDIO

A partir da margem direita do rio Xingu, depois do vértice formado pelo rio Kuluene e seus tributários, seguindo-se o Mortes, e a margem esquerda do Araguaia até ganhar o Tocantins, atingindo-se a base dêsse imenso triângulo, já nas florestas do Pará; todo êsse território compreendido pela rêde hidrográfica acima descrita, e que mede dezenas e dezenas de milhares de quilômetros quadrados, representa, ainda hoje, uma incógnita.

Enquanto o resto do território nacional, bem ou mal, é sulcado em tôdas as direções pelas caravanas, penetrações migratórias, estudiosos, garimpeiros, seringueiros, a ciclópica gleba do nordeste de Mato Grosso mantém, orgulhosamente, sua virgindade através dos séculos.

Território habitado por inúmeras tribos de silvícolas que se mantêm distanciadas de todo e qualquer contacto com a civilização, êsse triângulo evitado por todos aquêles que se aventuraram ao desbravamento do sertão foi, através dos tempos, cercando-se com o manto do mais impenetrável mistério, acrescido pelas lendas apavorantes que surgiram e que, acolhidas como verdades, formaram uma espécie de barreira, fazendo recuar os mais temerários.

Traçado superficialmente, nas cartas existentes, pelo esfôrço patriótico dos topógrafos que desejaram encher com traços convencionais uma zona desconhecida, atesta, com isso, e sobejamente, a inutilidade dos conhecimentos práticos.

Infeliz daquele que, guiando-se por essas mesmas cartas ou mapas, nêle penetre e tente se orientar. Em vão buscará cordilheiras elegantemente desenhadas com reentrâncias bordadas pela mão hábil. Em vão demandará rumos onde, serpenteantes e delicados em sua tinta azulada, estão marcados rios ou riachos. Sofrerá as maiores desilusões ou o efeito de maravilhosas surprêsas! Topará, quando menos esperar, com um sistema montanhoso de era plutônica, ou com desertos arenosos que jamais suspeitou existirem!

Muitos mais honestas as cartas geográficas que se limitam a deixar todo um espaço em branco, assim designado: "Zona completamente desconhecida".

*

Mantendo implacàvelmente seu isolamento, o território aludido atraiu vários curiosos impelidos pelo espírito de aventura que tanto beneficia a coletividade, devido à grande soma de observações e às possibilidades que se abrem para novas penetrações, com todo o resultado prático que se lhe segue.

Dêsses, uns regressaram exaustos, percorrida a primeira etapa do roteiro, confessando o fracasso; outros jamais regressaram! A estupenda realidade de um descobrimento fabuloso que desejavam trazer ao Mundo permanecia, destarte, no mistério e na arremetida inicial.

Verdadeiro Mundo Isolado, serviu a serve a novelistas, como palco de façanhas criadas por cérebros fantasiosos, onde tôda uma série de aventuras dramáticas se agita no meio das mais aterradoras descrições.

É o "Mundo Perdido", de Conan Doyle, é o "terrible spettacolo", do Marquês de Pinedo, é o túmulo do cel. Fawcett, de Fusoni e de Winton!

É também o cenário de tragédias que jamais serão conhecidas; a senda segura e certa para a paleontolagia, etnologia e outras ramificações científicas.

A lenda sertaneja extraiu daí histórias alucinantes, a narrativa dos viajores assumiu proporções agigantadas, a impenetrabilidade fêz o resto. Os mitos indígenas, traduzidos e estropiados, avolumaram de tal forma, que as mais desencontradas afirmativas encontraram eco imediato em tôdas as camadas sociais, onde penetraram sob vários aspectos e formas, de conformidade com o sabor, gostos e inclinações de cada um.

Através de longas décadas, o mito criou corpo, concretiziu-se, argamassou alicerces e todo um monumento de mistério, com "M" maiúsculo foi erguido pela fantasia das multidões.

*

Quando, em 1925, o sábio britânico cel. Fawcett, deixando a caravana que êle organizara, nas proximidades do Kuluene, internou-se em companhia de seu primogênito e de um médico amigo, ninguém supôs que, passados uns meses, o mundo inteiro se

debruçaria sôbre cartas geográficas para pesquisar, na ânsia incontida de uma revelação, uma zona que surgia pela primeira vez à luz do meridiano graças ao noticiário.

Em tôda parte do mundo olhos sequiosos buscaram, na convenção topográfica dos mapas, os nomes terríficos dêsse ângulo da terra que jazia esquecido, ignorado completamente. Dedos, aos milhares, traçaram a rota problemática do pesquisador inglês e tôda a imprensa internacional focalizou grandemente a zona misteriosa, descrevendo-a da forma mais disparatada possível.

O desaparecimento do cel. Fawcett tornou-se, durante anos, uma verdadeira paixão para muitos. Expedições foram organizadas; umas seguiram e fracassaram, outras permaneceram ùnicamente na idéia e na boa vontade.

Três, entretanto, andaram beirando o vasto triângulo, sem penetrá-lo, porém, tantas e tão tremendas surgiram as dificuldades! O cap. Dyott, que com enormes capitais organizou a caravana, fracassou lamentàvelmente, abandonando precípite as margens do rio Kuluene, descendo pelo Xingu, a fim de salvar sua vida periclitante e a dos seus companheiros; o prof. Petrullo, da Universidade de Pensylvania, após longas pesquisas regressou, declarando não existir em absoluto um território como o descrito por Fawcett, e o sr. Peter Flemming, jornalista londrino, que se limitou, após cômodo passeio pelo rio Araguaia, subir de umas léguas o rio Tapirapés, também negando a existência da Serra do Roncador, que seus dois predecessores afirmaram só existir na fantasia de poucos!

Outras duas expedições terminaram tràgicamente: a do jornalista Fusoni, do Rio de Janeiro, que em companhia do suíço Rattin e mais 14 homens, em fins de 1932, depois de ter atravessado o Kuluene desapareceu para sempre, e a do marquês Albert de Winton, e seus acompanhantes, em 1934, trucidados pelo índios Suyas, conforme consta.

Convém saber que a Serra do Roncador tinha sido o escôpo do cel. Fawcett, pois êle assegurara existir, nessa cordilheira, restos de uma civilização pré-histórica. Mapas editados na Inglaterra marcavam, com absoluta certeza, a "zona provável" onde devia se encontrar, perdido, o sábio e seus companheiros. E essa "zona provável" era a Serra do Roncador, peremptòriamente negada pelos três viajantes acima citados. Graças às afirmativas dessas notabilidades, ainda mais que um dêles, sobrevoando a zona declarou nada ter visto a não ser "ântanos e charnecas", passou, o Roncador, a ser riscado definitivamente das coisas existentes.

*

Essas negativas, aceitas por todos, induziramme a tentar um desmentido formal e, ainda mais que a sempre discutida questão dos índios Xavantes volta e meia vinha à baila, resolvi, em novembro de 1936, lançar as primeiras bases de uma expedição. Nada possuia e contava com problemáticos auxílios materiais para levar a efeito a empreitada que se afigurou, então, "verdadeira loucura". Através de esforços gigantescos reuni o necessário: não o confortável e abundante material de que as expedições estrangeiras se munem, mas sim apenas o pouco

que me foi dado juntar e enfrentar a grande incógnita, amparado ùnicamente pela minha vontade e pela dedicação dos meus companheiros de jornada.

E essa jornada foi estafante em demasia, ainda mais que, após termos descido o Araguaia a remo, subimos, nos varejões, cêrca de 700 quilômetros do rio das Mortes, vencendo, num verdadeiro esfôrço agônico, as corredeiras, os travessões e suportando tôdas as vicissitudes de tão áspera viagem, com serenidade. Foram meus companheiros, na primeira entrada da "Bandeira Piratininga": tenente Gabriel Pereira da Silva, Aurélio Aureli, Nelson Guimarães, Clóvis Pereira de Abreu, Argus Corbani, Darcy Luiz Guimarães, Benedito Rodrigues Arruda, José Corrêa, José Miranda, Henry Julien, Lineu Pacheco Braga. Em Goiás contratei os serviços do guia Benedito Martins e, incorparando-se à expedição, apresentou-se o sr. Aristeu Cunha que, na segunda penetração, veio a ser meu subchefe.

Não ia à cata de Fawcett, que isso nunca entrou nas minhas cogitações, se bem que, devendo trilhar um território por êle palmilhado, não desprezaria qualquer observação e nem me furtaria, se se apresentasse a rara ocasião, a desvender o impenetrável mistério.

Era meu escôpo único topar com os índios Xavantes, estudar-lhes, dentro das possibilidades, índole e costumes, verificar a existência da Serra do Roncador, vasculhar um território eternamente discutido e desconhecido e trazer à coletividade a reportagem que prometera ao partir.

Apesar dos ingentes sacrifícios dessa primeira jornada, poucos foram os resultados. Em todo caso

conseguira verificar a posição exata da Serra do Roncador, que não alcançamos, independentemente de nossos esforços e conforme foi largamente narrado nas crônicas publicadas quando de meu regresso.

Foi no dia 18 de agôsto de 1937 que desde os altos píncaros da Serra Divisora, ou da Piedade, já nas proximidades do rio Pindaíba, lobriguei, em tôda a sua majestosa conformação, a discutida cordilheira do Roncador! Tínhamos alcançado os cumes da Piedade, depois de dolorosa marcha e, uma vez instalados no planalto, tivemos que lutar desesperadamente para nos livrarmos do súbito e apavorante incêndio da mata!

Essa serra, antes lobrigada desde tão longe, inùtilmente tentei alcançá-la, atravessando num esfôrço desesperado extensa capoeira de léguas e léguas. Gastamos tôdas as nossas energias e quando, transposta a capoeira, topamos com um tabocal hirto de pontas agressivas, constatei a impossibilidade de continuar!

Escapava-me, por assim dizer, nessa época, a Serra do Roncador. Teimar teria sido loucura, ainda mais que nossos meios de subsistência estavam esgotados. A proximidade da estação dos grandes temporais e o desfibramento orgânico de meus companheiros, obrigaram-me a recuar.

Verifiquei então a possibilidade de uma entrada mais fácil pelo rio Kuruá. Prometi regressar. Mantive a promessa: regressei e alcancei a famosa Serra, passado justamente um ano!

*

A constatação irrefutável da existência da Serra do Roncador e sua origem plutônica, conforme o relato que segue, abre possibilidades extraordinárias aos estudiosos. Durante dois anos, com uma teimosia criticada por uns e louvada por outros, insisti em querer pisar essa espécie de zona vedada ao civilizado. Tudo sacrifiquei, nada pedi. Basta-me a satisfação íntima de ter solucionado um problema dos mais árduos e ter trazido à coletividade uma soma regular de conhecimentos práticos. As muitas observações levadas a efeito, tanto na primeira como na segunda penetração, servem, estou certo, de base a pesquisas que interessam ao futuro.

Como prêmio ao meu ingente trabalho, o contentamento de ter despertado na mocidade hodierna um sentimento que desde há muito jazia num estado de puro marasmo. Vastos horizontes abrem-se aos moços que sentem a indômita vontade de rasgar os véus das incógnitas. Depois de novembro de 1936, e quando, após séculos de interregno, lancei a idéia de uma "reprise" das "Bandeiras", nota-se um movimento desusado nesse sentido. Para o famoso Oeste, tão rico e tão desconhecido, plêiades de moços entusiastas e patrióticos movimentam-se!

Partiu de São Paulo, pela segunda vez, a "Bandeira Piratininga", justamente quando alguns jovens, esquecidos dos sagrados deveres que cada cidadão deve sentir para com a sua Pátria, desciam às ruas, armados, na dóida tentativa de subverter a ordem. E enquanto se digladiavam inglòriamente, um punhado de rapazes, por mim guiado, tudo abandonando e tudo sacrificando, dando maravilhoso exemplo de puro sentimento patriótico, rumava para o Desconhecido, sentindo, quiçá, no

íntimo, a certeza de estar escrevendo, na História, um capítulo formoso!

Ninguém, jamais, poderá apagar as pegadas dos rapazes da "Bandeira Piratininga". Ninguém, jamais, poderá negar-lhes o exemplo de virtudes e de estoicismo, apanágio de uma raça que sabe ser forte e que o Destino designou para grandes e estupendos feitos!

CAPÍTULO I

OS CARAJÁS, SEUS USOS E COSTUMES

O rio Araguaia, o Berokãan dos silvícolas, é habitado, na sua margem direita, pelos índios Carajás, pròpriamente ditos, pois que a raça se divide em três ramos saídos do mesmo tronco: os que citei, os Javaés, que residem no interior da Ilha do Bananal e os Xambioás, localizados ao longo do rio Araguaia, já na confluência com o Tocantins.

Contràriamente ao que se lê nas enciclopédias, o índio carajá não se subdivide em carajás-mirins e carajás-pacus, mas sim da forma que acabo de explicar. Muito se tem dito e escrito sôbre essa bela nação que, apesar de um contacto com a civilização, há três centenas de anos, conserva intactos os costumes e os ritos, não se contaminando dos tremendos males dessa mesma civilização, que, em sítios tão distantes, se apresenta sob formas brutais!

Através da leitura de várias monografias eu tinha formado uma idéia que ruiu por completo quando vim a conhecer pessoalmente os Carajás, com êles vivendo longos meses. Há, em todos os que desejam trazer a pedra para o monumento etnológico e etnográfico, uma certa inclinação à ampliação de observações, deturpando sensìvelmente

a verdade. De mais a mais, no que se refere à compilação de vocabulários, nota-se a disparidade flagrante entre o material glotológico colhido por um excursionista gaulês e um teuto ou britânico. Se para o francês, uma frase carajá soa de determinada maneira, para o saxão ela tem outra modulação fonética. Daí a confusão constante que se nota nesses vocabulários apanhados às pressas.

*

Os carajás, que hoje se limitam a habitar as extensas praias e os altos barrancos da margem direita do Araguaia, já possuiram dilatadas aldeias, tanto na margem esquerda, como no rio das Mortes, de onde foram expulsos violentamente pelos ferozes Xavantes. O cemitério principal dessa "nação", na margem proibida do lendário Berokãan e o Morro do Sapo, que se lobriga da junção do Mortes, foi sede de florescente e poderoso aldeiamento.

Nas praias, êles constroem cabanas com palha de indaiá ou buriti, de forma ogival, compridas. Nelas, numa promiscuidade paradisíaca, vive tôda a família. Os homens andam quase sempre nus, se bem que a roupa já esteja grandemente enraizada, havendo, em muitas aldeiolas, silvícolas que não mais se privam das calças ou da camisa. As mulheres usam uma faixa fibrosa em forma de "Y", na cintura, cobrindo as partes pudendas. Que existe o pudor, nas mulheres, di-lo o fato de usarem, as meninas de poucos anos, idênticas faixas, enquanto que os meninos, na esplendorosa nudez, rolam pelas areias alvíssimas, até a puberdade quando, por meio de uma operação, escondem os atributos da virili-

dade, amarrando-os com um simples fio de algodão. É o suficiente. Sem êsse fiozinho estará, um carajá, despido e, então, tratará de se ocultar até arranjar novo barbante...

Gosta, o carajá, de pintar-se com urucum e cobrir o corpo com os mais caprichosos arabescos com tinta de genipapo. Há, entretanto, nesses desenhos, que emprestam aos robustos físicos um tom de pujança feroz, harmonia e simetria. Usam uma tatuagem que é o carimbo da raça. Aos albores da puberdade, meninos e meninas são submetidos à "marcação a fogo", na região zigomática, logo abaixo dos olhos, dois círculos feitos com a orla do cachimbo em brasa. Na ferida recente é pingado o genipapo que fixa indelèvelmente a tatuagem. Furam as orelhas das mulheres e, nos homens, o lábio inferior. Nesse orifício, quando da época das festas, introduzem um enfeite de madeira, muito leve, fabricado com galhos de "saran", a árvore que dá fogo e calor. Nas orelhas costumam trazer brincos feitos com penas de araras e dentes de capivara. Usam, tanto homens como mulheres, longas cabeleiras que descem pelas costas, aparadas na testa, à altura das sobrancelhas que são sempre arrancadas. Cuidados extremos tem o carajá com seu cabelo: unta-o todos os dias com óleo de babaçu, alisa-o com largos pentes de taquara, recolhe-o em longa trança, resguardada por um estôjo de palha ou de cordel rubro. Cabeleiras pretas, belíssimas, que fariam a inveja de muitos "meninos bonitos" do nosso Triângulo...

Todos os meses, em determinado período da Lua, costumam levar a efeito a sangria: na concavidade da casca de um côco ou de abóbora sêca,

fisgam uma dúzia de dentes de "peixe-cachorro" ou de piranha. Ralam, com êsse instrumento, a epiderme, que deita abundante sangue. Também quando estão doentes, recorrem a êsse processo e garantem, depois da operação, "que o feitiço fugiu...".

Sim, porque o carajá jamais adoece: êle é sempre vítima de um feitiço! Morre um carajá? Foi feitiço! Outro amanhece com febre? Feitiço! Naturalmente, o indigitado autor do mau olhdo retira-se prudentemente, para evitar complicações.

A propósito tenho várias observações pessoais, uma de trágico desenlace: ao regressar de minha primeira expedição ao Rio das Mortes, contratei, na aldeia de Gariroba, o serviço de seis carajás, a fim de conduzir-nos, com os varejões, até São Pedro do Araguaia, onde encontraríamos locomoção mecânica. Chefiava o grupo silvícola o cacique Mambiora, muito meu amigo, latagão robustíssimo e de viva inteligência. Dois dias após, ei-lo atacado pela maleita traiçoeira. Em breve tempo o gigante reduziu-se a um trapo. Nosso médico tentou fazê-lo ingerir "Atebrina". Mas êle, com gesto desdenhoso, atirava as pastilhas à água, garantindo:

— Não adianta... foi feitiço!

O pajé, que também ia na caravana, endossava a crença do mísero, que, apesar de todos os nossos esforços, morreu em poucos dias! O índio apontado como provável "feiticeiro" deve, ainda hoje, navegar solitário pelo Araguaia, fugindo à vingança dos familiares do valoroso Mambiora, cujo passamento nos entristeceu grandemente.

*

Crença ou religião, pròpriamente dita, o carajá não tem. Fala, ao ser interrogado, com vaga lembrança da história de um ente superior que deu origem à raça, vindo dos meandros líquidos do grande rio. Fora disso não sabe nada. Quanto à religião cristã, aceita-a sem compreendê-la, incapaz de assimilar os seus suaves preceitos. Incapaz, bem entendido, pela má vontade que demonstra, pois que tem um poder extraordinário de compreensão aguda e imediata.

Há quem assevere ser, o carajá, respeitador do vínculo matrimonial. Pura mentira: êle é polígamo por natureza. Enquanto vinculado à espôsa, respeita-a e acata em silêncio o despotismo da dona e senhora. Mas, cansado ou aborrecido, procura outra. A espôsa faz o mesmo. Na maioria das vêzes é a mulher que abandona o marido. Os missionários, que volta e meia percorrem o Araguaia, realizam casamentos com o rito cristão. O carajá se submete prazanteiro, aceita a espôsa e vive em sua companhia até o dia em que dêle esteja farta...

Há-os que vivem com duas espôsas na mesma choupana. Conheço diversos assim. Teaoro, por exemplo, que me acompanhou a São Paulo, é um dêles. As duas "doces metades" disputam os favôres do espôso com uma ferocidade de leoas... Diàriamente procuram arrancar recìprocamente a vasta cabeleira, numa luta desapiedada, assistida e glosada pela aldeia em pêso! Conheço vários índios carajás que têm três espôsas em diferentes aldeias. Em viagem, podem optar por esta ou aquela, numa incessante lua de mel...

O primeiro casamento, porém, obedece a todos os ritos da raça. O jovem, que até o "grande dia"

vive com os demais solteiros, externada sua vontade e inclinação aos maiorais da aldeia e parentes da beldade, é submetido à prova "de coragem": deve subjugar um pirarucu, êsse enorme peixe escamado que vive nas lagoas, valendo-se ùnicamente das armas que Deus lhe concedeu: os braços. Queda, o noivo, rente à bôca da lagoa, estreitada com paliçadas forçando o peixe a enveredor pela saída livre. Os demais índios espantam o pirarucu que, rápido como o raio, procura evadir-se. É nesse momento que o "noivo" se atira. Trava-se, na água, portentosa luta! Quase sempre o silvícola acaba vencendo. Triunfante, regressa à aldeia. É considerado "homem" e pode casar. Mas falta um pormenor bastante rude: é obrigado a derrubar uns alqueires de mata e plantar roça: mandioca, milho, melancias, abóbora, banana. Lá vai o mocetão, de machado em punho. Derruba roça, revolve a terra, planta. Quando os primeiros brôtos rompem à superfície, realiza-se o casório; a festança dura dias. É o "Retorrokan", cujas danças se prolongam e nela tomam parte ambos os sexos. Enquanto os homens circulam da direita para a esquerda, as mulheres vão da esquerda para a direita. Orquestração feita de guinchos, gritos e chocalhos, únicos instrumentos usados. Se a espôsa (que tem quando muito treze ou catorze anos) demora em se declarar mãe, recorrem ao pajé, ao feiticeiro oficial do lugar. Entram em cena cozimentos de raízes, exorcismos, dietas especiais. Ei-la, afinal, a jovem índia, próxima do parto. Cumpre, como tôda mulher, sua finalidade sagrada. Enquanto o nascimento do rebento é aguardado, nos derradeiros e dolorosos momentos, o marido contorce-se convulso, emitindo gritos de dor, paro-

diando todo o tormento da espôsa que soluça e se lamenta, na ânsia de expulsar o fruto de seu ventre!

*

Extraordinário é o amor do carajá pelos filhos. Poucos pais civilizados evidenciam tamanha afeição à prole. Tôdas as frases mais belas, tôdas as carícias, todos os desvelos, são para os filhos! As penas mais raras de aves ariscas, as conchas mais lindas, de tonalidades madreperláceas, os peixes mais finos ao paladar, o mel mais gostoso, as contas mais caras, que adquirem através de verdadeiros sacrifícios, são para os filohs. Engenha-se, o rude carajá, em fabricar brinquedos; canoazinhas, remos microscópicos, arcos liliputianos etc. Tece esteiras com fibras de babaçu bem macias, aprisiona passarinhos, periquitos, papagaios, macacos, tracajás, tartarugas, que amansa. Perde, nessa tarefa, anos inteiros, ùnicamente para cercar o pimpôlho das diversões que o sertão lhe faculta.

*

Nunca notei, num casal de índios, mais que três filhos. Limitam a natalidade rezando pela cartilha de Malthus? Por maiores que fôssem minhas indagações, jamais consegui algo de positivo. À pergunta indiscreta, os índios esquivam-se a responder, negaceiam envergonhados, não querendo entrar em pormenores por êles considerados escabrosos. A vida íntima de um casal é cercada dêsses cuidados tão nossos. Andam errados os que julgam o carajá despido dos preconceitos que os modernis-

tas condenam. O nudismo integral, por parte dos homens, não rompe, numa linha sequer, o respeito mútuo. Nu, êle se apresenta em qualquer lugar, sem perder a dignidade.

O asseio corporal é um verdadeiro culto, especialmente nas mulheres. Mal raia o dia, estão elas barulhando dentro d'água. De seis a dez banhos diários. Os homens limitam-se a quatro imersões prolongadas. Em compensação o asseio do lar é coisa completamente desconhecida. Ossos de tartaruga, espinhos de peixe, restos de "calogi", que é o prato principal do carajá, feito com arroz, mandioca, milho, — escamas, sobras de legumes, frutas podres, esqueletos de aves, tudo isso é acumulado nas proximidades das palhoças. O enxame das môscas é verdadeiro inferno! Quando o lixo alcança uma elevação julgada suficiente, mudam simplesmente de lugar, transportando as cabanas para o outro extremo da praia. Acham isso mais cômodo e mais prático! Os corvos e os jacarés incumbir-se-ão da limpeza do terreno abandonado, que será novamente aproveitado, quando a sujeira do novo lugar houver atingido aspecto alarmante!

O carajá come o dia inteiro. Sorve cabaças de mel silvestre, deliciosamente avinagrado, mastiga mandioca assada ou cozida, deglute "calogi", chupa cana-de-açúcar, empanturra-se de melancias, esfacela, com suas poderosas mandíbulas, grande quantidade de castanhas de babaçu, rói a casca das nozes dêsse coqueiro, depois de assá-las na brasa, despedaça lombos saborosos de veado, come, sôfrego e guloso, a rapadura que consegue, canaliza para o estômago, erguendo bem alto o pescoço, punhados de farinha de mandioca, a "canindé" tão procurada,

chupa ruidosamente a carne das tartarugas que cozinha vivas ao lado dos jiraus onde assa os peixes saborosos, ingere dúzias de ovos de tracajá e viração, mergulha nos panelões onde fervem as grossas postas de pirarucu. Não raro delicia-se com um rabo de jacaré "Tinga". Uma sobremesa de bananas, ainda verdes, espaça o forte trabalho das mandíbulas. E fuma, fuma ininterruptamente, sugando o "aricocó", cachimbo em forma de charuto estufado. Do fumo, só perde a fumaça, pois que come a cinza. A capacidade intestinal dos carajás espanta! A indigestão é coisa desconhecida. Come sem sal ou salgado, conforme se apresenta a ocasião. Quando visitam um acampamento, aí ficam por longos dias, abrindo larga brecha nos víveres da expedição.

Para as mulheres não há guloseimas comparável ao piolho! Despiolhar alguém, é diversão procurada. Apanhando o asqueroso parasita com muita delicadeza, trincam-no imediatamente. As crianças, que em roda observam, volta e meia são regaladas com uma gorda muquirana! Dizia-me um companheiro de jornada, ao observar semelhante antepasto:

— Eu não acho nada nojento. As nossas belas não comem camarões? Ora, o camarão é necrófago e, portanto, bem mais nojento que o piolho... pois que êste suga um ser vivo...

*

O senso artístico está grandemente desenvolvido entre os carajás. Além do vasilhame feito com argila dos barrancos, manipulam vasos cilíndricos, potes, moringas, esmerando-se nos desenhos que,

sem serem perfeitos, atestam inclinação, para a pintura. Mas onde se verificam os pendores artísticos dessa raça é na confecção das estatuetas, as famosas "ritienkó-rrambú" dos homens, "ritienkó-rahunké" das mulheres, "ritienkó-rrambú-ueriry" dos meninos e, finalmente, na "rieienkó-rrambú-irary" das meninas.

Essa tendência artística, que tanto interessa os etnógrafos de todos os países, obedece aos traços da escultura asiática por alguma estranha analogia. O homem é apresentado com amplas bragas, que avolumam nos tornozelos, idênticas às usadas pelos antigos guerreiros do Afganistão e Kurdistão. Além disso, o longo rabicho, modelado em cêra, identifica mais e mais uma herança atávica que se perde na noite dos tempos, dessa arte primitiva de plasmar em barro.

A mulher é apresentada com volumosas nádegas e bastas cabeleiras em forma de arco de triunfo. Os seios merecem especiais cuidados pois, se túrgidos, representam uma donzela, se caídos sôbre o ventre, uma mulher casada ou idosa, conforme a flacidez.

Os desenhos que ornam estas estatuetas e fingem tatuagens, são harmônicos, simétricos, nunca iguais ou parecidos. Entre uma e outra aldeia constata-se maior ou menor gôsto, maior ou menor cuidado e fidelidade em produzir formas humanas em barro. O "turi" (cristão), ou seja, o civilizado, é sempre reproduzido com a cabeça mirrada, sinal de que somos tidos como de parca inteligência...

Há também bastante gôsto no fabrico das flechas, dos arcos, das bordunas, das lanças, enfeitadas com as penas mais belas e trançados de palha.

As grotescas vestimentas que servem aos dançarinos do "Aruanan", evidenciam o senso perfeito, seja na distribuição das côres, seja no entrelaçamento das fibras. Paciência, e bem longa, possui o carajá quando fabrica o pente, de forma originalíssima, feito com pontas de taquara sêca unidas fortemente pelo tecido de algodão. Cesteiros hábeis, os homens dedicam-se com prazer à confecção dos "pacutus", cestinhas elegantes e cômodas.

As esteiras são verdadeiros tapêtes de finíssimas fibras de babaçu. A esteira é tudo para o carajá: teto, cama, cobertor e abrigo.

*

A grande família Carajá vive fracionada em pequenas aldeias. Cada aldeia obedece a um "capitão" e ao "pajé". Lavra eterna discórdia entre êles e, por "dá cá aquela palha", os povoados se fragmentam de novo. Não é raro encontrar, nas praias solitárias do Araguaia, reduzido núcleo de silvícolas: três ou quatro famílias. São os... dissidentes dessa ou daquela aldeia. O principal "pomo da discórdia" é a mulher. Segue-se, imediatamente, em escala decrescente, a questão da sucessão no comando de uma aldeia, que divide os carajás em dois ou três partidos.

A mulher tem uma ascendência formidável e completa sôbre o homem. É ela quem determina tudo. Manda, despótica, irredutível! Jamais um marido carajá se atreverá à menor emprêsa sem o pleno consentimento de sua doce metade... que muito amarga se torna quando recorre ao argu-

mento decisivo: a pancada. O egoísmo feminino cerceia, desde o comêço, qualquer iniciativa do sexo forte.

Mesmo nas questões de ordem "política", são as mulheres que resolvem tudo. Fazem ou desfazem um "capitão", obrigando os respectivos esposos a externar determinada inclinação que é, na falta de urnas fechadas e cédulas, a maneira prática de dar o próprio voto!

E um cacique, que deseja viver em harmonia com sua gente e continuar com o bastão do mando, deve usar tática finíssima com o elemento feminino de sua aldeia. Do contrário está frito!

Conheci, em Piedade, um casal de carajás, exemplo típico da submissão do homem à mulher. Todos os dias, lá pelas dez horas, gritos alarmantes saiam da choça. Era êle, que, brutalmente espancado, berrava doidamente! Não tardava aparecer a fúria, arrastando o mísero pelos cabelos. Verdadeira Xantipa, torturava assim o pobre Sócrates carajá que, arranjando um meio de escapulir, vinha refugiar-se sob a lona protetora da nossa barraca.

Lamuriava-se, e com razão, o coitado, narrando a sua desdita conjugal numa enfiada monótona de pormenores. Incitava-o a reagir e êle sacudia os ombros, como para dizer: — Cá dê coragem?

Era um homem forte, podia esmagar a megera com um murro. Ansiava por ser expulso definitivamente, mas não tinha positivamente sorte, porque, à noitinha, vinha ela, com melífluas palavras, à cata do espôso. Atraia-o novamente, fascinando-o, sabe Deus com quantas e quais promessas. O infeliz lá ia, deslizando, ainda temeroso, e acabava abraçado à serpente e sumindo na escuridãoí Depois de uma

noite de amor, novamente os berros, novamente as pancadas, nova fuga. Toho-ára, assim se chamava meu pobre amigo, ia perdendo aos poucos os cabelos nas mãos da déspota.

Outro conheci, Taho-ho-bari, verdadeiro gigante da aldeia de São José do Araguaia. Sua espôsa, a bela Iracema, cruzamento de carajá e tapirapé, moia-o, quase tôdas as noites, à luz da fogueira, com a borduna, cacete feito de ipê. Taho-ho-bari deitava-se de bruços para facilitar a função, até que os braços da beldade se cansassem.

Não raro ela apelava para os parentes, quando desejava ministrar maior dose. Então, era um malhar rijo, martelando na carcaça do mísero, como num tambor em tempo de guerra. Finda a surra impiedosa, o gigante se erguia e aguardava, submisso como um escravo, o chamado da mulher, caso contrário dormia às estrelas, cismando sôbre os ângulos agudos que a vida conjugal apresenta, mesmo naquelas latitudes.

Certo dia êle me perguntou:

— Vocês, "turis", também apanham da mulher?

À minha negativa, ficou espantado e indagou a maneira pela qual nós, os civilizados, evitamos semelhantes "carícias". Dei-lhe uma explicação sucinta, fazendo-lhe ver que o homem é quem manda. Arrependi-me. Taho-ho-bari resolveu bancar o... civilizado. Peepegou uma coça exemplar na pobre Iracema. Uma só. Mas também nunca mais apanhou. Êle me é grato, mas ela...

*

A mulher despede o marido, como a gente se livra de um objeto incômodo. Entrega-lhe o "bilhete azul" de forma muito curiosa: quando um carajá regressa da pescaria e, embicando a canoa à praia onde reside, não enxerga a espôsa aguardando-o à beira d'água, continua a viagem e vai procurar, algures, pouso e placidez, ou futuros tormentos se cai na asneira de contrair novas núpcias...

A história não registra nenhuma tentativa, por parte de um "desprezado", de... reconquista da espôsa. Nenhum gesto esboça o "divorciado" para reaver a estima da companheira cruel. Muitas são as mulheres, porém, que, passado algum tempo, tratam de reatar o fio tão bruscamente partido e, pasmem, quase sempre se saem vitoriosas!

O marido jamais se incomodará com o adultério da perjura, durante o período em que foi mantido... afastado. Se da união de sua companheira com um "marido de empréstimo" resultuo o aumento da prole, assume a paternidade. Perguntado sôbre a quantidade de filhos que tem, responderá:

— Tenho dois...

— E êste outro?

— Êste é de minha muié...

Feliz é o índio quando, ao regressar com sua embarcação carregada de peixes e tartarugas, lobriga a espôsa esperando-a na praia, com uma cuia cheia de mel. Pula radiante, abandona a canoa, cujo conteúdo é dividido fraternalmente pela comunidade, e dirige-se à palhoça. Estende-se, sem nada dizer, fio comprido sôbre a larga esteira. A espôsa

segue-o. Esmaga com as mãos as sementes do urucum e passa a pintar o companheiro, duplamente rubro: pela tinta e pelo contentamento íntimo. Por sôbre o vermelho, a mulher desenha, com genipapo, os mais belos arabescos. Com extremos cuidados rabisca a máscara entre as sobrancelhas e o lábio superior do felizardo, que obedece passivo às injunções da artista. Em desenhos concêntricos, é traçada a carantonha espantosa que empresta ao meigo carajá um ar de ferocidade que está longe de possuir...

Assim belo, o senhor índio alcançará o sétimo céu, cobrindo-se cautelosamente, mais a sua espôsa, com a larga esteira...

Enquanto pinta o marido, ela enche o "aricocô" de fumo esfarelado e aproxima a brasa a fim de que êle goze a delícia do tabaco. Já as nozes de babaçu estarão à mão, assim como o "calogi" e a água fresca contida em altos potes ventrudos. A arara vermelha, os periquitos, o bem-te-vi, os papagaios, os cachorros, também virão render homenagem ao dono, merecendo, todos, uma carícia, uma palavra ou uns restos de comida.

Nesse ambiente de paz a vida correrá às mil maravilhas, enquanto durar a benevolência de dona carajá. Mas, no dia em que ela estiver possuída pelo "teburée", então adeus papagaios, periquitos, cachorros etc.!

*

Contràriamente à categórica afirmativa do etnólogo Fritz Krause, autor da "In den Wildnissen Brasiliens", o cargo de chefe de tribo não é

hereditário entre os Carajás. É eletivo e custa, sempre, ódios profundos, brigas medonhas, separações eternas.

É verdade que, em muitas aldeias, um velho cacique consegue fazer empossar, quando abdica, o primogênito. Mas na maioria das vêzes, e especialmente quando um chefe morre, surgem os candidatos. Jamais uma mulher ocupará o cargo supremo. Em caso de passamento do cacique, o primeiro cuidado dos habitantes da aldeia é queimar-lhe a casa e os utensílios. Em seguida começam as graves e intermináveis cogitações em tôrno da sucessão. Formam-se dois ou três partidos. Há genuínos cabos eleitorais que tratam de aliciar votos. Oferecem vantagens. Depois de muitas confabulações, o caso é resolvido sempre em detrimento de um candidato, naturalmente. Parentes e amigos do derrotado, depois de larga troca de desafôros e, não raro, de pancadas, embarcam nas canoas e mudam de residência, indo fundar nova aldeia ou incorporar-se à outra já existente. O novo cacique trata de captar a amizade dos dissidentes de outros lugarejos para não ver minguar assustadoramente o número dos súditos.

Apesar da afirmativa de vários historiadores, o cacique não goza de muitas vantagens. Fritz Krause, o etnólogo já citado, aureola o "capitão de aldeia" de certa realeza e gôzo de imunidades. Não é verdade. Êle trabalha como os demais. Zela, porém, pela ordem interna, concede licenças para determinados afazeres, e trata de manter sua posição sempre periclitante, através de uma série de embustes políticos...

Se o descontentamento lavra entre os súditos de tão minúsculo monarca e um golpe de audácia não transforma o "rei-mirim" em Duce ou Führer, trate êle, sem demora, de abandonar o cargo a outro, que sua estrêla declinou para sempre.

É recente meu encontro com o cacique Buriti, da aldeia de São Pedro: regressava o índio de longa permanência nas águas do rio Cristalino, para onde se transportara à caça de ariranhas, fonte segura de ganhos compensadores. Vinha aborrecido: "sua gente", conforme dizia, não mais o obedecia. Tentara reaver a supremacia pela violência, mas nada adiantara. Ia, agora, rumo de Leopoldina, procurando, a centenas de quilômetros, esquecer as agruras de um exílio forçado e a ingratidão de seus semelhantes. Era êle filho de caque, herdara o mando, pela imposição do pai, mas perdera-o miseràvelmente por causa da intriga das "cunhatãs", que impuseram aos maridos o princípio de revolta... Vê-se, portanto, que a questão de herança de cargo na chefia de uma aldeia é coisa muito complicada.

*

O mesmo não se dá com o pajé, misto de feiticeiro, médico e sacerdote. O pajé nasce pajé e a vida tôda goza de enormes regalias que sua especialização faculta e sua argúcia aumenta. Um predestinado...

É êle sempre o mais astucioso e inteligente. Sabe tirar proveito das menores ocasiões e, haja o que houver, está sempre com a razão.

Maloá, que pela morte de Mambiora enfeixa hoje todos os poderes de Gariroba, pajé e cacique,

ameaçando certa tarde violentíssimo temporal, enquanto armávamos nossas barracas, disse-me:

— Eu vai espantar chuva!

— Como assim?

— Você vai ver...

Mandou que os índios estendessem, bem no centro da praia, uma pequena esteira. Armado de um galho curvo na ponta, sentou-se cruzando as pernas como um bonzo começou a açoitar o ar. Não tardaram os pingos grossos do dilúvio que desabou passados momentos. Impassível sob a chuva violenta, continuava Maloá agitando a varinha de condão. Com a rapidez com que o temporal veio, assim também se foi. Durou uns quinze minutos.

Novamente o sol radiante. E, competindo com os raios solares, o sorriso alvar do impagável pajé que, muito compenetrado, interpelou-me:

— Viu... viu? Eu espanta chuva! Ela foi embora, foi?

Que dizer? Capitulei prazenteiramente, com grande júbilo do sabichão que ganhou, aos olhos dos seus, maior prestígio, aliás merecido, porque agüentou serenamente a enxurrada medonha!

*

O pajé tem bom jôgo junto ao elemento feminino. Jamais um marido se insurgirá ante a descabida pretensão do feiticeiro. Se a êste apetece determinada dama, arranjará um meio para descobrir nela um espírito maligno qualquer que "deve ser espantado". Quanto aos meios empregados, o segrêdo fica entre os dois...

O pajé cura os doentes, faz e desfaz os feitiços, espanta ou chama as chuvas, adivinha sonhos, dá justa interpretação a certas coincidências e nutre-se òtimamente, baseado na antiquíssima lei do mínimo esfôrço. Se um cacique não presta é substituído. Mas um pajé jamais o será, a não ser quando morre...

*

Uma das festas mais comuns entre os Carajás é o "Aruanan", que coincide com a Lua cheia. Em tôdas as aldeias existe a "casa do mistério", choupana hermèticamente fechada, onde residem os solteiros e onde são guardadas as vestimentas com que os dançarinos se enfeitam. A entrada está sempre voltada para os fundos da aldeia e por ela nenhuma mulher pode passar, pois, se o fizer, graves males surgirão, tanto para a incauta como para os "guardas" do Aruanan. As vestimentas para as danças são fantasias grotescas e belas, ao mesmo tempo. Um capacete cilíndrico, muito alto, terminando numa ou duas antenas enfeitadas com penas de araras, um corpete de fibras de coqueiro e um saiote esvoaçante, como o dos indígenas de Honolulu, eis o conjunto. Tôdas as peças estão estreitamente unidas e os dançarinos nada enxergam através do elmo que lhes cobre a cabeça. Isso não impede que os pares executem, em uníssono, os passos mais difíceis, as piruetas mais inesperadas e os volteios mais mirabolantes. O ritmo dessa dança que é executada ao plenilúnio, obedece a um cantarolar estridente, choroso ou violento e ao estalar dos chocalhos. O compasso é impecável. As danças vão

pela noite adentro até ao amanhecer e assumem proporções inéditas em determinada época do ano, fins de setembro, quando as primeiras chuvas indicam a aproximação do inverno sertanejo.

É costume, ao se iniciarem as danças, uma mulher ofertar às figuras exóticas que bamboleiam e cantam, manjares finos contidos num panelão de barro. Êsses manjares serão rejeitados numa mímica expressiva, pois os dançarinos encarnam, no momento, entes superiores alheios às necessidades materiais dos míseros mortais.

O "Aruanan" constitui uma das poucas, senão a única diversão dos Carajás. Nessa época, a azáfama é grande. Todos os índios exibem seus melhores enfeites e pintam os corpos com esmerados cuidados. Logo pela manhã, o acordar da aldeia é feito com cantos, gritos alegres e estridor de chocalhos agitados loucamente, espécie de alvorada.

Os dançarinos são tratados como semideuses, reverenciados e mimados. Um longo grito, um vozerio intenso, anuncia as danças. Lá vêm os pares, que mais parecem tôrres ambulantes, gingando como marinheiros bêbados. Depois o passo muda: corre lateralmente para, num regresso fulmíneo, retomar o centro da pista onde se desenrola a "narrativa" de feitos épicos, de glórias passadas, de histórias amorosas. Essa "narrativa" explicam-na os dançarinos, sempre na mímica grotesca. Impetuosos, arremetem, estacam, agitam-se violentos, negaceiam, avançam e retrocedem, batem com fôrça os pés na areia fôfa, uivam soturnos. É uma fase de combate. Depois giram, com passos miúdos, reverenciam-se mùtuamente, entoam um canto alegre: é o júbilo da vitória obtida. Agora, com andar

suave, elegante, retorcem-se em contorções delicadas, executam uma espécie de "dança do ventre" e acabam emitindo um grito triunfal. É a lenda do amor, desde os primórdios, até a posse vitoriosa.

Findas as danças, que por serem comuns deixam a assistência impassível ou quase, os "artistas" despem, lépidos, a roupagem e correm, suados ainda, à cata de alimento para os estômagos eternamente famintos. Dos casados, ùnicamente o cacique poderá emparelhar com os solteiros, enfeitando-se como êstes e com êles disputando, numa porfia digna de aplausos, as honras de melhor dançarino.

*

A morte de um índio é sempre um acontecimento que entristece grandemente, um traço rubro na vida primitiva. O culto aos mortos é profundamente enraizado e, pode-se dizer, representa a verdadeira religião dos Carajás. O ente querido que abandona para sempre êste vale de lágrimas, será eternamente lembrado. A espôsa chorará, durante meses, sem descanso, a perda do companheiro. Fa-lo-á desde o romper do dia e, interrompendo o sono, dentro da noite. Nada mais triste do que ouvir a lamúria dolente de uma Carajá chorando um morto. É a lamúria infinita que termina no grito de desespêro, um verdadeiro uivo de lôba solitária. Agregam-se, à dolente viúva, várias mulheres que lamentam também o desaparecido. São as carpideiras que se esmeram na arte do pranto e, com impressionante cadência, terminam o louvor das virtudes do morto com o grito gutural, bravio,

espécie de melopéia lúgubre. De vez em quando, tomada de desespêro, a infeliz levanta-se, ergue os magros braços e grita ao infinito tôda a sua imensa dor. Depois cai lentamente sôbre si mesma, mísera e sofredora!

Durante os 15 dias que passei em Santa Isabel, na Ilha do Bananal, ouvi, minuto a minuto, o desespêro de uma pobre índia que perdera, havia dois meses, seu filhinho. À noite, mais pungente se tornava essa materialização da dor quando, no completo silêncio, se erguia o queixume rouco da pobrezinha. Dizia ela: — Oh! meu rico filho, alma de minha alma, flor da mata, peixinho do Berokãan, dentinho de capivara, alegria de teu pai, por que não voltas?

E ante a certeza inexorável do impossível regresso do pimpôlho bem amado, berrava, louca, bramindo como uma hiena, feroz ante a injustiça de um Destino impiedoso que lhe furtara brutalmente o fruto de suas entranhas!

Quando os ipês florescem, cobrindo-se com as esplendorosas flôres amarelo-doiradas, a aldeia inteira chora seus mortos. É o Finados dos índios.

*

Despojados brutalmente de suas terras na margem esquerda do Araguaia, perderam, os Carajás, o cemitério de Gariroba. Trataram, então, de localizar outro em Santa Isabel. Morra um índio onde morrer, será transportado para essa necrópole. Interessante é a maneira com que é enterrado um Carajá: a família embrulha-o numa espécie de lençol, embarca-o na canoa maior e segue rumo ao

cemitério, às vêzes distante centenas de quilômetros. Os familiares remam dia e noite, revezando-se na rude faina. Chegam finalmente. É aberta uma cova de dois metros de profundidade. A um palmo do fundo, é erguido um jirau de paus roliços, bem juntos, onde depositam o corpo. Em seguida, sempre a um palmo de distância, é construído novo jirau, que recobrem de fôlhas de palmeiras, sôbre as quais jogam a terra. O corpo deve ficar assim isolado, para que o morto possa mudar de posição, quando bem o desejar, para descansar melhor!

Sôbre a campa, todos os dias, serão depositadas iguarias, mel, peixes mosqueados, raízes de mandioca cozida, bananas, melancias, abacaxis. Tudo dentro de vasilhas de barro, perfeitamente alinhadas. Na maioria das vêzes os urubus se incumbem da faxina e limpam o vasilhame dos alimentos. O desaparecimento dos manjares, manipulados entre lágrimas, alegra, na dor, os familiares que acreditam, ou fingem acreditar, estar satisfeito o "viajante da noite eterna".

Às vêzes, fazendo desleal concorrência aos corvos, uns Carajás gaiatos procuram os alimentos. Surpreendi dois, no cemitério acima citado; todos os dias, deslizando cautelosamente, iam surrupiar a oferenda depositada sôbre o túmulo de um carajá morto em São Pedro. Comiam àvidamente tudo, muito apressados. Finda a refeição em lugar tão macabro, impróprio para piqueniques, os dois mocetões diziam-me:

— "Ocê" num fala nada a minha xente, xim? Nús côme escundido...

Passado o primeiro ano do entêrro, a cova é novamente aberta e os restos mortais encerrados

em urnas de barro, que ficam depositadas em círculo, no meio do cemitério, e mais parecem uma exposição de vasos num dia de feira. Destampando-se um dêsses recipientes, vê-se a risada sem fim da caveira no fundo escuro.

*

O carajá desconfia da própria sombra.

Inconstante, abandona qualquer emprêsa em que se tenha empenhado. Cobiça os haveres alheios. Poucos confiam nos carajás, quando com êles se transportam. De minha parte, nenhuma queixa tenho dêsses belos silvícolas. Mas há quem ainda hoje lamente ter acreditado na amizade e no ar de inocência dêsses brônzeos filhos do Araguaia. Escamoteiam com espantosa rapidez qualquer objeto. Se apanhados em flagrante, devolvem o produto da rapinagem, com um largo sorriso, e olham serenamente nos nossos olhos como para dizer:

— Fiz mal?

Sabem despistar elegantemente, atirando a outros a responsabilidade de fatos graves. Êsses "outros", quando se trata de um latrocínio, são sempre os Xavantes. Desaparece um civilizado? Foram os Xavantes, provàvelmente... É encontrado um casal assassinado? Ora! foram os Xavantes. E, neste caso, há o cuidado de se atirar os corpos na margem proibida, para dar maior côr local...

Não é boa política exibir dinheiro aos carajás, ainda mais quando, por uma premente necessidade, um branco tenha que se valer do seu transporte primitivo. Êles adoram o dinheiro. Sabem que com

êle poderão obter rapadura, farinha e arroz. E, além disso, os "fosfo", as caixas de fósforos de que tanto gostam.

A história do Araguaia, tão fértil em crimes tremendos, está cheia de latrocínios praticados pelos carajás. Vou narrar o trágico epílogo de um fato recente, ainda mais que conheci o chefe da "expedição punitiva".

Um cidadão, residente na velha capital de Goiás, transportou-se, a negócios, até Fontoura, a muitos dias de viagem Araguaia abaixo. Findas suas transações comerciais, recebeu, de outro negociante, a quantia de quinze mil cruzeiros. Para regressar a Leopoldina e, de lá, atingir a vetusta cidade de Anhanguera, o cidadão contratou seis carajás que deveriam levar, com os varejões, o batelão rio acima. O fato é que desapareceu e inùtilmente sua espôsa ficou aguardando o regresso. Mas, como atrasos de meses nada significam em semelhantes latitudes, onde os imprevistos surgem a cada passo, não se alarmou em demasia a dama goiana. Sucede que certo dia surgiram, em Leopoldina, uns carajás vindos do baixo Araguaia e, no comércio local, passaram a fazer compras. Para uma caixa de fósforos entregavam uma cédula de 500 mil réis. Para outra bugiganga qualquer, mais 500 mil réis. O caso despertou imediatas suspeitas e soube-se logo tôda a verdade: o comerciante tinha sido assassinado e despojado da gorda quantia, certamente exibida num momento de distração. Alegaram os índios que "turi" tinha morrido de doença".

Tomada de justo furor, a viúva organizou uma expedição punitiva, incumbindo disso certo moço

que vim a conhecer, exímio atirador e mau caráter. Arregimentou êle uns quinze matadores profissionais e fêz-se ao largo, descendo o caudaloso rio. Cumpriu a promessa: matou vários índios e, entre êles, muitos inocentes. Ao regressar, porém, pagou cara a ousadia, pois vítimas das ciladas ao longo das margens, os expedicionários foram atingidos pelas flechadas ou tiros de carabina dos carajás. Ferido, salvou-se por verdadeiro milagre o empreiteiro de tão sórdida façanha.

Outro caso recente: dias antes de iniciar a descida do Araguaia com minha primeira expedição, um viajante alemão foi encontrado, gravemente ferido e despojado de todos os haveres, por um grupo de garimpeiros que demandava a zona diamantífero. Narrou o alemão que fôra reduzido àquele estado por dois carajás contratados como remeiros.

Fatos assim não são de todos os dias, mas entremeiam, de quando em vez, a monotonia de uma zona onde impera o 38 e o 44, e onde a vida não vale um tostão furado.

Não se pode culpar com demasiada severidade os carajás autores de delitos sanguinolentos. Revidam, quando podem, numa explosão súbita de ódio recalcado, às mil infâmias praticadas pelos aventureiros desapiedados que, há séculos, sulcaram as águas do Berokãan. O ódio latente no carajá data dos primórdios da penetração dos brancos. As atrocidades cometidas são incontáveis e os índios aprenderam à própria custa. Narrar aqui todos os males que atingiram os carajás e outras nações indígenas que habitavam o Araguaia, seria fugir ao meu programa. Já está enfeixada em livros tôda

essa história sombria e sanguinolenta, a partir do ano de 1680.

Criminosos que fugiam à Justiça, aventureiros sem escrúpulos que demandavam zonas ubérrimas ou tidas como tais, rudes sertanejos possuídos pela eterna desconfiança e ódio aos índios, todos deixaram aí uma esteira de sangue. Por onde passa, hoje, um civilizado bom, já passaram cem maus!

Assim sendo, o carajá vê em todos os civilizados o inimigo. Mas quando se certifica de que o branco é realmente amigo, torna-se também amigo e sinceríssimo. Muita lamúria eu ouvi dos carajás, e muita confidência dolorosa. Compreendi, então, e desculpei os defeitos dessa raça que, abandonada a si mesma, luta desesperadamente para não desaparecer!

*

A extinção do Pôsto de Proteção aos Índios (*) em Santa Isabel, foi um êrro. Dêsse Pôsto irradiavam-se, pelo Araguaia, ensinamentos práticos e servia, também, para manter o freio de muitos aventureiros. O carajá, sentindo-se amparado e tratado de igual para igual, em breve tempo transformou-se completamente. As novas gerações demonstravam, já, uma índole gentil e incalculáveis seriam hoje os resultados colhidos. Mas, infelizmente, em 1930 o Pôsto foi abandonado. O retrocesso dos carajás, a partir dessa data, é de espantar! Sentem-se novamente sòzinhos, em luta com a adversidade.

(*) O Serviço de Proteção aos Índios foi restabelecido em 1939.

que vim a conhecer, exímio atirador e mau caráter. Arregimentou êle uns quinze matadores profissionais e fêz-se ao largo, descendo o caudaloso rio. Cumpriu a promessa: matou vários índios e, entre êles, muitos inocentes. Ao regressar, porém, pagou cara a ousadia, pois vítimas das ciladas ao longo das margens, os expedicionários foram atingidos pelas flechadas ou tiros de carabina dos carajás. Ferido, salvou-se por verdadeiro milagre o empreiteiro de tão sórdida façanha.

Outro caso recente: dias antes de iniciar a descida do Araguaia com minha primeira expedição, um viajante alemão foi encontrado, gravemente ferido e despojado de todos os haveres, por um grupo de garimpeiros que demandava a zona diamantífero. Narrou o alemão que fôra reduzido àquele estado por dois carajás contratados como remeiros.

Fatos assim não são de todos os dias, mas entremeiam, de quando em vez, a monotonia de uma zona onde impera o 38 e o 44, e onde a vida não vale um tostão furado.

Não se pode culpar com demasiada severidade os carajás autores de delitos sanguinolentos. Revidam, quando podem, numa explosão súbita de ódio recalcado, às mil infâmias praticadas pelos aventureiros desapiedados que, há séculos, sulcaram as águas do Berokãan. O ódio latente no carajá data dos primórdios da penetração dos brancos. As atrocidades cometidas são incontáveis e os índios aprenderam à própria custa. Narrar aqui todos os males que atingiram os carajás e outras nações indígenas que habitavam o Araguaia, seria fugir ao meu programa. Já está enfeixada em livros tôda

essa história sombria e sanguinolenta, a partir do ano de 1680.

Criminosos que fugiam à Justiça, aventureiros sem escrúpulos que demandavam zonas ubérrimas ou tidas como tais, rudes sertanejos possuídos pela eterna desconfiança e ódio aos índios, todos deixaram aí uma esteira de sangue. Por onde passa, hoje, um civilizado bom, já passaram cem maus!

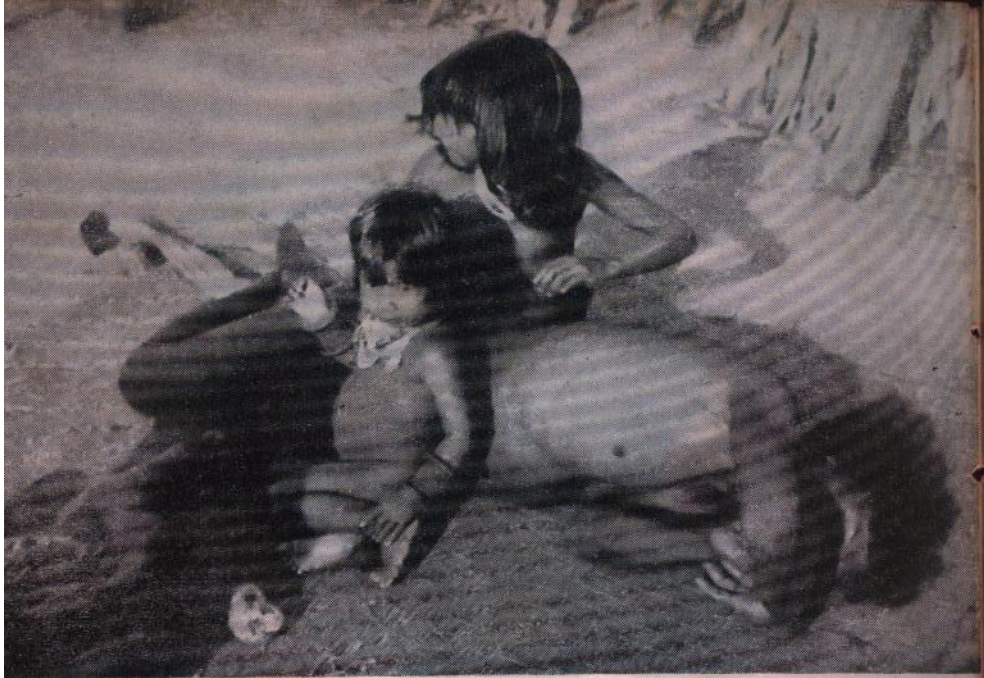
Assim sendo, o carajá vê em todos os civilizados o inimigo. Mas quando se certifica de que o branco é realmente amigo, torna-se também amigo e sinceríssimo. Muita lamúria eu ouvi dos carajás, e muita confidência dolorosa. Compreendi, então, e desculpei os defeitos dessa raça que, abandonada a si mesma, luta desesperadamente para não desaparecer!

*

A extinção do Pôsto de Proteção aos Índios (*) em Santa Isabel, foi um êrro. Dêsse Pôsto irradiavam-se, pelo Araguaia, ensinamentos práticos e servia, também, para manter o freio de muitos aventureiros. O carajá, sentindo-se amparado e tratado de igual para igual, em breve tempo transformou-se completamente. As novas gerações demonstravam, já, uma índole gentil e incalculáveis seriam hoje os resultados colhidos. Mas, infelizmente, em 1930 o Pôsto foi abandonado. O retrocesso dos carajás, a partir dessa data, é de espantar! Sentem-se novamente sòzinhos, em luta com a adversidade.

(*) O Serviço de Proteção aos Índios foi restabelecido em 1939.

Missões católicas, protestantes e adventistas, ainda lutam para manter alto o nível do lento progresso do Araguaia e resguardar os carajás da cobiça dos forasteiros. Mas os missionários são poucos e os aventureiros são muitos. . .

1 — Velho cacique Carajá,
da Ilha do Bananal.

2 — Pai Carajá em companhia de dois filhinhos.

CAPÍTULO II

RIO ARAGUAIA — DADOS HISTÓRICOS SÔBRE ESSA FAMOSA VIA FLUVIAL

O rio Araguaia é u'a imensa estrada fluvial de dois mil e seiscentos quilômetros de curso até a confluência com o Tocantins, onde perde o nome. Nasce na Serra de Gaiapó, com o nome de Gaiapòzinho e vai engrossando com o Garças, Barreiro, Capivara, Ariranha, Pitombas, Jacutinga, Caldas, Santo Antônio das Almas, Mutum, Claro, Laje e Raizama.

Quando recebe as águas do rio Vermelho, nas proximidades de Leopoldina, já tem uma caixa formidável e boa largura. Avoluma ainda mais com as águas do Peixe, Crixá, Xixá, Cristalino, e passa a ser verdadeiramente uma avenida líquida respeitável depois de receber o extraordinário volume líquido do rio das Mortes.

Quantas lendas e quantas verdades em tôrno do Araguaia! Depois de nascer e se formar numa das zonas diamantíferas mais ricas do Universo, ruma francamente para o Norte e, centenas de quilômetros abaixo, é bipartido pela Ilha do Bananal. Forma dois braços: o Maior, que continua sendo

Araguaia, e o Menos, que passa a ser o rio Javaé. Une-se novamente, após separação de umas 80 léguas e rola suas águas turvas até a confluência com o Tocantins onde, conforme dissemos, perde o nome. Daí para diante o Araguaia passa a ser o Tocantins até Belém do Pará. Há quem afirme ser isso uma injustiça histórico-geográfica; pois o Araguaia tem maior comprimento de curso e apresenta um total de 2.600 quilômetros contra os 2.200 quilômetros do Tocantins. Argumentam, os defensores do Araguaia, com o seu maior número de afluentes, e bastaria o rio das Mortes para pesar na balança da... justiça.

Os interessados em levar o nome do Araguaia pelos mapas em fora até Belém, atiram, nessa mesma balança o... pêso (!?) da Ilha de Santana, ou Bananal, a maior ilha fluvial do mundo. Mais coisas explanam êsses fervorosso defensores do lendário rio. Por exemplo: que o Tocantins, na época da sêca, vaza com muita rapidez, enquanto o Araguaia mantém grande volume de água. Essas comparações não alteraram, até hoje, nem o curso das águas nem o curso da história...

*

Castelnau, que viajou pelo Araguaia em 1844, pretendeu chamar a si as glórias de "primeiro explorador" do famoso rio, "à peu près inconnu".

Desconhecia êsse famoso viajante francês, autor do "Ensaios silúricos da América Setentrional" e "Expedições às partes centrais da América do Sul", que dois séculos antes já o Araguaia, intensamente

sulcado em tôdas as suas direções, tinha sido palco de feitos gloriosos e tragédias pavorosas. Mas, deixando o conde Francisco de La Porte Castelnau, diremos que já em 1669 Gonçalo Paes e Manoel Brandão, depois de subirem o Tocantins, vindos do Norte, vencendo as tremendas dificuldades de uma navegação arriscadíssima e cheia de perigos, enveredaram pelo Araguaia, mas sem alcançar a Ilha do Bananal. Diogo Pinto de Gaya foi quem alcançou a famosa ilha, que ainda hoje povoa os sonhos daqueles que, pela leitura, formam uma idéia "exata" do ambiente.

Outras penetrações foram tentadas pelos ardorosos lusos e muitas delas a História esqueceu. Nos alfarrábios encontram-se, entretanto, notícias da arriscada emprêsa de Tomaz de Souza Vila Real, já no govêrno de Tristão da Cunha. Em 1791, desceu o Araguaia levando grande carregamento de cristais e couros, alcançando o Pará. Êsse fato causou enorme sensação, tanto assim que em Carta Régia, no ano de 1798, o govêrno português incumbiu o capitão-general Dom João Manoel de Menezes, que seguisse até Vila Boa de Goiás, e cuidasse da administração. Essa viagem do capitão-general foi feita pelo Araguaia. Outros historiadores, como Southey e Pizarro, falam num tal Manoel Corrêa que, no ano de 1670, fêz uma incurso pelo Araguaia e dela apresentou relato. Há, nesse caso, uma confusão de datas, pois o primeiro dêsses historiadores está em desacôrdo com Pizarro, assim como o depoimento do cirurgião-mor Antunes da Frota, que diz caber-lhe essa primazia a 1719. O que está fora de dúvida é que, a partir de 1669, o rio Araguaia passou a ser conhecido e percorrido pelos civilizados.

Dom Francisco de Assis Mascarenhas, mais tarde conde-marquês de São João da Palma, foi o precursor da sempre decantada navegação do Araguaia, incumbindo o desembargador Joaquim Teotônio Segurado da questão do Tocantins, enquanto êle, pessoalmente, se dedicava à realização do grande projeto, mais tarde tentado pelo general Couto de Magalhães. Fracassada uma primeira tentativa de transporte de grande quantidade de carga e passageiros, devido ao naufrágio nas proximidades do rio do Peixe, onde quase morreu afogado, Dom Francisco de Assis Mascarenhas renovava em 1806, a árdua emprêsa, fazendo sair de Santa Rita do Araguaia nove grandes canoas tripuladas por 94 pessoas e com carregamento de 1640 arrobas de quina, fumo, algodão, couros etc. Em 1807, nova monção e, passados dois anos, uma terceira. Mas o desânimo lavrava abertamente e os sucessos não se confirmaram. Êsse desânimo era oriundo dos mil perigos da navegação arriscada, avolumado pelo terror dos silvícolas e das febres.

*

Depois de um curto período de entusiasmo, a navegação do Araguaia caiu no esquecimento. Surgiu então o dr. José Vieira Couto de Magalhães, o apóstolo dessa navegação. Estudioso e patriota, arriscando inúmeras vêzes a vida, percorreu minuciosamente o Araguaia em pesquisas científicas, dedicando-se aos estudos dos costumes, índole e tradições das raças silvícolas que o habitavam. O govêrno, impressionado com as explanações dêsse entusiasta, autorizou, em 20 de agôsto de 1870, uma

série de estudos "in loco" a fim de ser pesada, em sua justa medida, a possibilidade da abertura de estradas marginais na zona das grandes cachoeiras. O govêrno imperial concedia à navegação a vapor a subvenção de 73 contos de réis anuais, durante seis lustros.

Bastou isso para Leopoldina, escolhida como pôrto principal, florescer grandemente. Todos os presídios de então: Monte Alegre, Itacaiunas, Santa Maria, São João das duas Barras e São José dos Martírios tiveram novo alento. Missões religiosas tornaram a sulcar as águas, levando o pão espiritual às aldeias silvícolas e aos semibárbaros dêsses presídios.

Mas êsse entusiasmo também arrefeceu logo, devido à falta de carregamentos, porque os riscos eram demasiados, como ainda hoje o são, e devido às febres que dizimavam tripulações e passageiros. Com alternativas de sucessos e fracassos, a grande iniciativa do abnegado Couto de Magalhães feneceu completamente. Hoje, as carcaças dos vapores "Colombo", "Araguaia" e "Mineiro" jazem no cemitério fluvial de Leopoldina.

Muito trabalhou também o engenheiro, major Florêncio do Rêgo, que, estudada a possibilidade das estradas marginais da zona encachoeirada Araguaia-Tocantins, resolveu o problema teòricamente, através de desenhos apresentados. Êsses projetos, expostos na secção competente da Exposição Nacional daquela época, mereceram o aplauso unânime dos técnicos e entendidos.

Os contínuos fracassos contra a praticabilidade da navegação do Araguaia, são outros tantos ates-

tados de que o tráfego regular por essa grande via fluvial não passa de uma quimera.

Jamais o Araguaia será via de comunicação com os Estados do Norte, por meio de um serviço regular de navegação! Sòmente na época das enchentes é que pequenas embarcações, movidas a vapor, conseguem se arrastar pela enorme extensão líquida. Mas, passados os breves meses da chuva, adeus...

A impraticabilidade dessa navegação, que alucina os sonhadores, evidencia-se na zona dos canais, cachoeiras e travessões. Tonkon, Jacu, Caldeirão, Pau d'Arco, Bico-de-Papagaio, Canal do Povo, as lajes da Mãe Maria, de São João do Pacobal, as corredeiras Taori, do Diabo etc., são verdadeiros cemitérios de embarcações. Anualmente, de quinze a vinte batelões naufragam quando tentam atravessar essas perigosas paragens e são dezenas de vidas preciosas que se perdem!

Dizia-me distinto engenheiro que completara uma viagem pelo Araguaia-Tocantins:

— Viajar para o Norte, entregando a própria vida ùnicamente à perícia dos práticos e ao bôjo dessas caranguejolas, é um verdadeiro suicídio!

Mesmo os práticos, assim chamados, e que dizem conhecer o rio Araguaia a palmo, não evitam inúmeros encalhes durante uma viagem, pois o grande rio muda constantemente de canal. Mais uma dificuldade que se apresenta aos que se servem dessa avenida natural, para o intercâmbio comercial ainda incipiente.

Apresenta o Araguaia, aspectos maravilhosos, especialmente na época da sêca, quando suas margens descobrem extensas praias alvíssimas. Bas-

tante sulcado por navegantes que se locomovem entre os vilarejos edificados na margem direita, o Berokãan dos silvícolas não corresponde em absoluto à fantasia de escritores que o apontam como sendo um dos rios mais solitários do Brasil.

Quando da época da desova das tartarugas, êsse movimento de navegantes intensifica-se, acrescido pelos turistas que se vão extasiar com a maravilhas das paisagens estupendas.

Além disso, vindas do Norte, ou descendo do Garças, cruzam-se quase que diàriamente as embarcações dos garimpeiros que demandam a fortuna problemática, ou regressam fartos ou desiludidos.

CAPÍTULO III

BANDEIRA PIRATININGA — SUA ORGANIZAÇÃO — RUMO AO SERTÃO BRUTO

Inútil e enfadonho narrar o trabalho de organização da expedição. Sem o entusiasmo que reinava em cada um de nós, teríamos fracassado. Promessas desfeitas à última hora, compromissos assumidos e que deviam ser mantidos, falta de capital para aquisições inadiáveis. Uma verdadeira "via crucs". De permeio, dificuldades felizmente aplainadas através de longas práticas burocráticas. Meus companheiros de jornada palmilhavam as ruas dos "ferro-velhos" adquirindo ferramentas e utensílios, regateando em longas disputas com os proprietários das espeluncas, de onde saiam vitoriosos, sobraçando martelos, chaves inglesas, peças de recâmbio, faroletes, cordas, ganchos etc. Todos estavam compenetrados da necessidade de levarmos avante o empreendimento e concorriam prazanteiros à fadiga da organização. Por último, choviam oferecimentos de materiais: barracas, equipamentos, cobertores, remédios, munições, mantimentos, gasolina, óleo,

roupas velhas para donativos aos índios, facas, canivetes, anzóis, fisgas. Amigos caríssimos, no Rio de Janeiro, conseguiam, também, donativos em materiais, visto que jamais aceitamos dinheiro, embora muitos entusiastas oferecessem regulares quantias.

Também no Rio de Janeiro era aplainada a questão das passagens. O general Mendonça Lima, ministro da Viação, fêz com que, em breves dias, conseguíssimos das diretorias de quatro estradas de ferro a condução necessária.

Muitos outros assuntos de capital importância foram resolvidos à última hora, pois a partida já tinha sido protelada por duas vêzes e, uma terceira, significaria renúcia certa e, fracassar, jamais entrou no meu programa.

Dentro das parcas possibilidades foi traçado o plano de execução, que se desenrolou magnìficamente até a distante Anápolis, onde outras dôres de cabeça me aguardavam.

O fato é que, às 16,30 horas do dia 23 de junho, meus companheiros embarcavam na "gare" da Luz, saudados por verdadeira multidão de amigos e parentes.

Em São Paulo, ficava eu, meu bagageiro e, já de viagem para a Paulicéia, vindo do Rio, o colega Clementino de Alencar, destacado pelo "O Globo", para a "Bandeira Piratininga".

Partiam, devendo aguardar minha chegada em Leopoldina, na margem do Araguaia, os seguintes rapazes, escolhidos entre as centenas que solicitaram inclusão na expedição: Aristeu Cunha, Luiz Accioly Lopes, Armando Gazzola, Renato Paupério,

Celso da Silva Rocha, Nelson Guimarães, Orlando Fonseca, Napoleão Bucchi, João Fumis Filho, José de Queiroz, José Eduardo de Freitas Pinto, Oscar de Almeida Prado, Alberico Soares, Aldo Battigliotti, Raul Rodrigues, Apolinário Buck Ferreira, Ferruccio Savietto, João C. de Vasconcelos, José de Barros, Henry Julien, dr. J. Diniz, médico da expedição, Antheu Leuenroth, Tácio Cattony, José Faria Nogueira, Moacir Vieira de Melo, radiotelegrafista, Francisco Guilherme Whitaker, Lourival Costa, dr. João Kaufer, dr. Tikamer Szaffka, Henrique Himmelreich, respectivamente geólogo, etnógrafo e entomólogo da expedição.

No dia 27, chega Clementino de Alencar, portador da Bandeira Nacional oferecida pelo presidente Getúlio Vargas à expedição e que devia ser hasteada na Serra do Roncador. Clementino adquire foguetões e colares, "estrangula" sua enorme bagagem em dois capacíssimos sacos de lona e declara-se pronto para a viagem.

Embarcamos no dia 29, depois do saudoso abraço dos entes amantíssimos.

Em Campinas, baldeação para a Mogiana; na manhã seguinte, Ribeirão Prêto e, de lá, Araguari, onde chegamos após 26 horas ininterruptas de viagem enfadonha, armazenando poeira nos pulmões. Descemos na próspera cidade mineira com uma sobrecarga de barro vermelho, a muito custo depositada no chão cimentado dos chuveiros de um hotelzinho onde devíamos atravessar a noite.

Notícias do pessoal, boas. Tudo vai indo bem. Respiro...

*

Clementino observa muito e fala pouco. Interessa-se, a princípio, pela paisagem que se descortina, já em território goiano; a composição da E. F. Goiás galga o dorso de uma cordilheira. Aos poucos o interêsse do meu companheiro e colega vai esmorecendo. A paisagem se torna monótona: o eterno cerrado. Como conheço bem tudo isto, deixo de admirar ou criticar. Procuro tão-sòmente abrir o menos possível a bôca, para evitar a medonha poeira vermelha que nos persegue como u'a maldição!

As minúsculas estações sucedem-se ao longo do percurso. Um ou outro passageiro desce, arrastando os "trens" pela plataforma, onde meia dúzia de curiosos esbugalham os olhos pelas vidraças empoeiradas, à cata de alguma fisionomia amiga.

Às 21 horas do dia 1.° de julho alcançamos finalmente Anápolis, depois de 43 horas de estrada de ferro. O dr. José Valente, prefeito da cidade, aguarda nossa chegada. Também lá estão: Luiz Accioly, Lourival Costa, Oscar Almeida Prado. Recebo os cumprimentos, que retribuo, e sinto um apertãozinho no coração: se três dos meus homens estão lá é porque as coisas encrencaram.

— Os batelões ainda estão aqui — diz-me Accioly. — Estamos aguardando condução...

— E o Aristeu? — indago eu pelo meu subchefe, que deveria ter liquidado o assunto.

— Seguiu para Leopoldina com o pessoal.

Engulo em sêco, pois a garganta está árida, e sigo a comitiva, que me comboia para o hotel. Antes, porém, lanço um olhar para uma galera parada no

desvio, lobrigando a gigantesca silhueta do grande batelão que adquirimos no Tietê e que, para os goianos, "foi uma loucura de paulistas"...

Lá está o gigante suportando plàcidamente no bôjo a lancha que vem viajando desde Santos. Outra loucura...

*

Cinco de julho e nada resolvido quanto ao transporte da... esquadra. Na estação afluem os curiosos que vão admirar a mole gigantesca do batelão e as linhas esbeltas da lancha que, mais tarde, seria o meu maior desespêro e a maior paixão vivida pelo entomólogo, seu proprietário fortuito.

Chego a Goiânia, de jardineira. Mas não encontro ninguém. A festa da Trindade absorve, nestes dias, as atividades do grande Estado. Na nova capital encontro outro expedicionário que chega de Leopoldina: Nelson Guimarães. Traz uma carta do subchefe que pede uma infinidade de coisas impossíveis e relata o ótimo estado de saúde e moral dos homens, assim como a rabujice do etnógrafo, cuja misantropia começa a aparecer.

Deixo Nelson em Goiânia com a incumbência de procurar o sr. Câmara Filho, diretor do Departamento de Expansão Econômica de Goiás e volto para Anápolis. O prefeito tudo faz para resolver o caso do transporte dos batelões. Desencova um proprietário de caminhão" esticável" que se prontifica a "tentar a coisa" pelo preço camarada de três mil cruzeiros, mas sem garantir a chegada...

Que fazer? Aceito a proposta e resolvo pagar; parte em gasolina, que aqui é uma preciosidade, parte em dinheiro, outra preciosidade, visto que anda curtíssmo...

O proprietário do caminhão reforma seu veículo, encomprida-o de vários metros, calça-o de novo. Auxiliamo-lo, nessa tarefa, durante a noite tôda. O atraso aumenta e não estou disposto a perder tempo. Queime-se Tróia, embora, mas devemos alcançar o Araguaia com os batelões!

Eis que pela manhã surgem dois caminhões do govêrno, postos à nossa disposição. Vem também um presente em gasolina, dádiva suprema nestas alturas e que vale o ouro que pesa. Confabulo com o proprietário do "caminhão elástico". Faço-lhe ver as coisas como são e prontifico-me gratificá-lo pelo trabalho que teve.

— A mim o senhor nada deve — diz aquêle santo homem. — Eu me sinto contente por ter feito alguma coisa pela "Bandeira Piratininga". Só me resta formular votos que tudo chegue em ordem.. se chegar...

— Chega, isto eu garanto — intervém o motorista do govêrno, nosso velho amigo desde a primeira expedição.

— Mas o barco é enorme. Tem doze metros de comprimento...

— Nem que tivesse quarenta... Eu sei o que digo.

E realmente êle sabia. Êsse portento de motorista realizou a maior façanha de todos os tempos: transportou o ciclópico batelão num percurso de 500 quilômetros de estradas por onde, num cômodo carro de passeio, todos os cuidados seriam poucos!

Resolvido o problema, arranjado um grupo de homens para auxiliar o transporte, sigo com Clementino para Leopoldina, num auto, cujo proprietário "se satisfaz" com a recompensa de seis caixas de gasolina, ou seja 600 mil réis (*) em bom dinheiro do País.

(*) O cruzeiro era ainda... desconhecido.

CAPÍTULO IV

TRINDADE — GOIÂNIA — GOIÁS

Durante o percurso topo freqüentemente grupos de caboclos que demandam a festa da Trindade, a maior manifestação religioso-fanática dêstes sertões.

Famílias inteiras seguem no desconfôrto de carruagens primitivas lentamente puxadas por parelhas bovinas, levando utensílios os mais disparatados. Um ou outro rosto de mulher aparece por baixo das tôldas e espreita.

Mais dificultosa é a jornada dos que viajam a cavalo, isto é, das famílias que têm cavalos, pois êstes servem ùnicamente para os homens, visto que as mulheres seguem a pé, arrastando a prole que se lhe agarra à saia e, com os pèzinhos nus, aumenta a nuvem de pó. Sôbre a anca proeminente, seguro por uma espécie de faixa, o último rebento gruda-se ao busto da genitora, que caminha inclinada como a Tôrre de Pisa, muito preocupada com o equilíbrio da bacia que leva à cabeça. O marido, mui cômodamente, de guarda-sol aberto, segue montado, levando, quando muito, um dos filhos na garupa. Da sela pendem cacarecos de fôlha-de-flandres e cestos contendo víveres.

Volta e meia encontro acampamentos improvisados sob a copa acolhedora das árvores. Rêdes esticadas e bojudas, fogos acesos embaixo dos panelões borbulhantes, criançada rolando pela relva. Os homens, sisudos, encostados à roda dos carros, mal retribuem a saudação dos que passam.

*

A festa da Trindade, que se realiza anualmente na localidade do seu nome, e onde é adorado o Divino, faz convergir para ali dezenas de milhares de crentes. O "clou" é no dia 3 de julho e, nessa época, já Goiás despejou para o longínquo lugarejo quase a totalidade de sua população. Meses antes, rolando incessantemente pelas estradas mal desenhadas, milhares de carros-de-bois conduzem famílias de outros Estados, que vão cumprir alguma promessa ou agradecer a graça merecida. Caravanas e mais caravanas, penetrando em Goiás pelos quatro pontos cardeais, trazem os fiéis paulistas, mineiros, mato-grossenses e baianos. Pelo rio Araguaia sobem embarcações vindas do Pará, Amazonas e, rompendo cerrados imensos, matutos de tôdas as latitudes aprestam-se para as festanças. Adora-se a imagem, joga-se, ama-se, bebe-se e mata-se!

Tumulto impressionante de sentimentos fanáticos. A barraca do jaburu está ao lado da tenda familiar. O botequim arma seu balcão freqüentadíssimo junto ao arranchamento dos fiéis. A mulher de costumes fáceis exibe-se tranqüilamente a dois passos das donzelas. Tudo se compra e tudo se vende nessa Babilônia improvisada.

3 — Um dos batelões, fabricados no Tieté, descendo para as águas do Araguaia.

4 — A estação de rádio da "Bandeira" tenta contato com São Paulo.

Dança-se, canta-se, implora-se ao mesmo tempo!

Jagunços, enxutos, matutos simplórios, vaqueanos destemidos, boiadeiros insolentes, agricultores pacatos, funcionários arrogantes, comerciantes, capitalistas, chefes políticos, "cabras" perigosos, pirangueiros "desaforados", garimpeiros de tôdas as nacionalidades, soldados, religiosos, matronas, virgens, cocotes, adolescentes, vivem intensamente, respiram o ar saturado de vícios numa promiscuidade inacreditável!

O cajado nodoso, a faca aguçada, o sangrador pontudo, os canos longos dos "38", os pesados facões, são o arsenal dessa humanidade que se reúne uma vez em cada ano e que se ambienta com a maior facilidade. Das pontas das rêdes pendem bacamartes, as "44" oitavadas, os rifles e as "pica-paus" carregadas até a bôca!...

E armas semelhantes balouçam nas ogivas das tôldas que cobrem os carros-de-bois, cujas rodas, guarnecidas de enormes pregos, mais parecem mós de moinhos andantes.

*

Das cidades mais adiantadas segue gente em caminhões. Os "civilizados" chegam na "hora certa" e não se misturam. Assistem ao encerramento da grande festa e regressam pelo meio prático do motor à explosão.

Sítios e fazendolas, vilas e lugarejos, despovoam-se como por encanto. A charrua jaz abandonada. O lume caseiro foi brilhar em Trindade, onde

também os corações se inflamam à esperança da dádiva celestial.

Os doentes são os primeiros que seguem, para chegar a tempo. Tôda a extraordinária série de padecimentos físicos está ali representada pelos que imploram a graça divina. Chagados, estropiados, disformes, tuberculosos, asmáticos, epiléticos, papudos, sifilíticos, formam cortêjo. Sobe ao céu a invocação desesperada.

Mais adiante estrugem os fogos de artifício, rompem as bandas. Há gritos, exclamações ruidosas, risadas: é a Humanidade sadia e forte que se diverte.

Afastados de todos, repelidos com piedade, mas repelidos, os leprosos também imploram a graça, e seus rostos leoninos, tumefatos, iluminam-se, ao erguerem o olhar profundamente humano ao alto, como que procurando vislumbrar a silhueta Daquele que tudo pode!

*

Em Goiânia faço rápida parada para agradecer às autoridades locais o inestimável auxílio que nos prestaram. A nova capital do grande Estado, que tanta admiração me causou há um ano, com sua opulência de cidade moderna, como que saindo do cerrado agressivo, está estendendo ràpidamente os tentáculos pelos bairros cujas construções são índice seguro do progresso vertiginoso da metrópole cimento-armado. Uma ou outra indústria surgiu, no ano de minha ausência, e tenta seus primeiros passos para o futuro radioso a que está destinada. A população aumentou consideràvelmente; o govêrno

para aqui transportou, da velha capital, tôdas as repartições federais e estaduais, escolas secundárias, ginásios, forçando o comércio a mudar-se também.

Clubes de tênis, bola ao cesto, natação, vivem apinhados. Mocidade que se diverte e empresta ao ambiente, ainda cru, uma tonalidade vivaz. As largas avenidas e alamedas já apresentam sinais da arborização. Inúmeros veículos trafegam, sob os cuidados dos "grilos" que empunham, muito soberbos, os bastõezinhos brancos de sinalização.

Goiânia surgiu pelo esfôrço titânico do atual governador, dr. Pedro Ludovico. Transportando a capital do Estado para o novo local, fêz com que o progresso de todo o território se acelerasse ràpidamente, pois a urbe irradia e atrai as atividades inúmeras.

A idéia da mudança da capital de Goiás é velha. Surgiu pela primeira vez em 1830 e foi lançada pelo marechal de campo Miguel Lino de Morais, segundo governador do Estado, no tempo do Império. Tal idéia foi logo abandonada, tendo em vista a animosidade da população de Goiás, a antiga capital, a histórica Vila Boa de Anhanguera. Posteriormente, em 1863, coube ao dr. José Vieira Couto de Magalhães, 16.º governador de Goiás, no Império, reviver a idéia. Mas encontrou igual resistência por parte dos habitantes da capital. Em 1918 nova tentativa e novo fracasso. Sòmente em 1932 é que, pela vontade férrea do dr. Pedro Ludovico, tudo se conseguiu. A área escolhida, após prolongada pesquisa executada por uma comissão de técnicos, foi a zona próxima à cidade de Campinas, que hoje, com o surto da nova capital, vive intensamente, desenvolvendo-se de forma assombrosa. Dizer, aqui,

das mil dificuldades que o dr. Ludovico teve que arrostar para levar avante sua grandiosa concepção, escapa ao nosso programa. O fato é que no coração geográfico do Brasil surge, hoje, uma grande cidade moderna.

*

Já ao entardecer, sigo viagem, rumando para Goiás, a velha. Cento e noventa e sete quilômetros de estradas, "mais ou menos", e depois de termos atravessado São Geraldo, Inhumas, Itaberaí, noite alta, estamos à sombra do cruzeiro do "barbaça" Anhanguera, na vetusta cidade que morre aos poucos, com o surto de sua esplendorosa rival.

Deitada como que num berço, a velha Goiás está fadada a ser, em breve, um simples e enorme monumento histórico-colonial. Suas casas típicas, suas rótulas, chafarizes novelescos, pontes a cavaleiro do lendário e sinuoso rio Vermelho, onde ainda hoje é catado o ouro de aluvião, seus conventos e igrejas, suas ruazinhas, tudo isso será apontado pelos "ciceroni" aos turistas de épocas próximas.

Tudo em Goiás é antigo, cheira aos primórdios da colonização e à penetração dos primeiros bandeirantes. A Serra de Cantagalo fecha-a num cêrco impiedoso, resguardando-a dos ventos e abafando-a na canícula senegalesca. Anhanguera construiu-a e dêle é ainda conservada a grande cruz, relíquia cara aos goianos.

Couto de Magalhães, quando aventou a idéia da mudança, assim se expressou:

"O comércio aqui vive exclusivamente à custa dos empregados públicos e da fôrça de linha. Os meios de transporte são imperfeitos, a situação da cidade, encravada entre serras, faz com que sejam péssimas e de difícil trânsito as estradas que aqui chegam. Em uma palavra: Goiás não só não reúne as condições necessárias para uma capital, como ainda reúne muitas para ser abandonada".

No ano de 1891, o então Presidente do Estado, dr. Rodolfo Gustavo da Paixão, dirigia ao sr. Ministro da Justiça, Cesário Alvim, a seguinte mensagem manuscrita:

"A capital de Goiás é, sem dúvida, uma daquelas cidades cujo estado sanitário, dia a dia pior, reclama as mais prontas e enérgicas providências. Situada em meio de uma bacia, conquanto sôbre terreno acidentado, cercada de altos montes que a comprimem em diminuto âmbito, embaraçando-lhe a regular ventilação, estreitando-lhe, demais, o horizonte visual; castigada por excessiva temperatura graças à sua baixa latitude de quase 16º Sul, não corrigida pela altitude ou por causas locais; com uma edificação antiga, obedecendo "in totum" à arte colonial, que era a negação dos mais rudimentares princípios arquitetônicos e dos mais salutares preceitos da moderna higiene, espreguiçando-se às margens do rio Vermelho, mas curtindo verdadeira sêde de Tântalo, visto com a água viscosa dêste ribeiro, despêjo e lavadouro da população, não é nem pode ser convenientemente distribuída às casas, e porque a fornecida pelo único chafariz existente e parcas fontes carece das condições de abundância e necessária potabilidade; desprovida de bom sistema de esgotos, capaz de

evitar o uso prejudicialíssimo das latrinas perfurada no terreno, onde as matérias fecais sem escoamento entram em rápida decomposição e exalam deletérios miasmas e, absorvidas pelo subsolo, bastante permeável, comunicam-se com os poços de serventia, de ordinário abertos nas proximidades daqueles focos de infecção, a decadente Vila Boa hospeda em seu seio poderosos agentes de destruição, que hão de, em breve, transformá-la, em vasta necrópole, onde a Morte campeie com todo o seu cortêjo de horrores! Ainda há pouco as febres palustres, valentemente auxiliadas pela terrível influenza e por outras enfermidades, vieram provar a razão do assêrto; porquanto houve dia em que se deram oito óbitos, mortalidade aterradora para uma pequena cidade de dez mil almas, se tanto!".

*

Êsses relatos sôbre a situação da velha cidade, são de impressionante realismo. À distância de 42 anos, o dr. Pedro Ludovico retratava cruamente a mesma situação.

Quanto à falta de água potável, assim se expressava, em seu relatório, o dr. Ludovico:

"A contingência secular de necessitar a população de um exército de baldeadores de água, deu lugar a que surgisse uma estranha instituição nìtidamente local — o bôbo. Caracteriza-se esta instituição pela tendência comum, verificável em muitas famílias goianas, de manter cada uma delas um "bôbo" — mentecapto, idiota, imbecil — para o serviço de transporte doméstico, especialmente o da

água. Há numerosas famílias que se beneficiam dos serviços dêsses deserdados da sorte, transformando-os em escravos irremissíveis, a trôco dos restos de comida e de um canto para dormir, não raro entre os animais domésticos. Contam-se às dezenas, nesta capital, os infelizes classificáveis no extenso grupo patológico dos débeis mentais, desde os imbecis natos até os cretinizados pela miséria física, ou por outras causas degenerescentes, congênitas ou adquiridas, os quais, como verdadeiras máquinas, se esbofam nos trabalhos caseiros das famílias que os acolhem."

*

No entanto, a velha Vila Boa tem um encanto todo especial. Hoje, meio despovoada pelas contingências inadiáveis, pois que a maioria de sua população, formada pelas famílias dos empregados públicos, emigrou para Goiânia, dormita na sonolência das coisas mortas, sobradões abandonados e desertos para sempre, quarteirões por onde ecoam os passos dos raros transeuntes, vielas silenciosas como alamedas de uma necrópole.

Mas há aqui o encanto que nenhuma cidade "arranha-céu" jamais conseguirá. Há essa beleza que todos os pintores procuram fixar nas telas, harmonia de coisas mal construídas, numa uniformidade grotesca, sem método e sem ritmo, mas profundamente pitoresca.

*

No mercado local faço as aquisições necessárias para completar a bagagem de víveres da expedição. Feitas as despedidas, sigo para Leopoldina, que alcanço depois de 12 horas de viagem através do sertão bruto, ao entardecer do dia 7 de julho, entusiàticamente recebido pela rapaziada.

Encontro o acampamento alinhado, princípios de "barbas bandeirantes", boa disposição, bastante disciplina, estação de rádio em pleno funcionamento.

Vou saudar o majestoso Araguaia que rola suas águas pardacentas num murmúrio muito doce, muito convidativo. Da margem mato-grossense chegam os acordes de uma sanfona. No nosso acampamento, uma vitrola extrai do bôjo a lânguida cadência de um fado português...

CAPÍTULO V

PREPARATIVOS PARA PENETRAR NO SERTÃO

Logo pela manhã, hasteia-se a Bandeira Nacional, precedida de toques de clarim. Assim será todos os dias. Ponho os homens numa azáfama única, para acostumá-los ao trabalho rude, pois os ócios de Capua começavam a fazer seus efeitos. Todos se entregam ao trabalho de arrumação, limpeza, alinhamento de barracas. Faço ligeira preleção relembrando-lhes as fadigas a que se expõem, os perigos, a problemática volta. Pinto-lhes, com côres naturais, os tormentos do sertão, a sêde, a fome, as renúncias fatais.

Noto que um dos homens está abalado. Retira-se cabisbaixo, acompanhado pelo cão amigo. Compreendo a inutilidade de conservá-lo, mas espero a sua queixa.

Estabeleço o serviço de guarda e mando que o subchefe reforce a disciplina, indicando um grupo para a limpeza do local onde estamos acampados.

Em seguida, formo os núcleos, escolhendo os homens, agrupando-os de conformidade com suas

inclinações e amizades. Três núcleos sob a chefia de Luiz Accioly Lopes, Napoleão Bucchi e Clementino de Alencar. Um grupo de especializados sob meu imediato comando. Aristeu Cunha encarregar-se-á da navegação e do acampamento. Contrato um carpinteiro e o nosso guia do ano passado, Benedito Martins, que durante longos anos serviu na Comissão Rondon.

Adquiro uma "montaria" e um batelão que devem ser logo calafetados. À tarde chega o primeiro caminhão que traz a lancha em mísero estado, com um costado esmigalhado. O entomólogo sua frio quando dá com a ruína da embarcação, que todos julgavam ótima. O carpinteiro entra logo na sua especialização, tratando de consertar o barco.

Findos os trabalhos, organizo dois quadros de "water polo" e vamos disputar renhida partida nas águas pardas do Araguaia. Depois do banho, distribuo a dose diária de álcool.

O dr. Diniz, médico da expedição, faz-me o relato sôbre o estado de saúde dos expedicionários. Acha que Ferruccio Savietto — o homem que ficou impressionado com minha preleção — não deve seguir, pois seu organismo não suportaria as fadigas e o calor tórrido.

Aristeu apresenta-me o relatório das despesas feitas e verifico que várias andam "dependuradas". Liquido-as.

À noite recebo e despacho vários rádios. Mais tarde a rapaziada reúne-se no largo da localidade e entoa cantos nostálgicos que atraem a comunidade, sequiosa de espetáculos inéditos...

Às 21 horas, o clarim soa. É a hora do silêncio. Faltam quatro homens que vou buscar, algures, com uma escolta. A disciplina é férrea e não transijo.

*

Nove de Julho, data grata aos nossos corações. Logo depois da alvorada, em perfeita forma, conduzo os homens ao cemitério local onde vamos prestar homenagem à memória de Hermano Ribeiro da Silva, o caro amigo e valente sertanista, tão prematuramente desaparecido.

À orla da campa, onde jazem os restos do valoroso colega, em ligeiro discurso recordo a máscula figura do moço que deu a vida em holocausto ao Moloch chamado sertão. Um minuto de silêncio e depois regressamos ao acampamento, onde os cozinheiros se esfalfam na árdua tarefa de preparar um almôço domingueiro.

Eis que a escola de Leopoldina vem prestar homenagem à "Bandeira Piratininga". Meninos e meninas, ao apito do professor, marcham cadenciadamente. Meu corneteiro toca reunir e a "Bandeira" alinha-se para receber os escolares. Com muito garbo, carregando um simulacro de espingardas entalhadas em madeira, os escoteiros do Grupo Escolar desfilam e executam uma série de exercícios... bélicos. Há um ano, em Leopoldina, nada disso havia. Não existia escola e essa centena de crianças andava rolando barranco abaixo, numa malandrice total. Hoje as coisas mudaram. Um professor foi destacado para esta derradeira cidadela da civilização. Realizou o milagre, reunindo a

petizada, uniformizando-a, mantendo-a unida e disciplinada.

O professor, um "nortense" muito filósofo, afoga seu fracasso na vida com largos tragos "da boa". Comboia a meninada, posta-se bem em frente ao meu pessoal em forma e sauda-me:

— Senhor Willy Aureli, digno chefe da "Bandeira Piratininga"...

Faz uma pausa, rebuscando as frases com que me deve brindar e aos meus companheiros. Depois rompe:

— O senhor, que mui corajosamente vem "abraçar" o Araguaia "etc. e tal"... merece o nosso aplauso "etc. e tal"! Aqui a Escola de Leopoldina presta homenagem aos modernos bandeirantes que "etc. e tal"... vão descer o caudaloso rio que os leva além, muito longe "etc. e tal".

Apesar dos muitos "etc. e tal", eu admiro profundamente êsse abnegado que, nesta vila perdida no sertão, luta desesperadamente para fazer emergir da ignorância cento e poucas crianças. Ninguém como eu, neste momento, compreende a significação vasta dos "etc. e tal". Êles dizem do entusiasmo dêste professor rural que aqui veio do extremo Norte do País, através, sabe Deus de quantos sofrimentos; dizem de sua boa vontade, da luta com o meio adverso, da tenacidade para apresentar um grupo escolar digno de ser visto.

Respondo à saudação, louvando o educador e a sua obra. Jamais fui orador e trato de costurar umas frases o melhor possível. Noto que os presentes ficam bem impressionados e... dou-me por feliz, porque improvisar sempre foi para mim um verdadeiro engasgo.

Finda a cerimônia protocolar, o dr. Kaufer distribui às crianças balas e bombons que trouxemos. Os minúsculos guerreiros abandonam os "trabucos de pau" para se deliciarem com a guloseima.

*

Após o almôço, em companhia do Clementino, vou visitar o Grupo Escolar. Levávamos nossa contribuição de lápis, cadernetas e blocos de papel para os petizes e para o professor.

Paramos à porta. O professor estava falando à classe mista:

— Conforme ia dizendo, o artigo 19, parágrafo 7.° do Regulamento interno diz...

Olho para as crianças. As mais velhas mal orçam pelos sete anos. Quase tôdas enfiam o dedo no nariz, olhando as môscas que enxameiam no telhado esburacado. Não se perturba o professor, continua lendo capítulos do regulamento, na esperança fagueira de ser compreendido, enquanto o pensamento dos garotos se desvia para as diabruras que executarão daí a minutos, finda a cerimônia...

Clementino sorri e focaliza sua máquina, batendo duas chapas. Depois, sempre sorrindo, vai monologando rumo à pensão onde estamos hospedados. Não tarda o solícito professor com um livro onde lançamos nossas sinceras impressões pelo muito que constatamos.

À hora do banho, repete-se a pugna de "water-polo". O consêrto da lancha é "amorosamente" assistido pelo Heinz, que a julga superior ao "Normandie". Acaricia-a com o olhar, afaga-a com

palmadinhas, alisa-a em todos os sentidos, enquanto Zé Luís, o carpinteiro, reforça-a na borda esfrangalhada, cantando:

"Mas cá-dê o dinheiro...
O gato comeu...".
O gato comeu...".

*

Dias 10 e 11, prosseguem as reparações da lancha que, ao ser consertada a bombordo, desmancha a boreste. Posta n'água parece uma peneira! Uma verdadeira ruína trazida de Santos, como se fôra uma preciosidade! Heinz, seu legítimo proprietário, ouve em silêncio meus brados raivosos e, para o Henry Julien, que se esforça em fazer funcionar o motor, segreda:

— Lancha muito boa, garantida três vêzes, palavra de entomólogo!

O bravo companheiro não se convence. Atira-se à calafetação interna, gastando quase todo o betume trouxemos. Tenho ganas de destruir o mostrengo a machadadas. Um espírito gaiato desenha, em letras góticas, na cabina da lancha: "Arca de Noé". Desespêro do Heinz, que "jura três vêzes garantido" ser aquilo uma brincadeira de mau gôsto...

Os mecânicos lubrificam os motores, o armeiro limpa as armas, os dispenseiros agrupam os alimentos nas caixas numeradas. Tudo vai indo bem. Já noite, chega o batelão, saudado com verdadeira explosão de júbilo, pois poucos acreditam na sua vinda. O caminhão "estaca" definitivamente.

Abraçamos o motorista e os companheiros que vieram dentro do barco suspenso no veículo, arriscando dezenas de vêzes a vida.

Leopoldina em pêso vem para admirar o espetáculo. Não é para menos. O batelão parecia um carro alegórico em pleno Carnaval...

CAPÍTULO VI

UMA VIAGEM ACIDENTADA A CAMINHO DO RIO DAS MORTES

Em cinco dias aprontamos os barcos, carregamos tôda a mercadoria e os materiais. A famosa lancha faz-me criar cabelos brancos. Ao ser retirado para uma limpeza, o motor desfaz-se. Henry e Anteu tratam de substituí-lo com o "Pentha" vertical que possuimos e, depois de longas reformas, adaptam-no finalmente. É feita uma experiência ao cair da tarde, e, oh milagre!, a lancha movimenta-se. Resolvemos improvisar uma manifestação aos "desencantadores" e, na praia, organizamos uma banda de música, que recebe festivamente os "valorosos navegantes". Fôlhas de zinco, latas vazias, corneta, buzinas, eis o "jazz" improvisado na hora. O entomólogo quase chora de comoção ao ver sua "tranqueira" deslizando...

Envio às autoridades federais e estaduais a comunicação de nossa partida. Em seguida, vou disputar uma partida de "scopone" com o dr. Diniz, Clementino e Lourival. O nosso médico jura por todos os deuses ser o melhor e mais perfeito joga-

dor. Uma grande aranha caranguejeira, que passeia calmamente pelas paredes da pensão onde nos encontramos, atrapalha todo o jôgo, pois tôda a atenção se volta para o horroroso aracnídeo. Com êsse aliado inesperado, o dr. Diniz e Clementino acabam levando a melhor...

Ferruccio Savietto deixa a "Bandeira". Regressa à Paulicéia. Apesar de sua boa vontade, não suporta o calor intenso. Leva cartas, recados e os primeiros rolos do filme.

Antes de me deitar vou dar uma espiada à nossa "esquadra". Tudo em ordem. O "Piratininga" suporta seis toneladas de carga e deverá receber uma tripulação de 25 homens. A lancha está regularmente carregada e com materiais de fácil e imediato transbordo, pois ninguém acredita na sua perfeita navegabilidade. O batelão menor também balouça ao sabor das águas, levando em seu bôjo gasolina, óleo, sal e outros materiais pesados. Na "montaria", todo o material de cozinha. A sentinela mede os passos ao longo do cais. Ao lado de nossas embarcações está um batelão da Missão Salesiana, que chegou ontem.

*

Leopoldina despede-se na tarde de 18, quando largamos definitivamente, entre vivas e pipocar de fogutes. O batelão grande, cujas bordas vão rente à água, segue rápido, levando, ao lado, a "montaria". A lancha parte em seguida, rebocando o batelão menor. Transpomos o primeiro travessão, e não vendo o resto do combôio, encostamos numa olaria. Passa uma hora e nada de surgir a lancha.

Deve ter encrencado. Margeio, com Accioly, o barranco e, légua acima, vislumbro a "fatídica" encostada na praia fronteira. Accioly lança-se à água e atravessa com largas braçadas o Araguaia. Já no meio do rio um bôto dêle se aproxima, assustando-o bastante e fazendo-o derivar. Sigo ansioso o esfôrço do companheiro que finalmente consegue pé. As ordens que êle leva são executadas: o batelão pequeno destaca-se da lancha e desce à fôrça de remos. Benedito Martins, que "molhou os olhos" por causa da partida, vai na patroagem. Prevejo algo sinistro e chamo-lhe a atenção.

— Descanse, patrão — êle me responde. — A pinguinha não me atrapalha...

Regresso à olaria e mando subir a "montaria" para rebocar a lancha. É um dia perdido, a duas léguas de Leopoldina onde deveremos acampar. De súbito aparecem flutuando uns embrulhos. Adivinho o desastre! Benedito Martins choca a proa do batelão numa laje. O barco suporta o violento tranco mas a tripulação é cuspida e, com ela, vários volumes. Lourival, Oscar, Freitas e o nosso "Pinguim", corajosamente, aguentam a embarcação no meio da corredeira. Benedito Martins mal consegue alcançar a margem. Está entregue...

Resultado: perdeu-se uma lona grande, cinco barracas completas, 6 carabinas, um pacote de munição e miudezas. Para começar não está mal...

Quando chega a lancha e, com ela, o Heinz, eu já estou espumando de ódio! O "dr. Saúva", conforme o alcunharam meus homens, furta-se lépido e desaparece. Recomenda ao Henry Julien, que também tripula a "Arca de Noé", que impeça uma possível destruição total!

Na vasta praia alinhamos os mosquiteiros. Designo os lugares que deverão ser mantidos sempre. Os "músicos" e cantores, chefiados pelo Moacir, desfazem o ambiente carregado, entoando alegres canções.

*

Já registramos, em nosso ativo, até hoje, 21 de julho, vinte e quatro encalhes que significam 24 fadigas e paralização da "esquadra", visto que tudo vem a reboque do "Piratininga". O pessoal já virou marinheiro firme e as manobras de desencalhe são executadas ràpidamente. O etnógrafo não quer molhar os pés e a rapaziada olha-o pouco amorosamente...

Na embocadura do Xixá, que é lugar de encalhe obrigatório para tôda e qualquer embarcação, topamos com uma lancha que sobe o rio, repleta de passageiros. Todos vivam a "Bandeira Piratininga". A bordo vêm umas senhoras e minha rapaziada, que está nua, forcejando para desencalhar os barcos, mergulha até o pescoço.

Um dos motores começa a encrencar. É substituído pelo "Johnson", que já serviu no ano passado. O mecânico verifica que uma peça interna descolou e, com isso, seremos obrigados a parar um dia para o consêrto inadiável. A lancha vai ao lado e o Heinz manobra a bomba ininterruptamente para aliviá-la da água. Já está pagando seus pecados...

Próximo a São José topamos com um batelão que sobe. Nêle viaja um cidadão que me chama pelo nome. Paramos bem distanciados e indagamos.

O desconhecido, que deve ter lido notícias a nosso respeito, grita: — Vocês não chegarão no Roncador! Vou providenciar lugares no cemitério de São Paulo porque vocês morrem todos!

Belo prognóstico, não resta dúvida! Devo impor minha autoridade para impedir que meia dúzia de rapazes tomem um desfôrço enérgico. O "engraçado" mantém boa distância, oculto pela tôlda de seu batelão. Seguimos viagem. Noto que alguns homens, antes muito alegres, emudecem. O augúrio está fazendo seus efeitos...

Logo adiante somos apanhados por violento "banzeiro". Assim mesmo atravessamos um apertado baixio à fôrça de braços. Aristeu, apesar de seus esforços, atira a composição de encontro a uma grande tranqueira. Momentos de pavor! Safamo-nos por verdadeiro milagre, atravessando de ponta a ponta o obstáculo. Um susto e tanto e uma série de maldições ao viajante "coruja de cemitério"...

Não paramos em São José. Os índios aparecem na praia e gesticulam. Desejo alcançar Piedade onde teremos meios de consertar os motores. Chegamos ao cair da tarde. Festivamente recebidos pelo amigo, Alfredo Straube, conseguimos a necessária licença para ocupar sua oficina. Acampamos numa praia fronteira onde ficaremos um dia inteiro. Henry, Anteu e Aldo trabalham a noite tôda, lidando com o "Laros" e com a lancha. O "dr. Saúva" pousa na residência do sr. Straube, porque lá existem coalhada, chocolate e manteiga fresca...

*

Em Piedade deixo cinco caixas de gasolina, uma de óleo, dois sacos de sal e dois de farinha. Desde já tomo medidas para o regresso. Aliviamos o batelão que emerge mais um pouco suas bordas. Feitas as despedidas seguimos e no dia 25, pelas 11 horas, alcançamos a lagoa Luís Alves, depois de ter suportado vários vendavais e encalhes. Na fazenda da localidade mando adquirir uma rês. À tarde, chega Arutana, com sua espôsa e sua filhinha. O encontro com o valoroso carajá, tão meu amigo, é comovedor. Aperta-me num prolongado abraço e, entre lágrimas de comoção, vai dizendo:

— Oh! capitão Willy... oh! capitão Willy...

Distribuimos várias roupas, colares, bolachas e dôces à família de Arutana e aos demais parentes que vieram chegando aos poucos. O dr. Diniz interessa-se pela criança que está forte e viva como ela só. Arymana, a jovem espôsa de Arutana, sorri e acompanha ansiosa as acrobacias da menina, que passa pelos braços de todos os expedicionários.

Arutana diz:

— Tinha certeza que "ocê" vinha, Willy. Eu quer ir com "oceis". Quero ir no rio das Mortes.

Aceito-o com verdadeiro prazer... Um ótimo elemento, um amigo sinceríssimo.

— "Ocê" paga ao Salustiano 41 mil réis que eu devo e dá para minha "muié" mantimento bastante.

Satisfaço a ambos os pedidos e quando os boiadeiros trazem a novilha esquartejada, saldo a conta do carajá, que fica livre de verdadeira escravidão.

*

O pessoal de Luís Alves deseja nosso auxílio na caçada de uma onça que dá cabo da cavalhada. Efetivamente, logo que iniciamos a procura do felino, encontramos a carcaça de dois cavalos recentemente abatidos. Andamos a manhã tôda; cachorros latiam desesperadamente, mas sem resultado. A onça "malcriada" tinha "manhas", conforme sentenciou um caboclo. Inútil persegui-la. Vingamo-nos da caminhada, matando meia dúzia de jacarés seculares, numa lagoa que topamos durante o regresso.

No acampamento aguardava-nos um suculento churrasco. De Piedade trouxemos três cachorros onceiros: Belém, Tom Mix e Teimosa. Os três, magros e famintos, trituram ossos com velocidade recorde. O nosso gigantesco policial "Tupi", olha-os desdenhosamente, porque está farto...

Às 7 e meia horas do dia 27 largamos para, cinco léguas abaixo, sermos obrigados a encostar no barranco devido ao violento ciclone que nos surpreende. Por um triz não naufragamos. Hábil manobra coloca-nos fora de perigo. Enquanto o vendaval ruge pavoroso, convulsionando o Araguaia, tratamos de pescar. Conseguimos 62 piranhas alentadas. A disputa da pescaria é entre Henry Julien e dr. Kaufer. Formam-se dois grupos de torcedores que vivam a habilidade dos pescadores. A rapaziada dá largas ao bom humor. Às 14 horas, abrandando um pouco o vendaval, mando encostar na praia fronteira, onde esticamos ao sol a carne bovina para secar.

Jantar suculento. Apolinário, o chefe da cozinha, que pesa uns duzentos quilos mais ou menos, corta fatias de carne e lança-as com ares ditatoriais

ao abismo do panelão onde o "mulatinho" está em ponto de bala...

*

Ao cair da tarde de 31 de julho, após procurarmos refúgio, por três vêzes, devido aos violentos "banzeiros", alcançamos a entrada Norte do rio das Mortes.

Concluia-se mais uma etapa. Seiscentos e doze quilômetros do Araguaia tinham sido vencidos.

CAPÍTULO VII

O RIO DAS MORTES — FLORA E FÁUNA

Rio das Mortes!

Nome sombrio, mas que não corresponde à fantasia de todos. Jamais a mente humana poderá fazer idéia real da majestade dêste curso d'água cristalina e pura. Pintor algum sonhou fixar na tela paisagens tão maravilhosas! É indescritível a beleza desta via fluvial que desperta gritos de sincera admiração aos que nela viajam. E gritos de estupefação saiam de nossas bôcas, mesmo quando esfalfados pela rude fadiga, irritados e mal-humorados, quedávamos extasiados ante um crepúsculo, ou defrontando um conjunto de ilhas, matas e campos esmeraldinos. Desejava possuir mil bôcas para gritar ao Mundo minha impressão maravilhosa que durou meses a fio. A vista não se cansa de admirar os quadros estupendos. Nenhuma monotonia no ambiente para fazer decrescer o entusiasmo que se experimenta desde o início. Se o rio Araguaia é belo, o das Mortes é esplêndido! Nunca julguei topar, nesta minha vida de peregrinação, espetáculos tão deslumbrantes como os que aqui deliciaram

meus olhos. Nesta maravilhosa manifestação do belo, todos os perigos, tôdas as tocaias que a Natureza prepara, justifica-os a moldura radiosa que os cerca!

Poucas regiões do mundo poderão oferecer ao viajante tamanha variedade de paisagens como o rio das Mortes! Um verdadeiro parque! A Natureza prodigaliza indistintamente as nuanças das côres, a pujança da selva, a fereza da fáuna, a insídia dos selvagens. Aqui, a tremenda solitude do sertão bruto; ali, o mistério da floresta lacustre, acolá a placidez dos lagos virgens, a brutalidade inaudita dos ciclones, a amenidade das campinas sem fim, a cilada assassina das quedas d'água, a majestade dos barrancos altíssimos, a mansidão das águas puras, o clima inconstante, a tortura dos mosquitos, a fartura inigualável da caça e pesca, a riqueza do solo, as praias alvíssimas, os lodaçais traiçoeiros, as ilhas solitárias, os "igarapés" duvidosos...

Sinuosos como serpentes, os afluentes investem para o desconhecido. As lagoas surgem com reflexos de aço polido. É o ímã gigantesco que atrai para o interior povoado pelo mistério ainda não desvendado. Perspectivas abrem-se a cada passo, dividindo, em avenidas, os braços de água. Portais e túneis verdes convidam à penetração, conduzem por corredores jamais palmilhados, ao imprevisto. A vereda tranqüila transmuda-se num tabocal hirto de pontas, agressivo, impedindo o acesso à campina de ervas altas, ondejantes à brisa, onde o buritizal campeia soberano, índice seguro de águas potáveis e mansão de gigantescas sucuris. Depois, o cerrado habitado por galheiros, suçuaparas, campeiros e caatingueiros, guataparás e cervos. Mais além, ta-

buleiros dilatados onde a "barba-de-bode" esconde as varas de queixadas ferozes, de caititus espavoridos.

Em meio a essa solidão, como olho gigantesco a perscrutar o infinito do céu, lagoas circulares de onde irradiam as pegadas da fáuna que nelas se dessedenta a horas certas. Milhares de patos selvagens, marrecões, garças níveas e colheireiros rosados, volteiam pelo espaço ou sulcam as águas paradas enquanto, como troncos amorfos, enormes sáurios balouçam à espera da vítima.

Depois é o estirão da floresta bruta e, mais além, a restinga de mata virgem, onde a peroba, o tamburi, o jatobá, o jequitibá, o cedro, o pau-marfim, a colossal landi, a congonha, a ameixa, a aroeira, a canela-preta, a copaíba, o pau-d'alho, o ipê, a ariundiva, se entrelaçam pelos cipós serpenteantes, tolhendo o passo tardio ao invasor atento aos mil perigos.

E buritis, babaçus, tucuns, guarirobas, indaiás, constituem muralhas verdes de palmas à espera que o homem delas se valha com usura. Nas margens, os "sarans", a madeira que dá o fogo, que traz "o calor e a amizade", como dizem os índios, a goiabeira brava, o caniço, o bambual, a pindaíba, a taboca, formam tôda a gama do verde, desde o mais pálido ao mais escuro. Os paus-d'arco floridos pintam de ouro o conjunto, enquanto pelos travessões as águas cantam a eterna melopéia adormecedora!

Tudo isso numa sucessão que não cansa. O belo e o horrível se casam sem a menor transição. Unem-se em estreito abraço, amparam-se na disparidade violenta, nivelando-se na solidão perpétua e soberana!

*

Nas noites de plenitúnio, a onça esturra, melancólica, à margem das praias. Rompe o "saran", surge impressionante a retumbar os espaços com seu miado arrepiador. A canguçu, a malha larga, a onça preta, a parda de olhos de esmeralda, juntam-se num côro aterrador que o eco transporta muito longe, até os contrafortes da Serra do Roncador. A anta barulhenta, a capivara esquiva, o "guará" atrevido, o cervo arisco, a queixada anavalhadora, a cotia tímida, o quati medroso, a paca solitária encolhem, trêmulos, e quedam imóveis, chumbados ao solo pelo pavor. Os mutuns, os jacus, os ciganos, os jaós, as jacutingas, os tocantins, dos galhos onde se encontram, ou da capoeira onde saltitam, emitem pios dolorosos, lamurientos. Deixando uma esteira fosforescente, guiado pelo instinto, o "papo-amarelo" corta em diagonal o curso d'água e fisga o olhar à margem, na expectativa gulosa de uma oportunidade. O lagarto rastejante desenha na praia os arabescos que lhe denunciam a passagem. A tartaruga e o tracajá regressam solícitos à água, abandonando a cova recentemente aberta onde depositaram os ovos. O jaguar está presente!

Pela madrugada, o bugiu enche a selva com seus estertores, enquanto as araras-guaçu de azul intenso e as belas canindés amarelas-azul-claro, saúdam estridentemente o nascer do Sol, voando aos pares. Manadas de macacos, como acróbatas prodigiosos, vão de galho em galho, de árvore em árvore, curiosos, devassando, esmiuçando tudo. A jaguatirica manhosa e paciente já está à espera para abocanhar o imprevidente quadrumano.

Pendente das pontas dos "sarans" e das goiabeiras bravas, o camaleão espreita. Horrível, mas inofensivo, miniatura de seus antepassados diluvianos, provoca asco e temor. Suspenso como fruta, cai, de súbito, vítima, também êle, do imprevisto, dentro dos batelões ou das canoas que margeiam o rio na subida.

O socó-boi imita o mugido da vaca e os olhos do viajor procuram, instintivamente, a rês tresmalhada, movido pela surprêsa de um encontro fora do comum. Mergulhões lindíssimos ficam em equilíbrio sôbre os paus que afloram das águas: martins-pescadores inquirem o rio, prontos ao mergulho, sempre coroado de sucesso; deselegantes jaburus, de cabeça preta, colarinho rubro e penas brancas, passeiam graves e lentos, como professôres de filosofia, espelhando o alto e desengonçado porte no limiar das praias. Bandos enormes de urubus escurecem o astro-rei, voando unidos para plagas distantes. Casais de inhumas gritam, despeitados, empolando os largos peitos. Milhares de borboletas esvoaçam pelos ares e, com elas, passarinhos de encantadoras plumagens. Caça e caçadores volteiam rápidos e ninguém percebe que o maravilhoso espetáculo é o desenrolar de uma tragédia!

As gaivotas ciumentas emitem seus gritos, ranger de lima contra o ferro. Das lagoas solitárias chega o som pesado do tombo da sucuri. Bôtos velozes, aos casais, emergem das águas, bufam ruidosamente e encurralam os peixes nas estreitas enseadas das praias. Piranhas ferocíssimas pulam desesperadas, pacus, piaus mirin, sardinhas, misturados pelo impulso assassino do grosso perseguidor,

desaparecem pelas goelas famélicas. Águas convulsas e, depois, a placidez costumeira.

Os anzóis arrancam grandes piratingas, piraíbas, pirararas, pintados, jaús,, matrinchão (piracanjuba), tucunarés, jaraquis, piranhas brancas, pretas, vermelhas, amarelas, verdes, doiradas; pacus, mandins, piau-açu, pescadas. Não raro, o pirarucu, que abocanha o grosso anzol ou tomba fiscado pelo golpe certeiro do pescador atento. Tracajás e tartarugas (viração), também não escapam ao mergulhador. O "treme-treme" (poraquê), vinga seus semelhantes, paralisando com a descarga potente os membros dos incautos ou desprevenidos inimigos. Encoberta na areia ou na lama, a asquerosa arraia não perde vaza para estraçalhar as carnes dos pés com seus ferrões venenosos. Também o microscópico candiru, ou guaru, espera sua vez. Infeliz daquele que, desconhecendo o perigo, urine dentro d'água sem um calção, ou coisa parecida! O candiru subirá pela uretra, ulcerando tudo!

Para espíritos aventurosos, o rio das Mortes é o superlativo das emoções. Todos os prazeres e todos os tormentos são experimentados em grande escala. Exigem-se aqui espírito equilibrado, coração forte e músculos de aço. Deve-se estar preparado contra tudo e contra todos. Do mais ameno surge a tragédia; do mais lindo, o hórrido; da serenidade, o perigo! As emoções violentas temperam o ânimo. Junto à flor esplendorosa está o ofídio, nas águas claras a piranha voraz, a arraia desapiedada, o jacaré famélico; no pouso tranqüilo, sob o frondejar das copas hospitaleiras, o escorpião, a aranha caranguejeira, a tocandira enlouquecedora, a "formiga-fogo", o carpato desesperador, a "mamangava"

cuja picada faz urinar sangue. Na selva, o jaguar negaceador, a queixada furiosa, a sucuri estranguladora, o silvícola sanguinário, o venenoso espinho do tucum, os meandros que fazem perder a rota, as cobras, as lacraias. Nos campos, a investida cruel dos cervos ciumentos, os lôbos, os "xavantes", os báratros que se abrem aos pés como alçapões. Nos cerrados, o labirinto perigoso onde um ser com a maior facilidade, se perde para sempre!

O grande tormento, a verdadeira tortura que aflige o ousado explorador desta zona tão bela, tão cheia de encantos naturais, é o mosquito. Sem contar as dolorosas ferroadas da môsca "bizogó", das motucas, do berne, das muriçocas, do "pólvora", do "borrachudo" e do "lambe-ôlho", devemos colocar em primeira plana o pavoroso "pium", inexorável inseto, que sem tréguas, inocula o ácido fórmico, arrancando lágrimas de dor e desespêro! Persegue, ferroteia, insiste, gruda, forma nuvens, desde os primeiros albôres até o cair da noite, quando chega a libertação. Com muita propriedade alcunhamos o "pium" de "piranha do ar".

*

Muitos indagam do porquê do nome sombrio do grande curso de água que fende, de Sul ao Norte, o Leste de Mato Grosso. Chama-se Mortes devido à horrível carnificina praticada por Antônio Pires de Campos nos anos de 1682 e 1683, logo à entrada do delta, quando êsse paulista desbravador viajou pelo Araguaia. Centenas e centenas de índios carajás e araés foram chacinados pelos componentes dessa "bandeira" que preava silvícolas para ven-

dê-los em Cuiabá. Além dessa, outras e outras tragédias tiveram como palco o rio das Mortes e ainda hoje não é impunemente que se penetra em seu âmago.

O rio das Mortes divide-se em três zonas distintas: zona das praias, zona dos barrancos e zona rochosa. Na primeira, abundam as capivaras, as rapôsas, as suçuaranas, os lôbos "guará", a onça de malha larga, os maracajás ou gatos monteses, as ariranhas, os "jacus-ciganos", os marrecos, além de extraordinária espécie de mergulhões, socós, pavõezinhos. Muito comum o jacaré prêto e o jacaré "Tinga", cuja cauda é saborosa.

Na zona dos barrancos temos a onça de malhas estreitas, a onça preta, a anta cinzenta, os quatis, o galheiro, queixadas, caititus, lontras e ariranhas, numerosas espécies de macacos como: "cixius", saguis, guaribas, bugios. Abundam os mutuns e jecus, assim como as araras azuis. Na água, aos milhares, as piranhas vermelhas e pretas, os tucunarés, matrinchãos, piraíbas, arraias pardas de rabo curto e ferrão pequeno.

Na zona pedregosa observa-se o tapir prêto de alentado porte, capivaras, tamanduás, tatus-canastra, jacarés "papo-amarelo", que atingem com facilidade 6 metros e vivem em bandos; sucuris, jibóias, ofídios, lagartos, camaleões, morcegos, tucanos, araras "Canindé". É nessa zona que se notam os grandes "cuyu-cuyu", espécie de tubarões prêtos, as "arraias fogo" com esporão duplo, muito agressivas na época do cio, em setembro. Preponderam os cerrados ou campos, cuja vegetação empobrece cada vez mais devido aos incêndios periódicos ateados pelos Xavantes. A cinza, resíduo cáustico dos

arbustos calcinados, empobrece a terra, tornando-a estéril numa grande extensão. Restingas acompanham o curso do rio e dilatadas florestas surgem, de quando em vez, na margem esquerda. Já na zona granítica aparecem em grande escala os babaçu e os buritis. Encontram-se, com grande freqüência, fontes de águas termais. Galgando-se os degraus formados pelos travessões e, passadas as Serras de São Domingos e Piedade, logo acima do sinuoso e soturno rio Pindaíba que deságua no Mortes, o aspecto muda completamente, dando impressão exata do "canyon" do Colorado.

O clima é tórrido durante o dia e frio à noite. Observamos oscilações de 28 graus, numa brusca transição. O calor, especialmente em setembro, atinge a média de 41 graus à sombra. A água do rio das Mortes é leve, diurética, mantendo constantemente delicioso frescor, o que não se nota no Araguaia. Quase todos os afluentes dêsse grande rio, com exceção do Kuruá, rolam águas puríssimas e frias. O rio "Piratininga", assim batizado quando de nossa primeira incursão em 1937, e que dista poucas léguas acima do Travessão S. Rafael, tem as águas tão frias que se torna impossível o mergulho imediato. Nas zonas pedregosas existem ótimas informações diamantíferas, especialmente nos riozinhos marginais onde o ouro de aluvião "pinta" logo à primeira bateada.

Enorme reserva de madeiras de lei margeia êsses afluentes, cujo curso acidentado impede uma navegação segura, mesmo com pequenas embarcações.

Nada menos de 94 lagoas existem ao longo do Mortes. São lagos de maravilhosa beleza, verda-

deiros quadros de alucinante esplendor. Ao regressar da nossa primeira penetração, descobrimos o braço direito do Mortes e por êle descemos, aventura quase trágica, pois a violência das águas era tamanha e o percurso tão acidentado, que ùnicamente o sangue frio dos que iam ao leme pôde levar a bom têrmo a empreitada. Nessa descida vertiginosa, num eterno zigue-zague por entre fraguedos onde as águas rumorejavam sinistramente, ferozes cardumes de piranhas mordiam as pás dos remos obrigando os remadores a um esfôrço inaudito para manter a direção sempre periclitante da proa.

A três léguas do Araguaia, o Mortes divide-se em dois braços que formam uma ilha com 640 km quadrados. Muitíssimos "furos" existem e sòmente quem lhe conhece o curso não se perde nesse labirinto líquido.

Sobremaneira impressionante é o espetáculo, à noite, dos grandes incêndios que devoram léguas e léguas de cerrado. Um verdadeiro mar de fogo, que dura semanas inteiras, espelha-se nas águas do Mortes, tingindo-o de rubro intenso.

Há, desde o barranco de Santo Egídio até umas léguas acima da Serra de São Domingos ,a "zona do silêncio". Com efeito, o silêncio é aí tão completo e absoluto que se torna dor física! Pesa como um chumbo sôbre os organismos e age sôbre os espíritos de maneira acabrunhadora.

Verdadeiras riquezas são encontradas nas florestas, como a árvore-cortiça e as procuradíssimas "nozes de Galla", que servem para o fabrico de tintas finíssimas. Terras de cultura estendem-se por léguas e léguas. Nos remansos, nas pequenas enseadas formadas pelas praias, encontram-se, em

grande quantidade, peixe de maravilhoso aspecto, conhecidos por "peixes japoneses", cujas barbatanas em forma de tênues véus, são de elegância incomparável. Todos os tipos, tôdas as côres que a mente humana possa imaginar. Aos milhões existem os "miguelzinhos", peixinhos velocíssimos, listados e que mordiscam com satânica volúpia o mamilo dos nadadores.

Para os caçadores, temos a ariranha, carnívoro da família "mustellidae" (pteronura brasiliensis), cuja pele preciosa rivaliza com a das melhores lontras e é procuradíssima, alcançando altos preços. As ariranhas vivem em bandos de 12 ou 14 membros. Sem chegarem à perfeição dos castores, constróem, entretanto, cômodas residências à margem do rio, com entrada à beira d'água e várias saídas dentro da mata. Nas casas subterrâneas escavam quartos espaçosos que são habitados pelos casais (um para cada casal e sua prole). Obedecem a um chefe, que é sempre um macho forte e fora do comum.

CAPÍTULO VIII

PIRANHAS E ARRAIAS

A piranha enxameia em todos os rios do Estado de Mato Grosso. Representa um perigo contínuo e todos os cuidados são poucos. Há lugares onde as águas chegam a fervilhar, tal o número dêsses ferocíssimos peixes da família dos "characideos", (gênero dos pyrocentrus e serralasmos). As mandíbulas da piranha, armadas de dentadura triangular que se encaixa perfeitamente formando uma verdadeira navalha, nunca param. Os dentes assemelham-se à serra de carpinteiro e são tão afiados que basta passar de leve o dedo pelas bordas para se ter a epiderme cortada.

Inúmeras observações fizemos sôbre a piranha durante nossa jornada. A voracidade incrível dêsses "tigres dos rios" torna-os sumamente perigosos. As mais temidas são as vermelhas, especialmente as menores, que atacam doidamente. Quando da primeira penetração, Lineu Pacheco Braga, um dos meus companheiros, pescou uma piranha. Cortou-a em pedaços para formar isca. Ao fisgar no anzol a cabeça decepada, foi por ela tão profundamente mordido que perdeu metade de um dedo da mão

esquerda. Dias depois, outro companheiro, Nelson Guimarães, após ter escamado uma piranha vermelha, extraído as tripas, arrancado as guelras, imergiu-a na água para a última limpeza. Pois bem: com u'a dentada, apesar de se encontrar nesse estado, o peixe arrancou a primeira falangeta do indicador da mão direita do incauto!

Certo dia atiramos numa capivara. O tiro de "44" atingiu-a logo abaixo da "paleta". O roedor caiu n'água de onde foi "pescado" com varas armadas de ganchos. Ao estriparmos o animal fomos encontrar, devorando-lhe o coração, uma piranha vermelha que, penetrando pelo ferimento já alcançara aquêle órgão. Num baixio, com pouco mais de um palmo de água, poucos dias antes de terminar nossa última expedição, o mecânico da "Bandeira", sofreu a amputação do grande artelho do pé direito, arrancado numa única mordida por uma piranha vermelha. Quando de minha penetração na Ilha do Bananal, o cacique Krumaré, que servia de guia, ao tomar banho sôbre um banco de areia no Rio Bonito, teve parte dos testículos arrancados por uma piranha! Na lagoa Luís Alves, (no Araguaia), o ano passado, o boiadeiro Teófilo, nosso conhecido, ao penetrar na água a fim de auxiliar a passagem das reses, foi horrendamente mutilado, perdendo o pênis, cortado rente à raiz! O meu companheiro Napoleão Bucchi, chefe do 2.° núcleo da "Bandeira", atacado, quando tomava banho, por um cardume de piranhas brancas, deve seu salvamento, à proximidade do barranco, não se livrando, porém, de três mordidas profundas nas nádegas. O dr. Diniz, médico da expedição, também experimentou a dentada de uma piranha quando a

não se atrevia a morder. Afora essa exceção, nada respeitam. Costumam, os boiadeiros de Mato Grosso, quando atravessam uma boiada, jogar à água uma rês chagada. O pobre animal é devorado em vida e seu sacrifício salva o resto da manada que atravessa sem ser molestada, rente ao banquete pantagruélico e horrível!

*

O coronel Amílcar Botelho de Magalhães, que durante longos anos fêz parte da Comissão Rondon e foi o fiel cronista dessa epopéia, em seus formosos relatos, citando as piranhas diz: — "No segundo passo do Rolim de Moura foi o tenente Pirineus, pela segunda vez mordido, e na língua, por piranha. Pusera êle umas bombas de dinamite acima da cachoeira ali existente, boiando logo curimbatás, piabas e piranhas. Apanhou um adessas e pôs na bôca para segurá-la, enquanto apanhava outro peixe. Foi então ferido, tirando-lhe, a piranha, grande pedaço da língua, o que lhe produziu fortíssima hemorragia que quase o sufocou!".

Mais adiante, em sua obra "Impressões da Comissão Rondon", o brilhante oficial e escritor diz: — "Mais grave foi o caso de uma praça que fazia parte do contingente da Construção na Secção Sul. Ao atravessar um rio a nado, esqueceu-se do perigo das piranhas ou não percebeu que escorria sangue de um arranhão produzido por espinho de japecanga, à altura de uma nádega. Quando já estava quase no meio do rio, foi atacado pelas piranhas e, aos gritos lancinantes, a debater-se de dor, fêz esfôrço sobre-humano para atingir pequena ilha

que lhe estava próxima. Conseguiu felizmente escapar, mas as piranhas haviam-lhe devorado boa porção de carnes! Enquanto gritava por socorro, de pé naa pequena ilha existente, as piranhas ainda saltavam de dentro d'água, atuadas pelo instinto cruel que as caracteriza, tentando alcançar-lhe as carnes dilaceradas, de onde o sangue escorria!".

*

Narram os caboclos do Araguaia que, durante a revolução de 1930, um troço de soldados revoltosos subiu, em canoas, o rio, ao mando de uma "coronela" cujos instintos sádicos se evidenciaram em tôda a sua plenitude quando, para castigar insubordinados, mandava sangrá-los e atirar ao rio onde eram despedaçados pelas piranhas!

Muitos criminosos dêsses sertões brutos costumam fazer desaparecer tôda e qualquer pegada do delito cometido, atirando a vítima à agua. A piranha se encarrega de apagar qualquer vestígio em poucos minutos!

Um jacaré, quando ferido, forceja por sair da água, pois sua morte está decretada pela investida das piranhas, que o devoram inda vivo.

Se a piranha mereceu um capítulo, a arraia merece, pelo menos, uma descrição. Êsse peixe de aspecto repelente representa, depois da piranha, um dos maiores perigos aos que navegam pelos rios. Chata, arredondada, atinge até 80 centímetros de diâmetro, ou sejam dois metros e quarenta de circunferência. Existem as arraias pardas, arraias pintadas, arraias-maçãs e arraias-fogo, as piores. Asquerosas, deslizantes, expandem um cheiro nauseabundo

devido à secreção que porejam, cheiro êsse que se assemelha ao dos percevejos.

Vive nas margens, coberta de lama ou areia, que ela, com suas aletas circulares e mobilíssimas, atira para cima do corpo. Está sempre de tocaia. Ao ser pisada, desfere o bote certeiro e penetra seu esporão, muitas vêzes duplo, na carne dos pés, quase sempre à altura do tornozelo. Êsse ferrão, que é serrilhado e tem o comprimento de 10 centímetros, rasga e dilacera inoculando a peçonha profundamente. A dor provocada por uma fisgada de arraia é horrível! O rev. Chovelon, chefe da Missão Salesiana do rio das Mortes, quando acampou comigo em 1937, relatou-me seus pavorosos sofrimentos devido a uma fisgada de arraia que o colheu de surprêsa.

— Houve momentos — dizia-me o missionário — que julguei enlouquecer! Já a vista se embaciava e o delírio da dor insuportável arrancava-me lamúrias que testemunhavam meu sofrimento.

Outros relatos ouvi de pessoas feridas pelas arraias. Mas, além disso tive oportunidade de acompanhar a ação da peçonha no meu companheiro Luís Accioly Lopes, chefe do 1.º núcleo, apanhado pelo duplo ferrão de uma "arraia-de-fogo". Apesar dos imediatos socorros médicos, o rapaz sofreu terrìvelmente durante as primeiras horas.

Conheço vários caboclos que perderam o pé, ou a perna, devido à ferroada das arraias. O retardamento de socorros provoca essas mutilações. Os sertanejos, e os próprios índios, quando fisgados, procuram uma mulher que, colocando suas partes pudendas sôbre o ferimento, aplaca as dôres e cura a chaga. Ouvi dezenas dêsses casos e tive a

rara ocasião de assistir a um dêsses "curativos" num índio carajá; os efeitos foram totais e benéficos. Obtive, de mais a mais, a confirmação dessa cura empírica pela bôca de várias mulheres sertanejas que, solicitadas, jamais se furtam ao pedido. A secreção natural agirá sôbre o ferimento?

CAPÍTULO IX

UM POUCO DE HISTÓRIA SÔBRE OS XAVANTES

Desde Leopoldina, sentinela avançada da civilização, que debruça seu casario sôbre os altos barrancos do Araguaia, na margem goiana, o índio Xavante é o senhor absoluto de territórios imensos que, da mesopotâmia formada pelo rio acima e pelo Mortes, se alargam até a Serra do Roncador e, paralelos com essa misteriosa cordilheira, fazem junção natural com as terras habitadas pelos não menos ferozes Caiapós.

Os índios Xavantes tornaram proibida a margem esquerda do Araguaia. Poucos são os que, conhecendo-lhe a insídia perene, se aproximam daquela banda ou nela pousam. Inúmeros pagaram com a vida um momento de descuido ou de bravata. Vítimas prediletas dêsses ferocíssimos filhos das brenhas são os índios Carajás, que residem ao longo da margem direita, olhando com nostalgia os domínios de onde foram expulsos após sanguinolentas incursões dos bárbaros.

Quem viaja pelo Berokãan, descendo ou subindo a enorme estrada líquida, topa, de quando em

vez, com umas cruzes tôscas, fincadas à margem, atestando tragédias medonhas desenroladas em tão solitárias paragens onde os protagonistas tiveram, como cenário da façanha, a paisagem sem igual!

Advertência severa aos incautos, as cruzes dessas sepulturas abertas às pressas fornecem uma estatística tanto quanto possível exata daqueles que foram impiedosamente sacrificados. Olhando-se para os paus cruzados, símbolo da Fé puríssima que enche o coração dos caboclos rudes e destemidos, adivinha-se o horror da situação, a agonia dos míseros que tombaram mutilados e cujos gritos de desespêro e morte ficaram sem eco.

Onde não existe a cruz do civilizado, existe a pedra triangular do carajá. Nivelados pela Morte, brancos e vermelhos dormem o sono eterno nessa necrópole sem fim, que abrange milhares de quilômetros quadrados!

E onde nem cruzes nem pedras indicam o derradeiro refúgio do corpo humano, ossadas alvadias narram ao viajor a tragédia sombria das selvas.

*

Os índios Kalapalos, os Bororós, os Xerentes, os Tapirapés, os Bakaryis, os Suiás, os Marnacás, os Auetos, os Carajás e outros, formam uma espécie de moldura aos Xavantes, e jamais se atrevem, se bem que corajosos e de espírito guerreiro, a invadir as terras sob o domínio dessa tribo belicosa. Os próprios Caiapós respeitam-nos, apesar de pertencerem ao mesmo tronco e haver, entre as duas nações, profundos traços de costumes e língua.

O Xavante é, ainda hoje, uma grande incógnita. Aureolou-se de trágica fama, mantém intacta sua pujança e fereza, evita tôda e qualquer aproximação com o mundo exterior; não é orgulhoso, pugna pela inviolabilidade do seu território. Pintado com tôdas as côres sombrias que a imaginação pode engendrar, tomou formas aterradoras, faz pulsar corações valentes e tremer pulsos robustos.

Falar em Xavante é falar na Morte! Raríssimos dêles podem falar por tê-los visto. Nossa aproximação de longas horas, permitiu um raio de luz sôbre tanta treva, desfêz a longa série de mitos postos em circulação no decorrer dos tempos, através das deturpações inevitáveis, ao sabor do "portador da novidade" que altera os fatos pelo vício congênito conhecido por "vício de testemunho".

Volta e meia, quando a Humanidade deixava em paz os sentimentos de animosidade recíproca. o Xavante servia de textos às crônicas internacionais. Era êle espanado, como reserva das redações, pôsto em evidência, focalizado como nenhum zulu ainda o foi. O loiro jornalista escandinavo, o dinâmico redator "yankee", o ardoroso articulista ibérico, o fantasioso cronista gaulês, ou o frio repórter britânico, dedicavam longas colunas ao Xavante, perturbando a digestão tranqüila de leitores timoratos, ou enchendo de sonhos os rapazelhos imaginosos.

*

Presta-se, sobremaneira, às crônicas, a nomenclatura arrepiadora do território: rio das Mortes, Serra do Roncador, Morro do Estrondo, córrego do Sangue...

O resto corre por conta dos novelistas. O desaparecimento misterioso do sábio inglês, cel. Fawcett, colocou o Xavante como figura principal nas primeiras páginas dos maiores jornais do mundo.

Enquanto isso, gozando uma vida paradisíaca em sua maloca à margem do córrego cristalino e à sombra das indaiás ou babaçus, o Xavante continua o ciclo de sua existência. Mata e trucida tôdas as vêzes que se lhe depara o ensejo, alheio à notoriedade que o torna uma espécie de super-homem primitivo.

Realmente, o índio Xavante beira o primitivismo em várias manifestações de seu modo de agir e viver. Se de um lado demonstra pendores que dizem claramente de sua inteligência, de outro, manifesta um retrocesso espantoso. Essa dualidade de épocas que o Xavante está vivendo, será uma fonte inexaurível de estudos a futuros etnógrafos e etnólogos que se arrisquem à jornada pelos sertões inóspitos onde a palavra "regresso" é uma incógnita.

O Xavante não conhece o uso da embarcação. Desconhece o fabrico da canoa. Limita-se à construção imperfeita de jangadas idênticas às usadas pelos primeiros homens que habitaram o nosso planeta. Não conhece o remo. Usa as mãos para movimentar o quadrilátero formado com as raízes ôcas ou paus de "saran" sêco onde se deita de bruços a fim de se transportar de uma a outra margem do rio das Mortes, único rio que atravessa, pois o Araguaia, para êle, é tabú.

Outras vêzes constrói jangadas, juntando talos das fôlhas do babaçu, cujas extremidades une com cordas de fibras dêsses coqueiros, cordas perfeitas,

idênticas às que podemos adquirir em qualquer loja. Essas jangadas, assim amarradas pelas pontas, mais se parecem com gigantescos maços de cigarro "pachola".

Nessas embarcações rudimentares, o Xavante navega poucos minutos: limita-se à travessia. Larga o amontoado de galhos, ou talos, em determinado ponto da margem, depois de ter calculado, com exatidão perfeita, a fôrça da correnteza. Instala no centro da jangada a mulher e os filhos Os homens vão ao lado, remando com os braços para dar a direção necessária.

No entanto, pela observação diária, êle poderia ter adquirido a faculdade de construir canoas. Vive em eternas incursões pela margem esquerda do rio Araguaia. Observa todos os movimentos dos odiados Carajás, é testemunha oculta do tráfego dos garimpeiros, caçadores, pescadores, excursionistas. Torna-se, pelo direito de posse, dono dessas embarcações quando trucida tôda uma tripulação. Mas não as usa nunca!

Afunda o batelão, ou canoa, esburacando-o no fundo e enchendo-o de pedras. Não se pode admitir o seu gôsto especial pelas jangadas primitivas. Deve-se acreditar numa lacuna cerebral nesses possantes índios que se esmeram na arte de entrelaçar cestos, balaios, esteiras, fabricar flechas, arcos, zagaias. Há outro ponto onde se verifica o atraso mental da raça Xavante: a confecção das bordunas, terríveis cacetes que são a arma predileta de tôda a "nação". A borduna é formada por uma raiz de ipê, descascada no fogo. Conserva a forma primitiva e tôdas as nodosidades originais. Naturalmente, o índio procura, entre as raízes, a que tenha uma

extremidade nodosa e outra adelgaçada. Seu possuidor aguça essa ponta, atritando-a de encontro à pedra. Com o lado nodoso esmigalhará a cabeça, com outro atravessará o tórax do adversário.

Jamais usam instrumentos cortantes para entalhar ou dar forma à borduna pela simples razão que os não possuem. Usam conchas para aparar os cabelos, para apontar as flechas, para aprimorar a parte helicoidal dos dardos e outros misteres. Muitos, parodiando os habitantes das cavernas, servem-se dos machados de pedra, constatação essa feita diversas vêzes pelo encontro dessas armas primitivíssimas em acampamentos de caça.

*

O índio Xavante não emprega também qualquer instrumento cortante para tirar o couro de um animal. Do veado, cuja pele usa, arranca-a simplesmene, curtindo-a depois, por processos até agora desconhecidos, e a torna muito flexível. Uma vez preparado o couro, que se transforma em delicada camurça, debrua-o com cordéis resistentes atravessados nos minúsculos orifícios abertos à margem.

Nessas camurças, o Xavante esfarela as favas do jatobá. Puxando os cordões, transforma a pele num saco e, com um pau, vai socando até transformar as favas em farinha.

Finda essa tarefa, relaxa as cordinhas e usa o couro como gibão, espalmando-o nas costas e no peito. Despreza, entretanto, o couro da anta. Quando o Chavante abate um tapir, cozinha-o sôbre

enorme braseiro, desventrando-o, depois. As tripas são arrancadas e atiradas fora. O resto é comido e o que sobra abandonado. Estorricado pela ação do fogo, o couro é largado em coisa de serventia desconhecida.

*

Os Xavantes viveram, entretanto, uma época de franca comunhão com os civilizados e se regressaram ao recesso das selvas e dos cerrados, foi ùnicamente devido ao descaso e criminoso abandono a que foram relegados depois da grande conquista, na era de Tristão da Cunha.

Habitavam os Xavantes e Caiapós, antes do ano de 1700, a margem direita do rio Araguaia e seus vastos domínios chegavam ao Tocantins. Oriundas do mesmo tronco Gês, essas duas grandes aglomerações de silvícolas entravavam sèriamente a penetração dos brancos. No ano 1743, Antônio Ferraz Araújo e João Bicudo de Brito, seguindo o exemplo nefasto do coronel Campos, iniciaram a caça desapiedada aos índios. Tal foi a perseguição, que se prolongou pelo espaço de dois anos, que os Caiapós resolveram emigrar em massa, indo habitar o sertão, no nordeste de Mato Grosso, onde ainda hoje residem.

Quando das hostilidades contra os castelhanos na questão dos limites, em 1762, os Caiapós regressaram a Goiás, indo para o Sul dêsse Estado. Também as grandes perseguições dessa época, contra os Boróros e Guaicurus, apressaram o regresso dos bárbaros aos antigos domínios que mais tarde, definitivamente, tornaram a abandonar.

5 — O autor, tomando suas notas, numa praia do Rio das Mortes.

6 — Acampamento fortúito no Rio das Mortes.

De índole ferocíssima, êsses selvagens reiniciaram os ataques aos comboios e vilarejos. O cabo-pedestre, Victor Antônio, recebeu ordem para formar uma "bandeira" a fim de destruir os Caiapós. Com 60 homens, dirigiu-se às terras ocupadas pelos índios onde fêz "a mais feia carnagem", conforme os cronistas da época. Essas mesmas crônicas relatam que o cabo-pedestre Victor Antônio ia matando "sem perdoar aos que se rendiam implorando a vida".

De tal forma agiu êsse destruidor que os Caiapós acabaram rendendo-se. Reduzidos à escravidão, passaram a ser ótimos auxiliares dos brancos, na guerra que se iniciou contra os Xavantes. Êstes, localizados ao Norte de Goiás, tão terríveis se tornaram, que as populações flageladas imploravam proteção ao govêrno. Tamanha era a devastação que nem víveres havia para suprir os povoados à margem do Araguaia. Os "Xavantes-de-terra" atacavam os arraiais, as fazendas, os sítios, levando tudo de roldão, enquanto os "Xavantes-de-canoa", orvorando-se em piratas do Araguaia, destruiam os comboios fluviais e depredavam as margens. Verdadeira praga, caiam com a violência de um tufão sôbre os civilizados que, já naquela época, tentavam povoar os sertões.

Luís da Cunha, que fôra o último dominador dos Caiapós, resolveu amansar também os "Xavantes". Para tanto armou forte expedição e rumou para o Tocantins. Mas não colheu resultados práticos devido à morte do seu capitão de infantaria, ocorrida durante a tormentosa viagem.

Nesse meio tempo, além dos Caiapós, eram submetidas definitivamente as "nações" Acoroá,

Xacrabiá, Javaé e Carajá. Estamos em 1783, com Tristão da Cunha no govêrno de Goiás. Decidiu êste, sem tardança, acabar de uma vez com os Xavantes por meio de expedições punitivas que duraram até o ano de 1788, quando os perseguidos resolveram depor as armas.

Coube ao tenente de dragões, José Rodrigues Freire, a ordem da última conquista dos Xavantes, ordem essa dada pessoalmente por Tristão da Cunha. Partiu, à testa de 98 praças, resolvido a terminar com as depredações dos temíveis silvícolas. Já os índios tinham descido até o rio Crixá, onde cometiam tôda a sorte de atrocidades. Um grave acidente priva o tenente do comando da "bandeira", sendo substituído pelo alferes Miguel de Arruda Sá.

Cuidando sair-se bem da árdua empreitada, o jovem alferes marcha decidido para as primeiras aldeias dos Xavantes. Depois de séria escaramuça, consegue falar aos silvícolas. Dizem, as crônicas que citei, "que a fala nada resultou" e nenhum acôrdo foi possível, porque os Xavantes não podiam acreditar num completo perdão depois de tantos crimes cometidos!

Miguel Arruda Sá, que evidenciou ótimas qualidades de político, não desejando levar tudo a ferro e fogo, resolveu aprisionar alguns Xavantes para convertê-los. Com a tropa iam muitos Caiapós mansos, que grandes serviços prestaram aos civilizados nas cruentas batalhas das selvas. Incumbidos do aprisionamento, êsses aliados brônzeos conseguiram capturar "um homem de guerra", quatro mulheres e algumas crianças. O alferes deu imediata

liberdade às mulheres e prole, mas levou para Vila Boa, então capital de Goiás, o guerreiro cativo.

Tristão da Cunha, aplaudindo a tática do alferes, recebeu o selvagem muito bem e deu-lhe o próprio nome, "fato êsse que encheu o índio de vaidade e amor-próprio, que, apesar de sua brutal educação, sabia conhecer as atenções com que o tratava o grande cacique dos brancos".

Todos trataram o índio o melhor possível. Tantas foram as atenções dispensadas ao filho das brenhas que, passados meses, êle tomou solene compromisso de chamar seus irmãos à razão e tudo fazer para os converter ao cristianismo.

Ninguém duvidou da palavra do bárbaro e Tristão da Cunha organizou nova "bandeira" sob a chefia do tenente de dragões José Manoel de Almeida, que rumou para o sertão Amaro Leite. No arraial que lhe emprestava o nome, ficou o tenente e mais sua tropa, devido aos rogos do Xavante, que jurou regressar, passadas "três luas" (três meses), com sua gente. Partiu o índio, sòzinho e, esgotados os três meses, regressou do sertão bruto, trazendo formal promessa de que seus iguais entrariam em entendimento com os civilizados. Narrou minuciosamente a extraordinária impressão que causara na tribo com seu reaparecimento. Tinha sido chorado como morto e ante à evidência, e depois de ter ouvido tôdas as mirabolantes histórias que o redivivo trazia, o maioral dos Xavantes prometera uma aproximação definitiva!

Fixou-se o prazo. Com êste resultado regressou à capital o tenente de dragões.

*

Deveriam os Chavantes, conforme combinação prévia, descerem, no verão, para Amaro Leite. Chegada a época, seguiu nnovamente o tenente José Manoel de Almeida à testa da "bandeira", grande número de Caiapós e o índio convertido. Ia tratar de vez uma paz perpétua. Animado por tão bela perspectiva, o valente militar cobriu em breve tempo a enorme distância e acampou à espera dos índios. No entanto, a demora prolongava-se em demasia e não querendo regressar à capital com um insucesso, o chefe da "bandeira" mandou que o convertido "Tristão", acompanhado por uma escolta, seguisse à cata dos silvícolas.

Lá se foi novamente êsse embaixador da paz e, depois de longa jornada, topou com reduzido número de irmãos de raça. Conduzidos para o acampamento de José Manoel de Almeida, foram recebidos com verdadeiras manifestações de júbilo. Muitos presentes encheram, em breve tempo, os balaios que traziam. Mostrando-se grandemente satisfeitos, os índios prometeram regressar em breves dias, com o resto da "nação". Com essa doce promessa nos lábios partiram...

Longe, porém, de cumprirem o prometido, resolveram trucidar os acampados, e, juntando-se a uns duzentos companheiros de maloca, deram o cêrco, contando com a vantagem do imprevisto para o massacre!

Sucede, porém, que o cacique dos Caiapós, sèriamente despeitado devido aos presentes que os brancos tinham dado aos odiados Xavantes, não parava no acampamento. Perambulava pela selva e pelo cerrado, procurando, assim, disfarçar o aborrecimento. Numa dessas incursões solitárias, o va-

lente Caiapó deu com os Xavantes atocaiados. Percebendo imediatamente as intenções dos bárbaros, tão furioso ficou que, desprezndo qualquer cuidado, os enfrentou, exprobando-lhes veementemente o proceder, intimando-os a depor as armas que, do contrário, seriam ferozmente perseguidos e acabariam tendo tôdas as malocas destruídas! E jurou que com os brancos iriam todos os Caiapós e, unidos, arrasariam de vez tôda a "nação" Xavante!

Tanto falou, tanto ameaçou e prometeu que os índios resolveram depor as armas. Convencidos das grandes vantagens e vendo no cacique Caiapó um exemplo vivo, os Xavantes demandaram o acampamento, onde declararam que estava tudo acabado e que desejavam a paz.

Juraram trazer tôda tribo e, como penhor da palavra, entregaram ao tenente 38 dos melhores guerreiros.

Pena é que os cronistas da época não tenham registrado o nome dêsse valente cacique Caiapó, cujo gesto evitou um massacre e as duras represálias que se lhe seguiriam.

Para encurtar: o tenente de dragões regressou a Vila Boa, levando os 38 reféns e aguardando as novidades.

*

Mal José Manoel de Almeida arribou à capital, portador da grata nova, eis que uma carta enviada pelo capitão José de Melo Castro, que se encontrava na zona do Tocantins, também para submeter os Xavantes, comunicava sua próxima chegada à testa de dois mil dêsses silvícolas.

Pormenorizava a missiva tôdas as atribulações da rude campanha, as tremendas fadigas e os riscos corridos na guerrilha contra os índios, assim como a relutância com que êstes tinham aceito o convívio com os civilizados.

Se bem que grata a todos os corações e, em particular, ao governdor Tristão da Cunha, a notícia provocou sérias apreensões, visto que a capital não possuia acomodações para os dois mil Xavantes do capitão e mais os do tenente José Manoel de Almeida. A situação financeira também não era das melhores e nenhuma verba podia ser votada para o sustento de tão grande número de hóspedes.

Com o fito de evitar futuros aborrecimentos, Tristão da Cunha resolveu enviar ao encontro do capitão o alferes Miguel de Arruda Sá, com ordens de sustar o avanço dos índios, desviando-os para Salinas, onde aguardariam melhores dias e pouso definitivo, ainda mais que a aldeia Pedro III estava sendo edificada para êsse fim.

Visava-se, com isso, distanciar o mais possível os Xavantes dos arraiais, pois que sua fama tremenda teria alastrado o terror entre os habitantes, que desconheciam a capitulação e as boas intenções dos silvícolas. E, aproveitando a ocasião, os brancos não teriam perdido vaza para, unidos, massacrar o maior número possível de bugres.

O alferes Sá tratou de diminuir o mais possível a grande extensão que o separava do comboiador de índios mas, por muito que fizesse, quando se deu o encontro, já a multidão se encontrava em Pilar muito aquém de Salinas.

Expostas as razões aos maiorais dos Xavantes, êstes não aceitaram o alvitre, negando-se termi-

nantemente seguir para a localidade que lhes tinha sido designada. Ameaçaram regressar às próprias terras, desfazendo o trato. Prevendo um fracasso certo e calculando, em seu justo pêso, tôdas as conseqüências, além da enorme responsabilidade que assumira, o capitão João de Melo Castro resolveu continuar sua marcha até Carretão.

Nessa localidade já se encontravam acampados mil Xavantes vindos do sertão Amaro Leite, que aguardavam ordem para seguir rumo à capital. Em número de três mil e mais 14 prisioneiros que traziam e pertenciam a outras tribos, os bárbaros arrancharam.

Correios foram despachados a Tristão da Cunha, pondo-o a par da situação. E correios enviou o governador ao capitão de dragões, dando-lhe instruções. Nesse vaivém de estafetas, passaram-se longos meses, até que Pedro III ficou pronta para receber seus novos habitantes. Para essa localidade seguiram o vigário de Crixá, padre João Batista Gervásio Pitaluga, o Sargento-Mor Álvaro José Xavier, o Sargento-Mor Bento José Marques, grande número de soldados e pessoas gradas.

Preparou-se festiva acolhida aos filhos das Selvas. Desejava-se impressionar agradàvelmente aos brutos e nada foi esquecido. Nesse meio tempo ia a coorte dos bárbaros marchando pelo sertão, em demanda da nova aldeia. Longos meses durou a caminhada e, finalmente, no dia 13 de janeiro de 1788. Arientomô-Iaxê-qui, maioral da nação Xavante de Quá, precedendo seus súditos, fêz solene entrada em Pedro III.

A brônzea maré humana marchava ao som dos maracás, trombetas e caixas de guerra. Os do

arraial, com altas aclamações e estrépito de instrumentos guerreiros, receberam jubilosamente o grande chefe e seu gentio. A notícia do encontro espalhou-se com a rapidez de um raio e tôda a capitania festejou o advento. Acalmados os primeiros ímpetos de alegria e no meio da maior pompa possível, suntuosa quase, o capitão José Pinto da Fonseca leu a seguinte alocução endereçada aos indígenas:

"O nosso Capitão Grande, a quem os brancos, negros e as nações de vossa côr; Xacriabás, Carajás, Javaeses e Caiapós obedecem, aquêle mesmo que, compadecido das vossas misérias nos enviou a convidar-vos em nossas próprias terras a fim de deixardes a vida errante em que viveis e virdes entre nós gozar os cômodos que vos oferece a sociedade civil, debaixo da muito alta, poderosa e maternal proteção de Nossa Augusta Soberana e Senhora Dona Maria Primeira, Rainha de Portugal, que habita além do Grande lago Oceano, me envia a aqui a receber-vos e cumprimentar-vos de sua parte e assegurar-vos suas boas intenções, oferecendo-vos êstes presentes, sinais de uma aliança com que deseja firmar a paz, união e perfeita amizade, com que recìprocamente nos devemos tratar. Ao mesmo tempo, em nome do nosso Capitão Grande, vos faço real entrega desta aldeia, que para vosso domicílio tem destinado a qual, pertencendo-vos, de hoje em diante como própria, também sereis perpétuos possuidores dêstes dilatados campos, rios, bosques, até onde vossas vistas possam alcan-

çar. E, para que o nosso Capitão Grande fique assás persuadido de vossa resolução, sabendo de ciência certa e fé, obediência e inteira sujeição que à Sua pessoa tributais e à Nossa Invicta e Amabilíssima Rainha, se faz preciso que firmeis a vossa fidelidade com juramento de uma perpétua, inalterável e eterna aliança!".

O maioral dos Xavantes, ouviu em silêncio a alocução a êle traduzida pelos "línguas". Achou-a razoável, ainda mais que os ricos presentes recebidos satisfaziam inteiramente à sua inata cobiça. À leitura seguiram-se as cerimônias de instalação e posse da aldeia Pedro III e, logo depois, passou-se ao juramento lavrado pelo Sargento-Mor Álvaro José Xavier e que rezava o seguinte, conforme original existente:

"Aos treze dias de janeiro de 1788, perante as pessoas abaixo assinadas, se apresentou o maioral da nação Xavante de Quá, e à testa da mesma prestou o seguinte juramento de fidelidade: "Arientomô-Iaxê-qui, maioral da nação Xavante de Quá, em nome de tôda a minha nação, juro e prometo, a Deus de ser, como já sou de hoje em diante, vassalo fiel da Rainha de Portugal, Maria Primeira, a quem conheço por minha soberana e senhora, mãe e protetora; e de ter perpétua paz, união e eterna aliança com os brancos, o que assim me obrigo a cumprir e guardar para sempre". Aldeia Pedro III, 13 de janeiro de 1788 — (aa) Arien-

tomô-Iaxê-qui (*), João Gervásio Pitaluga, Bento José Marques, José Pinto da Fonseca, Miguel de Arruda Sá e José Manoel de Almeida".

Estava assinada a paz entre os terríveis Xavantes e os brancos invasores. Terminava a 13 de janeiro de 1788 a sanguinolenta guerra e, com ela, tôdas as atrocidades que ambas as partes cometiam a granel...

*

De terríveis passaram os Xavantes, a cordatos e pacíficos. Longos anos viveram em diurturno contacta com os brancos e com índios de outras tribos. Em breve tempo a aldeia Pedro III abrigou para mais de seis mil Xavantes, quase a totalidade da nação que tantos ódios e temores soubera despertar. De uma única vez o vigário de Crixá batizou 412. Inúmeros outros com o andar dos anos.

Tudo teria corrido às mil maravilhas e hoje não existiriam os "terríveis" Xavantes, se os civilizados tivessem cumprido o prometido. Algo de muito grave deve ter sucedido porque, tanto Xavantes como Caiapós, certo dia, atravessaram o Araguaia, embrenharam no sertão bruto, cortando definitivamente todos os laços que os uniam à civilização! Perjuros à fôrça, devem ter feito novo juramento que até hoje não quebraram! Um terrível anátema deve ter brotado da bôca dêsses indômitos

(*) Tudo leva a crer que o bugre tenha apenas traçado uma cruz.

índios. E, desde o êxodo completo, nunca mais transpuseram o Araguaia, traço perene que os divide das dolorosas lembranças dos tempos idos.

Assim como êsse mistério que cerca os Xavantes, mistério também, e impenetrável, cerca a origem da debandada geral. A história silencia tôda uma época. Nenhum cronista se deu ao trabalho de deixar à posteridade uma página de testemunho! Males tremendos, contágios desoladores, abusos inqualificáveis, devem ter obrigado os Xavantes e Caiapós a procurarem, no recesso do sertão mais inóspito, o esquecimento eterno, a salvação necessária.

Cento e poucos anos de retrocesso à era da barbárie tornaram os Xavantes os mesmos brutos de outrora.

*

Volta e meia, na imprensa do País surgia um cidadão que, aproveitando o ambiente propício, desandava a fazer revelações sôbre os Xavantes, que jamais vira e que mal sabia existirem. Isso não impedia que os descrevesse como sendo verdadeiros gigantes, equilibrando-se sôbre pés que mais pareciam plataformas, feios, prêtos, desengonçados. Encontrava imediato eco e, aos poucos, formou-se inabalável opinião; os Xavantes eram homens gigantescos, muito maiores que os índios da Patagônia, com pés enormes e mãos de espátula.

Depois do sumiço do cel. Fawcett, seu filho e médico da expedição, apareceram vários aventureiros que garantiam ter tido contacto com os ferozes senhores das selvas. Inquiridos, confirmavam "in

totum" as primitivas declarações dos ilustres desconhecidos para terem uma base de crédito. Ninguém surgiu para desmentir, porque ninguém conseguira real contacto com os índios em questão. Dentro dessa atmosfera mitológica, o Xavante tornou-se genuíno papão.

Uma coisa, porém, parecia ter algum fundamento: os Xavantes falavam português. Estive em contacto com várias pessoas que mereciam o maior crédito e tôdas elas confirmaram êsse pormenor. Essas indagações fi-las quando de minha primeira expedição, que visou destruir completamente tôdas as historietas e mentiras. Se de um lado consegui os documentos que narram a pacificação dos Xavantes, da forma que explanei, de outro lado, durante minha jornada, fui tendo contacto com os Carajás, que realmente tinham visto, se bem que ràpidamente, os bárbaros e podiam, de cátedra, falar sôbre êles. Em princípio de setembro de 1937, quando eu descia o rio das Mortes, terminada minha penetração, ouvi do rev. padre Chovelon, que comigo acampou durante três dias, acima do travessão São Rafael, uma confirmação sôbre o conhecimento de português por parte dos Xavantes. Narrou-me o rev. que certo dia topara, na margem direita do Mortes, com um magote de Xavantes. Êstes, de longe, gritaram em bom português:

— Nós não queremos fazer mal a vocês!

Infelizmente o rev. Chovelon tinha perdido os óculos no incêndio do Rancho dos Padres, no sopé da Serra da Piedade e, por isso, poucas observações pôde fazer sôbre o tipo do gentio. Acreditar na descrição dos matutos que acompanhavam o missionário, era tempo perdido, pois levados pela fantasia,

emaranhavam as recordações, chegando a construir um especime exótico.

Os membros da outra missão, êsses que assistiram o trágico fim dos padres Fucs e Sacilotti, bàrbaramente trucidados no alto do barranco Santo Egídio, em novembro de 1934, também não sabiam descrever o Xavante com exatidão. O pavor do momento tão intensamente vivido gravara na retina dos superstites uma visão completamente deturpada. Se inquiridos sôbre o tamanho dos Xavantes, eram concordes em descrevê-los enormes, de porte gigantesco. O sr. Lúcio da Luz, fazendeiro em Mato Verde, no Araguaia, um dos expedicionários que se aventuraram a ir buscar os corpos dos dois mártires salesianos, se bem que diminuisse o tamanho dos índios, inclinava-se, porém, à afirmativa de serem "bem grandes e possantes". Confirmava o sr. Lúcio o conhecimento de português pelos brônzeos habitantes dos cerrados e garantia estar um homem branco à testa das hordas bárbaras. Também o padre Hipólito Chovelon, instado por mim, associava-se a essa crença, aliás confirmada por todos os Carajás que juram existir um "turi" e ser êle o chefe supremo da nação que tão poderosa e temida se tornou com o andar dos anos!

Os caciques carajás Mambiora, Maloá, Buriti, Krumaré, os guerreiros Trexibé, Djarrama, Arutana, Teaoro, Uataú, Te-ho-hobari, Ku-ha-rara, Valério, Ceari e outros, garantiram-me a existência do "homem branco" que há muitos anos apareceu, do outro lado do Roncador, e ficou com os Xavantes.

Inùtilmente tentei, durante minha primeira expedição, desvendar êsse mistério. A única coisa que consegui foi, após uma cilada tentada contra um

dos meus companheiros, verificar, nas pegadas deixadas no terreno, a forma de um pé que se diferenciava totalmente dos demais, um pé que testemunhava, na impressão deixada, os vícios das articulações oriundas do prolongado uso de calçados, enquanto que os pés dos índios deixavam nítidos os rastos de artelhos bem distanciados, curtos e perfeitos.

Também sôbre o tamanho, côr, beleza ou feiura dos Xavantes, nada consegui, então, porque sòmente à noite, por duas vêzes, lobriguei os índios postados na outra margem.

Nas crônicas por mim encontradas sôbre os Xavantes, nenhuma referência há sôbre costumes, ritos, religião, assim como não descrevem o tipo. Permanecia, destarte, o mistério e, até ulteriores constatações, ninguém podia desmentir ou confirmar as histórias que emocionavam com as descrições mirabolantes.

*

Quando na manhã de 12 de agôsto, após uma marcha penosa e uma vigília de torturas, conseguimos penetrar na grande aldeia Xavante, sita a 22 quilômetros da margem esquerda do rio das Mortes, e 100 quilômetros do delta do grande rio, e situada exatamente a 51°15', longitude; 13°20' e 3" latitude Sul, eu tive a nítida impressão de rasgar um gigantesco pano de bôca e desnudar o palco imenso, onde os personagens das lendas se movimentavam naturalmente e nada tinham do hórrido tão propalado!

Eu, e mais meus dedicados companheiros de jornada, íamos buscar os terríveis silvícolas em sua

própria casa, tendo como único escôpo uma aproximação amigável, a fim de que o País chegasse a ter conhecimento honesto e verdadeiro dêsses índios tão falados!

Momentos trágicos vivemos, ante a furiosa investida de centenas de Xavantes que traziam nos olhos a centelha assassina. Mas, protegidos por uma sorte estupenda, conseguimos alcançar o acampamento de onde, graças ao nosso procedimento, entramos em contacto com os senhores absolutos daquelas paragens. Foi êsse o prêmio de nossos esforços e padecimentos. Assim, se de um lado obtínhamos a confirmação quanto ao conhecimento imperfeito do idioma luso, de outro lado podíamos destruir definitivamente a longa seqüência de inverdades, quanto ao tipo.

O índio Xavante nada tem de sobrenatural. E' alto, 1,80 m, largo de ombros, musculoso, enxuto, estreito de cintura, genuíno tipo de atleta. Testa alta e larga, olhos rasgados, afastados, ligeiramente oblíquos. Sobrancelhas bem desenhadas, nariz afilado, com ligeiro achatamento das narinas. Bôca ampla, lábios finos, dentadura maravilhosa, mãos pequenas, pés curtos e largos, cabeleiras pretas bastas, que descem até a metade das costas, sôltas, abundantes. Cortadas rente às sobrancelhas, desnudam as orelhas, que são atravessadas, no lóbulo, por uma taquara em sentido diagonal. Os guerreiros usam, na bôca, outra taquara que alarga as feições, emprestando-lhes ferocidade animalesca. Epiderme escura, avermelhada, exibe desenhos simétricos feitos com genipapo, idênticos aos dos índios Carajás. Completamente nus, os solteiros ostentam enfeites verdes no pênis, espécie de capuchos de borracha e

uma fibra rombóide dependurada nas partes pudendas. Os mais idosos não trazem êsses adornos. Todos, porém, têm a bolsa testicular separada por uma incisão profunda que a separa em dois triângulos flácidos. E' a marca da raça, completamente diferente de qualquer outra tribo. Não trazem tatuagens indeléveis no rosto, que também é livre de pinturas. São realmente bonitos, na mais lata expressão da palavra. Nenhum índio, dos muitos que existem, diferenciados em castas e raças, pode ser comparado, em beleza, ao Xavante. Um conjunto harmonioso de traços, músculos, agilidade, porte e esbelteza. Velocíssimos na corrida, pois que alcançam um veado na perseguição e o abatem a cacetadas, têm a origem do nome justamente nesse particular, pois Xavante quer dizer corredor, assim como o Caiapó significa "incendiário". Os caciques usam um cinto de fibra que circunda os rins e os pajés, além dêsse distintivo, carregam uma cabaça cheia de pó branco que atiram para o ar, em sinal de amizade. Os guerreiros trazem grandes arcos, flechas e pequenas zagáias. A parte helicoidal das flechas é feita com penas de gavião e arara, e nessa extremidade encontram-se longos espinhos de ouriço como que metidos num estôjo. Devem servir para aguçar ainda mais as pontas quando das guerras ou das caçadas e, provàvelmente, estão envenenadas.

Além dessas armas, usam a terrível borduna. Quando parados colocam o mortífero cacete junto à barriga da perna direita, conservando-o seguro com o calcanhar e a contração muscular das coxas. Carregam indistintamente uma esteira côncava, que mede 50 cm por 40, feita com palha de babaçu. E'

7 — Pouso das "Bandeiras" no alto do rio das Mortes, próximo ao rio Pindaibas.

8 — O autor, no alto do rio das Mortes, em outubro de 1937.

o assento portátil. Jamais um Xavante senta sôbre a terra. Entre seu corpo e o solo, coloca a esteira. Para as crianças fabricam-nas também minúsculas, perfeitas, verdadeiros brinquedos. As mulheres, que são formosas e robustas, carregam a prole em balaios muito bem feitos, com artístico entrelaçamento de fibras. As alças são passadas na testa e todo o esfôrço do carregamento gravita sôbre o pescoço e os músculos das espáduas. Acredito que o uso das esteiras, conforme discriminei, seja um preventivo contra a opilação pois que, dentre os muitos Xavantes que vi, nenhum dêles era opilado, contràriamente aos Carajás, muitos dos quais são barrigudos como os hidrópicos.

Os Xavantes estão divididos em guerreiros e agricultores. Êstes não usam armas nem pinturas por sôbre a epiderme. Os guerreiros, conforme constatei, obedecem a uma espécie de centurião. Cada centúria traz uma flâmula rubra que agita. Há um chefe supremo, coisa essa que verificamos quando atacados pelos índios. Postou-se, êsse general, que era de gigantesco porte, e, portanto, um privilegiado em estatura, no centro de aldeia, de onde gritava as ordens prontamente obedecidas e com uma disciplina exemplar.

A aldeia por nós encontrada diferencia-se bastante das demais. Nela observamos casas de quatro águas, chiqueiros com muitos porcos, criação abundante de galinhas, terreiros perfeitamente socados, roça riquíssima, separada em talhões onde verdejavam a mandioca, o milho, o algodão, abóboras e cana-de-açúcar.

No centro da aldeia erguia sua mole, a maloca dos guerreiros. Redonda e inteiramente fechada

com fôlhas de piassaba, possuia estreita entrada. A aldeia surgia nas margens de um córrego cristalino e nas proximidades de lagoas, em zona ubérrima. Verifica-se com isso que os Xavantes não são nômades. O nomadismo, nêles, obedece à época das grandes caçadas e das colheitas dos ovos de tartaruga, que armazenam para o inverno. Procuram localizar suas grandes aldeias em lugares bem altos, a fim de se livrarem da praga das muriçocas, ou seja, dos pernilongos e das enchentes. Devem desconhecer, o uso do tabaco, poiss, durante o nosso contacto, nenhum dêles fumou e quando lhes entregamos cigarros, mergulharam-nos na água para, em seguida, cuspir o fumo que julgavam algum petisco. Gostam imenso de sal, que pediam em altos brados, e de rapadura. Loucos por ferramentas, as primeiras palavras que tiveram para conosco foram:

— Irmão... dá maçado...

Desconhecem o têrmo "compadre", tão difundido entre tôdas as tribos silvícolas do Brasil. Trataram-nos de "irmãos". Palavra suave em bôcas selvagens e que produzia efeito extraordinário, embora pronunciada com cenho fechado e mau.

Falam gesticulando em demasìa. Parece que desejam reforçar, com a mímica expressiva, seus longos discursos cheios de ênfase. Irriquietos, têm olhar inteligentíssimo. Quando lhes cabe a vez de ouvir, quedam imóveis, como estátuas, sentando-se prèviamente, sôbre as pequenas esteiras.

As mulheres não bebem água diretamente do rio. Escavam, na areia da margem, uma cacimba. Isto para impedir que suas imagens sejam refletidas. Deve haver, nisso, uma lenda curiosa, ou apavo-

rante, e que, infelizmente, não me foi dado deslindar. Os homens, ao contrário, bebem à vontade, levando o líquido à bôca com a mão fechada em concha.

Desconhecem o uso da linha e do anzol. Mas pescam abundantemente servindo-se do cipó timbó que fulmina os peixes. Usam também outros métodos quando procuram alimento nas lagoas, onde não desejam, com o timbó, sacrificar tôda a reserva ictiológica; fecham, com uma espécie de cêrca muito bem feita, a entrada da lagoa. No meio desta constroem jiraus tão bem feitos, que tanto o nosso geólogo como o chefe do 1.° núcleo, duvidaram se tratasse de trabalhos executados pelos Xavantes que, em matéria de navegação, evidenciam tamanha ignorância. Foram justamente êsses jiraus, verdadeira obra de engenharia, que nos inclinaram a acreditar na existência de um branco na aldeia que encontramos. Sôbre essas plataformas êles colocam madeiras resinosas que transformarão, à noite, em fachos luminosos; arcos e flechas para fisgar o peixe, cordas, barbatanas e balaios.

Quando da penetração, pelo rio que descobrimos a 25 léguas da embocadura do Mortes, foi encontrada uma lagoa com 38 dêsses jiraus, um acampamento provisório com cêrca de 40 casas e uma grande maloca. Fácil foi certificarmo-nos ser, aquela lagoa, um reservatório onde, em épocas distintas, os silvícolas procuram prover às necessidades de alimentação.

Usam, os Xavantes, nas extensas campinas e nos cerrados, abrir cacimbas cujo conteúdo envenenam com as raízes de caraguatá, ricas em arsênico. A caça cai fulminada ao se dessedentar e

infeliz daquele que, desconhecendo êsse costume, procure apagar a sêde em semelhantes bebedouros que se lhe deparam providencialmente e justamente em territórios pobres de água.

Criam uma única qualidade de cachorros: grandes mastins brancos com pintas marrons, corpo de perdigueiros e cabeça de fox-terrier. Por muito que nos esforçássemos, não conseguimos classificar essa qualidade de cão, que mais parece produto de longo e cuidado cruzamento entre as duas espécies citadas.

*

Estudiosos que jamais se atreveram a percorrer os territórios compreendidos entre os formadores do Kuluene, o rio das Mortes e o Araguaia, territórios êsses que comportam tranqüilamente a Bélgica, Holanda e Portugal reunidos, sobrando ainda larga margem, asseveram, com desconhecimento de causa, que os Xavantes habitam a Serra do Roncador, sendo que os grupos próximos ao curso médio do Mortes representam sub-raças dêsses silvícolas.

E' uma informação falsa, agora destruída pela nossa observação, tanto mais quanto o deserto limítrofe à Serra do Roncador não permite qualquer manifestação de vida. De mais a mais, a Serra do Roncador, ciclópico monolítho, por si só afasta qualquer ente humano pela impossibilidade de nela encontrar meios de subsistência. E' possível, porém, que muito ao Norte dessa Cordilheira, cuja extremidade Sul a "Bandeira Piratininga" alcançou,

outras tribos, sem serem Xavantes, tenham edificado suas aldeias. Mas, em se tratando de uma zona completamente desconhecida, aventar qualquer hipótese é coisa demasiadamente arriscada, pois o nosso escopo é justamente destruir opiniões absurdas.

CAPÍTULO X

EM ZONA SELVAGEM

Estamos acampados na confluência dos dois grandes rios. Em São Pedro do Araguaia, 21 léguas acima, tinha deixado, com um dos moradores, 6 caixas de gasolina e 1 de óleo. Durante o percurso encontrara os velhos amigos Ku-ha-rara e Ceari, da aldeia de Gariroba, que vinham de um entêrro. Foi nessa ocasião que um primo de Arutana, o moço Taraúna, pediu sua incorporação e foi aceito.

Na tarde anterior à chegada a São Pedro, na hora do jantar, reuni todos os homens. Apesar da fartura dos alimentos, cozinhados em bom azeite e manteiga, o paleontólogo sempre arranjava uma queixa e, para secundá-lo, surgiram murmúrios de dois ou três espíritos rebeldes.

Sem muitos preâmbulos, observei:

— Fiquem sabendo, de uma vez para sempre, que isto não é um piquenique. De amanhã em diante as rações vão ser diminuídas, pois devemos economizar, visto que iniciaremos a subida do Mortes e onde tôdas as surprêsas são possíveis! Amanhã chegaremos a São Pedro. Existem possibilidades de regressar a Leopoldina. Os que não se conformam com a minha decisão, dêem um passo à frente!

Ninguém se mexeu! Todos ficaram alinhados, marmitas na mão, aguardando ordens.

Virei-me para o corneteiro:

— Toque rancho!

Todos cobraram a ração, imparcialmente distribuída pelos cozinheiros, sob a vigilância do sub-chefe. Acabou, dessa forma, uma queixa injusta. Indago do médico se falta alguma coisa.

— Em absoluto — responde o dr. Diniz. — A comida é farta, rica em vitaminas, abundante e boa sob todos os aspectos. Não procede a queixa do paleontólogo e de quem quer quer seja!

*

A cozinha é reforçada com dois veados, uns "pintados", tucurarés e piranhas. Mais tarde surgem uns tracajás e muitos ovos, apanhados por Arutana e Taraúna.

Acabou a descida favorecida pela correnteza. Os mecânicos lidam novamente com os motores e Henry Julien teima com o da lancha, que, segundo afirma, deverá subir por si mesma o rio das Mortes. Procede-se à descarga dos batelões para uma nova estiva. O carpinteiro coloca na pôpa do "Piratininga" um suporte para os dois motores que deverão impulsioná-lo.

A estação de rádio não consegue contacto, pois estamos em zona "fading". Por volta das 21 horas, a lancha sai em experiência, empurrada pelo "Penta", de centro que resolveu trabalhar depois de uma série de adaptações, resultado dos esforços e aplicação do Henry e os mecânicos, que inventam novas peças. O entomólogo pula de contente e grita:

— Agora vai... garantido três vêzes!

De fato, parece que desta vez a lancha funcionará. Um verdadeiro alívio.

No dia 1.º de setembro ultimamos nossos trabalhos. À noite conseguimos contacto com a P.Y.H.4, de Rio Prêto, mas por alguns minutos, visto que o "fading" reaparece e isola nossa estação. Inúteis as tentativas do Moacir, que abandona o pôsto às 2 da madrugada do dia 2, data marcada para o início de mais uma etapa.

A partida verifica-se em ótimas condições. O batelão grande, que leva a reboque o menor, impulsionado pelos dois motores, distancia-se da lancha onde também vou encarapitado na proa, segurando a zinga para o que der e vier. Mas a "Arca de Noé" pede reboque e agora vamos ladeando o batelão.

Três léguas acima da embocadura o "Laros" silencia. Mando apraiar em lugar aprazível, numa ilha onde a caça abundante alegra o coração de muitos que antevêem pratos extraprograma...

Aldo, um dos mecânicos da turma, desmonta o "Laros" e não consegue fazê-lo funcionar, visto que o girabrequim está defeituoso e não mais suporta a biela.

Um verdadeiro transtôrno. Apelamos para o dr. Adhemar de Barros, solicitando a remessa de um motor e s. excia., no dia imediato, responde ter enviado, via aérea, um possante "Johnson" de 22 H.P. (*)

A alegria é geral e a "Bandeira Piratininga", assim generosamente amparada, envia um rádio de agradecimentos a s. excia. Já não temo um longo atraso ou uma possível modificação em meus pla-

---

(*) Êste motor fomos encontrá-lo, já no fim de nossa jornada em Leopoldina e, posteriormente, sem nunca ter sido usado, devolvido ao govêrno.

nos. Nosso regresso está garantido, podendo forçar o motor que sobra.

Acampamos na praia até 5, saindo de madrugada. A lancha vai amarrada a bombordo do batelão, auxiliando-o com o "Penta", que resolveu funcionar novamente. Quase perdemos a estação de rádio, devido ao violento incêndio que se manifestou, à noite, na gasolina depositada próxima aos aparelhos e motor do pôsto. Não fôsse o gesto abnegado do expedicionário Francisco Guilherme Whitaker, que se atirou como louco, abafando as labaredas com areia que apanhava febrilmente, teríamos perdido irremediàvelmente a P.Y.N.6, que nos mantinha em contacto com os nossos entes queridos. O telegrafista não abandonou o seu lugar, apesar do perigo, e ficou bastante queimado nas mãos e no rosto.

Agora o pouso é na entrada de um "furo", nas proximidades há uma lagoa piscosa. Accioly organiza um grupo para arrastar a rêde. Até nosso acampamento chegam os gritos dos rapazes que batem nos galhos dos "sarans", esconderijo de cardumes de matrinchãos, piracanjubas, chicotes, tucunarés, aruanã etc.

Já escurece quando a canoa vem forcejando e Benedito Martins grita da popa:

— Socorro, gente! Socorro!

Corremos em direção à montaria. Nela vem estendido, pálido, hirto e gelado, Accioly. Uma grande arraia-fogo ferroou-o no pé direito. Retiramos o rapaz, que perdeu os sentidos, e o dr. Diniz trata com urgência dos curativos, aplicando, logo, uma solução de amoníaco no ferimento produzido pelo duplo esporão.

Accioly delira. São-lhe aplicadas injeções e o médico observa os sintomas. O ferido sua abundantemente um líquido viscoso, não pode descerrar os dentes, tem o lado direito paralisado, experimenta grandes tremores de frio, dôres horrendas que lhe arrancam gemidos. Temos um homem — e que homem! — paralisado durante um mínimo de dois meses!

Passamos a noite tôda à cabeceira do ferido, que continua delirando. Uma injeção de morfina permite-lhe dormir, depois de acalmadas as dôres. A noite é muito fria. Regressam os pescadores, taciturnos e desolados pelo infortúnio do companheiro. Nomeio Renato Paupério para comandar o 1.º núcleo, durante o impedimento de Luís Accioly. Mando preparar uma espécie de poltrona na proa do batelão pequeno, onde irá recostado o ferido. Nuvens de pernilongos nos atormentam até a madrugada seguinte.

Logo pela manhã seguimos rio acima. Assistimos à tremenda luta entre dois monstruosos jacarés, que disputam os despojos sangrentos de um pirarucu abocanhado momentos antes no interior de uma lagoa. Como dois titãs, investem reciprocamente e as poderosas mandíbulas esmigalham ossos com um furor demoníaco. Verdadeiras ondas levantam-se nas proximidades do local da luta. Os dois hidrossauros não se incomodam com nossa aproximação e continuam devorando-se em vida, avermelhando as águas cristalinas, atraindo as famélicas piranhas.

Infelizmente, a luz baça da madrugada, não permite que cinematografemos o duelo cruel. Henry, mal humorado, recoloca a "Kinamo" no estôjo.

Às 17 horas, acampamos na Praia da Onça, pouso conhecido e muito bom. Chamo Battigliotti e digo-lhe:

— Você vai realizar um milagre, consertar o "Laros"!

— Mas é humanamente impossível!

— Nada é impossível. Quero o "Laros" funcionando amanhã ou, o mais tardar, depois de amanhã!

— Mas faltam peças...

— Vamos construí-las!

— Mas...

— Chega de "mas"! Você é demasiadamente hábil para fracassar numa empreitada dessas! Conto com você e com o Anteu!

— Está bem, chefe. Realizaremos o milagre!

Para soldar o girabrequim, utilizamos a fôrça elétrica que o motor da estaço de rádio nos fornece. Depois de várias tentativas, a solda elétrica está pronta. Os mecânicos esmerilham os cilindros, substituem os pistões, dão um "jeito" da biela, parafusam, batem, serram, cortam, criam peças novas, arrebitam e acabam ajustando novamente o "Laros" que, após tantas reformas, tornou-se uma coisa exótica...

Trabalhou-se a noite tôda. Só pela manhã repousamos extenuados.

CAPÍTULO XI

COMEÇAM OS "CASOS"

O dia está muito quente. Arutana e Taraúna trazem oito grandes tartarugas. Os expedicionários Fumis e Vasconcelos aparecem com grande quantidade de peixes. O dr. Tikamer traz a sensacional notícia de ter descoberto, nas adjacências, uma choupana de Xavantes. Pelo sim e pelo não, vou verificar e dou com um emaranhado de espinhos, que as enchentes acumularam, formando uma espécie de cupula. O... etnógrafo, ante nossa desilusão, teima em querer nos convencer da realidade, chamando em seu favor a fábula de que os Xavantes são trogloditas legítimos. Aborreço-me ante a teimosia dêsse cavalheiro que, para gozar um largo passeio, fêz-se apresentar, em São Paulo, por distinto amigo, como notável em sua especialidade. O sr. Tikamer tenta explicar ao paciente Clementino a verdade de suas asserções e mostra, no interior do emaranhado, uns restos de carvão.

— Aqui os Xavantes fizeram fogo... evidentemente cozinharam...

— Mas por que fizeram fogo dentro desta "desgraça" — intervém Henry Julien — se para

entrar, deviam ter esfolado a pele, pois não existe nenhuma entrada?

Mas o "sábio" já devia ter previsto semelhante pergunta. Dando uma volta aponta para um buraco no meio dos espinhos:

— Eis aqui a entrada, senhor...

E, zangadinho, fulmina com seus olhos cinzentos o contraditor. Notamos que os galhos foram cortados recentemente. Não vale a pena discutir. Já sabemos quem os cortou, e, sem mais uma palavra, regressamos.

— E' gozado êsse tipo — diz Henry. — Será que êle nos julga a todos uns bobalhões?

— E' melhor deixá-lo em paz. Agora é tarde demais para arrependimentos. Temos que aguentá-lo. Em todo o caso, quem sabe... Pode ser que realmente êle seja útil quando chegar a hora...

— Sim... você verá a utilidade...

*

Compilava umas notas na minha barraca quando Clementino me procura para dizer:

— Willy, eu vou regressar. Não posso continuar mais. O calor me mata e o revérbero das praias me cega.

Olho estarrecido para o caro companheiro, de cuja bôca jamais saiu uma queixa. Julgo, a princípio, ser uma brincadeira, mas Clementino está sério. Que dizer? Convencê-lo do absurdo dessa resolução? Inútil. Compreendo sua angustiosa situação e não desejo prolongar o martírio.

— Além do que você acaba de dizer, tem alguma queixa da "Bandeira Piratininga"?

— Só poderei ter saudade de todos. Ninguém lamenta mais do que eu não poder continuar.

— Você pensou nas dificuldades do retôrno subindo num batelão empurrado com varejões?

— Pensei...

Desde ontem sabíamos que o sr. Leão, de Mato Verde, andava pelas proximidades, com uma turma de carajás, "mariscando" pirarucus. Sabíamos também que êle regressaria logo e, no Araguaia, cruzaria com o Severiano, direto a Leopoldina. Portanto, a decisão do Clementino nada tinha de absurda. Sem essa fortuita possibilidade, mesmo que sofresse todos os males, não poderia ter sido devolvido à civilização antes do nosso regresso.

Chamo o subchefe e mando que se preparem mantimentos e utensílios para o companheiro que nos abandona. Só possuo Cr$ 155,00. Tôda a fortuna da expedição. Dou-os ao Clementino. Reuno o pessoal, anunciando a decisão do chefe do 3.º núcleo. Todos ficam tristes com a partida do amigo. Nesse ínterim, despontam, na curva, as embarcações dos mariscadores que apraiam. Pergunto ao sr. Leão, depois de tomado um café, se está disposto a levar nosso companheiro e entregá-lo ao Severiano. Diz que o faz com grande prazer, desnudando a alma simples e generosa de caboclo. Aristeu escreve uma carta ao Severiano, recomendando Clementino. Lourival conclui os preparativos da matolotagem: azeite, banha, feijão, arroz, sal, farinha, café, rapadura, mate, cigarros, fumo.

O capitão Zarolho, o velho carajá que todos conhecem, chama-me "meu coração" e fica tranqüilo depois de receber um presente. Também

Maloá, capitão de Gariroba, vem chegando. Faz parte da comitiva e abraça-me com sincera comoção.

— Ocê xabe que Mambiora morreu?

— Sei sim... coitado!

— Xim... coitado... coitado mesmo!

— Morreu da maleita?

— Não! Morreu de feitiço...

O bom índio lacrimeja à lembrança do forte Mambiora, que foi tão meu amigo há um ano. Acalmo a dor do valoroso Maloá com um par de calças cinzentas e a promessa de que, de retôrno, muita coisa mais êle ganhará. O bom amigo vai buscar à canoa um belo "pintado" com que retribui meu "agrado".

O sr. Leão cede-nos um alentado pirarucu. Já o pessoal está todo reunido na praia. Clementino despede-se. Accioly pede para me falar.

— Eu também desejava ir...

— ???

— Estou ferido e só posso atrapalhar. Sou um estôrvo à expedição.

— Você fica! Estôrvo nada! Em breve estará novamente curado. De mais a mais, onde você encontraria os cuidados médicos de que necessita?

— Eu só formulei meu pedido pensando que atrapalhava...

Depois vou despedir-me do Clementino, que está pálido de comoção. Três "hurras" saúdam o colega que, de pé no batelão, acena com a mão. À moda sertaneja, pipoqueiam os tiros de despedida. Clementino descarrega seu revólver para o ar. Depois...

*

Momentos antes de partir, Aldo Battigliotti, que trabalhou o dia inteiro com os motores, sofre as conseqüências de forte ataque de insolação. O dr. Diniz trata-o durante a noite tôda, auxiliado pelo farmacêutico e pelo Lourival, que é o "factotum" da expedição.

Anteu substitui o doente e, com o auxílio de Tácio e Nelson, ultima os arranjos mecânicos. O telegrafista envia os despachos que Clementino recomendou.

Accioly está passando um pouco melhor. A necrose processa-se com extraordinária rapidez e causa horror a chaga purulenta e medonha. Depois de amanhã, êle será operado. E por falar em operação, Raul Rodrigues, operado de um calo arruinado, em Leopoldina, perdeu tôdas as banhas.

José de Barros está de purgante. Embaraço gástrico. Devem ser os ovos de tracajá de que tanto gosta.

Trabalhamos até alta madrugada para ultimar tudo. Henry Julien, ao acionar o motor da lancha, fere-se no pé esquerdo. Lá vai novamente a ambulância para atender mais êste ferido que endereça à "Arca de Noé" todos os impropérios. Perde, assim, o entomólogo Heinz, um precioso aliado...

Cêdo ainda, saimos. Estamos a 8 de agôsto. Somos obrigados atracar adiante, devido a forte vendaval que nos paralisa por três longas horas. À tarde, alcançamos um lago, onde mando armar pouso. O "Laros" necessita de uns retoques. Noite alta trabalha-se na popa do batelão, quando enorme jacaré vem flechando pelas águas tranqüilas do lago. Como um torpedo, vai esbarrar o focinho no

costado da lancha. Tácio Catony atira uma fisga no hidrossauro e resmunga:

— Aí está um jacaré inteligente: quis afundar a "tranqueira" do "dr. Saúva". Até êle compreendeu a inutilidade do trambôlho...

O entomólogo, despertado pelo estrondo, acode, solícito e faz minuciosa vistoria no costado atingido pelo jacaré-torpedo. Nada de grave nas superestruturas do "cruzador", sòmente a chapa de cobre amolgada...

Já a lua descai para o horizonte quando damos por terminados nossos trabalhos. São quatro noites mal dormidas. Vamos para as rêdes. Antes, verifico o estado dos feridos e dos doentes. Estão todos roncando... Bom sinal...

CAPÍTULO XII

APROXIMANDO-SE DOS XAVANTES

A ilha é confortável, possui grande mata, maravilhosas praias, água de primeira. Nela acampamos. Todos se alegram. Sem esperar muito, mando afixar o seguinte boletim:

"Na impossibilidade material de prosseguir a jornada com todos os elementos que compõem a "Bandeira Piratininga", assim como carregar o volumoso material, visto as dificuldades de navegabilidade, oriundas das lamentáveis falhas verificadas nos motores ,resolvo dividir a Expedição em dois núcleos, sendo que um dêles permanecerá nesta ilha, com tôdas as comodidades, guarda do material e embarcações que deixo. O grupo que fica, não porém em completa inatividade, pois que muito trabalho terá na preparação e manteamento das carnes, pesquisas botânicas, embalsamentos etc., é composto dos seguintes homens: Luís Accioly Lopes, chefe do acampamento, dr. J. Diniz, médico, Renato Paupério, Francisco Guilherme Whitaker, Tácio Catony, José Nogueira, João Vasconcelos, Orlando Fonseca, Anteu Lheurouth, Apolinário Ferreira, José Luís Gonçalves e o carajá Taraúna.

O grupo que segue comigo, na parte mais áspera da jornada, grupo êsse que desde já se deve devotar de corpo e alma à árdua tarefa de penetração, onde fome, sêde, frio, calor, perigos a granel surgidão a cada passo, é composto dos seguintes homens: Aristeu Cunha, dr. Henry Julien, dr. João Kaufer, dr. Tikamer Szaffka, dr. Henrique Himmelreich, respectivamente, subchefe, cinematografista, geólogo e engenheiro, etnógrafo, entomólogo; Celso da Silva Rocha, Armando Gozzola, Oscar Almeida Prado, Nelson Guimarães, Napoleão Bucchi, José de Barros, Aldo Battigliotti, Lourival Deus Costa, José Eduardo de Freitas Pinto, Alberico Soares, José de Queiroz, Raul Rodrigues, Benedito Arruda, Benedito Martins, João Fumis, Moacir Vieira de Melo, radiotelegrafista, e o carajá Arutana.

Êste grupo passará bocados bem amargos, ficando, desde já, avisado das agruras que deverá suportar. Vamos penetrar no Desconhecido e, portanto, não sabemos quais os imprevistos que nos aguardam. Temos uma missão sagrada a cumprir: hastear a Bandeira Nacional no mais alto cume da Serra do Roncador e até lá deveremos chegar, mesmo que nosso percurso fique marcado com etapas dolorosas, como, por exemplo: a morte de muitos dentre nós. Um único homem que sobreviva, êste único deverá levar o pendão nacional ao ponto colimado!

Lamento ser obrigado a deixar o dr. J. Diniz, nosso médico. Mas êle tem a cumprir sua missão: tratar dos doentes e dos feridos que aqui também ficam em convalescença. Deus nos ajudando, estaremos de volta até meados de setembro ou, no mais

tardar, em fins dêsse mês. Se até lá não regressarmos, tome o sr. Luís Accioly providências para regressar com o grupo que fica comandando, porque dificilmente voltaremos. Peço encarecidamente aos que ficam, cuidar zelosamente dos víveres e materiais que aqui deixo. E, aos que aguardam nosso regresso, o meu grande abraço de amigo e chefe. Ilha da Seperação, Rio das Mortes, em 9 de agôsto de 1938. (a) — Willy Aureli".

O boletim foi largamente comentado e muitos dos designados para ficar procuravam meios de seguir, oferecendo aos companheiros "felizardos" largas vantagens para substituí-los. Mas nenhum veio a mim queixar-se, tal era a disciplina.

O dr. Diniz fêz-me ver a possibilidade de Raul Rodrigues vir a piorar, julgando necessária uma segunda intervenção cirúrgica. Assim sendo, tratei de substituí-lo por outro homem e, fingindo não reparar na ansiedade de todos os rostos, escolhi Tácio Catony.

Subdivido os homens que seguem em três grupos. Nenhuma preferência de tarefa. A começar por mim. Depois, mando descarregar todo o material, separar o indispensável. Renato Paupério e mais dois homens encarregam-se da passoca de carne, que levaremos como alimento durante a travessia do deserto. Alberico Soares, amazonense, cozinha com perícia a deliciosa carne das tartarugas, que enlata, como víveres de emergência. Dividimos as barracas, as ferramentas e o resto. Recomendo ao Accioly a construção de um pouso e, sobretudo, que mantenha o pessoal em plena atividade. Os mecânicos limpam os motores. O resto do pessoal

faz nova estiva. O batelão grande flutua, aliviado de umas quatro toneladas e navegará com rapidez.

Os doentes que ficam são: Luís Accioly, Raul Rodrigues, Francisco Whitaker, Anteu Leuenroth. Êste, que vem sofrendo de profunda amnésia, esquece-se de tudo, inclusive de uma peça do motor que atirou à água, julgando-a inútil. Quanto ao etnógrafo, levo-o comigo para experimentá-lo definitivamente. Carrega êle um saco de lona cheio que pesa algumas arrôbas. Adaptou-lhe umas correias e, quando anda, parece o Atlas carregando o Universo! Ai daquele que pisasse, ou simplesmente esbarrasse no tal "armário portátil"!

*

O dr. João Kaufer entrega-me o primeiro relatório das pesquisas e observações durante a descida do Araguaia. E' um relato minucioso e de grande alcance. Quanto ao rio das Mortes, êle vem executando meticuloso levantamento, graças ao qual retifico o meu do ano anterior.

Luís Accioly, à noite, explana-me seus projetos durante a permanência obrigatória. Aprovo-os. Por volta das 22 horas, no firmamento iluminado pelo plenilúnio, surge de repente outra luz mais intensa, láctea, faixa enorme que, de S. E., se prolonga e se perde no N. O. Espetáculo raríssimo nestas latitudes, trata-se de uma espécie de aurora boreal, conforme afirma o dr. Kaufer. Todos olhamos o céu puríssimo e alguém aventa ser, aqui, um sinal de sucesso para a nossa empreitada.

A estação de rádio funciona bem. Enviamos e recebemos comunicações. Os que partem, amanhã cêdo comigo, deixam recados, roupas e objetos com os companheiros.

Às 7,30 horas de 10, feitas as despedidas, animados os que ficam com uma ligeira preleção, largamos em boa marcha, impulsionados pelos dois motores. Orlando Fonseca, o nosso caro "Pinguim", que no dizer de Napoleão Bucchi, para abater a caça apoia a carabina numa forquilha adrede preparada, chora copiosamente. Outros lacrimejam, porque a ausência podia ser para sempre. Os "vivas" que os dois grupos se dão, não atingem o diapasão dos dias felizes.

Na primeira curva do rio o acampamento desaparece. Quando regressaremos? Regressaremos todos? Eis as perguntas que formulamos mudamente.

Aristeu vai na patroagem e Aldo cuida dos motores que roncam em uníssono. Há silêncio a bordo, visto que eu proibo cantos e conversas até às 10 horas da manhã, a fim de surpreender alguma caça grossa. Só se ouve o roncar dos motores. A proa, muito erguida, corta a correnteza, levantando "bigodes" esbranquiçados. A reboque, vem a montaria com o material de cozinha e o Benedito Arruda na patroagem.

Passamos rentes a lugares que falam aos nossos corações, pois nêles sofremos quando da primeira expedição. Somos cinco, os "veteranos", e, entreolhando-nos, comunicamo-nos o mesmo pensamento.

*

Por volta das 15 horas do dia 11, quando subíamos sempre em boa marcha, o dr. Kaufer, que ia na proa, manejando os instrumentos necessários ao levantamento do rio, chama minha atenção:

— Veja, sr. Aureli, lá em frente há algo de estranho... Parecem jangadas.

Focalizo o binóculo e realmente deparo com um grupo de jangadas encostadas na praia de uma ilha. Não há dúvida, são jangadas de Xavantes. A notícia corre célere e todos se levantam para observar. Em tôdas as bôcas há um nome: "Xavantes"! Em todos os corações um pulsar mais forte. Os bárbaros do sertão mato-grossense estão próximos! Naturalmente, afluem trágicas histórias, pois a maioria esbugralha os olhos.

Com largo gesto indico ao Aristeu a praia, mandando que encoste. E' regulada a marcha dos motores. Descemos e notamos rastros recentíssimos de tôda uma tribo. Contamos 16 jangadas, feitas da maneira mais rudimentar: paus ocos amarrados com cordinhas. Nenhum sinal de corte: tudo despedaçado com as mãos. Contrastando, as cordas, muito bem feitas, e os laços de amarração, idênticos aos que usamos. Evidentemente, os Xavantes desconhecem completamente outro meio de navegação. Nessas jangadas, que mal suportam o pêso de uma pessoa, êles atravessam o rio das Mortes, investindo para o lugar que devem atingir, depois de calcular a rapidez e a fôrça da correnteza. Bem em frente, na outra margem, há indícios de um pôrto de atracação.

Feita rápida investigação pela ilha, mando que todos desembarquem. Aqui levantaremos nosso acampamento para ver se conseguimos contacto com

os Xavantes, coisa difícil, ou mesmo considerada impossível.

De repente, o dr. Tikamer, o etnógrafo, com as feições alteradas, acerca-se e diz:

— O senhor pretende pousar nesta praia?

— Perfeitamente...

— Mas é uma verdadeira loucura! Aqui morreremos todos! Hoje haverá enorme morticínio!

Fico boquiaberto, tamanha a surprêsa ante essa demonstração de "capacidade profissional e de coragem individual" do especialista... Limito-me a dizer:

— Pois é para morrermos todos que mandei descer o pessoal!

O pobre acredita e implora:

— Mas, senhor! Vamos imediatamente embora! Vamos acampar noutra praia!

Procuro Henry Julien. Êle profetizara tudo isso e dou-lhe meus parabéns. Todos os homens sorriem. Chamo Napoleão Bucchi, chefe de núcleo e digo-lhe:

— Seu grupo está de serviço?

— Sim, senhor.

— Então aproveite para sentinela, hoje à noite, o dr. Tikamer. Garanto-lhe que jamais acampamento algum terá tido melhor guarda...

Em companhia de seis homens, guiado pelo rastro dos silvícolas, dirijo-me à outra margem da ilha. Há um estreito braço de água muito vertiginoso. Atravessamo-lo com o líquido pelo peito. Galgamos curta e íngreme subida, afundamos na espêssa mataria. Numa árvore há um sinal: dois paus atravessados amarrados com embira. Mais além, numa clareira, grande quantidade de balaios,

esteiras pequenas, uma borduna, uma pele de veado, cascas de jabotás, restos de fogo.

Arutana apanha do chão uma cestinha que contém raízes:

— Willy, êste balaio é do "outor" dos Xavantes...

— Do feiticeiro?

— Não; do médico. Olha aqui remédio para dentes e dor de barriga.

O carajá explica:

— Êste é acampamento de descanso e caça. Tudo isso foi abandonado como imprestável. Xavantes foram para cima...

Indica com a mão a direção que "fareja". Resolvo, aproveitando a noite enluarada, seguir o batedor para ir à aldeia. Vou escolher os homens que me devem acompanhar.

De regresso ao acampamento, vou com Aristeu e Alberico à margem fronteira onde existe o pôrto de atracação. Também lá encontro balaios e esteiras. De repente, surge um galo branco. Alvorôço de nossa parte. O galo é perseguido com empenho, mas, arisco, meteu-se numa capoeira e não adiantam esforços e buscas. Uma pena, pois êle seria nossa "mascotte".

Êsse encontro vem confirmar a história de criações de aves domésticas pelos Xavantes. Encontramos outro batedor, socado e amplo. Possìvelmente conduz a um grande aldeamento distante, entre o Araguaia e o Mortes. Não convém arriscar. Já penetramos demasiado e somos sòmente três. De mais a mais, o Sol descamba para o horizonte e muitas coisas restam a fazer no acampamento.

CAPÍTULO XIII

NOITE DE VIGÍLIA

Seguiremos às 21 horas. Catorze homens ao todo. Escolho Aristeu, Lourival, Henry, Heinz, Dr. Kaufer, Benedito Arruda, Arutana, Aldo, Oscar, Alberico, Freitas, Queiroz, Gozzola. Roupa cáqui, botas, embornal, cantil. Nos embornais, carregamos grande cópia de presentes. Ao Oscar e Alberico entrego foguetões e caixas de fósforos. Napoleão Bucchi fica chefiando o acampamento, com guarda reforçada, atento à qualquer ocorrência. Dou-lhe minuciosas instruções.

O etnógrafo, de carabina ao ombro e enorme facão a bater nas côxas magras, "armário" nas costas, mede a largos passos a periferia do acampamento, alimentando as fogueiras. Ótima sentinela!

Às 21 horas em ponto, mando atravessar, na canoa, todos os homens escolhidos. Agrupamo-nos na estreita faixa de lôdo que margeia o barranco, onde, como bôca gigantesca, abre-se o caminho que deveremos trilhar.

Iniciamos, assim, o grande aventura!

Julgo a aldeia dos Xavantes muito distante, mas pode-se dar o caso de estarem acampados pelas proximidades. Portanto, a marcha deverá ser a mais

silenciosa possível e, ao menor vestígio, pararmos bem distanciados, para, com o romper do dia, tentar uma aproximação amigável. Meus homens vêm sendo trabalhados e sabem que os índios são os verdadeiros donos das terras e os intrusos somos nós. Sabem também, por ouvir dizer, que os Xavantes estão aureolados de péssima fama, robustos, agressivos, implacáveis, velocíssimos. Digo aos homens:

— Também terríveis foram os Nhambiquaras, os Bororos, os Parentintins e os próprios Carajás. No entanto, hoje são "nações" pacíficas ou mansas. Não foi a tiros de carabina que êsses silvícolas aceitaram a amizade dos civilizados. Matar um índio é matar uma criança! Justa é a resistência de uma maloca quando, intrusos como nós, surgem de repente. Também êles não podem adivinhar logo nossas verdadeiras intenções. Muito sofreram dos jagunços, tiradores de borracha, garimpeiros, apanhadores de castanhas e outros aventureiros. Não deveis esquecer que para alcançarmos a Serra do Roncador, somos obrigados a atravessar o enorme território habitado pelos Xavantes e, possìvelmente, por outras tribos. Basta que um de vós, num momento crítico, perca a calma e nossa missão irá por água abaixo. Hostilizados, êles hostilizarão. Se bem tratados, possìvelmente nos deixarão tranqüilos. De mais a mais, se formos felizes, poderemos, como ninguém, trocar utensílios, estudar os costumes e índole dos Xavantes, filmá-los e abrir, para outros, a senda procurada. Uma vitória inconteste para nós todos. Devo lembrar-vos, agora, e o momento é oportuno, o que ouvi da bôca do coronel Vicente Vasconcelos, diretor do Serviço de Proteção aos

índios. Êle me disse o seguinte, quando fui ao Rio Rio solicitar a necessária licença:

— Eu tenho certeza, meu senhor, graças aos sentimentos que externa e à maneira com que se conduziu da primeira vez na expedição ao rio das Mortes, que jamais atirará contra um índio. Mas o senhor pode assumir a responsabilidade de seus homens? Poderá impedir que, num momento de pânico, um dos seus companheiros atire, mate ou fira um silvícola?

Digo-vos isso a fim de que, conhecendo meu modo de pensar, idêntico ao do coronel Vasconcelos, nenhuma atitude isolada venha a ser tomada no caso de sermos recebidos com franca hostilidade.

— E no caso de sermos trucidados? — indaga um companheiro.

Trato de contornar a resposta, porque não podia responder: "Seremos mártires e pertenceremos à História". Digo simplesmente:

— Ninguém será trucidado! Vamos em missão de paz, levamos presentes para cativar a amizade dos índios. Se "a coisa apertar", soltaremos foguetes. Isso bastará para afastar um perigo imediato. Agora, uma coisa: posso contar cegamente convosco? Posso estar tranqüilo quanto à calma que deveis conservar em caso de um imprevisto?

Todos, sem a menor vacilação, responderam:

— Pode, chefe!

Escolhera meus homens a dedo. Sabia-os calmos, resistentes, e, sobretudo, disciplinados ao máximo. Então dei ordem de marcha.

Lourival à frente, eu atrás, depois Aristeu e os demais. Fecha a marcha meu bagageiro Benedito, que vai sobrecarregado de presentes. Atravessada

a mata escura, eis-nos numa clareira. Andamos assim u'a meia hora quando, ao margear uma lagoa, lobrigamos uma fogueira. Imobilizamo-nos. Cautelosamente, eu e Lourival vamos beirando o espelho d'água. Verificamos ser um resto de incêndio que, alimentado pela brisa, se reanima, pondo em nossos corações o primeiro sobressalto...

Agora é um cerrado. Lourival, volta e meia, aciona a lanterna elétrica para clarear o caminho estreito e sinuoso. Em fila indiana seguimos sem fazer barulho. Catorze fantasmas que perambulam numa zona prenhe de trágicas surprêsas. Um cantil bate de encontro a um facão, mas o seu causador faz cessar logo o ruído.

O silêncio é profundo. O luar intenso alonga nossas silhuetas, que tomam formas bizarras ao sabor dos acidentes do terreno. Alcançamos outra mata, estacando para um ligeiro descanso. Aristeu diz:

— Somos os primeiros homens civilizados que pisam êste terreno. Isto já é uma satisfação. Maior será quando, travada amizade, com os Xavantes, pudermos dizer: "Fomos os únicos!".

O subchefe sente-se realmente feliz pela rara oportunidade que se lhe oferece. Não cesso de fazer recomendações. Devo prever tudo e não quero que algo seja esquecido e nos apanhe de surprêsa na hora "H".

Retomamos a marcha, em subida. Depois de ligeira descida, a mata investe uma íngreme elevação. Lourival não perde o rastro e avança com infinitos cuidados. Bate em todos os cipós que encontra, fareja armadilhas e, às vêzes, ante minha impaciência, diz, em voz baixa:

— O seguro morreu de velho... Conheço demasiadamente as artimanhas dos índios para me fiar...

A mata prolonga-se. Agora a escuridão é intensa. Os homens avançam, segurando-se pela mão. Novamente o cerrado espêsso e alto. O caminho serpenteia por entre obstáculos naturais, sempre na direção N. O.

Mais uma hora de marcha e nova parada para ligeiro descanso. O contínuo caminhar não nos faz sentir o frio da noite. Mas basta parar uns minutos para que o suor das roupas "vire sorvete", conforme diz Oscar, que toma extremos cuidados com os foguetões.

Agora, o cerrado é ralo. Por êle andamos uns 30 minutos para cair num queimado sem fim. O incêndio devorou, há pouco, enorme área. A cinza alta e fôfa ataca as gargantas. Os galhos queimados emporcalham-nos. Tudo é prêto, até o firmamento que parece absorver a tinta agourenta do chão martirizado.

*

Lourival, que me precede de dois metros, estaca e levanta a mão. Faço o mesmo sinal, que é transmitido por todos. A pequena coluna imobiliza-se novamente.

— Há fogo lá bem em nossa frente — murmura Lourival aos meus ouvidos.

Fixo o olhar na direção indicada e lobrigo um tênue revérbero avermelhado que pinta as fôlhas dos arbustos. Só o olhar de lince do nosso ponteiro

poderia ter dado com aquilo, pois o luar diminuia o cintilar das brasas. Faço sinal ao Lourival para que siga com cuidado. Eu o acompanho. Verifico o cronômetro: são exatamente 40 minutos da madrugada.

Como se lê nas novelas de aventuras, vamos rastejando sem fazer o menor barulho, uns 500 metros. Súbito, Lourival agacha-se. Faço o mesmo. Levantando o braço, êle aponta algo na minha frente. Estico o pescoço e lobrigo, a uns 15 metros de distância, sentados rente às brasas, dois possantes silvícolas! Surgem numa espécie de enorme degrau que dá acesso à aldeia. Vislumbro várias casas de palha, à esquerda e à direita. Uma, enorme, arredondada, deve albergar quase uma tribo inteira. De lá nos chega o ruído lacerado de uma tosse convulsa. Isso deve interessar os dois xavantes que passam a conversar. Só ouço: "Huum... Huum...", assim como o piar de mutuns. O que está à esquerda, ri gostosamente. Depois, aponta ao companheiro a choupana de onde partiu a tosse. Os dois gigantes brônzeos não sabem que dois civilizados, a quinze metros devoram-nos com o olhar! E nós dois, sentindo o coração pulsar fortemente no peito, a conjeturar qual o nosso fim se formos pressentidos! A situação não é nada invejável. Noto porção de cães enrodilhados aos pés dos dois índios. Basta que o vento, agora favorável, mude de direção e a nossa presença será imediatamente denunciada. Puxo uma perna de Lourival, que mais parece uma estátua. Para cúmulo, a cinza provoca-me intenso ardor na garganta. Aperto desesperadamente os dentes e sinto as veias do pescoço inchar, mas não tusso! Só quem

teve de sufocar um acesso de tosse violenta poderá julgar o esfôrço que despendi naquele momento! Lourival compreende e imita-me, afastando-se de gatinhas. Bastaria o barulho do facão arrastado, um galho partido, a queda da carabina, para acontecer sabe Deus o que!

Assim, como caranguejos, retrocedemos duzentos metros. Depois, novamente de pé, alcançamos os companheiros. Mando recuar, dois homens de cada vez, com as maiores cautelas. Eu fico com Aristeu e Lourival, para espreitar, temendo que qualquer ruído tenha chegado aos ouvidos agudíssimos dos silvícolas. Nada, felizmente. Nem os cachorros acusam nossa presença. Um verdadeiro milagre! Passados largos minutos, retrocedemos. A 10 metros de distância não dou com os companheiros, tão camufladas ficaram as roupas cáqui sujas de carvão. Se fôssemos Xavantes, teríamos caído nos braços dos nossos homens, sem ter tempo de esboçar um gesto. Êsse fato tranqüiliza-me bastante, pois, à pouca distância, poderemos nos esconder com facilidade, confundindo-nos com os arbustos queimados. Retrocedemos um quilômetro, parando à orla do batedor.

De repente, verdadeiro côro de latidos furiosos levanta-se da aldeia xavante. A cachorrada deve ter cheirado algo. Mando retroceder mais um quilômetro, colocando-nos fora do alcance dos farejadores de quatro patas. Acampamos numa clareira, próximo ao caminho, sôbre a cinza, depois de ter colocado uma sentinela avançada. Estamos gelados, imóveis, ouvidos atentos. Os cachorros ainda latem furiosamente. A êles une-se o "concerto" da porcada.

— Uai! — diz Aristeu. — Os Xavantes criam porcos no chiqueiro!

Assim deve ser, pois a porcada continua a grunhir num ponto fixo. Agora é a vez dos cachorros mudarem de tonalidade. São guinchos de dor que rasgam os ares da noite. Os índios, aborrecidos com os latidos, devem estar descendo a borduna no espinhaço dos "fidelíssimos". Assim, entre latidos, guinchos e pauladas, passa-se mais uma hora.

*

— Vamos aguardar a madrugada, — digo aos meus homens. — Quando o sol despontar, iremos à aldeia e faremos exibição dos presentes, tentando um contacto com os misteriosos senhores do cerrado.

Digo isso, mas não tenho muita confiança no êxito final. Em todo o caso, uma vez na dança, devemos dançar até o fim.

Há muitos palpites. Uns acham que seremos recebidos triunfalmente, outros, com hostilidade.

— Não devemos assustá-los — digo eu. — O "x" da questão está nisso. Assustados, ou fogem ou revidam. Nos dois casos, adeus estudos e adeus contacto!

— Efetivamente — diz Aristeu. — Se surpreendidos, não podendo dar fuga às mulheres e crianças, resistem ferozmente. Aliás, isto é de todos os silvícolas, e eu julgo os Xavantes pelos outros que conheço...

— Mas é natural — intervenho. — E' próprio do homem defender seus bens e a prole. Até o irracional o faz, quando acossado, quanto mais um ser humano, seja êle Xavante ou turco.

— Poderíamos penetrar agora na aldeia, sem prévio anúncio de barulhos — aventa o Lourival.

— De noite, seria mais fácil a aproximação e os Xavantes, refeitos do primeiro susto, vendo-nos calmos, não teriam dúvidas em se acercar...

— Loucura! Haveria pânico e, na escuridão, era uma vez embaixada de amizade... Vamos aguardar dia claro.

Todos estamos cansados. Um ou outro, encostando o corpo no chão, trata de dormir com "um ôlho só, acabando de sujar-se na cinza e no carvão. Benedito, sempre previdente, desencanta uma garrafa termo cheia de café. Alguém roi rapadura, outros fumam dentro de um buraco aberto no chão.

Henry queixa-se do frio. Bate os dentes. Está só com o "macacão" que peneira o ventinho frígido. Aos poucos, todos choram a falta de um cobertor. Que fazer? Devemos suportar a noite sem fim, onde os minutos são contados como horas e as faculdades visuais e auditivas estão intensamente voltadas na direção da aldeia pouco distante, incógnita acabrunhadora que sòmente pela manhã poderemos decifrar!

CAPÍTULO XIV

UMA ESCARAMUÇA NA TERRA ONDE DESAPARECEU FAWCETT

A Lua desapareceu há muito. Escuridão. O cansaço aumenta com o passar das horas, e a posição incômoda anquilosa as juntas, que estalam ao menor movimento. Caiu abundante orvalho aumentando a maquilagem forçada. Água e carvão, de mistura, escorrem pelo nosso rosto. Uma espécie de graxa de sapato adere às nossas fardas. Aumenta o frio. Todos estão quietos. Não adiantam lamúrias. À tênue luz da brasa de um cigarro, vejo o cronômetro: quatro horas. Mais duas horas de lento martírio! Quantas saudades da fôfa areia e da praia distante e do cobertor amigo! Penso nos companheiros que lá estão dormindo tranqüilamente, acalentados pelas grandes e alegres fogueiras. Depois esforço-me para não pensar em comodidades, mas na maneira com que seremos recebidos pelos brutos do sertão. Bem? Mal? Perecerá algum dos meus homens? Teremos a calma suficiente para enfrentar uma dolorosa surprêsa? Poderemos exibir ao mundo o filme dêsses Xavantes, que a todos intrigam pelo modo como se mantêm afastados da

civilização? Poderemos estudar-lhes calmamente os costumes, a língua, as lendas? Colheremos material para os museus? Encontraremos o rastro do coronel Fawcett e outros exploradores misteriosamente desaparecidos? Estou a dois passos de um mundo de revelações. Começo a sonhar de olhos abertos. Imaginem: topar com o sábio britânico, ou com o seu rastro! Que comunicação ao Mundo, que alvorôço! Deixo-me levar pela fantasia e, com isso, esqueço o frio e o cansaço.

Jamais desprezei a menor referência ao misterioso desaparecimento do cel. Fawcett, seu filho e o médico que os acompanhava. Há dois anos venho indagando, pesquisando, sondando a selva. Não é meu objetivo o encontro do etnógrafo inglês, mas não desprezo a investigação, uma vez no coração da zona onde êle desapareceu. E não sòmente êle. Desde o ano passado que, em São Paulo, um dos chefes da United Press solicitou-me indagar do paradeiro do jornalista carioca Horácio Fusoni, pertencente a essa importante agência telegráfica. Êste, em 1932, acreditando na história narrada por um cidadão suíço, que dizia ter visto Fawcett prisioneiro dos Xavantes, organizou uma expedição composta de catorze pessoas, sete cuiabanos, e sete paraguaios, e desapareceu para sempre! Já na minha expedição passada tentei esclarecer tudo. E' de notar que meu próprio subchefe, da primeira expedição, tenente Gabriel, vira, pela última vez, o colega hoje sumido, bem como todos os seus companheiros. O mesmo roteiro do cel. Fawcett, o mesmo misterioso desaparecimento.

*

Arutana e Taraúna aludiram a "um chefe branco dos Xavantes". Há um ano, muitos caboclos e muitos carajás do Araguaia disseram-me a mesma coisa. Um índio guarani, de Mato Grosso, que percorrera seu Estado natal, também me falou no "chefe branco", o qual, marcado pelo mal de Hansen, procurava entre os Xavantes, com "outros chefes brancos", o seu derradeiro refúgio. Disseram-me mais: que o homem branco, curado de seu terrível mal pelos Xavantes, dêles não mais se apartara, ensinando-lhes coisas úteis, mas mantendo-os afastados de qualquer contacto com civilizados.

O mais interessante é que a data do aparecimento dêsse problemático chefe branco coincide estranhamente com a data do desaparecimento de Fawcett!

Fui arrancado a êsses pensamentos pela lívida luz da madrugada. Forte cerração baixara sôbre os campos, transtornando os efeitos da filmagem, tanto assim que, às 6 horas da manhã, o fotômetro ainda indicava luz insuficiente para a "Kinamo".

Resolvemos esperar mais um pouco. Neste ínterim, fomos nos observando. Que fisionomias, santo Deus! Legítimos carvoeiros! Tentamos, com os lenços, limpar o rosto. Conseguimos ùnicamente espalhar a graxa pegajosa.

Às 6,40 horas Henry comunica que a luz já é suficiente. Reorganizo o grupo e prosseguimos na marcha. A uns 500 metros do aldeamento, lobrigo novelos de fumaça. E' a preparação dos alimentos. São muitos, porém, os fogos, razão por que observo aos meus homens:

— Pelo visto, topamos com a capital dos Xavantes. Coragem que a "marmelada" vai ser grossa...

Disse isso em tom de brincadeira, mal sabendo que, daí a minutos, a "marmelada" seria grossa mesmo.

*

Empunhamos os presentes: facas, colares, bugigangas vistosas. A ordem é a seguinte: ao penetrarmos na aldeia, levantaremos os braços, agitaremos os capacetes de lona, e gritaremos: "Amigos... Amigos...". Nenhuma arma deverá ser exibida, mas todos devemos estar de olhos bem abertos e sempre unidos.

Vislumbro os Xavantes que se movimentam na aldeia. São muitos. Da pequena elevação que precede a descida, posso observar o perfeito alinhamento das casas de quatro águas, a roça dividida em talhões: cana-de-açúcar, milho, mandioca e uma espécie vegetal que, à distância, não identifico. Terreno socado, grande chiqueiro com muitos porcos, centenas de galinhas. Descubro, ainda, um tanto inquieto, bem em frente, outra aldeia que, de relance, calculo albergar uns 500 indivíduos. A forma das casas deixa-me realmente intrigado, pois nenhum silvícola costuma fazer suas casas com quatro águas, nem duas. Todos, indistintamente, dão-lhe forma arredondada. Também fico maravilhado com a roça, que obedece a todos os preceitos agrícolas. Não menos me admira o chiqueiro, tal e qual como se usa nas fazenlas. Há ordem e limpeza. Mulheres

robustas e belas, na esplendorosa nudez primitiva, trabalham calmamente, carregando grandes balaios e recipientes que se assemelham às batéias. Homens alentados circulam. Muitas crianças, muitos cachorros, êstes, enormes, brancos com pintas marrons.

Ordeno ao Henry:

— E' agora. Podes cinematografar.

Êle empunha a "Kinamo" e aciona o contacto. Nesse momento, grito o característico "eh!" do sertão. Ninguém me presta atenção! Estamos a poucos metros dos Xavantes e êles continuam despreocupados. Um segundo grito e... o mundo veio abaixo!

*

Uma índia olha estarrecida para o nosso grupo que, para ela, surgiu da terra. Esbugalha os olhos, atira para longe o balaio, levanta desesperadamente os braços e lança tamanho grito que, no mínimo, foi ouvido a léguas de distância.

— Que pulmões! — penso eu. — Aí está uma cantora que faria sucesso!

Mas a coisa não é para brincadeira. Respondendo ao uivo da espavorida senhora Xavante, tôdas as mulheres gritam em uníssono! Um verdadeiro inferno! Agarram as crianças, que gritam também. E fogem, rápidas, segurando os petizes pelos cabelos, pelo pescoço, levantando-os do chão pelas orelhas. Os homens também olham como se vissem o demônio. Num primeiro e natural impulso, correm. Nós estamos parados na orla da enorme aldeia que parece não ter fim. Agitamos os braços, exibimos os presentes e gritamos:

— Amigos... Amigos... Nhãkantó (que vem a ser a mesma coisa em tapirapé), Arueyry (mesmíssima definição em carajá).

Teríamos sido compreendidos? Os homens param. Possìvelmente o terror perturba-os, pois ficam indecisos. Depois avançam, cautamente. Negaceiam os corpos robustos.

— Estão vindo... Compreenderam nossas intenções! — grito aos companheiros.

Aproximavam-se, de fato, mas para apanhar as flechas e os arcos que se encontravam encostados às choupanas. Um latagão avança e retrocede, receoso. Alonga os braços para apanhar as armas e recua. Berro-lhe:

— Amigo... Amigoóooo!

E agito os braços como um moinho de vento, sacudindo meia dúzia de colares. Êle compenetra-se da minha intenção amiga e, lépido, abraça um volumoso feixe de flechas. As coisas encrespam e nós continuamos gritando. Surge um verdadeiro gigante. Colossal! Seu peito parece escudo de gladiador! Deve medir uns dois metros e pico. Solta um urro que é uma ordem. Imediatamente, da grande maloca central começam a sair os índios. Um nunca acabar! Deve haver algum subterrâneo na maloca, pois não se compreende tal número de guerreiros. Correm, empunhando as terríveis bordunas, arcos e flechas.

Da encosta fronteira vem descendo outro exército! Maravilhosa formação, idêntica às legiões romanas! Observo tudo nìtidamente, gravando na retina os menores contornos do quadro estupendo. Os guerreiros trazem flâmulas amarradas a uma lança. Para cada pelotão, de uns 50 homens, uma

flâmula rubra! O gigantão, com ares de King-Kong, dá outras ordens. Os guerreiros bipartem-se e correm para o cerrado.

Aristeu grita:

— Olha o cêrco, minha gente! Cuidado!

De fato, estamos sendo fechados num perfeito círculo. São centenas de cabeças que emergem da vegetação. Benedito Arruda enfrenta o gigante e grita-lhe o "Nhãkantó" com voz trovejante, fascinando-o com o mostruário de facas e colares. O chefe deposita no chão o arco e as flechas e faz sinal para que nos aproximemos.

Mas eu já gritara para Oscar soltar o primeiro foguetão. Êle acende o estopim e Aristeu atira-se para apagá-lo, porque notara o sinal do King-Kong. E' tarde! O rojão estoura no espaço. Outro ziguezagueia em seguida. Os fortes estampidos espantam os silvícolas, que abrem o cêrco, afastando-se de nossa frente. Disso aproveitam três companheiros, tomados de pânico, para debandarem. Corro-lhes no encalço e seguro o primeiro pela gola!

— Para desgraçado! — grito-lhe. — Quer morrer, Se você se afasta será a primeira vítima! Não adianta apostar corrida com os Xavantes!

Empurro-o brutalmente para trás. O momento é crítico. Chovem as primeiras flechas. Estamos no meio de um cerrado, sem nenhuma defesa.

O segundo fugitivo passa por mim. Não há outro meio: alcanço-o com a coronha de meu mosquetão. Estaca gemendo. Empurro-o para junto dos demais, e grito?

— Aristeu! Segura os homens do centro! Lourival e Benedito, olhem a retaguarda! E vocês todos! Calma! Calma, muita calma!

Um dos que se apavoraram guincha:

— Vamos morrer todos! Minha Nossa Senhora! Chegou a nossa hora!

— Você acaba morrendo se não fecha essa bôca! — exclamo, no paroxismo da raiva. — Conservem a forma e nada acontecerá. Soltem os foguetes sem parar!

Henry Julien apanha as cenas. Na película veremos os nossos gestos e "tremeliques"...

Avançamos entre gritos de guerra e insultos dos agricultores, que ficam na aldeia com as mulheres. Estas nos bombardeiam com recipientes e pedaços de madeira.

Heinz, com os olhos desmesuradamente abertos atrás das lentes, grita:

— Olha as flechas!

Viro-me para mandá-lo calar e vejo-o cambalear e cair. Uma flecha atirada com fôrça inaudita, alcança-o nas costas. Felizmente estavam protegidas pela moxila de couro onde conserva os tubinhos de armazenar formigas. Foi o impulso vigoroso da flecha que o derrubou. Julgo-o morto e grito para o Henry, que vai na frente:

— Para, Henry, que o "Dr. Saúva" morreu!

Paramos. Heinz levanta-se. Está junto ao Aristeu. Nisto, um Xavante surge atrás de u'a moita, estica o arco e solta a flecha. O dr. "Saúva" esconde o rosto com as mãos, num gesto instintivo, enquanto Aristeu desvia magistralmente o dardo com um movimento de cabeça. Uf! Que susto! Arutana dá um grito. Ergue o braço direito, atravessado por uma flecha, e deixa cair a carabina. Os dardos chovem de todos os lados. Os foguetões continuam estrugindo nos ares, a cachorrada dos

índios investe raivosa, as mulheres uivam como doidas e os guerreiros agitam as flâmulas, gritando. Benedito arranca a flecha do braço de Arutana e o dr. Kaufer amarra o ferimento com um lenço.

Eu continuo gritando:

— Calma, rapaziada! Não é nada! Vamos... em ordem. Calma!

Mas tenho poucas esperanças. Mentalmente, despeço-me dos meus entes queridos, pois estou prestes a iniciar a maior expedição dêste planeta...

Acabam-se os foguetes. Assim mo informam. Mando fazer descargas para o ar. Cinco homens de cada vez. Ordeno que três homens olhem à direita e três à esquerda. Todos enxergam índios e eu nada descubro. Tanto grito pedindo calma que, finalmente, a marcha se torna mais ordenada. Estamos já no local onde deixamos vários objetos. Apanhamo-los e ganhamos a clareira, cada um por sua vez. Benedito, na retaguarda, dá pulos de gatos para espantar os índios que vêm, aos magotes por êsse lado. O trucidamento não tarda. Estamos sendo encurralados!

*

Os Xavantes atiçam os cachorros. Devemos a isso a nossa salvação! A matilha avança. Mastins colossais que abrem a bôca e põem à mostra dentaduras aterradoras. Benedito possui um foguetão, que guardou para o fim. Solta-o em direção à cachorrada. O estouro dos fogos paralisa os cães e os índios que vêm logo atrás. Mas um mastim não se atemoriza e investe com fúria hidrófoba. Vejo Benedito saltar de lado para se livrar. O mesmo faz

o dr. Kaufer. Já o cão avança contra Arutana que, por perder muito sangue, vem cambaleando. Rápido, o meu bagageiro aponta a carabina e atira. O mastim dá um pinote. Outro tiro desfechado pelo dr. Kaufmann, fulmina-o. De enorme brecha aberta no peito mana abundante o líquido rubro. O cachorro estatela como um sapo. Os bárbaros, vendo isso, estacam. Compreenderam o poder de nossas armas e sabem que se quisermos usá-las contra êles, acontecerá a mesma coisa que aconteceu ao cão. Aproveitamos a trégua para nos afastarmos o mais possível.

CAPÍTULO XV

CONTACTO COM OS BÁRBAROS

Afundamos no cerrado que vai dar na mata, atravessada à noite.

— Na mata é que seremos massacrados!

— Pois é justamente na mata que nada acontecerá — retruco. — Os Xavantes são índios de cerrado e não atacam na floresta...

— De mais a mais, na mata poderemos defender-nos melhor. Pelo menos, os troncos das árvores servirão de abrigo — observa Lourival que, a meu pedido, está novamente à testa da coluna, para rastejar o caminho.

Verifico que os índios não mais nos perseguem. Sumiram de vez. Pode ser que estejam dando volta para armar uma cilada. Animo os homens na medida do possível. A mata aproxima-se e nela penetramos, não sem certos cuidados. Alcançamos um "limpo". Respiramos! Agora a cilada não será mais possível, pelo menos durante um bom percurso. Dou descanso aos companheiros e mando fazer uns disparos para o ar para avisar o pessoal do acampamento de nossa chegada.

Há risadas histéricas. Uma espécie de desabafo, após tanta angústia. Vimos a Morte a dois passos.

Agora, cada qual exprime de vários modos suas impressões, interessantissimas por serem ditadas pela excitação ainda latente. Melhoramos o tratamento de Arutana, que pede queimarmos a ponta da flecha que o atingiu para "evitar feitiço", feito o que, vamos tocando. Lá, mais adiante, teremos nova restinga de floresta, e é bem possível um encontro que ninguém deseja.

— Que maravilhosa impressão a dos Xavantes com relação aos civilizados! — sai-se um companheiro. — Como amostra de "conquistadores", não poderia ter sido melhor.

— Deixá-los com essa impressão. Antes assim. Êles verificarão nossa intenção pacífica e "darão fala".

— O que êles poderão dar é borduna...

— Você teria preferido uma chacina? Poderíamos ter destroçado tôda a maloca. Naturalmente, depois disso você ficaria mais satisfeito...

— Não, chefe, em absoluto. Não quero me referir ao revide. Sòmente acho que terão uma péssima impressão dos civilizados.

— Fique sabendo que a verdadeira coragem, nós demonstramos há pouco, mantendo a serenidade para sairmos da enroscada! E, note bem, foi um verdadeiro milagre!

— Foi, foi um milagre — atalham os demais. — Deus está conosco.

— Jamais pensei alcançar novamente a praia...

— Nem eu...

— Cuidado, rapaziada, que a praia ainda está distante...

O rapaz, que fôra atingido pela minha coronhada, acerca-se e diz:

— O senhor deve desculpar por eu ter fraquejado. Nunca me encontrei em situação dêsse gênero. Perdi a tramontana. Não sabia o que estava fazendo.

Abraço-o e respondo:

— Você também deve me desculpar. Mas o momento não era de brincadeiras e eu fui obrigado a agir brutalmente. Uma debandada seria o fim de muitos, pois teríamos sido obrigados a vender bem cara a nossa pele. Hoje teria sido o ponto final da expedição!

Benedito junta as flechas que foi apanhando no caminho. Faz uma importante descoberta: na base, onde se unem as aletas, há uma espécie de depósito. Nêle, um grosso espinho de ouriço. Deve estar envenenado. Ninguém pode explicar a serventia. Suspeita-se que êle sirva para aguçar mais ainda as flechas nos combates. Naturalmente, a pressa do ataque impediu aos Xavantes armarem, com êsse aguilhão, as armas já por si demasiadamente mortíferas. Tornamos a colocar as pontas em seu lugar e seguimos viagem. Concluído o estirão, e já cercados pela floresta, ouvimos um tropel. Em guarda, ansiosos, aguardamos a novidade. Na orla da mata aparece Napoleão Bucchi, com seis homens do acampamento. O generoso companheiro parece uma anta, tal a violência com que vem quebrando paus e galhos. Noto, à distância, sua fisionomia alterada pela ânsia de chegar a tempo.

Gritamos, a fim de evitar um possível... fuzilamento. Agora são abraços e desabafos. Todos querem saber das novidades. Um pouco atrasado, sempre com aquela calma "made in England", chega Tácio Catony. Qualquer acontecimento dei-

xa-o impassível. Depois de ouvir o relato dos companheiros, diz:

— Vejam só! Eu sempre acreditei que os Xavantes fossem uma lenda...

*

A última "puxada" é feita em boa ordem. Napoleão e seus homens formam o grupo dos batedores. Vamos arrastando nossas pernas trôpegas pela fadiga de dois dias e uma noite. Estamos à beira do braço d'água que separa a ilha onde acampamos. O etnógrafo lá está, com o telegrafista, indagando pela nossa integridade física. Naquele momento perdôo-lhe, de todo coração, as falhas de sua atitude anterior. Sei que andou vigilante a noite tôda e foi o único, logo pela manhã, a ouvir os foguetões. Que ouvidos!

Em companhia de Oscar, galgo novamente a encosta, a fim de "dar uma espiadela". A meu ver, algo se esconde atrás de um tronco, à distância de uns 50 metros.

— Você nota alguma coisa?

Êle olha e diz:

— Parece um macaco... não... é uma arara...

— Espie melhor...

— Jesus! São os Xavantes!

De fato! Lá está todo o exército vermelho, espreitando nossa passagem, mas sem hostolizar. Eu e Oscar atravessamos o braço d'água, levantando os embornais e as armas para não molhar.

Já no acampamento, que dista uns 600 metros, sorvemos um café preparado pelo nosso guia Martins. Depois procuramos nas águas do Mortes um

9 — O Xavante Panuéma gosta do contato com o civilizado.

10 — Arraia fôgo, um dos perigos dos rios matogrossenses.

refrigério. Limpos, metidos em roupas mais leves, fomos descansar.

A sentinela grita:

— Os Xavantes!

Olhamos para a outra margem da ilha. Um possante silvícola está espetando na lama cinco flechas. Depois, com largo gesto, faz a chamada. Querem "fala"! O momento é de regozijo. Seremos os primeiros civilizados a ter contacto amigável com os rudes senhores do imenso território!

— Aí está o resultado do nosso procedimento. Não disse que os Xavantes perceberiam nossas boas intenções?

Acompanhado pelo bagageiro e cinematografista, dirijo-me aos silvícolas. Para infundir maior confiança, arrancamos as roupas e nus, como viemos ao mundo, acercamo-nos. Vendo-nos assim, aproximam-se. São quatro e gesticulam. Constatamos então, não sem certo "remorso", que, sob as sarans das margens, estão acocorados todos os guerreiros da tribo.

— Vamos virar paliteiros...

— Melhor é mostrar serenidade, porque agora é tarde.

Ficamos indecisos, metidos n'água até a barriga, sem retroceder e avançar... Henry agita a "Kinamo". Cautelosamente, os Xavantes aproximam-se. Grito-lhes:

— Amigos... Amigos...

Êles respondem:

— Irmãos! Irmãos!

Quase tombamos, tal a nossa surprêsa! Sim, os Xavantes falam português! Confirma-se aquilo que passava como lenda! Estamos mais animados. Se

nos chamaram de irmãos, é porque têm boas intenções. Mais tranqüilos, avançamos alguns metros. Benedito, muito prudente, avisa:

— Pode ser cilada... Cuidado, chefe. Não se arrisque...

Estaco e faço sinais. Da mata, sai um índio. Traz um cinto branco, de fibra, que lhe fecha os rins. No braço esquerdo apoia uma cabaça de onde extrai, por três vêzes, um pó branco que atira para o ar e grita:

— Ehôum Ehôum! Ehôum!

E em seguida:

— Irmô!... Irmô!... Irmô!...

Sorri, mostrando maravilhosa dentadura. Tudo indica que é um chefe e, com aquêle gesto, quer soldar a amizade. Fazemos, mais ou menos, o mesmo e, na falta de uma cabaça com o respectivo pó, Benedito inclina-se num genuíno salamaleque oriental, gritando:

— Nhakantô... Nhakantô...

Como por encanto, surge um gigantão, segura um galho de arbusto e, fazendo mímica expressiva com a mão livre, pede:

— Maçado... maçado...

Quer machado, instrumento precioso para êsse povo sem ferramentas! Digo que sim e aponto para o acampamento. Êles compreendem. Vamos à cata de ferramenta pedida. Henry fica e vai cinematografando. Logo depois regresso carregando machados, pás, enxadas, picaretas de corte, facas, enxós. Os índios gritam e pulam de alegria. Um guerreiro agita a flâmula. O índio da cabaça faz sinal para que depositemos todo o material na orla da praia. Assim fazemos, formando extensa fileira.

Com gesto imperioso, agora, o cacique acena para nos distanciarmos e uiva:

— Agúra tudo embúra! Tudo embúra! Motó! Motó!

Obedecemos, que outra coisa não podíamos fazer, e eis que os índios se precipitam, disputando as ferramentas. Deixam, como presente, seis flechas. Novamente em suas posições, tornam a chamar. Retornamos. Junto às flechas, depositaram cinco balas de revólver que alguém deixou cair na retirada. Uma verdadeira prova de estima por parte dêles. Começam então as longas conversações. O português dos Xavantes é muito confuso. Poucas frases, de mistura com o idioma gutural nativo. Querem saber meu nome e dos dois companheiros. Eu também quero saber se realmente são Xavantes e indago:

— Vocês são Boróros?

O cacique fica brabo. Diz que não e aponta para longe, para o Sul:

— Lá... lá... Boróro...

Enquanto isso, outros pedem mais coisas. Começa nossa "via crucis": um vaivém contínuo. Meus homens querem ver os índios e eu proibo qualquer aproximação. Mais tarde, três de cada vez, irão palestrar com os novos amigos. Por enquanto, tratemos de consolidar as relações.

Estou ainda no acampamento, reunindo materiais, quando os Xavantes chamam:

— Willy... Willy!

Nunca mais esquecerão meu nome. Gritam e chamam, ansiosos como crianças que aguardam um doce prometido. Levamos-lhes latas de gasolina vazias, recipientes, rapaduras, saquinhos de sal,

barbante, linhas de pescar, anzóis, bonequinhas para crianças, sanfoninhas, caixas de papelão, colares, embornais.

Benedito faz uma demonstração prática com as latas de gasolina. Um verdadeiro sucesso! A alegria da bugrada é imensa. Nova oferta de material, novo recuo e novo avanço dos Xavantes que tudo carregam, deixando, outra vez, meia dúzia de flechas como retribuição. Tudo levam, exceto as bonecas que pisam, furiosos.

Contudo, fiar-se nos Xavantes não é lá muito prudente. Dêles sabemos ùnicamente que são belicosos, ariscos e traiçoeiros. Ùnicamente a necessidade de estudá-los em primeira mão é que me leva arriscar a vida, nu em pêlo, exposto às tremendas ferroadas dos mosquitos, crestando a pele aos raios do Sol alto, a metade do corpo dentro d'água, pés machucados pelo cascalho pontiagudo do leito do rio, alvo estupendo para um exercício de arco!

Para dizer alguma coisa, peço aos índios um arco. Responderam:

— Amanhã... amanhã...

Fazem sinal, como para demonstrar a impossibilidade de atender e apontam para longe, para a aldeia. Não se querem desfazer dos seus arcos. Atiram dentro d'água algumas flechas e pedem para que as apanhe. Gostam de ver os meus mergulhos e riem, contentes. Qualquer sacrifício compensa êste intercâmbio de presentes e gentilezas, após os trágicos momentos vividos. Henry filmou vários dêsses episódios.

Embora com as costas picadas pelos borrachudos, não posso me retirar, porque os Xavantes exigem minha presença. Se me afasto, gritam por

mim e sossegam quando volto. Gostam de "bater papo" e, esquecidos do português, palestram comigo no palrar nativo. Faço que entendo e digo sempre "sim". Noto que ficam satisfeitos.

Os saquinhos de sal passam de mão em mão. Lambem-nos. Não estão satisfeitos e pedem:

— Sal... Sal...

Benedito, já cansadíssimo, resmunga:

— Vou armar um côcho...

Também estou quebrado de cansaço. O cinematografista já se retirou. Faço o mesmo. Voltarei mais tarde. Que tenham paciência, mas sinto imperiosa necessidade de dormir.

CAPÍTULO XVI

SEGUIDOS, ESPIADOS, AMEAÇADOS

Os índios continuam a receber a contribuição amiga dos expedicionários: facões, foices, recipientes, camisetas, etc. Como o calor é tremendo, meus companheiros de jornada desistem das caminhadas pela praia escaldante.

Mal consigo repousar duas horas. Os Xavantes tanto insistem por mim, que, afinal, conseguem o desejado. Só quem andou pelos sertões do rio das Mortes poderá fazer idéia do tormento que é a travessia de uma praia, lá pelas 14 horas. Pisar na areia é o mesmo que andar por cima de uma chapa em brasa. E, note-se, que para chegar ao braço d'água que separa os dois campos, eu tinha que percorrer meio quilômetro. Mas não quero irritar os novos amigos. Sem roupas dentro da correnteza, indago:

— Que querem? "Capitão" muito cansado...

O índio a quem me dirijo presta muita atenção e, em seguida, curvando-se rente à moita que lhe está próxima, confabula com outro que não quer aparecer. Deve ser o intérprete, ou coisa parecida, parecida, que traduz o meu dito.

Vira-se o silvícola e sorri. Levanta o braço e mostra-me o Sol. Depois, aponta o horizonte e, numa mímica expressiva, colocando a palma da mão rente ao rosto inclinado, parece dizer:

— E' dia alto e, para dormir, só quando o Sol desce lá embaixo...

Faço o possível para "desencovar" o estranho intérprete. Mudo de posição, mas êle muda também. Quem será? Eis a pergunta cuja resposta dependerá de um golpe fortuito. Será um civilizado? Um branco? Será...

Outro índio acena:

— Tôra... Tôra...

Não entendo. Faz sinal com a mão, como quem corta.

— Machado? — pergunto.

— Nô... nô... — responde. — Tôra, tôra...

Depois, encaminhando-se à mesma sebe, onde parece residir o oráculo, formula, ao certo, uma pergunta. Em seguida, grita:

— Machete... Machete!

Ora, machete, em espanhol é facão. Fico cismando sèriamente. Como é que o selvagem se expressa em castelhano? Quem estará atrás da moita, traduzindo-lhe na língua de Cervantes os seus desejos?

Deixei meu rico facão nas proximidades. Vou buscá-lo. Desejo desvendar o mistério e, haja o que houver, resolvo entregar pessoalmente, em mão, o presente. Atravesso o espaço que nos separa. Estou sòzinho. Meus companheiros todos se encontram no acampamento. O cacique atira três vêzes o pó branco, mas retrocede à medida que eu avanço. Outros silvícolas recuam também, olhando-me fixa-

xamente. Lembro o trágico fim dos padres Sacillotti e Fuks, em idênticas condições: foram entregar um facão e acabaram com os crânios esmigalhados. Calculo o pulo em recuo, mas vou me adiantando sempre. Um grupo de jovens guerreiros cerca a moita. Noto que o "misterioso" personagem distancia-se, quase que rastejando por entre a dupla fila de Xavantes. Inútil o meu esfôrço. Êle percebeu minha intenção e coloca-se fora do meu alcance. Quem será? Por que se esconde? Por que foge?

O cacique faz sinal para que eu atire, de onde estou, à praia, o facão. Não obedeço e avanço. Êle pula para trás e dá uma ordem. Todos os índios se afastam lentamente. Depois, sorrindo, o chefe me convida com sinais de cabeça, que traduzem: "Vem... Vem...". E', positivamente, a cilada preparada entre sorrisos e poeira atirada ao ar. Mas a prudência me indica que devo parar. Jogo o facão. Descreve amplo círculo no ar e vai cair perto de um índio. Êste abaixa-se, rápido, mas para impedir que outro se aposse da lâmina, deixa-lhe nas mãos a bainha. Há forte altercação entre os dois e eu aproveito para me distanciar num prolongado mergulho.

Outra discussão no local onde o ser misterioso se encontra. Parece que exprobra os bugres pelo fracasso da cilada. O fato é que uns cinco dêles correm à orla e oferecem-me arcos e flechas, convidando-me a ir buscá-los. Finjo aquiescer e novamente penetro n'água.

Se êles permanecerem quietos, são sinceros. Mas se se afastarem... Assim acontece e eu também me retiro. Os Xavantes ficam desolados. Pudera...

Nova palestra. Depois de muito palavrório inútil e incompreensível em sua maior parte, acabam convidando-me, e mais dois dos meus homens, para ir, no dia seguinte, "visitar a aldeia". Mas são positivos: "Sem armas e sem roupas"...

Digo que sim, que irei, que terei muito prazer. Quedam contentes e gritam:

— Irmão... irmão Villy...

No mínimo, desde já passam a língua nos beiços prelibando o massacre de três civilizados. Há uma desconfiança e indagam:

— Amanhã?

— Sim... amanhã... Eu, Benedito e Henry. Está bem?

Novos sorrisos e troca de rápidas palavras entre êles. No mínimo estariam dizendo:

"Vejam só quanta ingenuidade... Se êles soubessem...".

Mas eu sabia. Ora se sabia!

*

Estou resolvido a permanecer uns dias nesta praia a fim de ver até onde podem chegar nossas possibilidades com o contacto amigável. Não posso pretender, em poucas horas, cativar a inteira confiança dos bugres. Veremos o que irá acontecer. Regresso ao acampamento morto de fadiga e firmemente decidido a dar por terminadas as visitas. José de Barros e Napoleão Bucchi, que ainda não foram ver os índios, pedem licença. Também vai Catony. Barros leva um espelho, um metro de fumo em corda e um pente. Napoleão, uma foice pequena

de uso particular. Meu bagageiro vai também a fim de vigiar os homens.

Passa-se meia hora quando chega aos meus ouvidos um grito de agonia! Levanto-me de um pulo e noto grande confusão entre meus homens e os índios. Santo Deus! Vejo Catony erguer o braço e fazer, para o ar, vários disparos de revólver! Os índios afastam-se precípites e os homens vêm de regresso, carregando José de Barros. Sinto um calefrio. Mataram o rapaz! eis o meu primeiro pensamento.

Felizmente, maior foi o susto. O corneteiro está vivo e começa a andar com dificuldade, mas anda. Eis o que se passou:

O rapaz foi exibir os presentes. Convidado, entre sorrisos, a acercar-se, sem prestar ouvidos ao Benedito, que o punha de sobreaviso, atravessou o braço d'água e galgou a praia. No momento em que estendia a dádiva, um Xavante, levantando a borduna, desfere-lhe o golpe mortal. Barros dá o grito de agonia que eu ouvi. Vê-se perdido! Mas, instintivamente, (êle que é campeão de pulo em trampolim-, executa um salto e mergulha. O pesado cacete, em lugar de atingi-lo na cabeça, colhe-o nas costas. Então, mais quatro Xavantes entram em cena. Empunhando as bordunas descem à água e avançam contra o rapaz. Ao reaparecer do mergulho, malham-no! Nova imersão salvadora e novos golpes nas costas e na região glútea. E' quando Cattony saca do revólver e dispara para o ar. Os índios, amedrontados, recuam. Socorrido pelos companheiros, vem o Barros, pálido como um morto, ainda trêmulo de emoção, lamentando-se.

As coisas tomam outro caráter. Os Xavantes, certos de terem recebido tudo quanto podiam pretender e, possìvelmente aborrecidos por questão de somenos, resolveram sacrificar um dos civilizados. Não me puderam atrair na cilada, mas conseguiram Barros. Todos os rapazes estão indignados. Há alguém que externa claramente sua maneira de sentir:

— Qual presentes qual nada! Índio é só a bala!

Faço-lhes ver que um simples gesto pode ter irritado os silvícolas, um êrro de interpretação, uma frase. Noto, porém, que os homens não estão dispostos a suportar, com muita benevolência, as "mudanças" de humor dos bugres. Devo evitar qualquer atrito. À tarde vem chegando e, se continuarmos aqui, épossível que' à noite, haja algo de anormal, se os índios, ainda na maior boa fé, atravessarem o rio, aproximando-se do acampamento, mesmo que seja só para espiar.

Quem impediria as sentinelas de atirarem? E os resultados?

Chamo o subchefe e os chefes de núcleo. Exponho-lhes meu modo de pensar. Todos estão concordes em sairmos imediatamente para pousar noutro lugar, mais acima. Vejo, assim, desaparecer a possibilidade de um maior estreitamento de relações amistosas com os índios. Mas que fazer? Muito lenta, mas trabalhosa será a aproximação definitiva dêsses soberbos campeões dos sertões desconhecidos. O que desejo é deixar no espírito dos Xavantes, bem nítida, a impressão de que os civilizados não os querem hostilizar.

Dou a ordem de embarque. Ràpidamente são desfeitos os mosquiteiros e as barracas. O etnógrafo

é o mais rápido na manobra. Vôa... carrega seu "armário" e instala-se no batelão.

Tudo pronto, os motores rompem no ritmo sonoro. Vamo-nos afastando e subindo. Os índios correm pela praia. São muitos. Depois galgam o barranco que seremos obrigados a beirar.

— Lá vêm êles! Vão flechar na passagem estreita!

— Quero muita calma e a maior das obediências! — grito, vendo muitos homens empunhar as armas. — Nada de precipitações que os Xavantes só querem assistir a nossa partida!

Assim é, com efeito. Do alto do barranco, em cuja base vamos deslizando, os índios gesticulam e gritam:

— Wily... Benedito... Henry...

E seguem pelo cerrado marginal, acompanhando a marcha do batelão.

Acampamos na ponta de uma ilha onde, no ano passado, sacrificamos a primeira anta.

De uma coisa estou certo: não teremos mais tranqüilidade. Seremos sempre seguidos, espiados, ameaçados. Antes do jantar, que é preparado às pressas para aproveitarmos o resto da luz, o dr. Kaufer entrega-me o levantamento do local. O nosso encontro com os Xavantes deu-se a 51°15' de longitude; 13°20' e 3° latitude Sul, meridiano Greenwich. E' a posição exata e poderá servir a outros que desejem entrar em contacto com os Xavantes.

SEGUNDA PARTE

CAPÍTULO I

EM DEMANDA DA SERRA DO RONCADOR

Depois de uma noite calma, reiniciamos a viagem. O motor "Laros" resolve explodir quando tínhamos percorrido duas léguas, se tanto. Encostamos num baixio, fronteiro ao barranco rubro que tinge, com seu reflexo, as águas do Mortes. Os batelões da Missão Salesiana nos alcançam. Cumprimentos de ambos os lados, inquirições, perguntas. Alguém informa ao padre Chovelon do nosso encontro com os Xavantes e indica-lhe o local bem próximo e ótimo para uma tentativa de catequese.

Desejam mais informações e, contràriamente ao esperado, sobem, ganhando a dianteira. Não tardamos a largar também, feitas as modificações nos suportes de popa. Viagem sem novidades até as 14 horas quando, arrebentando a amarra que segura a "montaria" pela proa, no costado do batelão, verifica-se o desastre. Benedito mal tem tempo de pular para o barco grande. O resto afunda: panelas, vasilhames, peneiras, latarias, utensílios de cozinha, machados etc. Mas nada se perde porque, ótimos mergulhadores, meus homens vão catando tudo no fundo do rio. Uma hora depois estamos

novamente em marcha, chorando ùnicamente a perda do feijão já cozido...

Acampamos na vasta praia fronteira ao local onde, em 1937, fiz a primeira penetração. Lá está a colossal landi, em cujo tronco gravamos, na ocasião, a data e os nomes. Logo acima, acampa a Missão Salesiana. À noite, grandes incêndios iluminam a paisagem sombria.

No dia seguinte, descanso geral. Muita caça, boa pescaria. Aproveitamos o repouso para lavar a roupa. Vamos no rastro de uma "pintada", mas sem resultado prático. Na bôca da lagoa, com as tarrafas, conseguimos bom número de "tucunarés" e "aruanãs". Como sempre, comida abundante, variada, rica em vitaminas. Já é quase noite e o Heinz não aparece. Está na mata fronteira onde foi procurar formigas. Fazemos prolongadas chamadas, toques de clarim, tiros para o ar, e nada.

À bôca da noite, saio com Lourival à cata do "dr. Saúva", que responde aos chamados, mas longe, muito longe, acima de nosso acampamento. Está metido numa espécie de bêco lodoso, seguro ao galho de grossa árvore. À luz da minha lanterna elétrica, parece um gigantesco mono. Desce descalço, com muitas precauções, tendo deixado as botas junto às raízes.

— Dei com um acampamento recente de Xavantes.

— Ora...

— Palavra! Encontrei ainda restos de fogo e tripas de anta...

Acaba indo tomar banho, a fim de se livrar dos carrapatos que o devoram em vida.

11 — O cume do "Roncador"
finalmente alcançado!

12 — Rancho da "Bandeira" erguido no rio Araguaia, em 7 de setembro de 1938.

O incêndio alarga-se cada vez mais, iluminando sinistramente a noite.

*

Estamos beirando o alto barranco Santo Egídio, onde em 1934 os padres Fucks e Sacillotti foram trucidados à vista dos companheiros, por uma horda de Xavantes. A Missão está acampada na praia fronteira e armou barracas. Um resto de cruzeiro está plantado na orla da altíssima barreira. Heinz tinha razão: há índios nesta margem; daí ter encontrado restos de acampamento. O chefe da Missão saúda de longe. Durante o percurso, vários incêndios ateados pelos Xavantes acompanham nossa marcha.

Atravessamos os primeiros pedrais, acampando no "pouso n.° 1", assim batizado no ano passado, por ser lugar ameno. Somos obrigados a eliminar muitos jacarés desaforados. O nervosismo do nosso encontro com os Xavantes vai desaparecendo e os homens formam um conjunto canoro cujo programa se prolonga até o clarim tocar silêncio.

Pela manhã, reiniciamos a subida. Às 11,30 horas, atracamos no rancho dos Padres, em São Domingos, na confluência do rio e quase no sopé da alta e rubra serra que tem o mesmo nome. Encontramos vestígios da "Bandeira Anhanguera", que aqui acampou em outubro de 37. Estamos a 51°23' e 42" longitude Greenwich; 13°36' e 18" latitude Sul. Podemos, assim, fixar na carta o rio e a serra, não mencionados em nenhum mapa.

Um grupo de homens dirige-se à serra a fim de devassar o horizonte e calcular a distância que nos separa, em linha abstrata, da serra do Roncador.

Eu e Benedito exploramos o riacho. Ora navegando, ora arrastando a "montaria", alcançamos as nascentes do São Domingos, riquíssimas em cascalho diamantífero. Para não perder tempo, matamos uma gorda capivara. Por todos os cantos, rastros de onças, pegadas de capivaras e antas, suçuaparas, cervos, caatingueiros, porcos e lôbos.

Regresso ao acampamento, onde já se encontram os homens que galgaram a serra de São Domingos. Muito distante, explicam, existe uma cadeia de morros que, positivamente, não pertencem à Serra do Roncador, mas formam, talvez, os seus primeiros contrafortes. Com os poderosos binóculos, vislumbraram apenas uma réstea azulada a grande distância, mas não garantem que seja o Roncador.

Nada mais resta senão dormir.

Ao lusco-fusco da madrugada, estamos prontos para largar. Alcançamos o Barranco das Catas, onde principia o reinado dos "piuns", terríveis mosquitos com muita propriadade chamados "piranhas do ar", há um ano; o maior tormento da minha primeira expedição. Panos e toalhas cobrem rostos e mãos. Trecho difícil de ser navegado devida as corredeiras e pedrais que se sucedem. À tarde, atracamos na "Ilha de Capri", assim conhecida devido à sua beleza. As formigas impedem acamparmos sob as altas árvores copadas. Procuramos a ponta da praia. A estação de rádio não consegue contacto: zona "fading". Ouve-se o barulhar do famoso Travessão de São Rafael. Lá está o Kuruá, entrada para a serra do Roncador.

Chegamos ao travessão, depois de uma noite de descanso, por volta das 10 horas. Construimos ranchos, cozinha, jiraus, mesas e bancos; abrimos

avenidas para maior ventilação, instalamos a estação de rádio, armazenamos víveres e materiais, armamos as barracas em perfeito alinhamento, resguardamos os motores e gasolina. Aqui será o acampamento base, iniciando-se a parte mais árdua de nossa jornada. O lamacento Kuruá envia suas águas com lentidão exasperadora para a grande corredeira. Troveja ao longe. O tempo tende a mudar. Devo apressar a penetração a fim de evitar os grandes temporais. Nossa posição exata é: 14° 12' 23" latitude Sul: 51° 45' 17" longitude Greenwich, altitude 250 m. O pessoal está radiante e trata de arranjar comodidades. Acendem-se fogueiras em pleno dia para afugentar os "piuns", que não dão tréguas.

*

A 19 de agôsto, explora-se, através do Kuruá, o trecho mais acima do já por mim trilhado há um ano. Só com muita dificuldade poderemos avançar com a canoa, carregando os víveres. O pessoal melhora o acampamento, que toma feições de vilarejo. Henry inspeciona a estação de rádio, auxiliando o Moacir. Conseguimos contacto com Rio Prêto. O dr. Kaufer pesquisa o cascalho do Travessão e diz que as "informações" são ótimas, oferecendo probabilidades para futuros garimpeiros.

O dia 20 transcorreu em preparativos para nossa penetração. Os cozinheiros resolveram oferecer suculenta feijoada, recebida com tôdas as honras, embora os "piuns" nos persigam. Muitos peixes de couro, bons palmitos, disposição ótima do pessoal. Vigilância severa, pois na outra mar-

gem apareceram silvícolas. As águas da corredeira carregam balaios. Positivamente os bugres rondam pelas adjacências.

Logo pela manhã de 21, mando meu subchefe, e mais cinco homens, em exploração pelas margens do Kuruá. Regressaram à tarde, trazendo as informações de que eu necessitava. Dou ordem para os preparativos de partida, que será no dia imediato. Cada chefe de núcleo dirige os trabalhos, tudo na maior ordem e rapidez. Grandes queimadas à noite. Os Xavantes iluminam a zona... e estragam o programa, obrigando-me a retardar de um dia a penetração.

CAPÍTULO II

OS XAVANTES RONDAM OS NOSSOS PASSOS

São precisamente duas horas e meia do dia 22 de agôsto. Noite escura. O rumorejar intenso da corredeira não impede que a sentinela "saboreie" um sono extra, apoiada ao tronco de uma árvore. A fogueira está quase apagada. Despertou-me o latido de "Tom Mix", um latido diferente, estranho. Nessas paragens costumo dormir com um ôlho só. Atravesso o acampamento, à procura do guarda. Todos dormem gostosamente. Só o cachorro late, espaçadamente, fisgando seu olhar para a elevação imediata que cerca, como paredão, o nosso pouso.

Deslizo em silêncio e acerco-me da orla. Percebo nìtidamente vozes. Chega até mim o cheiro rançoso do óleo de babaçu, de mistura com o odor inconfundível do urucum.

São os Xavantes que cercam o acampamento, não há dúvida possível. Evito o alarma. Sacudo o sentinela, que me olha estremunhado, balbuciando uma desculpa.

— Acorde os homens...

— Mas é muito cêdo...

— Está enganado. Já são 5 horas. Acorde-os sem necessidade de mandar tocar alvorada. Rápido!

Êle vai de barraca em barraca, puxar as pernas dos dorminhocos. Os homens estão treinados e aparecem sem fazer bulha. Já os cozinheiros estão lidando com o café, chamados por mim. Mando atiçar a fogueira. Alegres labaredas iluminam o acampamento. Conservo o grupo de rapazes na sombra. Todos estranham a escuridão que não está de acôrdo com a hora marcada pelo relógio da guarda. O movimento do acampamento, o vaivém dos homens, palestras, é o suficiente para desiludir os silvícolas. Distanciam-se em silêncio. Certifico-me disso. Comunico aos meus companheiros o sucedido. A sentinela deve vigiar rigorosamente, pois a ela entregamos nossas vidas. Mando servir o café e depois recolher novamente. Dobro o serviço de guarda e saio, com Napoleão Bucchi e Aristeu, numa "batida". Os Xavantes já vão longe. Por hoje desistiram.

Modifico meus planos. Resolvera deixar no acampamento três homens: o telegrafista, devido a impossibilidade de transportarmos a estação de rádio, por falta de muares; Arutana, que está convalescendo, e Oscar de Almeida Prado. Com o aparecimento dos silvícolas não posso mais deixá-los em sítio exposto a surprêsas, tanto mais que, certificando-se da nossa partida, três homens apenas ficariam à mercê dos índios. Resolvo, então, mudar o acampamento para a "Ilha de Capri", que dista três léguas. Lá os homens estarão seguros, cercados pelas correntezas.

Já dia claro, iniciamos o trabalho de carga do batelão. Desfaz-se o acampamento e suas constru-

ções. Separamos os mantimentos, que julgo necessários à nossa penetração, e alguns utensílios. O resto é estivado. Descerá o primeiro núcleo para fazer a descarga, bordejando o Mortes, devendo subir novamente. Perdemos o dia todo nesse trabalho estafante. Nosso belo acampamento já não existe...

Passamos mais uma noite, sem a comodidade das barracas, e, ao alvorecer de 23, despeço-me dos três "solitários de Capri", que levam nítidas ordens e recomendações.

O núcleo que desceu teve muito trabalho para alcançar, na volta, a margem do Kuruá. Viu-se obrigado a atear fogo à macega, do contrário não chegaria. Durante horas marchou atrás do fogo, numa estirada de 24 quilômetros. Estamos todos prontos. São 13 horas. Afivelando mochila e cantil, iniciamos a penetração.

Na canoa vão dois homens, uns sacos de mantimentos, panelas, latas, material cinematográfico, material de reserva. O termômetro marca 43 graus.

*

Não tardam os pedrais. Somos obrigados a carregar, numa extensão de quilômetro e meio, todo o material da embarcação, passar a canoa, regressar para buscar nosso equipamento; tudo isso sob a soalheira bravia, no meio de um cerrado agressivo, subindo e descendo, levando tombos com os sacos às costas. Logo adiante, outro pedral, novo vaivém

fatigante. Mais uma boa puxada, e novamente o tiro de aviso de que mais um degrau de pedra deve ser transposto. Aqui resolvo acampar. Faixa estreita de barranco a pique, depressão imediata que serve de trincheira, depois o cerrado sem fim. Lugar estratégico para enfrentar um ataque noturno. João tem o primeiro acesso de maleita. Lourival mede-lhe a febre: 40,08. Estirado no chão, o rapaz delira. Mais tarde, a febre atormenta.

Não se acende a fogueira para não denunciar o acampamento. Os alimentos são cozidos sôbre brasas. Está de sentinela, ao primeiro quarto, José de Barros. Uma anta passa rente ao pôsto avançado, o rapaz assusta-se, deixa cair a arma (êle mesmo narrou o fato), mas, reagindo, empunha-a, e evita dar o alarma sem antes certificar-se da natureza "da grande sombra que atravessou o cerrado".

Volta e meia, vou verificar o estado do doente, que tomou Atebrina: a febre segue seu curso. Depois, vou "confortar" a sentinela. O serviço de vigilância à margem do cerrado, numa noite tão escura, sabendo-se que os Xavantes, andam nas nossas pegadas, não é para tranqüilizar ninguém, daí meu vaivém constante. O lugar é tétrico, feito para uma emboscada. Dormimos numa pequena área, como que estivados. Nuvens de pernilongos nos atormentam. Não temos o confôrto da fogueira que, no sertão, é tudo. Tateamos nas trevas. Os cachorros, deixei-os na ilha para evitar que com seus latidos revelassem nossa passagem. Estamos cortando o reino dos Xavantes, de ponta a ponta. Não sabemos o que acontecerá de uma hora para outra. Somos um punhado de homens num vastís-

simo território desconhecido, demandando uma Cordilheira negada por muitos, pisando terras habitadas por uma das tribos mais ferozes da América.

Portanto, todos os cuidados são poucos. Não devo esquecer nenhum pormenor.

*

Ao Nelson cabe o terceiro quarto de guarda, da meia noite às duas da madrugada. Rumores estranhos ouvem-se pelo cerrado afora. Como a floresta, também o "campo" tem sua vida no reino da escuridão. Lôbos que uivam prolongadamente, onças que enchem o espaço com o seu roquejar soturno, veados e cervos a romper a macega, antes que derrubam paus estrepitosamente, capivaras que roncam de mêdo, queixadas que batem os dentes como matracas. Depois, mamíferos de menor porte que cruzam o chão ressequido. Dos pântanos marginais, sapos entoam o "crá-crá" intérmino, enquanto sêres invisíveis chicoteam as águas, fazendo pensar em monstros antediluvianos. A araponga encarrega-se de imitar o ferreiro e o curiango pia o "amanhã eu vou... amanhã eu vou...".

Uma hora da madrugada, mais ou menos. Da orla do cerrado chega o grito da sentinela:

— Vem gente! Acorda, pessoal!

Como um só homem, estamos de pé, armas em punho. Graças ao treino diário a que submeto a rapaziada, não há nenhuma confusão. Cada um toma seu lugar. A sentinela retrocede. Fumis delira, rindo-se.

Armando Gozzola também acorda como os demais. Julga, porém, chegada a hora do café matutino e ,empunhando a caneca, dirige-se às brasas restantes, onde forçosamente deveria existir o bule com a deligiosa rubiácea... Êle próprio se ri do quiproquó e não tarda a juntar-se aos demais.

*

Indago do Nelson:
— Que é que há?
— Parece que vem gente...
— Parece mesmo?
— Eu ouvi tropel de homens avançando!

Não posso duvidar da palavra do companheiro de duas expedições. Fazemos silêncio a fim de colhêr qualquer barulho suspeito. Uma buzina toca ao longe, do outro lado do rio. São os Xavantes, outra vez? Aguardamos uma resposta ao chamado. Nada! Vamos deslizando, cautelosamente, pela depressão. Assim nos quedamos meia hora, nervos tensos. Nada!

— Foram-se...
— Qual, estão atocaiados...
— Eu acho que foi algum animal...

Não posso prolongar êste estado de coisas. Sinto necessidade imediata de resolver o "impasse". Dirijo a lâmina de luz de minha lanterna aos primeiros arbustos. Nada! Aristeu e o Kaufer fazem o mesmo. Agora vasculhamos, com êsses olhos elétricos, mais além, até onde a luz alcança. Nada! Respiramos...

João Fumis, deitado sôbre o cobertor, olhando as estrêlas, em pleno delírio, canta:

"De quatro pés
de quatro pés
de quatro mãos...".

*

Até os primeiros albores da madrugada lívida, ninguém dormiu mais.

CAPÍTULO III

FOGO, SEMPRE FOGO! — A CAMINHO DO RONCADOR

Das 6 horas ao meio dia, a marcha foi penosa. O cerrado dificulta. Somos obrigados a abrir caminho com os facões. Impossível manter o contacto. Parece incrível a facilidade com que um homem se desvia do caminho e perde os companheiros numa distância de poucos metros. Traiçoeiro, o cerrado de arbustos densos e altos parece não mais acabar. Como ponto de referência, temos sempre a floresta que corre ao longo do Kuruá. Cortamos em linha reta, para evitar o grande arco que o curso de água forma nesta altura. João Fumis não quis voltar ao acampamento. Muito sereno, balouçando seu gigantesco porte, ainda pálido pelo efeito da febre, assim respondeu à minha determinação:

— Morrerei no caminho, mas não retrocedo. Vim para ir à serra do Roncador e não será uma febrinha que me há de derrubar.

Para aliviá-lo, os companheiros carregam sua mochila e embornal.

Novo pedral nos obriga ao transporte do ma-

terial da embarcação. Calor, densos rolos de fumaça à retaguarda.

Lourival sobe numa árvore alta e, lá de cima indica:

— Bem em nossa frente, ligeiras escavações. À esquerda, uns morros...

— A que distância?

— Calculo umas duas léguas.

— Você não vê a serra?

— Não... Ouçam: no sopé dos morrotes há umas fumaças brancas. Devem ser fogos de algum aldeamento de índios...

— Muitos?

— Bastante... dois... três... oito... quinze.

— Então é uma cidade... E o que vê mais?

— Um grande incêndio, direção sul. Vem avançando sôbre nós. E' muito grande!

— Está longe?

— Bastante, mas se o vento soprar estará aqui numa hora.

Quem terá ateado fogo ao cerrado? Fácil resposta: os índios. Novamente o método de encurralar pelo fogo. O perigo é grande, pois se apanhados de surprêsa, nenhuma salvação possível. Levo os homens mais para o lado do rio. Em caso de perigo, poderemos atravessar com relativa facilidade. Desapareceu o dr. Kaufer. Perdemos uma hora à sua procura. Finalmente, resolvemos continuar sem o geólogo, que supomos ter seguido pela margem.

O incêndio avança e, com êle, o ar sufocante. Saímos do cerrado e trilhamos quilômetros e mais quilômetros de campo. Ao meio dia descemos o barranco, onde já está encostada a canoa. Um pouco de sombra sob a ramaria verdejante. Enquanto se

prepara o almôço, tentamos pescar umas piranhas. Muitas delas, pretas e vermelhas, mordem o anzol e acabam na frigideira. E' extraordinária a piscosidade dêste rio. Madeiras de lei cobrem-lhe a margem esquerda e a mataria estende-se até onde a vista alcança. Inacreditável é o número de arraias de várias espécies. Quando da travessia obrigatória das cachoeiras, os homens que empurram a canoa pelos degraus de granito tomam mil cuidados. Nessas manobras, são mortos dezenas dêsses asquerosos peixes.

*

Napoleão Bucchi galga o barranco. Não muito longe, vem rugindo o incêndio. Êle queda extasiado e, ao descer, diz:

— Eu devo ter algum parentesco com Nero... Não posso explicar o quanto gosto de um incêndio. Que maravilha!

Calculo o tempo necessário para sermos alcançados. Avançar seria loucura. Permanecer à beira do rio? Impossível. O calor seria suficiente para nos assar como leitões. Mando os homens atravessar, três a três, uma vez postos na outra margem, os materiais. Munições e material de cinematografia são levados para longe, um lugar úmido e sombreado. Sou o último, com o Heinz, a fazer a curta travessia. O fogo lavra no barronco e chega a chamuscar nossas roupas. Henry cinematografa e acaba praguejando porque a corda da "Kinamo" se parte no momento mais interessante!

Passado o furacão rubro, carregamos novamente a canoa e, penetrando na mata, avançamos.

Consola-nos pensar que o feitiço virou contra o feiticeiro, pois o fogo deverá afugentar os índios da aldeia lobrigada da copa da árvore.

Se o cerrado embaraçou nossa marcha, a floresta quase que a impede. Emaranhado de cipós espinhosos, longas estiradas de "capim navalha". Três homens, à frente, abrem caminho com os facões, trabalho feito em condições especiais, por causa dos nossos equipamentos. Há momentos de desespêro, quando um cipó engancha no correame, sustando brutalmente o impulso do avanço. Um "capim navalha" corta-me o pescoço, quase seccionando a artéria jugular. Estanco o sangue com a mão suja de limo das árvores. O suor queima como ferro em brasa. Celso, que vem logo atrás, tira do bolso uma providencial garrafinha contendo álcool canforado. Desinfeto o ferimento, que tem um palmo de comprimento.

*

Dois tiros de carabina, lá longe. Paramos. Mais dois tiros. Sinal da "montaria". Vem da nossa direita. Para lá rumamos, abrindo nova picada. Caímos num taquaral de pontas aguçadas. Nêle lutamos durante uma hora. Rasgados, feridos, exaustos, topamos com tão densa mataria como dificilmente haverá outra no Brasil. Uma hora, mais outra. O Sol descamba. A floresta escurece. Se a noite nos apanhar, devemos acampar neste inferno! Redobramos os esforços. Disparamos dois tiros e recebemos resposta, mas ainda longínqua. Nenhuma clareira.

As pragas ecoam no silêncio da floresta milenar. O etnógrafo, que não quer emprestar seu facão a ninguém, mesmo quando dêle não faz uso, vai vai alargando a senda que o dr. Kaufer abre empós o Aristeu. E de tal forma que, por um triz, não decepa a cabeça do paleontólogo! Há umo troca azêda de palavras entre os dois especialistas. O dr. Tikamer, que carrega o inseparável "armário", fica abespinhado e brada:

— Eu sou "dr. em filosofia"! Tenho cinco diplomas e não sou garimpeiro nem escafandrista!

Com isso êle quer "elogiar" o paleontólogo que, volta e meia, fala de garimpos com largo conhecimento de causa. Êste retrocede e diz:

— Não estou disposto a ser vítima de um louco! Deixem que passe à frente. Com essa fúria é capaz de cortar o tronco de um jequitibá...

O filósofo está realmente furioso. Em dado momento ,falhando-lhe um golpe, perde o equilíbrio e, ao pêso medonho do "armário", afunda no espinheiro, abrindo caminho aos demais...

Enquanto forceja para readquirir o equilíbrio, vamos passando.

Finalmente, às 18 horas damos com a margem do rio. Estamos numa cachoeira belíssima, de pouca altura, que une as duas margens.

O Sol, já no poente, dardeja seus raios sanguinolentos. Lobrigamos, muito longe, em tôda a sua imponência, a serra do Roncador!

— Olha a serra! Olha a serra, pessoal!

— Viva o Roncador!

— Lá está a "bicha"!

— Viva! Viva!

Lá está o gigante, o escôpo principal de nossa jornada! Rubra, ao revérbero do disco solar que se deita no horizonte, a serra emerge esplendorosa. Parece dar-nos as boas-vindas. Para tanto emergiu da neblina que sempre a cerca.

Esquecendo a fadiga, boquiabertos, contemplamos o maciço que alcançeramos, custe o que custar! O dr. Kaufer calcula a ôlho uns cinqüenta quilômetros a distância que nos separa do Roncador. Que fôssem cem, duzentos, o fato é que a cordilheira lá está. Faz um ano eu a vi nìtidamente da serra da Piedade, nas proximidades do rio Pindaíba. Faz um ano que inùtilmente tentei alcançá-la. Mas agora lá está e o caminho aberto permite o acesso.

Heinz, depois de externar seu grande contentamento, diz:

— Queria ver a cara de Peter Flemming! Êle negou terminantemente a existência do Roncador.

— E eu queria ver a do Petrullo e Dyott, que também negaram...

*

Tornamos a atravessar o rio por cima da cachoeira. Benedito e Alberico, que tripulam a canoa, mataram cinco colossais arraias, com um diâmetro de metro e pouco, altura de 30 centímetros e uma consistência óssea que desafia o facão. Aguilhões como pontas de lança jazem decepados junto aos corpos.

*

Arranjamos ótimo acampamento, se bem que os "piuns" continuem a infernar. Isto não impede o banho, que é tomado bem na beira do rio, para evitar a cilada das arraias. Hoje, a guarda será dupla. A zona é ultra perigosa. Cobrimos uns 25 quilômetros.

A serra do Roncador é o tema obrigatório de tôdas as palestras. Estou certo de que sonharemos com ela...

CAPÍTULO IV

TORMENTO

Passa da meia noite quando o som cavo de uma buzina nos chega da outra margem, como um oboé de bronze.

Benedito Martins, o nosso guia, conhecedor profundo dos sertões, levanta-se e fica de ouvido atento.

— São êsses danados de "caboclos", meu chefe! Tão buzinando cum fôrça dos quinto! Agora andam de noite como lobisóme.

— Você acha que são os Xavantes?

— Num sei nô sinhô... Pelo jeito tá parecendo...

— Mas Xavante não anda de noite.

— Quá o quê! Índio quando dá p'á se torná matreiro é aquela disgraça!

— Você já ouviu falar nos índios "Morcegos"?

— Ouvi, sim sinhô. Mas êsses vévem pra riba da cachoeira da Fumaça. Quando andei na Comissão Rondon, bati com os costados pra'quelas bandas.

— Teve contato com êles?

— Não sinhô. Mas conheço quem teve. Um doutor que andou trocando machados por diamantes. Fêz bom negócio. O pessoá da turma dêle mi

cuntô que os tais de "morcegos" são uns diabos grandes e usam tranças ruiva enrolada na cabeça.

O guia perde-se em minucioso relato, falando baixo, de cócoras. Ouvimos mais alguns toques; depois fêz-se silêncio. Durante uma hora esperamos sem resultado.

— Eu duvido que sejam Xavantes, ou "Morcegos". Não se arriscariam a descer tanto.

— Duvide não, meu chefe! Êles são danados pra andá! Adispois pode sê que seja outra "raça". Estamos num mundo que só Deus sabe e por estas bandas, devem vevê "nações" que ninguém ainda topou...

Nada mais perturba a solidão do campo queimado. O fogo destruidor espantou a fauna e, a não ser o murmúrio doce da cachoeira que desce aos tombos pelos degraus desgastados, nada mais se ouve.

*

Mal amanhece, mando atravessar todo o material às costas e arrastar a canoa pela cachoeira. Enquanto isso, vou com cinco homens em serviço de patrulha. Desejo saber algo sôbre a fumaça branca que Lourival lobrigou ontem. Não estamos em condições de topar com um grande aldeamento de bárbaros. Neste caso, procurarei desviar a rota. Andamos durante duas horas, até alcançar a raiz dos morros que formam os contrafortes do Roncador. Cautelosamente aproximamo-nos de um buritizal, único lugar onde poderia existir o acampamento silvícola. Mas nada encontramos. Subimos, costeando em diagonal, a primeira elevação. Na

outra vertente, também nada. O caminho está livre. Regressamos e, às 11,30 horas, novamente em marcha, depois de termos carregado a canoa, que segue com Henry Julien substituindo Alberico. Henry está passando muito mal. Uma infecção cutânea atormenta-o. Está com as mãos em chagas e os pés grandemente feridos.

Subimos pela encosta do primeiro morro. Vegetação densa, taquarais, espinhos. Os facões trabalham novamente. No cume verificamos a altitude: 150 metros. Custamos a alcançar o tôpo: 182 metros. Agora vamos descendo em ziguezague. O morro termina num paredão, que cai a pique sôbre o rio. Somos obrigados a subir novamente. Esta manobra repete-se várias vêzes. O Kuruá contorna o contraforte. Começa ventar com fôrça e o vento, ao atravessar uma garganta, emite um ronco de trovão.

— Olha o "roncador" — diz alguém.

Não será, o fenômeno que registramos, a origem do nome da cordilheira? E' possível que êle se manifeste com maior intensidade na serra do Roncador.

Depois de um descanso necessário, descemos e alcançamos uma campina verdejante. Da aridez do cerrado, da queimada sem fim, passamos, numa transição brusca, à mais bela pradaria que é dado ver! O capim de pouca altura parece um tapête de veludo esmeraldino. Lindos buritis, agrupados, expostos ao vento, parecem cabeleiras de gigantes. Densa restinga indica o curso do rio e emoldura a campina em flor. Pequenas lagoas, circulares, refletem uma nesga do céu. Milhares de rastros que se cruzam em todos os sentidos, dizem da opulência da caça.

— Que maravilha!

— Olha que beleza!

Assim se expressam meus companheiros. A marcha torna-se cômoda e é com verdadeiro prazer que nos sentimos mais desembaraçados.

Mas, dois tiros para os lados do rio, advertem que a canoa precisa de auxílio. Retrocedemos. A "montaria" está encalhada num raso de pedregulho. As explorações, para ver se além da primeira curva há possibilidade de navegação, indicam o "finis" da mesma. O rio bifurca-se em dois braços. O que segue rumo ao Roncador termina, logo acima da cachoeira, num riachozinho que nasce nas lagoas próximas. O outro ruma francamente para o Sul e é raso. Mesmo que estivesse cheio como o Amazonas, nada adiantaria.

São 16 horas e tratamos de arranjar pouso, tanto mais quanto aqui deveremos deixar a embarcação e muito material. Há uma pequena ilha no centro do rio. Boas árvores, bastante lenha para fogueira. Indico-a e transportamo-nos, quatro de cada vez, para o local escolhido. A água do rio tem péssimo gôsto, mas estamos munidos de filtros. Um verdadeiro suplício para quem tem sêde chupar o cano de borracha.

— Anda tudo de mamadeira — diz Cattony, sugando com fôrça.

O pessoal desanda a entoar o côro "Periquitinho verde", cujo estribilho termina em "Mamãe eu quero mamar", canção carnavalesca que se torna uma espécie de marcha "oficial"...

*

Heinz não perde tempo: descobriu formigas e vai enchendo os tubinhos de vidro. Prometeu um pedaço de rapadura a quem lhe indicar algum inseto "rrraro". A rapaziada, que está "sêca" pela rapadura, volta e meia brada:

— "Dr. Saúva"! Olhe que formiga "rrrara"!

Lá vai o bom do Heinz desembolsando o prêmio em troca de um espécime ainda não classificado. O botânico também busca novidades e separa os achados.

João Fumis é novamente prêsa da malaria. Treme como um junco e desanda a balbuciar coisas desconexas.

Lourival, que substitui o médico, obriga-nos a ingerir Atebrina preventiva e Intestífago. José de Barros também tem sintomas de malária. Outro se queixa de "muito pêso na cabeça".

O jantar põe uma trégua nisso tudo. Depois de um bom café, deito-me na rêde no Nelson para descansar, mas uma das amarras parte-se e eu tombo, de costas, sôbre pontiaguda raiz. Resultado: fraturo a clavícula esquerda. Era só o que faltava! As dôres fortíssimas abrangem todo o lado. Não posso mexer o pescoço e sinto dificuldade em andar. Colocam-me meia tonelada de esparadrapo no ombro ferido e, enfaixado como uma múmia, ajeitam-me entre duas caixas onde fico gemendo a noite tôda, sem pregar ôlho. Os pernilongos banqueteam-se, sugando-me o sangue do rosto e das mãos.

Noite intérmina para mim. Venta muito. O rio é contìnuamente atravessado pelas antas que se atiram dos barrancos. Na escuridão há verdadeiras tragédias. Ora é uma capivara que lança seu guincho agônico, surpreendida pelo jaguar, ora um

"pintado" que se debate n'água, espadanando loucamente para livrar-se das mandíbulas do jacaré famélico. Uma vara de queixadas passa pelas adjacências e o sinistro mandibular perde-se ao longe, em direção aos morros por onde descemos. O vento sopra com violência de furacão. Grossas nuvens percorrem o firmamento, como corpos avançados de um exército invasor. De quando em vez o enfermeiro vem verificar se necessito de água. Estou como que pregado ao solo calcário, sem poder mexer. Tenho a impressão de estar deitado sôbre um leito de brasas, tantas são as dôres. Nessa posição fico até ao amanhecer.

*

Agora, meus companheiros empilham os cobertores, formando uma cama fôfa onde sou transportado. Arranjam um mosquiteiro para me resguardar dos "piuns".

Antes de cair em sono profundo, designo seis homens para uma patrulha. Deverão avançar o mais possível, até localizar a serra do Roncador e tomar a diretriz certa.

Quando acordo, depois de prolongado descanso, um pouco melhor, a patrulha e os caçadores estão de regresso. Um veado já está cozinhando na lata convertida em panelão. O dr. Kaufer, que chefiou a patrulha de reconhecimento, faz o relato. Conseguiu ver a serra. Calcula em 30 quilômetros a distância que nos separa do ponto mais alto dêste setor. Caminho completamente livre. Campinas, deserto. Água, só à esquerda, tanto no riacho como nas

lagoas que formam as cabeceiras do Kuruá. Mais além, "possìvelmente haverá água".

O meu bagageiro não perdeu tempo: pescou ótimos pintados, pacus, piranhas pretas que pesam dois quilos, voadeiras, peixe-cachorro etc., que estão sendo escamados, destripados. Sei que o cozinheiro prepara o veado em molho de tomate. Um banquete, nesta alturas. A água do rio é morna e não mata a sêde. Estafo-me em chupar pelo canudo do filtro e não consigo abrandar a secura da garganta. João Fumis continua com febre. O coitado está pálido e abatido. Assim mesmo teima em dizer:

— Isto não é nada, pessoal! Ainda acabo carregando muitos de vocês nas costas. Ora se acabo!

O enfermeiro aproveita e cura os feridos. Quase todos apresentam machucaduras nos pés e nas mãos. As botas são substituídas pelos tênis e, os que não mais possuem êsse calçado cômodo, tratam de "arranjar" um melhoramento.

O jantar, verdadeiramente suculento, predispõe bem a rapaziada. Ninguém se incomoda com as pegadas dos silvícolas que, tanto caçadores, como patrulheiros, encontraram pelas proximidades. Há canções e narrativas, até que, implacável, o silêncio, às 21 horas, é impôsto.

CAPÍTULO V

O TORMENTO DA SÊDE — EM MARCHA SEMPRE EM MARCHA!

Apesar da insistência do meu subchefe para que descansasse mais um ou dois dias, resolvo iniciar a marcha. Todo o material é hàbilmente escondido na ramagem das árvores. A canoa é posta no fundo, rente ao barranco. Reduzimos ao indispensável nosso equipamento. O material cinematográfico será carregado por três homens de cada vez, pelo espaço de 10 minutos. Assim, entre o vaivém, cada turma descansará do pêso incômodo, 50 minutos.

Tratamos de apagar nossos rastros. Feito isso, iniciamos a jornada com boa cadência, para aproveitar o frescor da manhã, alcançando logo as lagoas que formam o Kuruá. Contràriamente ao esperado, êle nasce muito aquém do Roncador, indício de que lutaremos com falta de água. Todos bebemos fartamente e enchemos os cantis.

— Vamos bancar os camelos: beber para oito dias...

— O que devemos fazer é economizar o mais possível a água dos cantis — recomendo. — Quando estiverem com sêde, basta molhar os lábios. Lembrem-se de que a sêde é uma das piores torturas.

Com o estômago cheio de água, na manhã fresca, os rapazes julgam poder aguentar dias e dias sem tocar numa gôta do precioso líquido.

O cerrado estende-se até onde a vista alcança. Cada vez mais ralo e sêco. Ficaram bem longe os tabocais e as matas. Agora os campos e com êles, o labirinto. Nossos passos seguros se orientam pela mole gigantesca da serra do Roncador. Portanto, de nada adianta o convite das magníficas avenidas que se abrem à esquerda e à direita, como que para atrair os nossos passos.

O terreno muda de configuração. Por todos os lados milhares de casas de capins. Tôdas as formas bizarras lá estão e dão a nítida impressão de monumentos de uma necrópole imensa. Aqui, um escultor modernista deliraria de gôzo...

Desaparece a vegetação e começa o Deserto, quilômetros e quilômetros de chapada cheia pe pequenos torrões que chagam a sola dos pés. O Sol já vai alto e o chão arenoso esquenta com rapidez. Em breve caminhamos sôbre um braseiro.

— Poupem a água! — recomendo ao ver os homens sugar o líquido pela bôca dos cantis.

Tôda e qualquer manifestação de vida desapareceu. Até há pouco ainda víamos um ou outro veado, algumas perdizes, uns "papa-capim". Mas tudo isso ficou na orla do Deserto que já estamos penetrando há horas. Ao meio dia dou ordem de descanso. Todos procuram, sob uns ralos arbustos, um bocado de sombra. A puxada foi rude e arfando, os homens despem o equipamento.

Verifico, não sem profundo desgôsto, que metade da água entornou por ter o meu cantil se desprendido de um dos ganchos do cinturão. Comunico

aos homens que a parada será de duas horas, e deito-me para esquecer as dôres insuportáveis do ombro ferido.

O calor é pavoroso. Todos transpiramos abundantemente. Vejo Napoleão Bucchi escavar uma cacimba, trabalhando furiosamente. Sei que já estão sem água e há poucas esperanças de dar com um córrego providencial ou um buritizal.

Sou despertado pelo meu subchefe.

— Acho melhor seguir. Os homens estão sem água. Prolongar o descanso é prolongar a tortura.

— E a cacimba?

— Está tudo sêco.

— Pois mande formar.

Uma hora da tarde. Sol a pino. Dentro de um forno estaríamos melhor. Vou à testa da coluna e alongo o passo. Também minha água acabou. Sinto febre. O mesmo acontece com o Fumis, cuja maleita ainda não abrandou. Depois de 50 minutos de marcha ordeno um descanso de 10 minutos. Todos se queixam:

— Chefe: o dr. Tikamer não quer carregar o tripé, quando lhe cabe a vez.

— Nem a pá quer carregar...

— Será êle melhor que os outros?

Os homens estão raivosos. Fisionomias transtornadas pela sêde e pelo cansaço. Dirijo-me ao etnógrafo e indago:

— Por que o senhor não quer carregar o material, como fazem os outros?

— Porque estou muito carregado — responde com brutalidade.

— Podia ter deixado o seu "armário" na ilha.

aos homens que a parada será de duas horas, e deito-me para esquecer as dôres insuportáveis do ombro ferido.

O calor é pavoroso. Todos transpiramos abundantemente. Vejo Napoleão Bucchi escavar uma cacimba, trabalhando furiosamente. Sei que já estão sem água e há poucas esperanças de dar com um córrego providencial ou um buritizal.

Sou despertado pelo meu subchefe.

— Acho melhor seguir. Os homens estão sem água. Prolongar o descanso é prolongar a tortura.

— E a cacimba?

— Está tudo sêco.

— Pois mande formar.

Uma hora da tarde. Sol a pino. Dentro de um forno estaríamos melhor. Vou à testa da coluna e alongo o passo. Também minha água acabou. Sinto febre. O mesmo acontece com o Fumis, cuja maleita ainda não abrandou. Depois de 50 minutos de marcha ordeno um descanso de 10 minutos. Todos se queixam:

— Chefe: o dr. Tikamer não quer carregar o tripé, quando lhe cabe a vez.

— Nem a pá quer carregar...

— Será êle melhor que os outros?

Os homens estão raivosos. Fisionomias transtornadas pela sêde e pelo cansaço. Dirijo-me ao etnógrafo e indago:

— Por que o senhor não quer carregar o material, como fazem os outros?

— Porque estou muito carregado — responde com brutalidade.

— Podia ter deixado o seu "armário" na ilha.

Já lhe disse muitas vêzes que é um absurdo andar com semelhante pêso nas costas.

— Êle fêz alguma promessa, chefe!

— No mínimo está carregando um observatório astronômico...

— Qual! Garanto que se trata de um obelisco!

Apesar da situação angustiosa, as piadas saltitam de grupo em grupo.

— O sr. carregará o extra como nós todos! — digo ao etnógrafo.

— Eu não carrego!

— Êle não aguenta, chefe! Os cinco diplomas enchem o "armário"...

— Silêncio! Quanto ao senhor, ou carrega ou sofre as conseqüências! E nunca mais se atreva a discutir uma ordem, compreendeu?

O "sábio" resolve alongar o braço e receber, do homem que o precede, a carga. O regulamento da "Bandeira" é bem claro e êle sabe que incorrer numa falta não é nada agradável!

Novamente em marcha. Mais 50 minutos e novo descanso. O tormento da sêde abrasa tôdas as gargantas. Nenhum sinal de buritis! Até onde nosso olhar alcança, sempre a tremenda monotonia do deserto!

As lamúrias cessam quando dou ordem de continuar. A longa fileira vem nas minhas pegadas. Trato de manter a mesma cadência ,segrêdo de longas caminhadas, mesmo em situação precária. Novo descanso. Os homens pedem para que êste se prolongue. Não o permito. Além de dez minutos, todos cairíamos extenuados. Não sei como suporto a fadiga. Sinto a febre aumentar e a dor do meu ombro atinge o máximo. Aperto os dentes e pros-

CAPÍTULO V

O TORMENTO DA SÊDE — EM MARCHA SEMPRE EM MARCHA!

Apesar da insistência do meu subchefe para que descansasse mais um ou dois dias, resolvo iniciar a marcha. Todo o material é hàbilmente escondido na ramagem das árvores. A canoa é posta no fundo, rente ao barranco. Reduzimos ao indispensável nosso equipamento. O material cinematográfico será carregado por três homens de cada vez, pelo espaço de 10 minutos. Assim, entre o vaivém, cada turma descansará do pêso incômodo, 50 minutos.

Tratamos de apagar nossos rastros. Feito isso, iniciamos a jornada com boa cadência, para aproveitar o frescor da manhã, alcançando logo as lagoas que formam o Kuruá. Contràriamente ao esperado, êle nasce muito aquém do Roncador, indício de que lutaremos com falta de água. Todos bebemos fartamente e enchemos os cantis.

— Vamos bancar os camelos: beber para oito dias...

— O que devemos fazer é economizar o mais possível a água dos cantis — recomendo. — Quando estiverem com sêde, basta molhar os lábios. Lembrem-se de que a sêde é uma das piores torturas.

sigo, já com a vista embaciada. E' uma situação crítica: retroceder à procura de água significa dar por terminada nossa penetração, porque a tortura se repetiria na nova tentativa. Avançar é penetrar cada vez mais pelo Deserto, com poucas esperanças de matar a sêde.

A serra, agora mais próxima de nós, apresenta-se despida de vegetação árida, sêca! Continuar é desafiar o Destino. Pode ser a morte de todos, e que morte! Mas vamos avançando já furiosos, alucinados quase. Ainda tenho fôrças para manter o contato entre os homens. Os retardatários são chamados à ordem.

Tenho pena de todos, mas que fazer?

*

Ao longe lobrigamos uns buritis. Um genuíno "oasis" que surge milagrosamente no meio da imensa chapada uniforme e estorricada. A princípio julgo-me prêsa de u'a miragem, mas outros também viram e balbuciam.

— Buritis... água...

Um último esfôrço. O mais penoso. Quase correndo, chegamos. Limite máximo, porque ninguém mais aguentaria um passo sequer! Um hálito fétido sai das bôcas ansiadas. Irreconhecíveis, os homens ficam estatelados. Estou de joelhos. Alguém julga, com razão, que esteja rezando; apenas luto contra o desmaio.

— Cor... cor... coragem, chefe... — diz-me Nelson, que adivinha meu estado miserável.

— Não é a coragem que me falta. São as fôrças...

Reajo finalmente e sinto-me mais disposto. A vista continua trêmula e pouco enxergo. Passados lnogos minutos sobrevém a calma e com ela a nitidez visual. Estiro-me sôbre a "barba-de-bode", que cresce altíssima no buritizal.

Um grupo de homens cava uma cacimba. Depois, por indicação de Benedito Martins, enterram a cavadeira próximo a outro buriti. Um metro de profundidade e a água começa a manar.

Que felicidade! Jamais néctar algum foi mais delicioso. Quando o lôdo deposita no fundo, podemos beber o líquido cristalino e fresco! Verdadeira orgia! Todos de bruço à beira do buraco aberto, sorvendo largos tragos!

Bastam poucos goles para experimentarmos súbita reação. Desapareceu por completo a irritabilidade de há pouco. Sei que o dr. Tikamer sofreu mais do que nós todos, pois esqueceu o cantil no acampamento. Coitado! Todos se apiedam do mísero que, empanturrado de água, baloiça sôbre seu "armário", deitado como está, parecendo uma tartaruga na carapaça.

— Porque êle não disse que estava sem cantil?

— Eu teria cedido um gole...

— Eu também.

— Eu dava-lhe uns tragos. Não se pode deixar um cristão morrer de sêde...

Agora, na abundância, ressurge a generosidade. Mas também agora o etnógrafo evidencia sua qualidade de filósofo: ouve e fica de bico calado, alheando-se de tudo e de todos com seu frio desprêzo...

*

Pelas proximidades há um capão de mato, onde armamos acampamento. Comemos e bebemos. Distribuo goiabada e, em seguida, um bom café que restaura as fôrças.

Antes que o sol desapareça, vamos dar uma espiada à serra. Gigantesca, espécie de paredão altíssimo, perde-se ao longe, na direção Norte, sempre igual, interrompida de longe, em longe por picos que fisgam as nuvens.

Estabeleço o serviço de guarda, à orla do mato. A noite desce rápida, escura, como breu. Nenhum barulho interrompe o silêncio de chumbo. Aqui não há vida, mas há desolação total.

CAPÍTULO VI

R O N C A D O R

Às 10,20 horas do dia 28 de agôsto, depois de arriscadas acrobacias alpinísticas, alcançamos o cume do Roncador, pela face saliente da cordilheira que, vista de longe, assemelha-se à gigantesca esfinge.

Tínhamos saído do acampamento às 5 horas, e às 8 já começamos a galgar a base. A serra do Roncador, neste setor Sul onde estamos, é um enorme maciço da era plutônica. Quebram-lhe a aridez algumas árvores espinhosas que surgem dos interstícios da rocha enegrecida. Ergue-se verticalmente, numa série de elevações concênticas, que terminam na cumeada central. Gargantas, abismos, sendas sinuosas que mais parecem caminhos abertos por Titãs. Aqui e acolá, abrem-se, cavernas sinistras.

O centro do platô que galgamos parece partido ao meio. Desnuda tôda a superposição geológica de eras remotas e, exibe, generosamente, os indícios seguros da seiva que dorme em seus meandros graníticos: o petróleo! As rochas são constituídas por terrenos altamente metamorfoseados, represen-

tados, em sua grande parte, por basaltos de refilinite e lencite.

O dr. Kaufer diz-me:

— E' a única serra, na América do Sul, que tem suas origens na era plutônica. Todo o sistema montanhoso, desde a Patagônia ao Alasca, é vulcânico. Ora, entre plutônico e vulcânico há distâncias de milhões de anos.

Graças à presente constatação, de raro valor para estudos e pesquisas futuras, verificamos que ùnicamente a serra do Roncador apresenta a mesma configuração geológica de duas outras cordilheiras que se encontram na África e Ásia, como restos de uma gigantesca espinha dorsal dos tempos remotos. Os que se batem pela idéia de um resto da Atlântida aqui em Mato Grosso, têm campo vastíssimo para melhorar seus estudos e, possìvelmente, chegar a uma conclusão definitiva. O fato é que pisamos um terreno plutônico! Sondagens e pesquisas poderão fazer surgir ao Mundo civilizado revelações de inacreditável valor. E' bem possível que mesmo ruínas de civilizações, há milênios desaparecidas, sejam encontradas ao longo dêste imenso paredão.

*

Do cume onde nos encontramos, podemos espreitar a vertente oposta. Deserto sem fim, com alguns sulcos que são os afluentes do Kuluene, agora sêcos. A serra do Roncador divide as águas dêsse rio com as do Mortes. Outra constatação que vem desfazer uma série de erros: a cordilheira corre francamente na direção Sul-Norte, perdendo-se no horizonte, eternamente embaciado pela neblina que

cerca esta Montanha Rochosa. Estamos a 718 metros de altitude sôbre o nível do mar. Lobrigamos, muito distantes, picos altíssimos que emergem da uniformidade do Roncador. O espetáculo é impressionante! Valeu a pena tanta tortura, tanto esfôrço, tanto sofrimento, para gozarmos todo êsse deslumbramento. Procuramos, entre os arbustos, um de maior consistência e tamanho a fim de nêle hastearmos a Bandeira Nacional. Procedemos à cerimônia sinceramente emocionados. O ato tem algo de religioso. Somos um punhado de homens esfarrapados, febris, perdidos nesta imensidão que aterra. Somos, porém, os primeiros civilizados a sentir sob os pés o gigante pré-histórico! Sôbre a giba altíssima dêste colosso adormecido, dançamos o "can-can" dos vencedores! Lendas apavorantes, conjeturas e negativas peremptórias caem por terra ante a nossa constatação! Aqui, neste recanto virgem, nesta serra tão discutida por espíritos, inclinados à fantasia, desde às 11,30 horas do dia 28 de agôsto do corrente ano, como símbolo estupendo de pujança moça, tremula a Bandeira Nacional!

E três "hurras", vindo do mais fundo do nosso peito, saudam a Bandeira. Somos os pigmeus que venceram o gigante, marcando-o com o emblema da Ordem e do Progresso, colorindo-o de verde e amarelo que se casa admiràvelmente com a luz radiosa da manhã belíssima!

*

Procedemos, em seguida, ao "batismo" do planalto onde estamos. "Piratininga" é seu nome e sê-lo-á para sempre! Numa garrafa vazia por mim

lacrada, encerro a seguinte mensagem, atestado de nossos feitos:

"Às 10 e 20 horas do dia 28 de agôsto de 1938, o corpo de penetração da "Bandeira Piratininga", composto pelos abaixo-assinados, alcançou êste planalto que foi batizado com o nome de "Piratininga". Temos absoluta certeza de sermos os primeiros civilizados a galgar estas encostas íngremes. Partimos de S. Paulo em 23 de junho do corrente ano, diretos ao ponto onde nos encontramos e que foi o escôpo da "Bandeira". Neste planalto hasteamos a Bandeira Nacional, oferecida à expedição por s. exa. o sr. dr. Getúlio Vargas, presidente da República. Aproveito o ensejo para consignar, nesta mensagem que aqui fica enterrada, o meu sincero agradecimento aos companheiros que comigo lutaram e suportaram tôdas as vicissitudes da jornada áspera e má! Esta expedição, moralmente patrocinada pelo jornal paulistano "Fôlha da Noite", venceu todos os empecilhos com ânimo sereno, cumprindo à risca o prometido. Sêde, cansaço, fome, frio, sofrimentos físicos e morais não alteraram o espírito altamente patriótico dos componentes da "Bandeira Piratininga", nem o espírito de sacrifício dos técnicos estrangeiros que nos acompanham, amigos sinceros desta grande terra! Viva o Brasil! — Planalto Piratininga, Serra do Roncador, em 28 de agôsto de 1928. (aa.) Willy Aureli — chefe; Aristeu Cunha — subchefe; Napoleão Bucchi, chefe do 1.° núcleo; Lourival Deus Costa, chefe do segundo núcleo; José de Barros, José Eduardo Pinto de Freitas, Alberico Soares, José de Queiroz, Aldo Battigliotti, João Fumis, Henry Julien, Heinz Himmelreich, entomólogo; João Kaufer Wisniewky, geólogo e

paleontólogo; Tikamer Safka, etnólogo; Celso S. Rocha, Armando Gozzola, Tácio Cattony, Benedito Arruda, Nelson Guimarães, Benedito Martins".

Às 13 horas começamos a descida, mais perigosa do que a escalada. Não fôsse a falta de recursos com que lutamos desde a partida, poderíamos ter adquirido alguns muares, que transportariam provisão de água, de maneira que nossa estadia, na serra, prolongar-se por longos dias em benefício dos estudos a serem efetuados. Mas o tormento da sêde não admite delongas. Tínhamos assumido um compromisso que sustentamos à custa dos maiores sacrifícios. Um único homem que tivesse sobrevivido, êste único teria alcançado a serra e nela hasteado a Bandeira Nacional.

Nova ginástica, saltos... atrevidos, dados com rara felicidade, tombos inevitáveis, deslizamentos pelas cordas, a arranhar a palma das mãos, saltos simiescos de arbusto em arbusto. Tácio Cattony falseia o pé e cai num abismo. Ficamos todos com o coração em suspenso. Mas a carabina do rapaz engancha, providencialmente, entre dois troncos e êle fica bolouçando o tempo suficiente para firmar-se. Tácio, que é aviador civil, grita para os companheiros cá em cima, todos de olhos esbugalhados:

— Viram que belo "piquet"? Foi uma "queda em parafuso"...

*

Enquanto o dr. Kaufer colhe elementos locais, descansamos no sopé da cordilheira. Todos pensam na cacimba distante, pois algumas horas de marcha nos separam da água. A sêde impera novamente.

Descobrimos, na reentrância de uma escavação pluvial, uns restos de água estagnada, cheia de larvas, mas é água! Afastam-se os vermes, sopram-se as larvas e sorve-se a água morna. Caretas de nojo, cuspidas depois de tragar o líquido. Mas todos bebemos. Os rapazes consolam-se, pensando na imunização contra o tifo a que se submeteram em S. Paulo. Afugentado o espectro da infecção, mais umas canecas do líquido asqueroso são bebidas.

Depois, alcançamos a cacimba, bebendo a valer. Segue-se o desperdício: tomamos banho, refrescando a pele.

Regressaremos ao entardecer, evitando-se pela calma da noite o tremendo calor e o tormento da sêde. Aristeu e Gozzola pedem licença para preceder o grupo, de uma hora. Desejam abater alguma caça, um veado por exemplo, e preparar um churrasco. Indago se conhecem o caminho.

— Não há perigo — diz Aristeu. — Por onde viemos regressaremos. Isto é um bilhar e ninguém se perde...

CAPÍTULO VII

O REGRESSO

A tarde vem descendo serena. Os buritis parecem sentinelas avançados das cacimbas providenciais que tínhamos cavado no deserto e de que iríamos nos distanciar, impelidos pela necessidade de um pronto regresso. As longas marchas, o terreno acidentado, o calor infernal, a fricção da areia que entra pelo cano das botas, depositando-se nos tornozelos e nos calcanhares, dilacera os pés. Já dois homens, não mais suportando o suplício do calçado, trazem as botas suspensas nos ombros e exibem os artelhos inferiores inchados, violáceos.

Outros, sem se despojarem dos sapatões, abrem largas fendas laterais com as facas, para desafôgo das inflamações.

A serra do Roncador vai como que se diluindo no horizonte e o planalto galgado pela manhã tinge-se de rubro, ao revérbero do sol que se esconde atrás dos altos cumes. Tonalidades roxas e azuladas invadem a borda dos abismos, e sombras estravagantes pintam, pelos íngremes declives, as mais fantasmagóricas silhuetas.

Nem um pio, nem um tremular das altas e sêcas "barbas-de-bode". Assim como tinha nascido,

o dia findava naquele ambiente desolado e terrìvelmente monótono. Já uma estrêla de primeira grandeza aparecia no cobalto do céu e o primeiro quarto da Lua iniciava a parte descendente de sua parábola.

Dezessete horas. Dou ordem de marcha.

Saimos do capoeirão que nos abrigara, bebemos nas cacimbas, enchemos os cantis e, cortando em diagonal as altas e estorricadas ervas que nos chegam ao ombro, alcançamos o plano.

Transformara-se completamente o cenário. Se na ida os meandros do labirinto não nos atraiam, era porque o maciço do Roncador guiava nossos passos, permitindo-nos uma linha reta de percurso. Mas agora, com a serra já desaparecida, tragada pela escuridão famélica, servia-nos de guia uma estrêla e o próprio quarto crescente, se bem que instável, obrigando-nos à eterna derivação de cálculo. De mais a mais, visto dêsse lado o deserto mudava completamente de configuração, já nas proximidades do cerrado sempre igual nos quatro pontos cardeais.

Orientamo-nos pela estrêla condutora, assim como os pastores na noite da Natividade. As bússolas davam o rumo e, com êle, a certeza de alcançarmos, no dia imediato, o acampamento da pequena ilha.

Cinqüenta minutos de marcha, dez minutos de descanso, mudança de carregamento do material cinematográfico cada dez minutos, três homens de cada vez. O mesmo ritmo e o mesmo método de marcha da ida. De quando em vez, à minha ordem, os homens formavam um triângulo, oferecendo três faces aos três lados do cerrado, manobra que, em caso de surprêsa por parte dos silvícolas, serviria à

manutenção perfeita do núcleo, evitando funestas confusões.

A princípio a marcha correu às mil maravilhas; mas, atingida a zona das erosões, começaram os retardamentos. Só quem já foi obrigado a andar com os pés chagados, num terreno acidentado, carregando pesado equipamento, pode calcular, em sua justa medida, o nosso sofrimento. Os dois companheiros descalços seguiam aos pulinhos, como quem "pisa sôbre ovos". Tôdas as pragas eram endereçadas a êsses montículos que se esfarelavam sob nossos pés.

Aumentei os descansos para 15 minutos e, atenuando a dor que as pesadas máquinas cinematográficas provocavam nos ombros machucados, mandava mudá-las cada sete minutos. Com a lanterna elétrica procurava, naquele solo inimigo, uma senda mais plana.

Na zona dos cupins foi muito pior. Eram encontros brutais, tombos inesperados, vergastadas violentas dos galhos pisados. As pragas eram uivos raivosos!

— Oh! desgraçada caminhada!

— Êste é o caminho do Inferno!

— Vamos chegar com os tôco das pernas!

— Malditos sejam os cupins e quem os inventou!

— Ai! Espera, pessoal! Quebrei três dedos!

Parava-se. Aguardava-se a chegada do claudicante que vinha gemendo e gesticulando no escuro, agitando os braços como enorme asas de morcêgo. Formava-se novamente o grupo e ia-se avançando. Ao meu lado, o dr. Kaufer falava sôbre literatura eslava.

— Turghenieff, Gogol, Lermontoff pertenciam à classe dos poetas precursores de uma escola mais ligeira, mais ágil, mais...

Interrompia-se, praguejando, atirando solenes pontapés contra o obstáculo que o fizera tropeçar. Depois, alcançando-me com passadas rápidas, pois eu não diminuia o andar, continuava:

— ... mais a gôsto dos paladares atuais. Remarque, por exemplo...

Novo cambalear, novas pragas, nova interrupção do discurso em pleno deserto.

— Estas vírgulas são demasiadamente duras! Interrompem num período de forma concreta, não acha?

*

Por volta das 21 horas lobrigamos, no meio das trevas, um súbito clarão.

— Olha fogo à esquerda!

— Quem terá incendiado a macega?

— Índio está perto, minha gente!

De fato, o incêndio surgira como por encantamento, no centro da planície sem horizonte. Ao longe, parecia o ôlho gigantesco de algum monstro pre-histórico perscrutando na noite.

— Deve ser o Aristeu e mais o Gozzola. No mínimo fazem sinal, ou estão assando o veado que prometeram.

— Ou então, "tacaram fogo" para indicar o caminho... Êta pessoal inteligente!

Enquanto meus homens emitem opiniões, consulto o dr. Kaufer. O fogo, conforme disse, ficava em oblíquo, à nossa esquerda. Ir em sua direção era fugir à rota traçada.

— Podemos nos aproximar sem sairmos do rumo — diz o geólogo. — Também eu acredito que seja um sinal...

Tomo nova diretriz entre a estrêla e o fogo, mas êste parecia distanciar-se cada vez mais. De repente assume proporções assustadoras, encontrando, de certo, bom alimento.

— E' um incêndio!

— Não podem ter sido nossos companheiros. Êles jamais se atreveriam a atear fogo ao cerrado!

— Eu sou pelo sinal. Aquilo indica o caminho certo...

Mais se avança e mais o fogo se distancia. Parece um ímã que atrái e foge negaceando. Inconscientemente vamo-nos afastando sempre à esquerda, perseguindo o rubro clarão genuíno farol para caminhantes do Deserto.

Nelson cai num buraco e desloca o pé direito. Henry vem se arrastando como pode. Tácio não anda mais. Queiroz está bastante atrasado e, com êle, o nosso guia, que o ampara. Quase todos manquejam e arfam. Lourival distribui pedaços de esparadrapo para os ferimentos. São 23 horas. Mando descansar 20 minutos. Assim como estão as coisas não poderemos continuar. Tínhamos resolvido marchar a noite tôda para alcançar o pouso pela manhã. Mas nenhuma fôrça humana poderia infundir energias aos rapazes.

O fogo, nesse ínterim, vai-se espalhando cada vez mais, sempre à esquerda, impelido por alguma brisa viajeira. Quando mando que se continue a marcha, há murmúrios, mas mesmo assim todos obedecem.

— Vamos ver se nesta puxada alcançamos o terreno bom. Coragem...

Se a sorte nos favorecer e conseguirmos sair da zona de erosões, então, mesmo lentamente, poderemos alongar a caminhada, sem interrompê-la, e chegar, com o dia, se não ao acampamento, pelo menos às suas proximidades. E' a minha esperança. Daí essa última arrancada para tirar os homens daquela zona maldita.

Mas, chega à meia-noite e nada de terreno plano. Estamos todos em condições deploráveis. A marcha noturna resultou num fracasso completo. Se o frescor da noite mitigou a sêde o terreno acidentado estropiou-nos!

— Oh! desgraça das desgraças! — berra alguém no escuro.

— Que foi?

— Fulano caiu...

— Machucou muito!

— Qual...

As casas de cupins surgem em meio dos pequenos agrupamentos de arbustos que irrompem com tenacidade inacreditável neste chão sêco e movediço. Escolhemos três dêsses grupos de arbustos retorcidos e acampamos. Com os facões aplainamos o terreno, decapitando os montículos odiosos.

Primeiro, segundo grupo, núcleo de especializados. Separados, mas próximos, em posição estratégica, embora incômoda. Comando os homens de guarda. Podem ficar sentados, porém, vigilantes, uma vez que não se aguentam de pé. Há algo de tragicômico nessas sentinelas ajoelhadas esticando o pescoço e espiando a extensão árida e má.

Milhões de cupins obrigam-nos a procurar algures lugar mais propício. Arrastamos nossos objetos pela ponta dos cobertores.

Jamais falta a piada, mesmo nos momentos mais críticos:

— Cuidado com meu cobertor, "sua bêsta"!

— Ponha farolete vermelho...

— Acabem com isso! Silêncio!

Os dois rapazes, que discutiram exacerbados pela fadiga, reconciliam-se. Ouço um dizer ao outro:

— Não tive intenção de te ofender. Queres um pedaço de rapadura?

*

As dôres do ombro ferido me impedem conciliar o sono. Minutos depois, todos roncam beatìficamente sob o piscar das estrêlas.

— Isto é "roncador" legítimo — diz o Nelson, que está de guarda, apoiado a uma casa de cupins.

CAPÍTULO VIII

NOVOS IMPREVISTOS, NOVOS SOFRIMENTOS

Reiniciamos a caminhada.

O livor do dia, que se prenunciava tórrido, esverdeia nossas fisionomias pisadas. Tratamos de consultar as bússolas: loucas, pela ação dos minérios da zona ou outros fatores, oscilam, impedindo a diretriz procurada. Mesmo calculando-se a derivação de 22 graus, não temos a certeza de caminhar na direção exata. Uns indicam um rumo "certo", guiados pelo instinto, outros desviam-se em sentido oposto, garantindo reconhecer o lugar. O etnógrafo e o geólogo, consultando as bússolas, divergem. Verificamos que, atraídos pelo fogo, tínhamos realmente nos transviado para a esquerda. A forte neblina, que sempre cerca a serra do Roncador, impede um ponto de referências. O deserto apresenta-se idêntico em todos os sentidos. Sirvo-me do sol, cujo esplendor matinal já se vislumbra no horizonte. Nossa direção é Sul e, portanto, devemos cortar em linha reta o percurso da "grande lâmpada", visto que, ao meio-dia, quando o astro atinge o Zênite, está ao Norte. Tudo isto devia ser lembrado, a fim de não executarmos um largo círculo.

O resto da água nos cantis dava para umas horas de marcha. Esperávamos alcançar um buritizal ou as lagoas que formam a cabeceira do Kuruá.

Animados pela fagueira esperança de chegar ao acampamento, iniciamos regularmente a marcha. Mesmo os estropiados mantêm o alinhamento e a distância.

Reconhecer o caminho percorrido há dias é impossível. A uniformidade exasperadora do deserto impede-o. Inùtilmente, julgando reconhecer o local, buscávamos decifrar as pegadas.

Como ponteiro, puxo a fila numa batida boa, para aproveitarmos a madrugada, porque o chapadão aquece em poucas horas. Até as 9 horas da manhã, tudo vai bem. Passada essa hora, é como se enorme braseiro servisse de solo, tamanho é o calor que dêle se desprende. O revérbero é tão intenso, que os olhos lacrimejam constantemente e, quando tôda a umidade contida no corpo se evapora, o bulbo ocular afunda na órbita, como para procurar no interior do crânio resguardo à tortura da cintilação contínua.

Duas horas de boa caminhada, sem o menor descanso e, às sete, alcançamos um capão verdejante, verdadeira bênção do deserto. Um riachozinho corre entre uma e outra lagoa com pouca água, mas, para nós, uma preciosidade. A princípio julgamos ser êsse córrego, o mesmo que tínhamos atravessado à saída do acampamento, e isso alegranos sobremaneira. Mas pouco durou a quase certeza. Constatamos que, desviados do rumo, tínhamos topado com um manancial providencialíssimo, mas de curtíssimo curso. Se assim não fôsse, iríamos,

mais cêdo ou mais tarde, seguindo-lhe a direção, dar no Kuruá.

A pequena corrente manava dos buritis da lagoa mais alta e vinha vasar na lagoa mais baixa. Desta, possìvelmente, por um mecanismo natural de sucção subterrânea, voltava à primitiva e assim, num círculo vicioso, alimentava um curto estirão.

*

Tínhamos atirado fora a única lata que serviu, depois da conquista do Roncador, para cozinhar um bocado de arroz, surprêsa que Celso e Nelson quiseram proporcionar, substituindo a passoca, alimento básico durante a nossa penetração. Sem êsse recipiente, não seria possível fazer um café e, diga-se desde já, a rubiácea era imperiosamente reclamada pelo sestômagos ressequidos.

Alguém lembra:

— O etnógrafo deve forçosamente ter uma panela dentro do "armário"!

— Será que êle a empresta?

— Peça...

— Eu não... O "homem" está com cara de poucos amigos...

Sugerem-me a idéia e eu obtenho do dr. Tikamer uma bela panela esmaltada, recebida com um "hurra" prolongado!

Em dois tempos o fogo é aceso, fabricado o tripê, diluída a rapadura. Depois, sorvemos lenta e gostosamente a bebida estimulante, como autênticos beduínos do Saara à margem de um "oasis". Só faltam os camelos.

Reconfortados, palestramos sôbre futilidades, corações alegres à perspectiva de alcançarmos um dos nossos acampamentos. Não encontramos nenhum vestígio de Aristeu e Gozzola, mas tínhamos absoluta certeza de que ambos, tomando rumo certo, já se encontravam na ilhota.

— Felizardos. No mínimo estão "lambendo" um churrasco e tomando chimarrão.

— Antes tivéssemos saído com dia alto. Estaríamos chegando...

— Ora, deixe de histórias. Os dois estão preparando o almôço. E' só chegar e cair num feijão gostoso.

— Quantas saudades de um "mulatinho" bem engrossado!

Nelson garante que reeditará o veado com môlho de tomate. A água cresce na bôca de todos.

— Tá-í uma descoberta! Quando estivermos com muita sêde, é só falar num quitute. Aparece água na bôca da gente e mata-se a sêde.

— Trata de tirar patente do invento... Vai ser o "número 1" desta zona...

A meia hora que concedi para o descanso vai se esgotando. Um dos rapazes lava a "panela" do etnógrafo, restituindo-lhe o brilho primitivo. Depois, na orla do córrego, agachados, bebemos a largos tragos.

— Toca a beber, "macacada", para oito dias!

— Deixem um bocado para mim — diz um retardatário. — Vocês não são camaradas!

Molhamos os capacetes de lona, os lenços que atamos no pescoço. Banho não adianta, que as roupas estão emporcalhadas, duras como couro cru, do suor que as embebeu.

Arranjamos uma "pinguela" para atravessar o riacho. Passamos, com cuidado, as máquinas de cinema. Em seguida, um de cada vez. Na outra margem, densa capoeira, aberta com rápidos golpes de facão. Depois, novamente o deserto.

O dr. Kaufer indica a direção, com amplo gesto de braço, esticado à esquerda. Não se conforma o etnógrafo que, empunhando a bússola, aponta outra direção, à direita.

— Senhor Aureli, a direção que "êsse senhor" indica, está errada! Nós temos que cortar em diagonal para alcançar o acampamento!

Sereno, o dr. Kaufer torna a assinalar a direção, observando a outra bússola. Não tenho confiança na afirmativa do dr. Tikamer e, no entanto, era êle quem estava com a razão!

Refreando a raiva, o etnógrafo nada diz e, com um gesto que deve ter sido o mesmo dos mártires do Coliseu romano, afivela a sua carga e segue a comitiva, pisando o solo com tôda fôrça de que é capaz.

*

Oito horas, nove horas, dez horas. Quilômetros e mais quilômetros. Queiroz atrasa-se. Outros também. O chão escalda. Vejo que dois homens carregam o rapaz atrasado, segurando-o pelos braços. Julgo coisa de pouca importância e prossigo. Um sexto sentido me previne que estamos perdidos e tento me orientar pelo sol, já descrente da bússola. Mesmo numa direção certa, o desvio em leque nos levaria a muitas léguas do ponto que pretendíamos alcançar. O rio Kuruá, em voltas caprichosas numa

extensão de quilômetros, desviando-se do eixo, tanto podia, no momento, estar a jusante como a montante. Essa incerteza exacerbava-me; recalco, porém, o tormento e reclamo do meu instinto uma indicação acertada.

Da cauda da coluna chega um apêlo:

— Parem, que o Queiroz desmaiou!

— Onde?

— Lá em baixo!

Paramos. Os homens deitam-se para aproveitar o descanso. Vou verificar o estado do rapaz. Encontro-o espumando pela bôca, olhos esbugalhados, feições alteradas. O caso é grave. Lourival acode e o Henry também. Insolação? Cansaço?

— Está com uma íngua inchada — diz o guia, que o vinha amparando.

— Já viu os pés dêle, chefe? — intervém Benedito, que tudo observa e retarda a marcha para catar do chão aquilo que os outros perdem.

Os pés do rapaz estão num estado miserando. Grossas bôlhas de água e pus nos calcanhares. Artelhos chagados.

Tratamos de carregar o companheiro. Barros também sente-se mal. Arranca uma bota e olha para o pé, que mais parece uma mortadela.

— E agora, como vou enfiar novamente esta maldição?

— Vamos arranjar um tênis para você. Tenha paciência...

Junto a um cupim, mais um homem cambaleia. Senta-se, encolhe-se todo e fica imóvel.

— Você, que tem?

— Nada, um "arzinho" que me deu!

— Sente febre?

— Não, chefe; sinto é uma louca vontade de ficar aqui...

Nesse ínterim, a malotagem é desfeita. Com os mosquetões cruzados, arma-se um tôldo sob o qual é estirado Queiroz. Sacrificamos a água dos cantis para reanimá-lo. Surgem uns óculos escuros que colocamos no nariz do rapaz desmaiado. Enérgicas massagens, respiração artificial, compressas na região inguinal, que está inchada e violácea. A situação é má. Teremos que carregá-lo. Uma carga espantosa para nós, no estado de fraqueza em que nos encontramos. E como fazê-lo? Olho em derredor. Nem um arbusto onde pudéssemos cortar uns paus para formar uma padiola. Só casas de cupins e "barba-de-bode" rala, escorregadia como sabão, obstáculo permanente à marcha.

Alguém lembra que "muito abaixo" viu umas "árvores". Lá vai o Lourival mais o Bucchi. Demoram cêrca de uma hora e regressam com um galho retorcido, mas de bom comprimento. Mando que se arranje uma rêde: nela deitaremos o ferido e assim prosseguiremos, sabe Deus como. Henry Julien pede um alfinete. Surge uma agulha com linha. Melhor que a encomenda!

Com ela o nosso cinematografista fura as bôlhas purulentas, atravessa-as com a linha que deixa no ferimento. O pus começa a coar em gôtas, esvaziando as bolsas e diminuindo a inflamação. Os derradeiros restos da água são atirados, com fôrça de ducha, no rosto do companheiro que finalmente readquire o uso da razão para se lamentar dolorosamente.

O sol realiza o seu ciclo diário, indiferente. Seus raios queimam nossa epiderme. Daríamos uma fortuna por uma nesga de sombra.

Queiroz é deitado na rêde. O rapaz é robusto e pesa muito. As mochilas e armentos dos que devem carregá-lo, são repartidos entre os demais, formando uma carga dupla para seis homens, pois o material cinematográfico já ocupa três. Calculo as possibilidades de cada um. Sei que, sob a pavorosa canícula, em breve estaremos a braços com a sêde.

A ligadura de esparadrapo de meu ombro queima como brasa e arranco-a. Para a Inferno, clavícula, ombro e tudo mais! Sinto-me desesperado ante a impossibilidade de orientar-me, porque as indicações são discordantes, mas guardo para mim, ùnicamente, os sentimentos que me agitam. Sinto que o olhar dos companheiros estão cravados em mim. Um gesto de fraqueza de minha parte significaria o desânimo de todos. A rapaziada já dera tôdas as energias e só a disciplina e o exemplo podiam alguma coisa.

O deserto, na minha frente, alongava-se ao infinito!

CAPÍTULO IX

ÁGUA! ÁGUA! ÁGUA!

— Vamos tocando! Chega de descanso! Formar fileira!

A voz de comando deve ser pesada em sua justa medida. A rudeza, muitas vêzes, fêz efeito de bálsamo. Eletriza e predispõe.

Dois homens se oferecem, solícitos, para transportar, nos primeiros dez minutos, o ferido: Aldo e Bucchi. Vejo-os cambalear com o pêso, mas seguem. Param várias vêzes, para tomar fôlego e continuam. Tropeçam, vacilam, mudam de ombro, cerram os dentes, mas não largam a carga. Logo depois são são substituídos. O dr. Tikamer e o dr. Kaufer também forcejam, sem dizer palavra. Os demais vão passando os equipamentos, as armas, a maquinária de cinema. A sêde começa torturar. Arfam todos os peitos e os lábios ficam azulados. O calor atinge o máximo. Poderíamos fritar ovos numa frigideira colocada no chão! A sola das botas e dos tênis não isolam suficientemente, e, assim, o martírio aumenta.

Estamos pisando as cinzas do incêndio de ontem. A "barba-de-bode" foi devorada, deixando, em seu lugar, a potassa que penetra pelas vias res-

piratórias, queimando horrìvelmente. Agora, ninguém mais suporta os minutos de carga suplementar. Auxiliamo-nos mùtuamente, dentro dos parcos limites de nossas fôrças.

— Eu acho que Fawcett morreu de sêde — diz-me um companheiro. — Assim se explica o seu desaparecimento. Não há Cristo que suporte isto!

E vai continuando, como um autômato, olhos vidrados. Os outros, nas mesmas condições. Napoleão Bucchi, com um restinho de água no cantil, a morrer de sêde, vai molhando os lábios dos demais.

*

Uma hora da tarde. O horizonte vazio alarga-se cada vez mais ante nossos passos trôpegos. Um desespêro mudo assalta a todos. A coluna perde a forma, subdivide-se em grupelhos que se arrastam, bamboleantes. Sou obrigado a parar inúmeras vêzes para dar tempo aos retardatários. Se alguém cai, sem ser pressentido, na cauda da fila, é homem morto; ninguém o encontrará mais, passada uma hora. Recomendo ao Benedito que avise, se tal acontecer.

Lobrigamos ao longe, um capão de mato. Tomamos a copa de uma árvore mais alta como ponto de referência e vamos indo. As paradas não têm mais conta. Ataca-nos uma espécie de sonolência traiçoeira. A cabeça parece querer explodir sob os capacetes. Tôdas as vontades afrouxam. Os gestos des meus homens são grotescos. Balouçam os corpos, trocam as pernas como bêbados, oscilam para frente e para trás, na iminência de cair.

— Fôrça, pessoal! Daqui há pouco teremos sombra e água! Um último esfôrço, do contrário atrasamos a marcha!

Há raivas concentradas, murmúrios ameaçadores.

Vozes roucas, irreconhecíveis, rancorosas, assim se exprimem:

— Sim, água... boa tapeação!

— Estamos é liquidados, isto sim!

— Belo fim de uma expedição!

Peço mentalmente a Deus que me dê energias suficientes para alcançar a margem de um rio, riacho, lagoa ou buritizal.

O ferido foi largado. Acerco-me da rêde e digo:

— Vamos, rapaz! Um pouco de boa vontade. Você não pode sacrificar mais seus companheiros!

Sou injusto, reconheço, mas ninguém podia mais com a carga. Prolongar a espantosa fadiga seria anular todos os esforços e baquear de vez.

Queiroz levanta-se, cambaleando. Henry e Fumis seguram-no pelas axilas e avançam, passo a passo, seguindo o resto. Agora é o entomólogo que vai à frente. Fico no centro para agrupar os homens.

Alcançamos a capoeira rala, sêca e retorcida. Esgares de uma natureza relegada à condenação eterna. Os galhos flexíveis chicoteam nossos rostos. Ninguém se incomoda. O que vai à frente solta o látego, pouco se lhe dando o grito de dor do companheiro que vem atrás. Agora, na rêde, vão os apetrechos de cinema e mais as mochilas. Dois homens atrasam-se. Esperamos vinte minutos. Ninguém tem fôrças para retroceder. Ei-los que surgem. Novamente em marcha. Lourival desvia-se com um punhado de rapazes. Chamo-o. Não ouve. Grito,

mas o som de minha voz não o alcança. Dou um tiro para o ar: não responde. Sei que êle se guia pelo instinto. E' do Norte e já experimentou a caatinga temível.

Alberico ainda tem fôrças para subir numa árvore. Espreita ao longe e, ao descer, diz:

— Uma légua, mais ou menos, a mata é "mais verde".

Êsse "mais verde" significa, possìvelmente, água. Para atingi-lo somos obrigados a desviar mais para a direita. Avançamos atrás da promessa, sedentos, com as artérias entumescidas à aceleração das pulsações. As veias do pescoço e das mãos parecem cordas. Os olhos encovam nas órbitas, com um brilho febril. Fisionomias pavorosas, tal é a alteração dos traços faciais!

São quase quinze horas, quando alcançamos a mata "mais verde". Nem uma gôta d'água. Tudo sêco, estorricado! Tombamos como uma pedra! Onde encontrar fôrças para prosseguir? Ninguém chora de desespêro, porque não existem lágrimas. Ninguém se lamenta, porque não há fôrça para tanto.

Conto os homens: faltam seis, que estão com Lourival. Onde estarão? Terão encontrado água? Ou jazem, neste momento, caídos para sempre?

— Firmes, companheiros! — digo — Firmes, que venceremos! Não podemos estar longe do rio!

— Eu também acho que a distância não é tão grande — diz o dr. Kaufer, que se mantém tranqüilo com grande esfôrço.

— Sabem de uma coisa? — intervém um dos rapazes. — Melhor é meter uma bala na cabeça!

Seguro-o pela gola da camisa e, olhando-o nos olhos, tento reanimá-lo:

— Um homem que se deixa levar pelo desespêro, é um homem perdido! Você parece criança! Nunca leu nada sôbre os tormentos da Legião Estrangeira? Pois bem: isto é "café pequeno"!

Êle sorri, mas noto em seu olhar um brilho estranho. Outros têm o mesmo olhar. Santo Deus, estaremos à porta da loucura?

Enfureço contra mim mesmo. Mando escalar uma árvore, escolhendo Bucchi, cuja resistência é extraordinária. Êle descobre um espigão e mataria densa, sinal de que estamos nos acercando da água. Todos se reanimam. A direção é à esquerda, agora, e retrocedemos sôbre nossos passos na extensão de légua e meia. Que fazer? Andar até o derradeiro alento. Parar é morrer, já disse.

*

O espigão é alcançado. Há no meio da vegetação um lençol verdejante. Água? Vou à frente, seguido imediatamente por José de Freitas. Os galhos baixos formam trincheira. Desesperado, afundo, como anta, no emaranhamento, abrindo caminho com o corpo. Dou com a cabeça num ninho de marimbondos, que me atacam ferozmente. As picadas incham-me o rosto, que fica tumefato! Esbravejo, esbofeteio-me para matar as vespas, e elas descem pela gola da camisa. Atiro-me como um ariete, cego, sentindo-me enlouquecer. O rapaz que vinha logo atrás, sofre a mesma sorte e avança esfuriado, esbarrando nos troncos e em mim. Cai-

mos no fundo de um riacho. Está sêco! Rolamos por sôbre as lajes, fugindo às picadas infernais. Os outros chegam e se atiram, num desespêro sem fim, sôbre as pedras... Mais uma esperança perdida. Quedamos em silêncio longos minutos. Todos nos odiamos recìprocamente. Ninguém se entreolha, mas desvia o olhar ou cerra as pálpebras. Não temos água, mas encontramos um pouco de sombra. Já é alguma coisa. Quando o furioso pulsar dos nossos corações se acalma, considero, em sua crua realidade, a situação. Noto que o leito do córrego desce num declive acentuado. Na época das chuvas, deve desaguar no rio. Isto é positivamente certo. O curso não será longo: algumas léguas, apenas.

Digo-o aos meus companhenros, que ouvem em silêncio, dispostos com certeza a ficar ali para sempre.

— Eu e mais o Heinz vamos descendo — proponho aos demais. — Se dermos dois tiros de carabina, quer dizer que encontramos água. Em todo caso vocês, logo que se sintam melhor, desçam também. E' só acompanhar o leito do córrego. Se não encontrarmos água, esperaremos lá embaixo.

Prolongar por algumas horas mais o suplício seria desastroso. E se, na nossa marcha, tivéssemos retrocedido inconscientemente, como sói acontecer em casos semelhantes? E' um dos maiores perigos que o cerrado apresenta.

Decemos alguns quilômetros. O córrego termina num terreno pedregoso, com vegetação rala, e vai dar numa baixada. Até perder de vista, o cerrado uniforme, denso. Nada da mata majestosa que orla o Kuruá. Interrogo com o olhar o Heinz, que ainda tem fôrças para sorrir. Com um gesto,

êle indica à esquerda. Faço sinal para que aguardemos a chegada dos companheiros, que não tardam, surgindo no fim do córrego. Olham também, interrogando, e eu aponto à esquerda. Eis que se ouve um tiro justamente na direção que acabo de indicar. Depois outro, e mais outro, ainda:

— Água! Água!

— Santo Deus! E' o pessoal do Lourival que avisa!

— Vamos! Vamos!

São verdadeiros bramidos. Reaparecem as fôrças. Quase correndo, atravessamos a mata, escorregando sôbre o pedregulho sôlto. Mais um carranco. Além, uma clareira indica o fim do capoeirão.

Chegamos, sem folêgo, trêmulos.

*

Lourival vinha descendo pela encosta de um morrote, comboiando os homens cambaleantes. Dera os tiros de aviso, para atrair nossa atenção!

Mas nada de água!

CAPÍTULO X

FIM DO TORMENTO

De bronzeadas, os rostos dos meus homens se tornam pálidos. As carabinas servem de apoio, e diversos arrastam-nas, não mais suportando o pêso. Henry e Fumis continuam auxiliando Queiroz. Os três caminham com passo mecânico, como bonecos de mola, sem vontade própria.

O grupo de Lourival precede-nos de uma centena de metros, mas não se detém para aguardar nossa chegada. Continua sem se importar com o que possa suceder.

Caminha-se porque as pernas se movimentam independentemente da vontade. Retrocede-se ao primitivismo da obediência passiva: todos seguem alguém para a vida ou para a morte!

Alcançamos o plaino. Acabou o deserto. Agora são ervas altas que embaraçam os passos. Devemos levantar alto os pés para nos livrarmos das laçadas contínuas.

Aproveito uma pausa na marcha para dizer:

— Desta vez não nos podemos enganar. Esta baixada corre para o rio. Tenho certeza que acabaremos nas suas margens.

Sou interrompido por dois tiros de mosquetão. Levanto-me e observo. O grupo de Lourival, ainda mais expedito, torce à direita. Estou com a vista ofuscada. Retenho a respiração e consigo enxergar.

— Buritis! Buritis!

Todos, galvanizados, soerguem-se. Não é miragem. E' outro "oasis" que surge de improviso! E' a água!

Reunimos o resto das fôrças e dirigimo-nos às benditas palmeiras. Lá, todos se atiram sôbre a erva sêca que cerca sempre os buritizais, afundando nessa espécie de colchão natural.

Bucchi não perde tempo. Com a sua extraornária energia, toma da cavadeira e começa a afundá-la no terreno. Cava a primeira cacimba. Está frenético. Trabalha com furor, atirando, por sôbre os ombros, a terra rubra.

Um dos meus homens que mais disciplinado se mostrou durante todo o tempo, tomado de súbito desespêro grita:

— Isto não é expedição! Isto é morte! Oooooh! Ooooh!

Arrasto-me até êle e conforto-o com palavras de encorajamento, dizendo-me admirado de sua súbita fraqueza. O coitado parece acordar. Sorri. Diz "que aquilo não foi nada". Vira de bruços, escondendo o rosto.

Há quem descubra uma espécie de lagoazinha no meio dos arbustos. Mas o pouco de água é tão podre, tantos são os vermes e o limo repelente que, apesar de estarmos às portas da alucinação por causa da sêde, ninguém se atreve a beber.

Heinz me procura e diz:

— Lá embaixo deve estar o Kuruá. Vou até lá.

— Você resiste?

— Sim, devo resistir! Já estou mais descansado. Se encontrar água, aviso com dois tiros.

Lá vai o entomólogo sôbre as pernas trôpegas e, em breve, desaparece tragado pelo cerrado.

O ácido fórmico das vespas, que tantas dôres me provocava, já terminou sua ação. Agora, sinto o tormento do ombro ferido. Deito-me de costas, desafivelo o cinturão, livro-me do resto da carga. Surge Bucchi e segura o cantil.

— Chefe! Só conseguimos um pouco de barro. Mas já é alguma coisa. Tome!

Alonga-me o recipiente. Seguro-o sôfrego. Nêle está a vida. Mas sinto escrúpulos e indago:

— Os outros já beberam?

— Beber não beberam... mas comer lama, comeram!

Da bôca do cantil côa, diluída, a lama vermelha. Umedeço os lábios e esparramo o lôdo pelo rosto, na nuca, no peito. Fica um restinho que procuro tragar. Encho a bôca, mas a lama não atravessa a garganta. O refrigério, porém é grande. Sentimos todos um pouco de alívio. Agora, temos fôrça para aguardar que a água filtre na cacimba. Um quarto de hora de expectativa, que mais parece um século; depois poderemos beber um bocado. Não há coisa mais deliciosa neste mundo!

Ecoam, nesse momento, dois tiros. E' o Heinz que avisa ter dado com o rio! Um viva que faz estremecer as largas fôlhas das palmeiras saúda o achado. Depois, surge o "dr. Saúva". Vem triunfante:

— Lá... lá... (e indica) está o rio!

Oferece o cantil cheio d'água, bálsamo puríssimo! Em seguida explica:

— Vamos dar com o acampamento da cachoeira! Justamente nessa direção!

— Você viu rastos do Aristeu e Gozzola?

— Não senhor! Não vi nada...

*

Quando o sol deita no horizonte, já estamos no acampamento. Um dos fatores do sucesso da "Bandeira Piratininga" foi a previdência. Em todos os acampamentos sempre mandava deixar bastante mantimento e vasilhame. Aqui encontramos arroz, feijão, banha, rapadura, chá, açúcar e toucinho. O suficiente para um bom jantar.

Antes, bebemos até arrebentar. Depois tomamos banho. Que mudança! Todos alegres, todos risonhos, todos contentes como crianças dentro d'água, mandando às favas os "piuns" que enxameavam aos milhões!

Todos falam ao mesmo tempo, querendo externar sentimentos íntimos; "aquilo que sentiram e experimentaram".

Lourival narra:

— Quando larguei vocês, julgando andar em paralelo, embarafustei pela mata. Topamos com o córrego sêco muito acima do ponto onde vocês desceram. Estava louco de sêde e o pessoal que ia comigo também. Eis que de súbito avistamos uma fumaça e julgamos ser uma aldeia de Xavantes! Em pleno uso da razão, ter-se-ia desviado prudentemente, mas a tortura era tamanha que resolvi,

13 — Homenagem da "Bandeira Piratininga" ao heróico Hermano Ribeiro da Silva, no Cemitério de Aruanã, à margem do rio Araguaia.

14 — Os silvícolas deambulam pela floresta virgem.

com os cinco companheiros, avançar e tomar de assalto o povoado! Antes o imprevisto do que prolongar o suplício! Agora reconheço a loucura do meu gesto, mas naquele momento, mesmo sòzinho, eu teria procurado ocupar Madrid! A fumaça era de um resto de incêndio, sabe Deus por quem ateado. Foi quando torci à direita e vim dar com vocês na baixada.

— Se fôssem Xavantes teriam que nos dar água de qualquer jeito — diz um dos companheiros do Lourival — ou água ou flechadas. Mas eu garanto que teria dado tudo: armas, roupas, equipamento, no caso que topasse com os bugres, a trôco de uma cabaça de água fresca!

*

Findou o martírio, que não desejo ao meu pior inimigo! Já um alegre fogo faz borbulhar a água da panela. O café reanima e faz que se aguarde calmamente o jantar!

Depois da refeição e do repouso, Lourival e Alberico desejam subir até o acampamento da ilhota para se juntarem ao Aristeu e Gozzola e regressar com êles, trazendo a montaria e os mantimentos, lá deixados. Conhecem o caminho e não há perigo.

Noite escura, regressam com a embarcação que deixam acima da cachoeira próxima. Mas nada dos dois homens que lá deveriam estar!

— Não encontramos ninguém. Só uns rastos de índios pelas proximidades. Nada de Aristeu nem Gozzola. Perderam o rumo na certa.

Êsse acontecimento a todos acabrunha. Se os dois rapazes se perderam no Deserto, o caso assume graves proporções. Como encontrá-los? Por onde teriam enveredado? Se estão perdidos, estão perdidos para sempre, a não ser que, encontrando as cabeceiras do Kuruá, por êle venham descendo em pequenas etapas.

— Vamos solicitar um avião a S. Paulo — sugere alguém.

— O que adianta um avião nesse mundo perdido? De mais a mais, onde o combustível necessário para o reabastecimento? Aqui não há, para um aviador, a menor visualidade nem a mínima probabilidade de descobrir um grupo de elefantes, quanto mais dois homens!

E' Tácio Cattony quem fala. Êle é aviador e, portanto, fala de cátedra. Para achar alguém, deve-se fazê-lo rastejando possíveis indícios ou pegadas. Mas é procurar agulha em palheiro.

Preciso tomar imediatas providências. Resolvo ficar com mais cinco homens: Nelson, Alberico, Celso, Lourival, Benedito. O resto, logo pela manhã, deverá iniciar o regresso até o acampamento do rio das Mortes. Os feridos irão na canoa. Mando preparar tudo e escrevo as comunicações telegráficas que serão transmitidas ao Presidente da República, ao Interventor em São Paulo, dr. Adhemar de Barros, e à redação do meu jornal. Entrego as mensagens ao Julien que, apesar de muito ferido nos pés, cede seu lugar na canoa ao dr. Kaufer, a fim de permitir-lhe realizar o levantamento de determinado trecho de Kuruá.

Dadas as ordens necessárias e feitas ao Bucchi, que vai chefiar o grupo de regresso, tôdas as reco-

mendações, preparamo-nos para dormir, pois estamos em petição de miséria. Antes, porém, amarrando em altos paus fachos de magnésio, fazemos longos sinais luminosos na esperança de atrair a atenção dos dois extraviados e indicar-lhes a direção certa.

Para não sacrificar apenas alguns homens no serviço de vigilância, resolvo que todos dêem guarda, de hora em hora, a começar por mim.

CAPÍTULO XI

PERDIDOS NO DESERTO

Feitas as despedidas, logo pela manhã, resolvo aguardar ainda umas horas antes de iniciar a busca dos desaparecidos. Inicialmente, mando dois homens até o acampamento da ilha, a fim de acenderem uma fogueira com os troncos que lá se encontram. A fumaça pode servir de sinal.

O grupo que desce rumo ao acampamento do rio das Mortes, já distanciado, rompe fogo contra alguma caça. A princípio, julgo que êle tenha "topado" com Aristeu e Gozzola, mas essa esperança se desfaz.

Regressar ao Deserto, penetrar novamente naquele Inferno, não alegra nossos corações. De mais a mais, teremos que proceder como cegos, pois nenhum indício guia nossos passos. Que direção tomar, Norte, Oeste ou Sul? Entrego-me à sorte e, às 10 horas, com água bastante para uma marcha prolongada, largamos em direção N. O., que se me afigura com maiores probabilidades de êxito.

Passo ao largo do córrego sêco e ataco rápida elevação, escalando uma pedreira natural e um barranco cortado a pique. Depois, afundo na mata,

atravessando em diagonal vasta zona que já conheçã.

Sem equipamento, nosso passo torna-se mais rápido e seguro. Campos, cerrados, capões de mato, e estamos novamente na orla do grande Deserto. Levamos três horas de marcha rapidíssima, sem descanso, para atingir a chapada onde tanto sofremos. Nosso entusiasmo decresce bastante ante a imensidão árida e sem vida. Penetrar nela, depois de todos os sofrimentos, não é nada agradável. Mas temos um sagrado dever a cumprir e, haja o que houver, enquanto tôdas as esperanças não desvanecerem, lutaremos. Bem à direita do ponto onde nos encontramos, surgem uns buritis meio queimados. E' conveniente, antes de mais nada, acercarmo-nos dessas palmeiras amigas. Se os dois extraviados passaram pelas cercanias, terão procurado água nalguma cacimba.

Há rastros fundos de antas. Tôdas as trilhas dão para o "oasis". Metemo-nos por uma dessas sendas que facilitam o caminhar. Já próximos aos buritis noto, no chão, uma pegada de tênis. Logo adiante, outra. Mais além, impresões de outro calçado. Não há dúvida alguma: os dois companheiros passaram recentemente por êste lugar!

Peço ao Benedito que faça dois disparos de mosquetão para o ar, e ficamos, ouvidos atentos, esperando. Não tarda, muito ao longe, à esquerda, a resposta: dois tiros espaçados. São êles! Sorte maravilhosa a nossa em termos topado, logo, com o rastro certo e dentro de uma zona de milhares de quilômetros quadrados!

Mando renovar os disparos e novamente chega-nos a resposta. Avançamos, guiados pelos tiros.

Passada uma hora, novos disparos. Recebemos a contestação muito mais fraca. Significa que os dois estão rodeando os morros que formam os contrafortes do Roncador. Agora, sabemos onde se encontram e tratamos de aproximá-los pela frente, evitando as elevações. Transposto extenso cerrado, descemos uma encosta e beiramos um córrego, onde há restos de água apodrecida, e que termina lá em baixo, num denso matagal. O rumo é ótimo, pois a mata cessa justamente onde os morros começam. Atiramos espaçadamente e, dessa forma, recebemos resposta. Assim guiamo sos passos dos dois extraviados.

Ei-los que surgem, finalmente ,em estado lastimável. Rostos escavacados, olhar esgazeado, roupas rôtas, pés inchados, epiderme oleosa. Estão tão cansados que não demonstram nenhuma alegria. Bebem, sôfregos, a água que lhes oferecemos. As explicações serão dadas no acampamento, que demandamos sem tardança, visto que a noite se aproxima.

Reconfortados já, os dois companheiros descansam gostosamente, estirados no chão. Depois do café, Aristeu narra:

— Perdemo-nos. Quando dei pela coisa, já era tarde. Não querendo marchar dentro da noite, resolvemos pousar para aguardar luz suficiente. No dia imediato, julgando ter encontrado o caminho seguro, fui andando. Só muitas horas depois notei que estava completamente fora do rumo, tendo percorrido inúmeras léguas à direita. Que fazer? A sêde atormentava-nos, e, lobrigando, ao longe, um trecho de mata, para lá enveredei. Encontrei uma lagoa. Tomamos banho, bebemos e comemos

um bocado de passoca. Pelo sim e pelo não, resolvemos, eu e Gozzola, diminuir nossas rações. Não me arriscava a abandonar as proximidades da água e, topando com um córrego, comecei a segui-lo. Com isso ia me distanciando ainda mais. Sòmente quando, atravessado um trecho do deserto, vi uma vegetação verdejante em minha frente, é que topei com o braço esquerdo do Kuruá. Lugar maravilhoso e selvagem. Imaginem vocês que as ariranhas andavam às centenas, assim como tôda espécie de caça. Um Paraíso terrestre! Matas soberbas, com madeiras ótimas. Resolvemos fabricar uma jangada para desce ro rio. Levou horas a fabricação, e quando nela subimos, afundou como chumbo! Trabalho perdido. Viemos, então, descendo pela margem esquerda. Mas uns pântanos obrigaram-nos a largo desvio. Horas depois, eis que pisamos novamente o lugar da partida! Tínhamos feito um círculo perfeito, sem dar pela coisa. Em marcha novamente. Estava certo que iria direitinho para a frente. Mas qual não foi o nosso desespêreo quando, pela segunda vez, retornamos ao mesmíssimo lugar! Fiquei com mêdo que Gozzola enlouquecesse...

— Eu tive o mesmo receio a seu respeito — interrompe o impassível jundiaiense, sorrindo, calmo.

Aristeu finge não ouvir e continua:

— Que fazer? Era tarde já, e o lugar prestava-se para pouso, se bem que os pernilongos andassem aos bilhões. Passamos uma noite infame, e, ao alvorecer, novamente em marcha. Com a mente mais descansada, fácil me foi tomar melhor orientação. Andamos a manhã tôda, o dia todo, quase

morrendo de sêde. Topamos com os buritis onde vocês deram com as nossas pegadas, e aqui estamos!

Nesse breve relato, exposto com a maior singeleza, havia tôda uma história de sofrimentos inacreditáveis.

— Graças a Deus estamos novamente juntos — diz Celso. — Agora devemos refazer as fôrças para seguirmos até a "ilha de Capri". Estou doido para mudar de roupa e poder dormir uma noite sem preocupação.

Digo-lhes:

— Amanhã bem cêdo vamos seguir caminho.

Conto chegar ainda com dia na margem do Mortes. Agora conhecemos o caminho e não temos mais o empecilho da carga e descarga da canoa.

*

Desviamo-nos do rio e atravessamos extensa campina verdejante, a fim de ganharmos uns quilômetros; duas horas depois, pisávamos nossos rastros, na mesma campina!

— Que azar! Olhem: novamente a ossada da anta!

— Aqui só há um recurso; benzermo-nos...

— Cadê padre?

— Fabricamos um...

Abandonamos o campo, seguindo beira-rio, prudentemente. Agora estamos andando num terreno limpo pelo fogo. Após ligeiro descanso, descemos uma cachoeira.

Às 13 horas alcançamos o rio das Mortes. Eis novamente a água cristalina e pura. Bebemos lar-

gamente "para matar saudades" e, em seguida, tomamos café. Muito caminho ainda restava fazer para alcançarmos a "Ilha de Capri", margeando o grande rio.

Supondo-nos mais ou menos à altura do acampamento, disparamos as armas para o ar. Respondem, passado um minuto, mas muito baixo ainda. Enfim chegamos. São 17 horas. Benedito Martins vem com a "montaria" e nela embarcamos.

Depois de tantos dias de separação, abraço o telegrafista, Arutana e Oscar. Tudo está em ordem. Moacir comunica-nos ter enviado os rádios e ter recebido outros. E desfecha esta nova:

— Chefe: estamos levando "pau" lá no Rio de Janeiro. Dizem que andamos chacinando índios a torto e direito e depredamos a "propriedade" dos silvícolas...

Olho estarrecido para o rádiotelegrafista, julgando, a princípio, uma pilhéria de mau gôsto. Mas em breve tenho certeza absoluta. Profundamente aborrecido reúno os homens e explano:

— Recebemos "boa recompensa" de nossos esforços e sacrifícios: estamos sendo apontados como aventureiros matadores de índios!

A indignação é geral. Pragas chovem de todos os lados.

— Calma, rapaziada — intervenho. — Deve haver algum quiproquó. Em todo o caso, depois de tanto penar ,esperava melhores notícias...

O grupo dispersa-se. Todos comentam os fatos. Tento comer, mas os alimentos não me descem pela garganta. As más notícias envenenaram o prazer de estarmos de novo todos juntos.

À noite, novos despachos. Moacir vem radiante:

— Boas novas, chefe! Olhe aqui!

São os rádios da Presidência da República e do dr. Adhemar de Barros, que se congratulam com o nosso sucesso.

Desfazem-se, como num sôpro, as nuvens negras. Leio os despachos aos rapazes, que vivam os nomes dos srs. Getúlio Vargas e Adhemar de Barros.

— Deixem caluniar à vontade, agora! A justiça está sendo feita!

Nessa noite não consigo conciliar o sono.

CAPÍTULO XII

NOTA DE UM "DIÁRIO"

Comunico ao subchefe a partida para o dia imediato. Todos entram a trabalhar com afinco: desfazem-se barracas, armazena-se o material, estiva-se a embarcação.

Moacir Vieira de Melo, nosso rádiotelegrafista, conforme ordens recebidas, anotou minuciosamente, num diário, todos os acontecimentos. Entrega-me o documento. Verifica-se a tortura sofrida pelos três homens que deixei na "ilha de Capri", tortura da solidão e dos terríveis mosquitos "piuns".

Depois de citar a forma com que se estabeleceram na ilha e dar parte minucioosa dos trabalhos executados para o armazenamento de víveres e materiais, narra episódios de caça e pesca, o rádiotelegrafista diz:

— "Estamos a 24 de agôsto, nosso segundo dia de completo isolamento. Por volta das 14 horas ouvimos ruído de motores. Surge um batelão: é da Missão Salesiana e nêle vem um irmão leigo, espanhol, o mesmo que já encontramos próximo à praia dos Xavantes. Para na ilha e eu, mais o Arutana e Oscar, fomos apresentar as boas-vindas, fazendo as honras... da casa. Depois dos primeiros cum-

primentos, o visitante começa a fazer uma longa série de perguntas sôbre nosso encontro com os Xavantes. Noto que está interessado. Conto o que sei. Nisto, aproxima-se o batelão do padre Chovelon. O rev. está com ares zangados, tanto assim que, pedindo licença, retiro-me, mais os companheiros, para o nosso acampamento, na outra ponta da ilha. Mais tarde, aparece o espanhol. Deseja fotografar Arutana, que foi ferido pelos Xavantes. Pede para que posemos também ante sua objetiva. Satisfizemos o pedido. Em seguida, alegre e contrafeito, o visitante insinua "certos boatos ouvidos algures" de que o pessoal da "Bandeira Piratininga" jurara, em Leopoldina, "fazer barulho" caso encontrasse os barcos da Missão hasteando um pavilhão que não fôsse o nacional". Retruco, sinceramente indignado, pedindo para que diga ao seu chefe que a "Bandeira Piratininga" é formada por um núcleo de rapazes distintos e não cafajestes. De mais a mais, quando do nosso primeiro encontro no rio das Mortes, êle e seu chefe já tinham verificado isso graças à maneira fidalga com que foram tratados! Percebo perfeitamente a manobra e nada mais tendo que dizer, despeço-me do visitante, que sai meio atrapalhado. A Missão, em lugar de continuar sua viagem rio acima, desce o Mortes. Estou certo de que vai graças às minhas informações, acampar na praia dos Xavantes para ver se consegue contacto. Hoje não houve comunicações. O calor e os "piuns", cada dia que passa, se tornam verdadeiro horror! Os mosquitos aumentam de forma incrível, deixando-nos como pilhas elétricas! Arutana também está "brabo" e xinga os malditos insetos. Ventos violentos sopram o dia inteiro. Tomamos os devidos

cuidados para não nos deixarmos surpreender pelo temporal uqe se anuncia. Às 19,30 horas todos no berço...

DIA 26 DE AGÔSTO — O calor e os "piuns" cada vez piores! Êste suposto "paraíso" torna-se verdadeiro inferno. Esta manhã levantei-me indisposto. Estou com o corpo cheio de "cabeça de pregos". Tenho bastante febre. Eu e Oscar somos bastante animosos, mas é quase impossível passar os dias num pequeno pedaço de terra como êste. A fôrça de leão que fazemos para que a melancolia não se aposse de nós, é incrível. Arutana avisa-me estar suspeitando da presença de Xavantes na margem direita. Ouviu certos barulhos que êle conhece como sendo de "gente". Resolvo, a partir de hoje, fazer várias inspeções pela ilha tôda. Às 20 horas entro em contacto com Rio Prêto. Recebo comunicações, entre elas uma de minha noiva, coisa essa que me dá vontade de fabricar uma canoa e sair daqui feito um raio!

DIA 27 DE AGÔSTO — Os cachorros latiram a noite tôda. Nunca ouvi "mutum" e "jaó" piar tanto. Arutana garante que são os Xavantes. Estou "mais ou menos" tranqüilo quanto à nossa posição. O chefe soube escolhê-la. Há muita correnteza neste trecho e os Xavantes não possuem embarcações. As coisas tomam outro rumo e faço freqüentes inspeções pela ilha. Para manter boa vigilância, armo minha rêde no meio do bosque e fico observando a margem suspeita. Oscar Prado, também faz inspeções. Depois do jantar redobramos nossa vigilância. Ouvimos perfeitamente barulhos de paus quebrados e outros, vindos do mato fronteiro. Dividimos o serviço de guarda: duas horas para cada

um. O seguro morreu de velho. Os "piuns" enlouquecem a gente! Minha "nossa", que tormento! Caça e pesca, neste "Paraíso" não há. Continuamos no puro arroz e feijão com farinha torrada.

Se alguém se atrever a assegurar que isto aqui é o tal "Paraíso", juro que sou capaz de matá-lo. E' calor, é mosquito, é formiga, é tudo! Estou certo que ao abandonar a ilha, terei pago todos os meus pecados! Estou ansioso pelo regresso do chefe e meus companheiros. Isso significará o fim dêste tormento, dêste suplício chinês. Oscar torna-se impertinente e eu concluo que é o efeito dos "piuns" e outras pragas.

DIA 28 DE AGÔSTO — A escolha feita pelo chefe, dos homens que deveriam ficar na ilha, foi, a meu ver, péssima. Não sou amigo de prosear, mas uma palestrazinha, aprecio-a sinceramente. Oscar não fala. Raramente diz uma ou outra palavra. Arutana então... Fico eu falando sòzinho! Oscar só murmura impertinência, isso sim! Calo-me para não discutir. A bugrada continua fazendo barulho na margem. Caso tentem um ataque, estou resolvido a fabricar bombas com as latas de gasolina. Taco fogo em tudo! Pode ser que isto me custe muito caro, mas muito Xavante "se estrepará!" Arutana resolve não dormir mais. Anda a noite tôda. Isto não é vida! De dia, calor e "piuns" que não dão descanso; de noite suspeitas que êsses "diabos" andem com "coisas" na cachola. A preocupação de Arutana faz avolumar nossa apreensão. Ora bolas!

DIA 29 DE AGÔSTO — Levanto cêdo sentindo-me próximo ao paroxismo. Malditos "piuns"! O tormento vai prosseguindo e eu julgo ficar louco.

Apesar disto estou sempre vigilante. Às 15 horas ouço barulho. Julgo ser alguma anta pastando. Mas, olhando bem, lobrigo um índio que desce à margem. Faço um disparo para o ar e outro n'água. O bugre desaparece e com êle, outros que estavam pelas proximidades. Vi perfeitamente o silvícola correr e desaparecer no mato. Só foltava isto agora! Quando é que o pessoal regressa?".

*

O resto dos sucessos, Moacir narrou-os quando do meu regresso. Se dou à publicidade parte do diário, é para que todos possam avaliar quantos e quais os sacrifícios suportados pelos rapazes da "Bandeira Piratininga" e, ao mesmo tempo, para se observar a mudança de caráter que se opera num homem isolado no sertão bruto. Como prova documental contra insinuações menos elegantes, o diário do meu bom companheiro de jornada vale ouro!

*

Ao entardecer do dia dois de setembro, encontramos padre Chovelon que vem subindo novamente o rio, rumo ao "rancho São Domingos". Muitos sorrisos por parte do pessoal da Missão, muitos cumprimentos. Retribuimos as saudações e encostamos. Diz-me padre Chovelon que permaneceu uma semana na praia, onde nós conseguimos contacto com os Xavantes. Mas, durante êsse tempo todo, os índios não quiseram aparecer aos missioná-

rios. Relata-me que junto à praia encontrou as bainhas das facas com que presenteamos os bugres e os sacos de sal vazios. Deseja saber algo sôbre a serra do Roncador e eu, em breves palavras, satisfaço-lhe a curiosidade. O irmão leigo, o mesmo que insinuara ao Moacir as nossas "intenções", focaliza sua máquina para tomar um instantâneo. E' quando a êle me dirijo, dizendo:

— Lamento muitíssimo, meu caro amigo, que tenha tido a pouca habilidade de fazer um julgamento precipitado e injusto com respeito aos rapazes da "Bandeira". Aqui estão êles. São cavalheiros, conforme viu em Leopoldina, neste rio, e como pode ver agora!

— Mas... yo digo... los otros son los que...

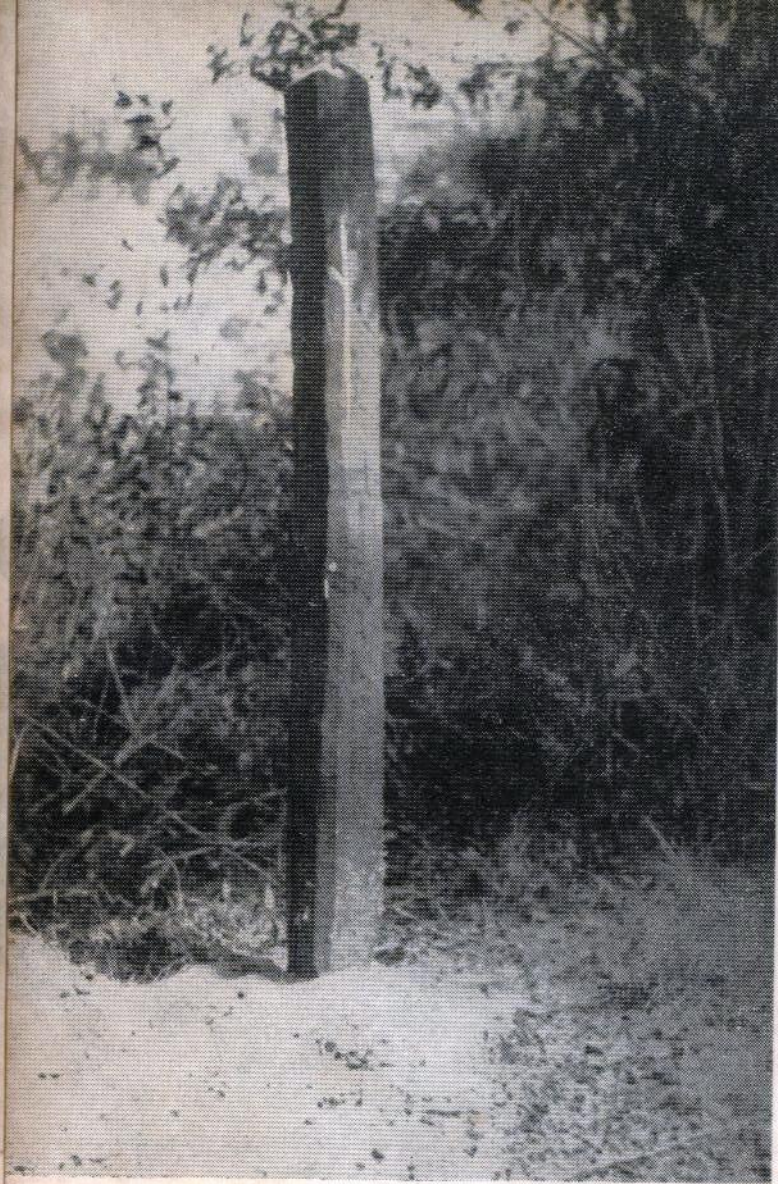
— Deixe os outros em paz. Também eu tenho ouvido coisas pouco lisonjeiras e jamais prestei ouvidos a semelhantes babozeiras!

O homenzinho fica rubro como um tomate maduro. Esquece-se de tirar a fotografia e fecha lentamente a sanfona da máquina. Noto que na Missão faltam quatro homens. Tertuliano, por exemplo, meu conhecido e guia profissional, não está. Também o mecânico sumiu. Não indago. Mas Aristeu "bate papo" com o zingador da proa, que diz:

— Houve bagunça, por causa dos ordenados. Tertuliano mais Fulano, Beltrano e Sicrano desceram o rio na canoa...

Estou com pressa e não desejo prolongar a parada no meio do rio. Por mera gentileza, pergunto ao rev. Chovelon:

— O sr. continua subindo?

15 — O autor, ladeado pelo enfermeiro
e pelo entomólogo da "Bandeira"

16 — Marco da "Bandeira Piratininga", no alto rio Kuruá.

— Vou indo, vou indo. Muito ainda resta a fazer nestas paragens.
— Pois desejo-lhe boa viagem, reverendo.
— Muito obrigado. O mesmo eu desejo.
— Então até a volta...
— Até a volta!
— Adeus pessoal!
— Viva!

CAPÍTULO XIII

ENFIM, A ILHA SUSPIRADA

Mais algumas horas e estaremos no acampamento da Ilha do Destaque. O ombro ferido impede-se de continuar a remada que venho sustentando há três dias a fim de, com o exemplo, manter alta a "pressão" dos meus homens. Tenho uma lata de gasolina e mando alimentar o motor, com grande alegria do pessoal. Às 10 horas, encostamos na praia onde tivemos contacto com os Xavantes. Soltamos foguetões, na esperança de chamar a atenção dos selvagens, mas êstes não aparecem. Aatravessamos o estreito braço d'água e notamos que os índios fecharam o caminho, atravessando uns troncos de árvores encimados por umas flechas. Encontramos restos de acampamento da Missão Salesiana. Depois da refeição seguimos viagem, porque estava ansioso de rever meus homens da ilha, pois lá deixara quatro doentes.

Enfim, a ilha suspirada. Tiros e mais tiros para o ar, alegria em todos os rostos. Noto de longe o corre-corre. Agitam os braços como loucos. A bordo todos cantam o "periquitinho verde". Quando pulamos na areia fôfa, fomos abraçados com sincera emoção.

Accioly e dr. Diniz estão pálidos e magros. Um teve, além da convalescença da fisgada de arraia, fortes ataques de maleita, e o outro um grave embaraço intestinal. Francisco Whitaker e Raul Rodrigues já estão bons. Tudo em ordem. Accioly realizou milagres com o punhado de homens que comandou. Galpões, barracas, uma ponte sôbre a pequena lagoa, boas estradas que cortam a ilha em todos os sentidos, cozinha, depósitos, dependências sanitárias etc.

Todos querem saber novidades. Os "Vinte e um Roncador" estufam os peitos, assumem ares de veteranos e narram as aventuras. Há, nos olhos dos que ficaram, certa inveja, aliás, compreensível.

O "mestre cuca" da "Bandeira", o gordo Apolinário, anda resfolegando de um para outro lado, gingando seus 130 quilos: está preparando um jantar suculento.

Após a refeição, mando armar acampamento na praia. Até as 21 horas, quando o clarim anuncia a hora do silêncio, entre o pouso dos "residentes" e as barracas dos recém-chegados, há um vaivém constante. Troca de amabilidades; café, chá, "pinguinhas". Depois o descanso merecido.

*

Luís Accioly Lopes, que comandou o acampamento durante minha ausência, também anotou todos os acontecimentos. Entrega-me, logo pela manhã, o "diário". Ei-lo:

DIA 11 DE AGÔSTO DE 1938 — Foi iniciado o trabalho de limpeza do local adequado ao nosso

acampamento. O estado de saúde de Raul Rodrigues tem piorado sensìvelmente.

12 DE AGÔSTO — As embarcações do padre Chovelon passaram ao largo do nosso acampamento às 13 horas. Continuo o trabalho de preparação do terreno para o levantamento dos barracões e instalação do novo acampamento. Devido ao mau estado do terreno o trabalho tem rendido pouco. Continua sem melhoras o estado de saúde de Raul Rodrigues, tendo o dr. Diniz feito uma injeção antipiogênica.

13 DE AGÔSTO — Foi inaugurada hoje a ponte que liga a praia ao nosso acampamento. A ponte foi batizada com o nome de S. Luís. O estado de saúde de Raul tem melhorado um bocado depois de submetido à segunda intervenção cirúrgica pelo pelo dr. Diniz. Determinei que fôssem feitas amplas picadas ao redor da ilha e, outras, cortando-a em vários sentidos. A ilha tem quilômetro e meio de ponta a ponta, por 500 metros de largura. Hoje à tarde o dr. Diniz foi acometido de sério embaraço gástrico. Foram-lhe ministrados os medicamentos necessários pelo enfermeiro Nogueira.

14 DE AGÔSTO — O dia de hoje foi dedicado ao descanso geral. O dr. Diniz melhorou sensìvelmente. Raul Rodrigues também está melhor. Chico vai de vento em popa depois de um apêrto de disciplina.

15 DE AGÔSTO — O mecânico iniciou hoje as tentativas para consertar a "Arca de Noé". Mandei construir dependências sanitárias à margem da ilha. Ficou terminado o trabalho de preparação do terreno onde surgirá o barracão principal. O dr. Diniz e Raul melhoram. À noite grandes incêndios nas margens do rio.

16 DE AGÔSTO — Tôda a madeira necessária à construção dos barracões foi cortada e transportada. Trabalho rude, sob temperatura senegalesca. Ameaça chuva.

17 DE AGÔSTO — O mecânico desistiu de lidar com a "Arca de Noé". A lancha deu "os pregos" definitivamente. Veremos o que resolverá o chefe quando voltar. O barracão principal está armado. Amanhã será coberto.

18 DE AGÔSTO — Continuam os grandes incêndios nas margens. Constatei, hoje, a presença de índios Xavantes. Logo que meu estado de saúde o permita, iniciarei uma série de penetrações para confirmar minhas suspeitas quanto aos silvícolas. Tem merecido louvores o comportamento dos homens. Todos, inclusive o médico, têm trabalhado com ótima disposição.

19 DE AGÔSTO — Mandei fazer uma queimada na margem esquerda, a fim de facilitar uma próxima penetração .Queimamos os restos do cerrado que o incêndio ateado pelos índios poupara.

DIA 20 DE AGÔSTO — Ficou completado o rancho grande. O resto do acampamento está em ordem. O estado de Raul tem melhorado muito. O meu ferimento tem melhorado também. Eu próprio cortei tôda a carne apodrecida do meu pé. Ficou um buraco onde cabe perfeitamente um punho! A caça tem rendido pouco nesta ilha. Sentimos grande falta de uma embarcação rápida.

DIA 21 DE AGÔSTO — Iniciei hoje, apesar do meu estado de saúde, uma pequena penetração. Observei minuciosamente no sentido de encontrar rastros ou qualquer vestígio de índio. Tudo porém foi improdutivo, pois que os incêndios queimaram

enorme extensão de cerrados. Encontrei três grandes lagoas com estupenda vegetação marginal.

DIA 23 DE AGÔSTO — Em companhia do Zé Luís, numa extensão de 8 quilômetros pela margem esquerda do Mortes, procurei uma árvore que servisse para a construção de uma canoa. Devo precaver-me contra possíveis acontecimentos e aumentar nossos meios de transporte. Dei com um lindo exemplar de landi que amanhã será derrubado.

DIA 24 DE AGÔSTO — Foi iniciada a derrubada do colosso da floresta. Taraúna, o carajá que ficou conosco, consegue diàriamente grande quantidade de piranhas. Hoje tive um traiçoeiro ataque de impaludismo. Em breve a febre subiu a 40 graus. O dr. Diniz, cuja dedicação é exemplar, medicou-me muito bem a ponto de decrescer, à noite, a febre, permitindo-me tomar êstes apontamentos.

DIA 25 DE AGÔSTO — Estou tomando "Sesonan" com ótimo resultado. O madeiro destinado ao fabrico da canoa está sendo lavrado no local da derrubada, que dista uns três quilômetros do acampamento. Acredito que dentro de dez dias esteja pronta.

DIA 26 DE AGÔSTO — Continuo tomando antifebris. Melhoro. O acampamento cada dia mais perfeito. Todos trabalham de boa vontade. Chico está embalsamando espécimes da fauna.

DIA 27 DE AGÔSTO — Hoje sinto-me melhor. Dizem que delirei muito. Os trabalhos continuam sem interrupção. Vasconcelos, vai armazenando exemplares botânicos.

DIA 28 DE AGÔSTO — Hoje, dia de folga. Descanso geral e merecidíssimo.

DIA 29 DE AGÔSTO — Filmei o trabalho da construção de nossa canoa. Tentei caçar ariranhas, mas sem resultado prático. Aqui elas andam muito ariscas...

DIA 30 DE AGÔSTO — Nossos trabalhos progridem normalmente. Sempre os homens em grande atividade.

DIA 31 DE AGÔSTO — Hoje, numa caçada que fiz com o índio Taraúna (consegui matar três mutuns, dois jacus e dois macacos), dei com um afluente do Mortes que não consta das cartas. Pretendo organizar uma penetração a fim de me certificar sôbre a descoberta. À noite, por volta das 21 horas, ouvimos barulho de remada. Logo depois aportava uma canoa com quatro homens da Missão Salesiana. Vinham num estado miserando, mortos de fome. Não trazem mantimentos nem armamentos! Tiveram uma desinteligência com o padre Chovelon e narram os acontecimentos. O fato é que foram dispensados sem nada! Devoram o resto do nosso jantar. Tertuliano é o único que possui uma arma: velho revólver cálibre 32 com ùnicamente três balas! Êstes homens estão a muitos dias de viagem de qualquer ponto onde possam encontrar socorro imediato! Sei que nossos companheiros tiveram contacto com os Xavantes e que seguiram rumo ao Roncador. Muitas coisas narram os recém-chegados. Minoro suas necessidades entregando-lhes mantimentos para muitos dias. Coitados! Estavam realmente famintos!

DIA 1.° DO SETEMBRO DE 1938 — Logo pela madrugada os quatro visitantes rumam para o Araguaia. Momentos depois eu também desço o rio em companhia de Renato Paupério, João de

Vasconcelos, dr. J. Diniz e o índio. Vamos verificar o afluente. Nêle penetramos, numa extensão de 5 quilômetros, lutando com a forte correnteza. Sua direção é N. E. Largura média, 70 metros. Água cristalina e fresca corre por entre as altas margens onde uma vegetação maravilhosa forma moldura. Noto landi louro, baobá e outras. Uma verdadeira riqueza. Deparamos muitos grupos de rochas de origem plutônica, arcaica paleozóica. Creio que, em se penetrando mais, encontrar-se-ão elevações e, possìvelmente, alguma ligação com a serra do Roncador. A caça é abundantíssima. Batizamos êste rio com o nome de Jundiaí.

DIA 2 DE SETEMBRO — Nossa embarcação está quase pronta. Conto lançá-la à água nestes dias. Todos os homens disciplinados e trabalhadores.

DIA 3 DE SETEMBRO — Nenhum acontecimento digno de registro. Tudo em ordem.

DIA 4 DE SETEMBRO — Concedo um dia de descanso.

DIA 5 DE SETEMBRO — Foi lançada ao rio nossa canoa. Devido a uma falha na madeira, está fazendo um bocado de água. Para ficar em condições de navegabilidade teremos mais uns dias de trabalho. Às 17 horas regressaram nossos companheiros. Entrego o acampamento ao chefe".

*

O dr. Diniz conta-me que Luís Accioly teve tão forte acesso de febre palustre que temeu sèriamente pela vida do rapaz. Ainda fraco do ferimento da arraia, suportou, no entanto, o valoroso compa-

nheiro, tôdas as agruras. Seu poderoso físico auxiliou-o sobremaneira. Qualquer outro teria perecido.

Interesso-me grandemente pela descoberta do tal rio que desemboca logo a uns quilômetros do acampamento. Amanhã, far-se-á outra entrada a fim de verificar as suas possibilidades.

Às 16,30 horas desaba o primeiro temporal da estação. O vento açoita violentamente a densa mataria da ilha, que se retorce e geme como se possuisse mil bôcas. Os elementos em fúria varrem vasta zona, transportando, de margem a margem, ramarias e fôlhas arrancadas. O negror do céu fende-se, aqui e acolá, em convulsões epilépticas. Depois a terra estremece pela explosão ensurdecedora dos raios. Gigantes da floresta aguentam o embate furioso da tempestade, enquanto, ao derredor, árvores de menor porte expõem as raízes tentaculares, arrancadas pela fôrça brutal do ciclone. Tôdas as vozes da Natureza convulsa explodem com furor demoníaco. Torrentes de água, formando cortinas densas, avançam e retrocedem ao sabor do vento. O tufão ruge durante duas horas intérminas. Depois afasta-se. Vai rumo ao Sul, desaparece ràpidamente no meio do troar de mil artilharias celestes, como um exército numa arrancada vencedora. Vai flagelar novas zonas.

Do solo sobe um cheiro agradável de terra molhada. Gotejam copiosamente os galhos verdejantes e os últimos raios do sol, que surgiu para dar uma espiadela medrosa ao cenário, transmudam em gemas puríssimas os pingos d'água a cair das fôlhas. O "arco-íris" festeja, harmonioso, o triunfo da estação das águas, emoldurando o quadro da terra dessedentada. Dos cerrados, das matas, dos

campos, das pradarias, parece elevar-se um "hosanna", um brado de alegria. A atmosfera, mais límpida, permite alongar a vista até longínquos horizontes que já se tingem de azul. E' a noite que avança.

*

Inùtilmente tentamos, à noite, contacto com o mundo civilizado. Fortes temporais impedem o funcionamento de nossa poderosa estação. A estática é demasiada e não convém insistir. Dos pântanos próximos e distantes eleva-se, às estrêlas fulgurantes, o coaxar dos sapos. E' a orquestração noturna do sertão que se irmana às mil vozes da floresta misteriosa e indevassada.

*

Hoje, Sete de Setembro, hasteamos a Bandeira Nacional com tôda a solenidade. Inauguramos o "Pouso Adhemar de Barros". Faço uma preleção rememorando a data. Depois distribuo prêmios que cabem aos homens cujas armas se apresentam limpas e equipamentos melhor conservados.

*

Pela manhã, Luís Accioly, Dr. Kaufer e dois remadores descem à procura do afluente. Enquanto isso, Lourival modifica e transforma o batelão pequeno. A "Arca de Noé", com grande desespêro

do Heinz, passa também por uma radical transformação, arrancando-se-lhe a cabina à altura das obras mortas, para se utilizar o casco como um simples barco de carga. Aflito, o nosso entomólogo assiste à demolição e auxilia, em seguida, a calafetar as mil fendas do trambôlho, que vai deixando um pedaço em cada acampamento...

À tarde, Accioly e Kaufer regressam. O geólogo informa que a exploração do riozinho é de grande interêsse, pois suspeita que sendo suas nascentes na serra do Roncador, pode-se fazer nova incursão à cordilheira. E' inadiável essa penetração, pois, devido à falta de água e ao estado miserando a que ficamos reduzidos, quando da primeira penetração, poucas observações conseguimos levar a efeito. Prontifica-se o dr. Kaufer a seguir com o grupo que se designar, enquanto desço o Mortes para procurar contacto, na Ilha de Bananal, com os índios Javaés. Entrego o comando do grupo ao Accioly, que está doido por devassar o desconhecido, depois de sua forçada inatividade. O dr. Diniz também seguirá. Recomendo ao Accioly, e disso o responsabilizo, que em caso algum faça uso das armas contra os silvícolas. Jamais deverá hostilizar os índios.

Tenho a maior confiança em Accioly, que trabalhou longos anos na Comissão de Limites no Amazonas e, portanto, é um técnico em matéria de sertão. A recomendação que faço ao chefe do grupo é extensiva aos demais. Os homens escolhidos são: Luís Accioly Lopes, dr. J. Diniz, dr. João Kaufer, Alberico Soares, Celso Rocha, Raul Rodrigues, José Luís, Tácio Cattony e Renato Paupério.

Os penetradores levam o batelão pequeno e a "montaria". Nós levamos o barco grande e a "Arca

de Noé". Marco dez dias para os expedicionários. Vou acampar na embocadura do Mortes, à margem direita do Araguaia. Lá nos encontraremos novamente, esgotado aquêle prazo.

À noite tudo fica pronto. Na cabina da lancha, que agora forma cômoda casinhola na praia, Accioly, Lourival e Alberico improvisam um dormitório.

Novo temporal desanda, mas ao longe, oferecendo magnífico espetáculo noturno. Também hoje não conseguimos contacto com outras estações.

*

Largamos a 10 de setembro, às 9 horas, com tempo nublado. A "esquadra" reune-se na ilhota que esconde a entrada do rio Jundiaí. Despedidas barulhentas. Vivas e recomendações. Depois, as duas pequenas embarcações desaparecem na primeira curva do afluente. Lourival transformou os restos da "Arca de Noé" num verdadeiro "cutter". Armou mastro, fixou a bujarrona. Assim, drapeajando o lençol do rádiotelegrafista, requisitado pelo... "almirantado", vamos aproveitando o vento que sopra favoràvelmente, poupando a fôrça motriz dos nossos braços... À noite, Henry Julien descobre um defeito na estação de rádio, consertando-o logo. Conseguimos, finalmente, contacto às 23 horas com Rio Prêto. Estamos acampados em frente a uma lagoa que despeja sôbre nós milhões de pernilongos. Desembocamos no Araguaia no dia 12, debaixo de chuva e, no primeiro acampamento, dentro do Mortes, procuramos inùtilmente os nossos materiais ali deixados: só encontramos rastros de índios e duas peles de veado estraçalhadas.

Acampamos na mesma praia alta que serviu de pouso quando da primeira "Bandeira", em 1937. Ao manobrar num baixio, Aldo Battigliotti é apanhado por uma piranha que lhe arranca tôda a carne do grande artelho do pé direito, produzindo forte hemorragia. O rapaz suporta calmo os curativos e acaba fazendo trocadilhos sôbre o infortúnio.

As barracas são alinhadas em perfeita forma. Instala-se a cozinha, descarregam-se os barcos. Na orla da praia, a Bandeira Nacional ondeja ao vento.

*

Com a vinda dos índios de Gariroba, que ontem fui visitar, o acampamento se transforma num verdadeiro mercado de Bagdad... Trocam-se camisas, calças, culotes, toalhas, camisetas, por arcos, flechas e bugigangas. Distribuo ao cacique Maloá e a outros índios conhecidos, vários presentes. Recebo também "agrados" sob forma de apetrechos silvícolas. O mulherio de Gariroba veio com as panelas vazias, que deveremos encher, pois todos os visitantes e não são poucos, aguardam ansiosos o toque de clarim para receberem do plácido Apolinário a "boia" saborosa.

Maloá traz cinco tartarugas, dois grandes pintados e muitas melancias. Nós tínhamos dado com a roça dos índios, mas respeitamo-la. Isso agradou sobremaneira a Maloá, que diz:

— Oceis "turis" são "bão" mesmo... Num roubaram melanxia de Carajá! Eu vi rastos de ocêis... Muito "bão" mesmo...

*

Krumaré, o cacique de Santa Isabel, encosta a canoa e vem apresentar cumprimentos. Sabe que iremos até sua aldeia e prontifica-se para nos servir de guia até os Javaés, onde tem vários parentes. Hospedo-o e dou-lhe fumo de que tanto carece.

A rapaziada improvisa uma serenata. Depois um baile. Os índios soltam gostosas gargalhadas, divertindo-se. Como crianças, pedem mais. Barros e Freitas esmeram-se na "arte" e fazem jus aos jubilosos "kuit... kuit..." dos carajás radiantes.

Às 21 horas em ponto o clarim desperta os ecos do Araguaia, enviando todos para o... berço. Também os índios estendem suas esteiras e acendem pequenas fogueiras para "abrandar o orvalho". Às mulheres e crianças mando fornecer panos de barraca. Ao lado de um jirau feito pelos índios, debatem-se inùtilmente umas tartarugas que estão sendo assadas vivas. A silhueta da sentinela corta, de quando em vez, o revérbero das fogueiras do acampamento. Reina o silêncio.

TERCEIRA PARTE

CAPÍTULO I

A MAIOR ILHA FLUVIAL DO MUNDO — ONDE SE FALA DOS ÍNDIOS "CANOEIROS"

Bananal, ou Santana, é a maior ilha fluvial do Mundo. Sôbre sua extensão exata há divergências. Enquanto os navegantes do Araguaia, — que medem as distâncias entre pontos de referência por êles escolhidos no grande rio, — dão-lhe o comprimento de 90 láguas, ou sejam 540 quilômetros, com 120 de largura, na parte mais ampla, os mais modernos mapas não ultrapassam dos 360 quilômetros por 70 de largura máxima.

Fica-se em dúvida. Nada que confirme ou desminta. Não adianta pesquisar a enciclopédia. Ela diz simplesmente que se trata de uma grande ilha fluvial, cujo nome atual, oriundo da extraordinária quantidade de bananeiras lá existente, substitui o de Santana. Sôbre êste ponto nada posso dizer porque, depois de tê-la percorrido numa extensão de várias centenas de quilômetros, a não ser uns quatro cachos de bananas que adquiri na roça dos índios de Santa Isabel, jamais vi bananais importantes. Possìvelmente, na ponta Norte, ou ao longo do Javaé, que é o braço menor do Araguaia, à altura

das aldeias dos silvícolas que lhe deram o nome, existam grandes bananais.

Pois bem enquanto oficialmente ela não atinge os 400 quilômetros, "oficiosamente" soma 500 e poucos. O caso é que é uma ilha colossal, de maravilhosa beleza, riquíssima em madeiras de lei, pastos, campos, caça, águas etc.

Gonçalo Pais e Manoel Brandão, no ano de 1669, depois de subirem o Tocantins e parte do Araguaia, chegaram à ponta Norte, mas não a identificaram como ilha e retrocederam. Foi Diogo Pinto de Gaya o seu descobridor, batisando-a com o nome de Santana por ter coincidido sua chegada com o dia da santa.

Muito mais tarde, em 1755, um tal José Machado, que procurava, por terra, minas auríferas, julgou-se também descobridor. Chamou-a de Bananal, por ter topado com extensa plantação dessa saborosa fruta. Há uma referência ao alferes José Pinto da Fonseca, como o primeiro civilizado que pisou as terras da ilha. Mas a História dá primazia a Diogo Pinto de Gaya.

*

Em 1876 o dr. André Rebouças apresentou à Câmara do Império um projeto que visava transformar a Ilha do Bananal em Parque Nacional, tantas as belezas que descobriu nesse recanto paradisíaco. O projeto, como era de esperar, não foi tomado em consoderação, e é pena, pois que se trata de uma ilha maravilhosa, embora escritores apressados a "mergulhem", na época das chuvas, quan-

do, assim parece, apenas as depressões mais acentuadas desaparecem no período das cheias.

Hoje, a ilha do Bananal é ocupada pela raça Carajá, que se subidivide em Xambioás e Javaés, habitando êstes ao longo do braço menor, com algumas aldeias no interior, ponta Sul. Outras raças aqui viviam outrora. Xavantes e Caiapós entre elas. Os índios "Canoeiros", que foram definitivamente expulsos pelos Javaés após memorável combate, ainda há poucos anos teimavam em penetrar e permanecer na Bananal. Rememoremos êsse episódio.

Os "Canoeiros", possìvelmente da família dos Xavantes, na época das perseguições teriam sido os tais "Xavantes de canoa". Formam, ainda hoje, no sertão Amaro Leite, um núcleo ferocíssimo, muito temido.

Suas vítimas prediletas são os Javaés, há muito estabelecidos no braço menor do Araguaia e suas proximidades.

As incursões dos "Canoeiros" na Ilha do Banal eram assinaladas por uma série extraordinária de assassínios e ratos de mulheres Javaés. Êstes, de índole pacífica, não se sentiam com suficiente coragem para enfrentar os odiados invasores. Muitas vêzes recorriam aos primos-irmãos Carajás, mas assim mesmo raramente alcançavam sucesso.

Um belo dia conseguiram os Javaés, sabe Deus como e por que prêço, várias carabinas "Winchestes". Adestrados no manejo dessas armas, aguardavam ansiosos o aparecimento dos "Canoeiros". Postos avançados deram o rebate. Os Javaés enviaram um troço de guerreiros armados com arcos e flechas ao encontro dos brutos, pondo em prática

o plano argutamente engendrado. Quando os "Canoeiros" viram o inimigo, sorriram, pois sabiam que os arcos e flechas eram empunhados por braços mais afeitos ao trabalho da enxada.

Os Javaés, depois de ligeira escaramuça, retrocederam em boa ordem, seguidos de perto pelos depredadores. Numa extensa restinga, passagem forçada para atingir a aldeia visada pelos silvícolas de Amaro Leite, estavam atocaiados os atiradores de "Winchester", antegozando o momento propício. Ignorando o perigo, os "Canoeiros" avançaram, e eis que da restinga irrompe furiosa fuzilaria. Dezenas de invasores tombam. Os outros, apalermados, ficam indecisos, como que pregados ao solo pela surprêsa inaudita. Novos e certeiros tiros clareiam o núcleo denso. Refeitos do estupor, os "Canoeiros" fogem, mas em número diminuto.

Portadores da infausta nova às suas malocas, jamais tornaram a pisar as terras da Ilha do Bananal. Quando muito se atrevem a beirar a margem direita do rio Javaé e, assim mesmo, com muitas cautelas. Desde então os pacíficos agricultores vivem em paz.

*

Privilegiada em lagos e rios, que a cortam longitudinalmente, a Ilha do Bananal é um repositório da mais rica fauna ictiológica.

Os "tucunarés-guaçu" abundam e sua carne, deliciosa aos mais refinados paladares, dá para abastecer qualquer centro civilizado, tal a abundância dêsses peixes, sem citar outras espécies. Na

altura do rio Tapirapés, desaguando porém no braço menor, existe um lago de enorme extensão e tão rico em pirarucus, que uma população inteira poderia dêles se abastecer à vontade. Em tôdas as lagoas, especialmente na ponta Sul, onde são numerosíssimas, abundam êsses gigantescos peixes escamados, conhecidos por "bacalhau brasileiro".

Extraordinária é a quantidade de piranhas, especialmente as vermelhas mirins, as mais ferozes. Também copiosas são as arraias-de-fogo, de grande volume. Os "treme-treme", ou peixes elétricos, contam-se aos milhares e perigosíssimos se tornam quando das travessias forçadas de um curso d'água ou de um lago. Os jacarés enormes, seculares, aí vivem tranqüilos, sem a preocupação de procurar alimento. Gigantescas sucuris povoam as lagoas e o remanso dos ribeirões sombreados.

À riqueza incomparável dos cursos d'água e dos lagos, como vimos, devemos acrescentar a fauna. Simplesmente espantosa é a quantidade de veados, na Ilha do Bananal. Manadas e manadas de cervos, suçuaparas, caatingueiros, galheiros etc. O lado Sul da Ilha é célebre pelas suas varas de queixadas e caititus. A ponta Norte, pelos bandos de antas e capivaras. Onças, então, não se contam. Desde a canguçu à onça prêta, passando-se pela "malha larga" e a suçuarana. Benedito Martins, que foi nosso guia e residiu no Pôsto de Santa Isabel, durante longos anos, em poucos meses, sem se afastar muito de suas terras, matou 78 felinos de porte alentado. Quando o atual interventor federal de Goiás, dr. Pedro Ludovico, fêz a travessia da Ilha para realizar estudos, teve ensejo de abater várias onças "desaforadas".

Quanto às aves, temos abundância de mutums, jacus, jaós, pombas, patos, gansos selvagens, codornas e perdizes.

A terra é da melhor qualidade. Os capins jaraguá, mimoso, angola e gordura são nativos e oferecem magníficas pastagens para o gado, que, livre do berne, completamente desconhecido nestas latitudes, apresenta couro uniforme, brilhante, sedoso.

Pradarias extensas, como que niveladas pela mão do homem, são campos naturais para a aviação. Basta construir o "hangar". No dia em que o turismo fôr estendido ao "hinterland" do Brasil, deverão seus promotores encaminhar os visitantes estrangeiros e nacionais para a Ilha do Bananal, cuja beleza e riqueza são irrivalizáveis.

*

Dia 15 de setembro, 9 horas e meia. Lourival, Benedito Arruda e seu xará Martins, Henry Julien, José de Freitas, Armando Gozzola, João de Vasconcelos, José Nogueira, Heinz, José de Barros, Arutana e Krumaré, aguardam minha ordem para largar. O grande batelão foi descarregado e desliza por sôbre os baixios, evitando longo percurso para sairmos da baía natural que o Araguaia forma em frente ao nosso acampamento. Recomendo ao Aristeu o pouso e ao Bucchi a construção de um forno no barranco, a fim de aproveitarmos a farinha de trigo na confecção do pão.

Levamos mantimentos para 15 dias e inúmeros presentes para os Javaés, que desejamos visitar. Demandamos diretamente Santa Isabel sem parar em Gariroba. Atravessamos verdadeiro labirinto de

canais para encurtarmos caminho e, remando firme, revezando-se de hora em hora, alcançamos o antigo Pôsto de Proteção aos Índios, em Santa Isabel, às 16 horas.

Surgia, êsse Pôsto, extinto em 1930, no alto do barranco onde atracamos. Dêle nada mais resta. Tudo foi arrasado, carregado, furtado. Um rôlo de arame farpado, nove burros e um cavalo velho, atestam a opulência de outrora. Nada mais existe. As construções foram demolidas. Vandalismo puro, obra de aventureiros que aqui passaram!

À esquerda da rampa que dá acesso ao platô, um rancho de recente construção. Habita-o, com sua família diminuta, o empreiteiro Abraão, genuíno caboclo do Araguaia. No alpendre que se estende para além do atijodado, arma suas rêdes outro caboclo: Pedro o "sanfoneiro". Tem espôsa e uma menina de poucos anos, cuja vivacidade atrai logo nossas simpatias. Um rapazola e um camarada meio abobalhado, encarregado dos adobos que fabrica, formam, com o resto, a sociedade ali representada.

Tôda essa gente está tratando de formar uma fazenda para o sr. Lúcio, que se transfere de Mato Verde para esta zona, bastante beneficiada pela derrubada da mataria marginal desde os tempos do Pôsto.

À direita está instalada a aldeia de Krumaré. Todos os índios acorrem solícitos, festivos, porque sabem da vinda de Arutana, herói legítimo, por ter sido ferido pelos Xavantes. Aqui reside uma tia do nosso companheiro carajá. Aparece muito séria, inteiramente coberta com uma espécie de manto, abraça carinhosamente o robusto mocetão e, em seguida, arranca-lhe as pestanas crescidas durante

a viagem. Impassível, Arutana suporta o suplício, enquanto seus irmãos de raça o aplaudem. Depois são feitas as apresentações. A tia ouve o sobrinho e abraça-me:

— Bom "capitão", bom "aueiri" (amigo).

Mais abraços: Trexibari, Djarrama, Valério. Todos externam sincero contentamento com a nossa chegada. Krumaré sorri satisfeito e convida-nos a entrar na aldeia.

Eis Teaóro com suas belas espôsas. A mulher de Djarrama atrai todos os olhares. Muito bonita, de airoso porte, forma, com seu hercúleo marido, um casal harmônico.

Oferecem-nos mandioca assada, bananas, mel. Das palhoças saem grupos de crianças brejeiras, pulando como cabritinhos. Mulheres de tôdas as idades vão chegando, curiosas. Arutana é alvo de tôdas as atenções. Bastam poucos minutos para que se transforme de vez. Assume o ar de impassibilidade peculiar aos carajás importantes. Deitam-no numa esteira e começam a catar-lhe os piolhos, que devoram com estalidos de dentes.

Temos que arranjar pouso e despeço-me de Arutana e os parentes. Vamos ficar nas proximidades do rancho do Abrão, cuja espôsa prepara um café. Varamos a noite em palestras e narrativas. Mais café. Do bôjo do nosso barco surge uma garrafa de bagaceira, que "ilumina" ainda mais o ambiente. Pedro agarra a sanfona e, desculpando-se do "pouco saber", delicia-nos com as "rancheiras" e valsas de seu repertório.

Benedito Martins, que já foi rei neste mesmo lugar, sente-se à vontade e brinca com os índios que vão chegando. Dizem, os carajás:

— Aí Benedito! Tu nô morreu peste? Xavante nô ti quê máta?

Rompem em gostosas gargalhadas. O nosso guia responde com piadas que estimulam o humor dos selvagens.

Pedro, esgotado o repertório, recomeça-o. Desculpa-se novamente do "pouco saber" e faz jus aos nossos elogios, tanto mais que o som da sanfona mantém distanciados os morcegos que esvoaçam baixo...

CAPÍTULO II

NA ÉPOCA DO ARUANÃ

HISTÓRIAS SOMBRIAS

Desponta o dia 16 com forte ventania. Aguardamos o desabar de um temporal e, para tanto, estamos preparados. Dois índios comprometem-se ir buscar os burros que andam pastando algures. Valério, o carajá côxo, é quem toma conta dêsse resto da riqueza do ex-Pôsto de Proteção. Prometo-lhe um rico presente e lá vai êle, arrastando a perna, rumo ao cerrado, em companhia de Djarrama.

Enquanto se espera, espia-se a aldeia. Estamos na época do Aruanã e os dançarinos, volta e meia, trajando as vestimentas grotescas, saracoteiam no terreiro. Preparam para amanhã, em honra de Arutana, que tinham sido chorado como morto, uma exibição especial. Desde já todos os guerreiros se pintam com esmêro.

Reina grande camaradagem entre os seus homens e os índios. Respeito mútuo e troca de presentinhos. A tia de Arutana prepara-me cascas de côco babaçu que, assadas, têm gôsto de pão. Depois, oferece-me mandioca, mel, e acaba pedindo um cobertor...

Na ânsia de algum negócio ,todos os homens dedicam-se à confecção de "pacutus" e balaios, enquanto as mulheres começam a plasmar estatuetas. A miséria da aldeia é grande. Acostumados à fartura que o Pôsto lhes proporcionava, os carajás, indolentes como são, não souberam manter sequer a roça para tirar o sustento. Limitam-se a plantar mandioca e colhêr ainda uns cachos das últimas bananeiras que, sem o trato necessário, produzem pouco.

Aqui encontro a famosa "múmia" viva, a índia duas vêzes centenária. Apesar de sua idade, a macróbia anda de um para outro lado da aldeia, resmunga, briga, mete o nariz em tôdas as questões e cuida de sua cabeleira prêta e abundante que contrasta grandemente com o rosto pergaminoso onde o Tempo abriu mil sulcos profundos.

Trexibé, um dos índios mais inteligentes que eu conheço e que se expressa em bom português, por ter sido o melhor aluno do ex-pôsto, indagado por mim, diz:

— O pai de meu pai já conheceu a "vovó" muito velha, muito mesmo! Quando minha gente morava no Morro do Sapo, onde hoje estão os Xavantes, a "vovó" já era velha...

A idade dessa mulher é uma incógnita. Seu corpo curvado é uma série de pregas flácidas, rugosas, que se descamam. Peço-lhe para que pose num instantâneo. Sorrindo, posta-se em frente à objetiva, abre os braços em cruz e, com uma faceirice espantosa, procura sorrir para "sair bonita", conforme declara!

Noto que todos cercam a "vovó" de mil atenções. Ela sente-se forte na sua incomensurável

fraqueza, forte pela ascendência, pois é temida como bruxa infalível e caprichosa. E da sua fôrça, resistindo à Morte com uma tenacidade única, faz uma espécie de despotismo a que ninguém se furta.

Para a "vovó", que conheceu dias de glória da nação Carajá, os meninos trazem os melhores favos de mel e os homens os peixes mais gostosos. Nesse ambiente é rainha sem corroa, senhora de tôdas as vontades.

*

À tarde os dois índios regressam. Perderam um "tempão", conforme lamuriam, e nada dos burros. Em compensação, trazem um veado para a nossa panela, porque os Carajás não apreciam a carne de "cria nova".

Lourival e Henry foram à lagoa próxima, onde há milhares de patos, e regressam com oito gordos palmípedes, de vários quilos cada. Os índios, sem cerimônias, abocanham quatro. Não satisfeitos, pedem um "virado" que consome grande parte da nossa reserva. Primeiro homens, depois as mulheres e crianças, em boa ordem, apresentam a cuia ao Gozzola, cozinheiro improvisado. Bem comidos, aguardam tranqüilamente a hora do café. Estamos curtos de açúcar e sacrificamos os últimos restos para satisfazer a indiarada.

O sr. Abraão oferece-se para descer até Mato Verde e adquirir lá, por nossa conta, uma carga de rapadura. Mando comprar também arroz. Forte "banzeiro" não o impede de montar sua frágil canoa e desaparecer, Araguaia abaixo, garantindo que as 12 léguas são "brincadeira". Presenteio sua

espôsa com uma lata de goiabada, um pato, dois saquinhos de sal e outras miudezas. Em troca teremos café.

Pedro, o sanfoneiro, está armando rancho porque é esperado o Lúcio, que vem comboiando a boiada e "traz todos os trens de famia pra si estabelecê di veiz". Trabalhou todo o dia para levantar quatro estacas. Dez minutos de trabalho e duas horas de descanso... Tôda a fortuna do casal e da menininha está num baú de fôlha. Nada possuem a não ser a esperança que os ampara e a filosofia própria dos nordestinos que aceitam a vida como ela é.

À hora do jantar passo rente ao rancho em construção. Um pirão de farinha "puba", azêda e intragável, alimento básico dessa gente, e duas piranhas assadas, eis o "banquete" dos míseros. Mas a pobreza não impede, cortesia inata dos caboclos, o convite amigo:

— Vai chegando, chefe! Abanque e coma!

A menina, risonha e contente, devora a parte que lhe coube. Meu pensamento revê outras crianças, as que desdenham os mais finos manjares e torcem a bôca diante de saborosos mingaus e outras iguarias.

Vou descendo até o batelão. De nossas mercadorias separo boa medida de feijão, arroz, banha, sal e, fazendo um grosso embrulho, chamo o sanfoneiro:

— Mecê não se ofende, patrício? Aqui separei uns mantimentos...

— Ofendê o que? Muito obrigado e que Deus lhe dê muito mais.

Agarra o presente e sobe lépido a rampa íngreme. Confabula com a espôsa, cuja magreza é quase transparente. Não tarda o feijão ir ao fogo. Estão satisfeitos e eu também.

*

Trexibé, embrulhando-se no cobertor, pois a noite está bastante fria, narra-me:

— Faz muitas luas, estavam na praia fronteira vários carajás. Meu filho também. Muito pequeno ainda, brincava, enquanto os grandes apanhavam ovos de tartaruga. De repente apareceram os Xavantes. Nós, aqui desta margem, assistimos a chacina sem poder intervir. Da "nossa gente" só salvou um. Veio andando com a cabeça aberta por uma cacetada. Ficamos loucos de ódio. Eu, mais Valério, mais Maloá, mais Buriti, mais Mambiora, mais o pai de Arutana, mais Krumaré e muitos outros, no dia seguinte, atravessamos o rio e fomos perseguir os bugres. Eu chorava muito, muito mesmo! Gostava muito, "muuuuuito" mesmo de meu filho!

O índio interrompe a narrativa, olha para as estrêlas, suspira fundo e continua:

— Andamos muito. Sempre no rastro dos Xavantes. Nós tínhamos carabinas e queríamos matar! Um dia alcançamos o "pessoaá". Gritaram "alto" quando nos viram. As mulheres queriam esconder as crianças. Eu cheguei perto de uma que disse alguma coisa e dei-lhe um tiro na barriga! Ela caiu. Então dei um tiro no filho dela...

Olho para o rosto impassível do índio. Sob a calma aparente lavra o fogo da recordação. Interrompo-o:

— Você não tem remorsos de ter matado uma mulher e uma criança?

— Remorso? — responde, escancarando a bôca num largo sorriso de comiseração para comigo. — Remorso? Então êles também não tinham matado o meu filho?

Insisto:

— Mas por que você matou a mulher?

— Porque ela poderia ter outros filhos que matariam outros filhos nossos!

Lógica tremenda. Pergunto:

— Vocês mataram muitos Xavantes?

— Bastante mesmo! Ninguém perdeu um tiro. Valério matou três, que eu vi, Krumaré dois...

— Êles não resistiram?

— Ficaram com mêdo dos tiros e fugiram logo...

Um prolongado uivo de desespêro chega da aldeia. E' uma índia que há dois meses chora a morte do filho.

— Minha "muié" gritou também assim, muito tempo — conclui Trexibé. — Agora já esqueceu...

— Antes assim...

— E'! Morreu...

Não digo mais nada. O índio levanta-se e atirando a esmola de um "boa noite", desaparece na escuridão.

*

A aldeia está em festa. Teremos danças em honra ao nosso Arutana que anda esquisito, macambúzio, com saudades da espôsa e da filhinha. Henry aproveita e vai filmando aspectos interes-

santes. Os cantos e gritos de alegria volta e meia são interrompidos pela lamúria estridente da mãe desesperada que vara as noites com seu pranto já sem lágrimas.

Benedito Martins foi procurar os animais. Estamos perdendo tempo, numa pasmaceira única. À tarde, o valente caboclo reaparece tangendo nove burros e um cavalo baio. O cavalo, embora velho, servirá de madrinha da tropa. Dos nove burros, sòmente cinco são mansos e um de cangalha.

Não há arreios. Atravessamos os animais para a ilha próxima onde ficam pastando até a noitinha, quando regressam para serem fechados num piquete.

Benedito Martins aponta-me para uma besta irrequieta:

— Esta danada deu trabalho a muito pião da terra. Ninguém chegou a amansá-la, nem eu que a tive durante cinco anos! Êta animal dos quinto! Cabreira mesmo, essa peste! Apareceu por estas bandas quando a Coluna Prestes andou cortando êstes sertões. Ficou desgarrada ou deram-lhe o fora! Desde então anda com o Diabo no corpo!

E, num assomo de ódio recalcado, berra-lhe no focinho, agitando os braços, para espantá-la:

— Aí! bandida! peste do Inferno! Tu só serve pra comê e descadeirar hóme!

"Revoltosa", nome de tão raro exemplar, parece compreender o insulto e atira-lhe um par de coices que se perdem no ar:

— Viram? Viram? E' danada mesmo!

Surgem histórias de domadores, piões, cavalgadas épicas, cavaleiros de fama. Tão interessante é a série de narrativas que até o Pedro esquece a sanfona...

Tratamos de dormir porque, ao cantar dos galos, às 3 da madrugada, deveremos estar de pé. Dos homens, vou deixar dois: Lourival, que está compilando minucioso vocabulário, e o meu bagageiro Benedito, que ainda se ressente da aventura do Roncador.

CAPÍTULO III

UMA JORNADA SEM RUMO CERTO

Com os cobertores, mosquiteiros, rêdes e lonas, improvisamos selas e arreios. Benedito construiu uma cangalha. Com pedaços de cordas, todos se esmeram no fabrico de cabeçalhos e freios.

Os burros "mansos" são da espécie que vemos nos "écrans" dos cinemas em dias de rodeio no Oeste, pulando e saltando.

Henry Julien e Heinz confessam nunca terem lidado com um quadrúpede. Escôlho, para os dois, um burro teimoso. Forma-se, assim, uma espécie de tríplice aliança. Os dois rapazes, desde o início, tratam de captar as simpatias do irracional, murmurando-lhe frases amigas, como fazem os árabes quando soletram a "súra" às próprias montarias.

Sôbre o lombo do animal os dois homens estendem cobertores, rêdes, embrulhos, embornais, mochilas, a tal ponto que, passados minutos, o pobre animal parece um grande tatu canastra.

Vou enfaixando a minha montaria com um comprido laço várias vêzes passado pela barriga a fim de segurar a sela improvisada. Quando dou por terminada a tarefa, a besta vista de perfil parece um salame de quatro patas...

Parte da carga mais leve vai nos ombros, para não sobrecarregar as alimarias. O burro da dupla Henry-Heinz, apesar de sumido sob a montanha de objetos, dá evidentes sinais de impaciência. Os "donos" entreolham-se, com a interrogação muda dos principantes. Então, cerimoniosamente, oferecem-se a vez de montar.

— Eu estou bem descansado e desejo andar — diz Henry.

— Oh! — responde o teuto. — Sou grande andarilho e posso caminhar perfeitamente várias horas. O senhor pode aproveitar e seguir cômodamente...

— Nada disso! Prefiro gozar os ares matutinos caminhando. Depois, quando fizer bastante calor...

Ninguém quer levar o primeiro tombo na presença dos índios, que espreitam; alegam todos ótima disposição para andar a pé. Chega-se, por fim, a um acôrdo e, dada a ordem, vamos seguindo, precedidos pelos carajás Krumaré, Arutana e Komaoutari, filho do cacique. Os silvícolas levam feixes de caniços para presentear os javaés, além de outras bugigangas.

Antes de partir, recomendo ao Lourival nova cobertura do batelão e, ao Benedito Arruda, a atenta vigilância dos nossos objetos. Uatáu, jovem índio, que arribou ontem a Santa Isabel, vindo de Fontoura com sua nova espôsa, uma criança de 11 anos, quer nos acompanhar. Mas sua jovem metade se opõe e o rapagão fica.

Krumaré é o baliza. Avançamos cerrado adentro.

Henry Julien monta o "Teimoso". Tão baixo é o animal que as pernas do cinematografista quase

arrastam no chão. Heinz agora segue ao lado, como perfeito escudeiro. Um profundo laço de simpatia surge entre os dois rapazes e o asno, que, mimado, tratado como uma ovelha, tirará grande partido, fazendo suar em bica os dois sócios.

*

Cobrimos em poucas horas os primeiros 25 quilômetros até o "Ribeirão 23", que é, em realidade, um belo rio. Já o calor é intenso e a chapada começa a ferver. À sombra do arvoredo, almoçamos e descansamos uma hora. Atravessamos, em seguida, o curso d'água, com o líquido pelo peito. Desembocamos numa vasta campina verdejante. Os índios vão à nossa frente, torcendo à esquerda, margeando longamente o rio. Depois embicam à direita. Às 13 horas Krumaré para e conversa com os dois silvícolas. Adivinho logo: perdeu o rumo! Diz o velho cacique foi induzido em êrro por umas árvores, desviando-se do caminho certo. Arutana já o tinha prevenido respeitosamente, mas, cabeçudo, o "capitão" não quis dar o braço a torcer.

Os carajás sobem às árvores mais altas, espiam, depois confabulam longamente para, indecisos, derivarem mais para a esquerda.

A sêde aumenta. Começamos a viver o tormento do Roncador. Campos maravilhosos são atravessados. Manadas de veados fogem, lôbos pretos atocaiam-se e algum jaguar, despertado sùbitamente, flecha rápido, embrenhando-se nas moitas.

Novamente o cerrado com as eternas casas de cupim. Depois, grandes maciços de mata virgem,

novos campos, campinas, cerrados. Às 17 horas, todos reclamam água. Heinz abade um veado, que é destripado e pôsto na garupa do "Teimoso".

Há uma discussão entre Benedito Martins e Krumaré:

— Você é burro, "seu índio velho!" Perdeu o rumo e teima em avançar na direção errada! Assim você vai dar na ponta Norte da Ilha!

— Uáai... Uái... Vai certo... vai certo... sol aqui, sol acolá... Javaé embaixo! Você "turi" Benedito fala muito...

— Deixa de infâncias! Precisamos de água. Onde está o rio que deveríamos ter alcançado desde há tempo?

— Mim nô xabe...

— Então não se meta! Já sofremos muito no "tar de Roncador". Deixem por minha conta: eu vou dar com a água!

Toca sua montaria e nós aguardamos o regresso. Meia hora depois, ei-lo de volta. Não encontrou água nem vestígios. Vasconcelos, que não perde o humor brincalhão, exclama:

— Que tal um sorvete de limão?

Os que formaram o corpo de penetração do Roncador, olham-no de tal forma que o rapaz muda de conversa e diz:

— Que tal um cálice de estricnina?

— Um barril de arsênico para você!

— Por que não se enforca no primeiro galho?

— Deveríamos enforcar Krumaré...

O índio sorri, tranqüilo, e sacode os largos ombros. Digo ao Arutana:

— Por que você não avisou do rumo errado?

— Krumaré é o chefe e eu não devo falar.

— Mas êle não é seu chefe...
— Mas é chefe Carajá!
— Qual! Estão de acôrdo — intervém o Freitas. — Êles querem "fazer farol" conosco, isto sim!
— O mais lindo da questão — diz José de Barros — é que Krumaré bebeu tôda a minha água. Pediu um gole e engoliu tudo!

Benedito Martins, que jurara conhecer isto a palmo, está aborrecido e desorientado.

— Raio de bugre! Tivesse deixado eu ir na frente e ensinava direitinho!

Toma súbita resolução e avança. Guiado pelo instinto do caboclo desbravador, uma hora depois, bem distanciado de nós, atira para o ar: encontrou água!

Alcançamo-lo à beira do outro rio. Bebemos longamente, espantando os jacarés que tentam abocanhar nossas mãos. Fizemos fogo. A margem do rio é uma campina como jamais vi igual. As ervas altas prometem cama fôfa e ótimo pasto aos animais. Henry e Gozzola tratam da cozinha, enquanto tratamos dos burros, cuidando de amarrá-los bem.

*

Acordamos cobertos pelas formigas que invadiram o campo. José Nogueira dá pelo desaparecimento do burro que dividia com Gozzola.

Corre pelo cerrado, mas regressa logo, prêsa de grande susto: deu com uma grande onça estirada junto a um cupim! O animal faz muita falta, pois somos obrigados a sobrecarregar os demais com o material que sobra.

Krumaré jura ter encontrado o bom caminho e garante que dentro de algumas horas alcançaremos o terceiro rio e, de lá, a grande aldeia dos Javaés.

— Minha xente (assim êle chama os Javaés) vai ficar muito alegre! Você vai ver, "capitão"! Comida gostosa, muitos presentes, muita banana, Javaé é muito bom, muito camarada!

— Eu tem lá dois primos — diz Arutana. — Javaé gosta de visitas. Êles dão muita coisa para "oceis". Javaé "mió" que Carajá...

Todos se animam, na certeza de concluirmos a jornada; vamos vadeando mais êste rio. Mas parecia Destino: Krumaré perde-se novamente e, até as 14 horas, perambulamos como almas penadas.

Novamente a sêde. Lobrigo, ao longe, um trecho de mata. Para lá avançamos e descobrimos uma lagoazinha de água estagnada. Enquanto os outros homens param, vou à frente, com Benedito e Arutana, na esperança de encontrar o rio. Nada encontramos. Grandes rôlos de fumaça surgem no horizonte. Arutana crê nas proximidades dos Javaés, que incendeiam o cerrado e prossegue surdo ao nosso chamado. Eu e Benedito retrocedemos, na certeza de que o carajá, notando o êrro, arrepiará carreira.

Os homens estão cansadíssimos. Mando acampar e preparar o jantar: Estamos numa grande queimada e os carvões emporcalham nossas roupas.

O Sol começa a descambar e nada de Arutana. Resolvo ir procurá-lo, pois é minha sina nesta expedição, catar transviados. Vasconcelos me acompanha. Encontrar um homem na imensidão dêstes campos ,só por milagre. Pelo sim e pelo não, desprezando a fumaça que atraiu o fiel carajá, vou

beirando a restinga que ziguezagueia e perde-se ao longe. Já bem adiantados, começamos aos gritos de:

— Arutana, eh! Arutaaaanaaaa eeehhh!

Só o eco responde. Milhares de "papa-capins", espantados pelos nossos apêlos, esvoaçam. Já estou para voltar atrás, temendo perder o rumo com o cair da noite, quando, ao último chamado, uma débil resposta chega-me aos ouvidos. Avanço e, a pouca distância, dou com Arutana, de bôrco, no chão, lábios crestados pela sêde, sem fôrças.

Abro-lhe a bôca e deixo pingar umas gôtas de água cujo efeito é extraordinário. Reanimado, o índio tenta agarrar o cantil. Evito-o, sabendo quão terrível é o efeito que o excesso d'água provocaria. Dou-lhe, passados instantes, um único gole. Depois de um minuto, deixo que beba à vontade. Vasconcelos desmonta e cede o animal ao índio. Logo depois, Arutana segue a pé, porque eu e Vasconcelos vamos verificar, aproveitando a luz do entardecer, outra restinga da mata à direita. Na metade do percurso, deixo o companheiro no meio do campo, servindo como ponto de direção, pois perder-se nestes cerrados é questão de minuto. Alcanço largo rio: é o Javaé! Em dois dias de marcha forçada, atravessamos transversalmente a ilha, sem toparmos os suspirados Javaés!

Regresso ao acampamento com esta novidade: o rio Javaé está a uma légua, mas de nada adianta, pois não sabemos se a ealdeia está a montante ou a jusante. Assim, não podemos perder mais um dia, porque não temos alimentos suficientes e não podemos contar só com a caça, visto que nosso estado de fraqueza e grande, devido às tremendas fadigas dos dias anteriores. Esforços que antes suportaría-

mos muito bem, esfalfa-nos completamente. Não podemos pedir aos nossos organismos mais do que êles podem dar. Exponho a todos meu modo de ver, mas antes de tomar uma resolução definitiva, indago de Krumaré:

— Você pode indicar com absoluta certeza onde fica a aldeia dos Javaés?

— Num pode!

— Acha melhor regressarmos?

— Acho!

— Então, amanhã pela manhã seguiremos rumo a Santa Isabel!

— Que bom — diz alguém. — Assim poderemos beber café com açúcar!

De fato, há dois dias que tomamos a rubiácea sem rapadura. Para evitar a fuga de mais algum animal, o que seria um desastre, estabeleço o serviço de guarda.

CAPÍTULO IV

PENETRAÇÃO PELO BREJOÁ OU JUNDIAÍ

As altas ervas orvalhadas da campina que atravessamos, nos proporcionam um banho "por infiltração". Logo mais o sol se encarregará de enxugar nossas roupas enxarcadas. São justamente essas alternativas bruscas de frio, umidade e calor, que maltratam os organismos. Há meses que experimentamos em larga escala tudo isso' em marchas contínuas.

Entregamos ao instinto dos animais a solução do regresso. Estamos certos de que, conduzidos por êles, além de encurtarmos o caminho, iremos direitos ao rio Bonito, sem desviarmo-nos da rota.

Assim alcançamos magnífico curso d'água de indiscritível beleza, por volta das 11 horas. Nas proximidades, Henry Julien abate um veado, que é churrasqueado na hora.

Krumaré vai tomar banho. Procura longamente, e com extremos cuidados, um baixio onde possa, sem perigo das arraias e piranhas, fazer suas abluções. Mas, apesar dos muitos cuidados, regressa, logo depois, exibindo gravíssimo ferimento nas partes pudendas.

— Olha, Willy! Piranha mordeu eu...

— Mas você não tomou cuidado, Krumaré?

— Toma xim... toma muito cuidado, muito mesmo... mas danada vem e morde eu...

O ferimento é grave e deita muito sangue. Nogueira, o nosso farmacêutico, trata de estancá-lo e, depois de uma desinfecção que arranca gemidos ao pobre índio, "costura" com espadadrapo.

Não podemos colocar o ferido no lombo de um animal porque a localização da tremenda mordida impossibilita-o de cavalgar. Resolvemos ir mais devagar e, em caso de necessidade arranjaremos uma padiola.

Para evitar a tortura da sêde, além do líquido dos cantis, mando encher uma lata de gasolina, cuja bôca resguardamos com fôlhas de palmeiras para manter fresca a água. De hora em hora todos poderão beber uma caneca suplementar.

Vamos indo novamente e às 15 horas fazemos alto dentro de uma ilha de verdura, para descansar e para pensar o ferimento de Krumaré. A hemorragia é grande e o sangue denso escorre pelas pernas do cacique. Costuramos, com pedaços de camisa, um suspensório. Mas pouco adianta. Recorremos então à "medicina do sertão": queimamos uma aba do chapéu do nosso guia Benedito, o único que usa feltro. Com a cinza produzida ,tapamos e ferida. A sangueira estanca de vez. Pergunto a Krumaré se quer ir deitado.

— Nô... nô... eu vai bem com minhas pernas. Isto nô é muito mal...

Benedito Martins diverte-se à custa do carajá, que solta gostosas gargalhadas e diz:

— Ocê, Benedito, é cabra safado mesmo!

Ao escurecer, alcançamos o "Ribeirão 23". Acampamos rente à margem e aí tomamos um banho prolongado. Calculei bem os mantimentos. Amanhã estaremos em Santa Isabel, livres da preocupação do "arroz e feijão".

Enormes jacarés deslizam perto. Um, de porte gigantesco, rosna próximo à margem. Gozzola não espera pelo segundo convite: mata-o com um tiro certeiro. Eis que outro, largando-se da margem oposta, investe como um torpedo e vem direitinho sôbre o acampamento. Mal tenho tempo de agarrar o mosquetão e fulminá-lo.

Ninguém pensa nos sáurios, que cardumes de piranhas tentam estraçalhar. Mas eis que, já resguardados pelos mosquiteiros, temos nossa atenção despertada por violentas chicotadas sôbre o lençol líquido. E tão violentas, realmente, que os respingos atingem Gozzola e Freitas.

— E' sucuri, pessoá! — avisa Benedito. — Ôlho com ela!!!

Todos se erguem. Dirijo a luz de minha lanterna e vejo enorme réptil enlaçar um dos jacarés mortos, forcejando para afundá-lo. O espetáculo, embora pavoroso, vale a pena ser visto. Entra em cena novo personagem: outro jacaré de uns três metros. Há verdadeira conflagração. Os monstros investem um contra o outro. Mas quem finaliza a exibição somos nós, os espectadores: vários tiros de mosquetão espantam o jacaré, enquanto a sucuri, atingida no meio do corpo, resolve afundar. Pelo sim e pelo não, quatro homens distanciam-se e vão dormir junto aos índios, na campina limítrofe à mata.

Um jaguar esturra longo tempo, rompendo o silêncio com o seu rosnar asmático. Longe, muito ao longe, outro esturro lhe responde. São dois amantes que se procuram nesta imensidão paradisíaca, para dar largas aos afetos longamente sopitados...

*

Ao meio-dia estamos em Santa Isabel. Arutana e Komaoutari, que encurtaram o caminho, atalhando, avisaram do nosso fracasso. A espôsa de Krumaré vem esperá-lo na volta do caminho, trazendo uma cuia com mel. Nogueira, que nos precede, comunica-lhe o ocorrência da piranha, pintando o caso com côres sombrias...

A pobre mulher desanda num berreiro doido! Atira fora o mel e corre a indagar do espôso a desdita. Abraça-o e reboca-o para a choupana. Chorará, a carajá, durante longos dias, em altos brados, a desgraça acontecida ao marido. Contará tôdas as virtudes viris de Krumaré para, num simulacro de pranto, amaldiçoar as piranhas, dêste e de outros planetas!

Não acabam aqui os males do pobre Krumaré: tôda a aldeia humilha-o por ter perdido o rumo e ter dado péssima demonstração da capacidade dos carajás. Acalmo a profunda melancolia do cacique, que vê periclitar sua posição, com alguns presentes, inclusive um cobertor.

*

Arutana, Uatáu e Teaoro, que desejam conhecer São Paulo, fazem suas despedidas e embarcam. O côxo Valério não aceitou o presente que lhe quis dar: pede, como recompensa de ter cedido os animais, reboque até São Pedro. Vai, com sua espôsa e filho, na canoa que conduzirá até nosso acampamento-base, de onde, então, seguirá puxado pelo motor.

Largamos às 9 horas do dia 22, subindo o Araguaia com as zingas. Somos três turmas. O batelão é muito "maneiro", como dizem os entendidos e, realmente, tem boa marcha. Não tardam a surgir, na nossa esteira, várias canoas apinhadas de índios. São os habitantes de Santa Isabel que demandam também nosso acampamento na esperança de abiscoitar mais objetos.

Às 12 horas avistamos o pouso. Ao longe, enormes rolos de fumaça indicam sua posição exata. Gozzola, que ouviu minha ordem a Bucchi, quanto à construção do forno, diz:

— Deve ser Napoleão fazendo pão...

No acampamento já se acham os rapazes da penetração pelo afluente do Mortes. Estamos todos nova e alegremente reunidos.

Todos os índios de Gariroba e mais os de Santa Isabel pousam conosco. Alegres fogueiras iluminam o acampamento. Orlando Fonseca, o nosso "Pinguim", teve pneumonia. Já está convalescendo, sob os cuidados do médico, que regressou da penetração.

Encontro o acampamento em perfeito estado.

*

Luís Accioly, que chefiou a penetração, entrega-me o diário de viagem:

DIA 20 DE SETEMBRO — Feitas as despedidas na confluência do Jundiaí e do Mortes, às 9 horas iniciamos a subida. Navegação boa, contra correnteza. Às 14 horas duas grandes antas surgem nadando bem em nossa frente. O dr. Diniz fere uma, que mergulha e desaparece enquanto que Alberico, com tiro certeiro, fulmina outra. Mando acampar às 15 horas para aproveitarmos a carne do tapir. Mal acabamos de mantear a primeira, quando suge a segunda boiando. Não aproveitamos sua carne. Ficamos ùnicamente com o fígado. Já noite alta, uma onça veio furtar um quarto do tapir. Ferimo-la gravemente. Desapareceu pingando sangue. O pouso tornou-se insuportável devido à extraordinária quantidade de pernilongos.

DIA 11 DE SETEMBRO — Saimos ao meio-dia, atrasados, devido ao preparo da carne. Estamos navegando na zona dos grandes lagos, furos e canais. A orientação torna-se difícil pois não se pode, com absoluta certeza, determinar qual o braço principal, no meio dêste labirinto. Fizemos o levantamento de duas grandes lagoas. A correnteza aumenta consideràvelmente e estamos subindo. Às 16 horas acampamos.

DIA 12 DE SETEMBRO — A subida continua difícil e o rendimento é pouco devido aos extensos baixios e às árvores caídas que impedem sèriamente a passagem. Às 10 horas topamos com um grande travessão que mede sessenta metros de largura, com estreita passagem que mal dá para atravessarmos. A paisagem é lindíssima. Matas completamente virgens, riquíssimas em madeiras e lindos palmeirais.

O dr. Kaufer está estudando a origem das rochas. Como sempre acampamos às 16 horas.

DIA 13 DE SETEMBRO — Caça e pesca abundante. Pessoal cansado. o dia todo sem nada digno de registro.

DIA 14 DE SETEMBRO — Com poucas horas de subida encontramos vestígios recentes de Xavantes. A caça, como por encanto desaparece. Avançamos com infinitas precauções, pois que o rio, neste ponto, é estreito, ladeado por barrancos altíssimos. Numa das margens dou com rastros de índios, muitas penas, restos de peixes. Por volta das 14 horas topamos uma lagoa fechada com cêrca muito bem feita. Os ramos empregados ainda trazem as fôlhas verdes, razão por que julgo recente êste trabalho. Dentro da lagoa observo várias tesouras, jiraus usados para a pescaria, e tão bem feitos que duvido quanto à orientação ou execução do trabalho. A tapagem do lago impede a fuga dos peixes e as tesouras servem para a "batição" das águas. Há muito cipó "timbó". Às margens da lagoa erguem-se fachos resinosos que devem servir para iluminar, à noite, a pescaria. Pelo número de tesouras posso avaliar o "quantum" de índios: uns 150 no mínimo. Com cautela, procuro sondar as redondezas. Mando amarrar as embarcações no meio do rio, deixando um homem de guarda. Deixo também um cachorro e combino, com o companheiro que fica, um sinal de alarma em caso de necessidade. Contorno tôda a lagoa e conto 23 jiraus e um em construção. Logo depois dou com o caminho que leva à aldeia. Procedo à investigação e noto que o caminho vai se alargando tornando-se verdadeira estrada. Mando Alberico subir numa árvore a fim

de perscrutar as redondezas. Nada de extraordinário foi visto. Achei prudente regressar às embarcações, pois o pessoal é insuficiente para uma penetração até a aldeia. Reuno todo o pessoal e exponho meu modo de pensar que é aceito unânimemente. Fica, portanto, fora de quadquer dúvida a maneira de meu proceder. Novamente navegando vamos subindo mais uns 5 quilômetros. O rio toma direção S.O. estreitando bastante e formando grandes bancos de areia. Os barrancos são muito altos e temo, a cada instante, um ataque Xavante. Estamos situados num ponto de péssima defesa e ótimo para um agressor. Não devemos, de forma alguma, num caso d eataque, utilizar nossas armas. A situação se apresenta cheia de perigos e então, dando por terminada minha penetração, dou ordem de regresso. Três quilômetros antes de nosso último acampamento, Alberico descobre um acampamento silvícola com 37 grandes ranchos e uma maloca de guerreiros. Restos abundantes de caça e pesca, muitos côcos babaçus, colméias destruídas, flechas quebradas e longa série de objeções já imprestáveis. Verifico que os Xavantes preparam seus alimentos usando grandes cupins que, depois de quebrados, são aquecidos com lenha. Assim cozinham a caça e a pesca. A anta é assada dentro da própria pele, visto que encontramos vários couros estorricados. Do veado arrancam o couro de forma rudimentar, sem usar faca ou outro instrumento cortante. No nosso acampamento encontramos uma flecha espetada num tronco, atirada momentos após à nossa partida. A noite passou tranqüilamente.

DIA 15 DE SETEMBRO — Largamos cêdo a fim de alcançarmos, com o auxílio da correnteza,

a foz do rio. Remamos o dia todo sem nada registrarmos de anormal. A temperatura elevou-se grandemente: 39 graus à sombra.

DIA 17 DE SETEMBRO — Hoje resolvo dar descanso a todos. Arrumamos as coisas e fizemos nova estivação nas embarcações.

DIA 18 DE SETEMBRO — A forte correnteza do Mortes facilita nossa viagem. Nenhum detalhe a registrar. Tudo corre bem.

DIA 19 DE SETEMBRO — Continuamos nossa viagem sem embaraços. Conto alcançar o Araguaia no dia 21.

DIA 20 DE SETEMBRO — Hoje topamos com duas antas. Abati uma. Aproveitamos parte da carne. Acampamos distante apenas 30 quilômetros da foz.

DIA 21 DE SETEMBRO — Alcançamos o acampamento da "Bandeira" às 9 horas da manhã. Sei da ida do chefe a Santa Isabel.

*

O bravo e valente companheiro de jornada, Luís Accioly Lopes, conclui dessa forma:

— "Tendo terminado a tarefa que me foi confiada, agradeço a todos os que me acompanharam na árdua jornada, pois todos se portaram da melhor maneira, compenetrados do desempenho de nossa missão. Ao chefe, sr. Willy Aureli, os meus agradecimentos por me ter confiado a chefia da penetração e as minhas desculpas por alguma falta. Ilha do Bananal, 21 de setembro de 1938. (a) Luís Accioly Lopes".

CAPÍTULO V

FIM DA JORNADA

O dr. Kaufer entrega-me também o seu relatório, que diz:

— "Iniciamos nossa subida pelo rio "que parece desconhecido", coisa essa ainda não perfeitamente apurada, no dia 10 de setembro de 1938. O rio tem a largura média de 60 metros, sendo que às vêzes estreita quarenta e outras alarga-se até 80 metros. Em geral é raso, não apresentando facilitação para uma franca navegação, mesmo com batelões de porte médio. Percorremos 48 quilômetros, levando-se a efeito o levantamento do curso, mais quatro pequenas ilhas, 26 lagoas e as praias limitadas. Terra aluviária. A 18 quilômetros da bôca existe um travessão formado com rochas da era plutônica. A diferença de altitude, no percurso executado, é de 12 metros sôbre 48 quilômetros. A floresta, até 30 quilômetros da bôca, é muito mais rica e pujante que a do rio das Mortes. Caça abundantíssima, representada por tôdas as espécies da fauna brasileira. Do 30.° quilômetro acima, nota-se a devastação das matas pelos Xavantes que as incendeiam. Rumo geral do rio é Sul. Nem ao Norte nem ao Oeste foram avistadas serras. No dia 14

encontramos, no lado direito do rio, uma lagoa com 300 metros de diâmetro, fechada por uma cêrca muito bem feita, tendo no seu interior 23 jiraus. Da lagoa, rumo 52 graus S.O. e adiante 300 metros, topa-se com largo batedor que deve conduzir a uma grande aldeia. Não desejando provocar os silvícolas com a nossa presença, foi resolvido regressar. A 600 metros do nosso último pouso, no dia 14, encontramos um acampamento de caça dos índios, composto de 38 choupanas e uma maloca".

Traz o relatório, como os demais, desde o início da viagem, minuciosas anotações das variações de temperatura na água e no ar, colhidas às 6,14 e 18 horas, todos os dias.

Luís Accioly diz de sua impressão pessoal sôbre as tesouras que encontrou e que acredita executadas por um civilizado, ou então sob sua direção. Indago do dr. Kaufer uma opinião a respeito e pergunto-lhe se, com a responsabilidade de seu nome, pode assegurar serem os giraus obra de um branco. O geólogo diz:

— Não posso, em absoluto, adiantar tão peremptória afirmativa. Não conhecemos ainda, a não ser superficialmente, quais as aptidões dos Xavantes. Dizer que as tesouras sejam obra de um civilizado, é arriscar-se a um desmentido formal. Em todo o caso eu, como engenheiro que sou, posso afiançar-lhe que teria executado idêntico trabalho, se me fôra encomendado.

Volta à baila o nome do cel. Fawcett, que os índios dizem ter procurado, entre os Xavantes, a cura radical do mal que o atacara.

Há episódios gozados que são relatados. Por exemplo: o carpinteiro Zé Luís, que é prêto, usava

à noite, longo camisolão branco que recebera de presente de Tácio Cattony. Estava êle de guarda justamente na noite em que a onça foi furtar o quarto de anta. Parece que o camisolão e o terror do homem, exteriorizado com altos berros, espantaram o felino, pois que o esvoaçar da espécie de túnica assumira proporções de uma "dança macabra"...

Accioly diz que os olhos do Zé Luís coriscavam na escuridão, e estavam tão desmesuradamente abertos que, por êles, poderia ter penetrado uma roda de carroça!

*

Começamos a subida do Araguaia, às 9 horas de 24 de setembro. Levamos a reboque a "Arca de Noé", o batelão pequeno, a montaria e a canoa do Valério. Um verdadeiro comboio que, nas curvas, alonga-se como um chicote. A despedida dos índios é comovedora. Ficam gritando e agitando os braços .A violenta correnteza obriga-nos a manobras difíceis e os encalhes sucedem-se a três por dois. O motor esforça-se muito para avançar com tôda a enorme carga. No primeiro pouso, à tarde, resolvo sacrificar definitivamente a "Arca de Noé", que mando afundar numa lagoa das proximidades e cuja exumação ficará a cargo do Valério, que a levará, no regresso, para Santa Isabel. O nosso entomólogo fica desesperado. Quer pelo menos salvar a chapa de cobre que reveste o casco. Mas não há tempo para tanto. Resmunga, torna-se macambúzio, lamenta-se com o cinematografista e acaba se convencendo da necessidade da renúncia

definitiva. Está a pique de ficar, sentinela fiel, em companhia da "tranqueira" que lhe despedaça o coração, com seu fim inglório... Mas, afinal, consola-se, pois ainda lhe sobram umas ferramentas...

— Quero ver se salvo pelo menos um parafuso — diz o nosso "dr. Saúva", com uma careta que pretende ser um sorriso de mártir.

Passamos a carga da lancha para o batelão menor. Assim, aliviados do grande pêso do reboque, ganhamos, na subida, mais alguns quilômetros de percurso. Já próximos de S. Pedro, o batelão dá em cheio numa árvore submersa e, por verdadeiro milagre, não emborca. Um grande susto e duas cavernas da estiva que se quebram. Alcançamos, à tarde, o lugar onde tínhamos deixado gasolina e óleo. Paramos para fazer uma limpeza no motor e consertar a estação de rádio que sofreu com a colisão. Resolvo abandonar neste lugar o batelão pequeno. Aqui fica também Valério com sua canoa. Tôda a carga do outro barco, que sacrifico, passa para o batelão grande, onde é feita a nova estivação. Os mecânicos trabalham a noite tôda, lidando com o motor. Henry Julien, o rádiotelegrafista e Battigliotti conseguem, alta madrugada, consertar a estação de rádio.

*

Sem o reboque de três barcos, comboiando ùnicamente a "montaria", que é muito leve, o motor funciona maravilhosamente. Aumentamos de 24 quilômetros o total da média diária. Desde cêdo notamos grande quantidade de peixes mortos carregados pela correnteza. Conforme vamos avançando,

aumenta o volume, em tôda a largura do rio. Nas margens, a quantidade de peixes, já em decomposição, é inacreditável. Verificamos que se trata de uma espécie única: curimbatás. Descem aos milhares, cobrindo literalmente o rio Araguaia.

A fedentina é horrível e beber água, nestas condições, não é nada agradável Entram em função os filtros.

Até a altura do rio Cristalino os curimbatás vão aparecendo. E' dêsse rio que êles descem, já mortos, e são levados pelo Araguaia. Deve ser peste que atingiu ùnicamente a espécie citada. Aliás volta e meia se verifica semelhante fenômeno. Há uns anos, todo o médio e alto Araguaia ficaram despovoados de fauna ictiológica devido a uma peste que eliminou tôdas as qualidades existentes. Foi um ano de penúria para os moradores dos solitários lugarejos, pois nem as piranhas escaparam.

À noite, em Rebojinho onde acampamos, recebemos vários rádios. Nesta praia, colhemos para mais de mil ovos de tartarugas, que divido fraternalmente entre todos, com grave escândalo do geólogo, que queria a parte de leão...

Encosta à margem o batelão de um velho prêto que demanda, em companhia de sua espôsa e filha, um leprosário de Furo de Pedra, para ver se consegue tratar-se do tremendo mal.

Nossa navegação continua. Os encalhes estão na ordem do dia. Repete-se dez, vinte e mais vêzes, a cansativa manobra de arrastar o grande batelão pelos baixios. Violentos "banzeiros" transmudam o Araguaia num mar revôlto. Assim mesmo avançamos sem maiores novidades .Perto de Luís Alves, quebra-se a barra do leme e, com tôda a velocidade,

vamos de encontro ao barranco. Um susto e tanto e, a não ser umas escoriações que sofremos, eu e Henry Julien, além de umas avarias prontamente consertadas, nada mais houve.

Já em Piedade, no dia 1.º de outubro, saboreamos um ótimo churrasco que o sr. Straube nos oferece. Aperto a disciplina, a tanto sou obrigado devido a uns relaxamentos que se evidenciam. Assim, penando agora, cantando depois, numa alternativa de aborrecimentos e alegrias, aproximamo-nos de Leopoldina, ponto terminal da viagem. Ao passarmos pelo Pôrto Anhanguera, onde se ergue o marco fincado por Hermano Ribeiro da Silva, o corneteiro toca silêncio e todos nos descobrimos, rendendo homenagem ao jovem sertanista tão prematuramente falecido.

Às 15 horas do dia 5 de outubro, depois de termos encostado em Cacalinho, onde adquirimos uns quilos de carne, finalizamos a grande jornada, recebidos festivamente pela população de Leopoldina.

Muitos dissabores, muito trabalho, muitos imprevistos ainda me aguardavam. Mas a certeza de retornar em breve à querida Paulicéia, deu-me fôrças para suportar tudo.

FIM